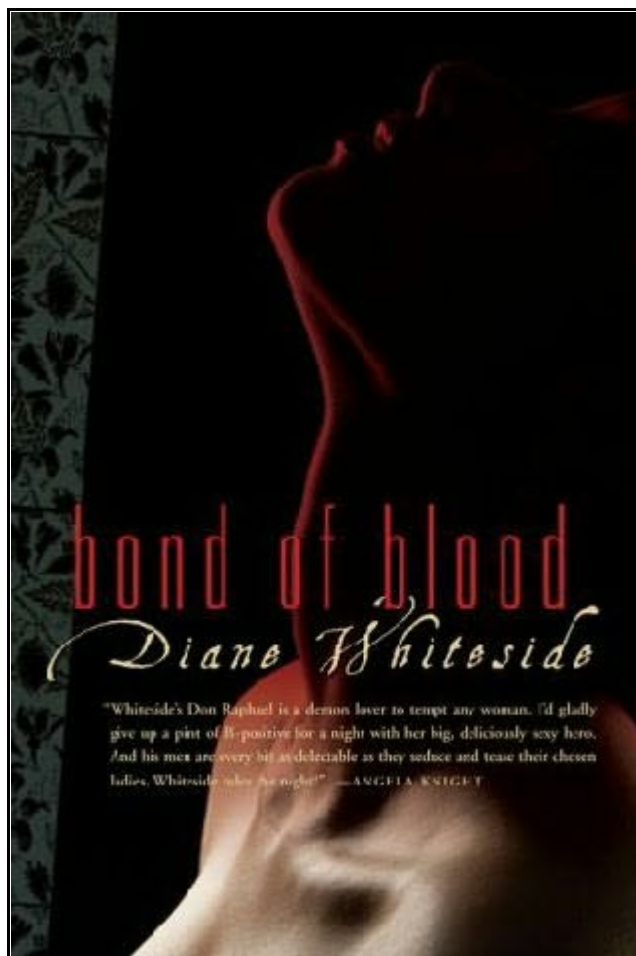




*L*ações de Sangue

Diane Whiteside



Vampiros do Texas 01

Dom Rafael Pérez, que uma vez foi um cavaleiro espanhol na Idade Média, é um vampiro ao longo de sete séculos, e ainda é fiel a seu código de honra apesar de anos de torturas. Mas um rival cruel e sedutoramente ardiloso está desafiando suas regras e avivando o fogo de uma guerra generalizada.

Perito em fazer sentir arrebatamentos de êxtase às mulheres enquanto se alimenta, Rafael conta com uma grande quantidade de solícitas amantes. Mas chega a seus domínios uma mulher a que deve renunciar: Grania Ou'Malley. Muito em breve, Rafael se dá conta de que Grania e ele estão unidos por um vínculo que não pode explicar e no que não pode confiar. Mas tampouco é capaz de estar longe dela. Grania, convencida de que pode conseguir um marido adequado através da investigação científica, não consegue explicar por que seu corpo entra em um estado de fogaosidade apaixonada ao apenas ver o Rafael... ou por que sua mera existência provoca ao Rafael o romper de cada uma das regras que regem seu corpo e sua mente...

Disponibilização/Tradução: Yuna, Gisa, Mare e Rosie

Revisão: Lu Avanço

Revisão Final: Karina Tonelli

Formatação: Gisa

Projeto Revisoras Traduções





GLOSSÁRIO

O universo do vampiro de Texas está fundado em uma teoria com base científica, a qual foi investigada com os principais metabolismos de animais e com peritos da conduta. Cada intento se realizou de modo consistente com essa teoria.

A terminologia usada no universo do vampiro de Texas foi tirada, sempre que possível, do espanhol medieval, complementado com o espanhol moderno. A única exceção é que aos padrões lhes deu um grau honorífico adequado à origem étnica de suas esferas, por exemplo, “dom” no Texas, “Madame” em Nova Orleães, “lorde” na Inglaterra, etc.

Adiantado maior. Governador. A cabeça da hierarquia civil de uma esfera.

Banditismo. Vampiro que deve lealdade a um não patrão e que vivem fora das leis da esfera.

Cachorro/cachorra/cachorros/cachorras. Vampiro imaturo que não pode trocar de forma, exceto para alimentar-se.

Comitiva. Assembléia de prosaicos que pertencem a uma só esfera, um só patrão ou vampiro.

Circunscripción/circunscripciones: Uma guarnição de guerreiros vampiros. Uma esfera grande e estável tem uma circunscrição em cada cidade principal (por ex. em Dallas, Houston, etc.) e também em cada ponto estratégico principal, como nas fronteiras. Estranhas vezes estão dotadas de mesnaderos, já que estes sempre se concentram perto do patrão. Este uso é tomado principalmente das ordens militares medievais espanholas.

Companheiro/companheira/companheiros. Alguém que bebe sangue de vampiro regularmente, mas que não se converte em vampiro. Um companheiro tem mais força, mais velocidade, maiores sentidos e poderes de cura que um prosaico. Estima-se que vivem um século, em tanto que sobreviver dois séculos é muito estranho.

Companhia. Uma companhia ou grupo de vampiros guerreiros. As companhias de mesnaderos levam o nome de seu comandante, minta que as companhias pelo general têm o nome de sua cidade. O tamanho de uma companhia pode variar grandemente, de uma dúzia de vampiros até cem ou mais.

Concubino companheiro. É um companheiro cujas tarefas se limitam às de um escravo sexual.

Cônjuge. Esposa, marido ou companheiro. O companheiro para toda a vida, a quem um vampiro está unido por um laço psíquico de total confiança. A criação deste laço não pode ser forçado de maneira nenhuma.

Criador: o pai de um vampiro.

Cumbia. Um baile texano insinuante no que os casais dançam fazendo círculos na pista de baile.

O Abraço: todo o processo de converter-se em vampiro.

Esfera/esferas. No sentido de esfera de influência. É um território de vampiros que não necessariamente coincide com exatidão com os territórios geográficos atuais. Os limites das esferas são instáveis e com frequência brigam por elas. O conceito básico de uma esfera está adaptado dos territórios dos gângsters durante a Proibição em Chicago e Nova Iorque.

Étalon. Semental. (Francês)

Arauto. Arauto que também é um diplomático e um espião. Este uso está tirado da Europa medieval e renascentista.

Filho/filha/filhos. Um vampiro engendrado por um criador específico.

Infante/infanta/infantes. Príncipe/princesa/príncipes.

A Luxúria. Ao despertar como vampiro todo iniciante experimenta um período de semanas e meses de loucura, durante o qual seu único objetivo é obter sangue e emoção.

Mesnadero/mesnaderos. Um guerreiro vampiro e membro do guarda pessoal de um patrão. Tirado do espanhol medieval, era um membro do guarda real.

Nosso senhor. Uma maneira formal de dirigir-se a um patrão, utilizada pelas pessoas a seu cargo.

Patrão/patroa. O governante é o monarca absoluto de uma esfera. Pelo geral também é o criador de todos os vampiros da esfera.

Salopard. Bastardo ou canalha.

Santiagoista. Um membro da Ordem do Santiago, formalmente conhecida como a Ordem do Santiago da Espada, uma das três grandes ordens militares espanholas e a mais rica. A Ordem do Santiago se apoiava nas regras de São Agustín, mas surpreendentemente incorporou cavalheiros casados, não como confrades, mas sim como membros de pleno direito. Como outras ordens militares tinham conventos de monjas, mas algumas irmãs eram casadas. O término se usa tanto como nome e como adjetivo

SharmuuT. Bastardo. (Árabe)

Shartnuuta. Prostituta. (Árabe)

Siniscal. Senescal. É responsável por todas as tarefas domésticas e das contas do patrão. O siniscal também pode chamar os guerreiros da esfera. Está tirado do espanhol do século XIV, mas tem sua raiz no século IX visigodo.

Vampiro/mulher vampiro/vampiros. Uma pessoa que sobrevive da energia emocional que lhe proporciona o sangue humano. Os vampiros amadurecidos podem transformar-se em ao menos uma forma (embora somente seja em névoa) e são resistentes às insinuações telepáticas.

Vampiro maior/mulher vampiro maior/vampiros maiores. É o vampiro que viveu ao menos trezentos anos, pode caminhar à luz do dia e bebe menos de 1/4 taça de sangue por dia (exceto nos momentos de grande necessidade física). Também é mais difícil de detectar, até pelos sentidos agudizados de outros vampiros maiores.

Vampiro primero/mulher vampira primeira. Ou vampiro primário. É o vampiro de quem um companheiro está interessado em beber sangue principalmente. O companheiro se volta completamente leal a esse vampiro quando bebeu dele durante o tempo suficiente. O tempo necessário para formar este vínculo é extremamente variado.

Yaa 'ammo. Ouça senhor! Uma expressão de respeito para um homem maior que não merece um título mais alto como professor, doutor, rei. (Árabe)

Yaa 'abi l'aziiz. Meu querido pai. (Árabe)

Yaa ghabi. Ouça idiota! Não é amável. (Árabe)

Yaa Himaar. Ouça burro! Diz a alguém ao que lhe falta perspicácia ou faculdades mentais. (Árabe)

Yaa ibn kalb. Ouça filho de um cão! Muito rude. (Árabe)

Yaa ibn sharmuuta. Ouça, filho de puta! Muito rude. (Árabe)

Yaa ibnii. Meu filho. (Árabe)

Yaa ibni l'aziiz. Meu querido filho. (Árabe)

Yaa kaafir. Ouça infiel! A afirmação de um fato. (Árabe)

Yixrib beetak. Que Deus destrua sua linhagem. Na honra da família, nome e linha de sucessão. (Árabe)

AGRADECIMENTOS

Durante 2005, o Wildlife Center of Virginia recebeu 2.369 animais para tratamento, animais selvagens feridos, doentes, e órfãos de todo o estado da Virginia. Como se esperava, em todo 2005 admitiu muitas espécies comuns (coelhos de cauda branca, doninhas e esquilos cinza), mas também se internaram para tratamento um número de espécies em perigo de extinção ou espécies de preocupação, incluindo 20 águias calvas, 11 corujas comuns, um falcão peregrino e duas corujas pequenas.

Em abril de 2006 o Wild Life Center recebeu seu paciente número 45.000, uma doninha órfã.

O centro também respondeu com paciência e calidez a uma infinidade de perguntas feitas por, ao menos, esta autora.

Muito obrigado.

<http://www.wildlifecenter.org>

EPÍLOGO

Cinco!

Cinco orgasmos teve ela, mas Rodrigo ainda não tinha alcançado o clímax. Blanche se obrigou a contar em castelhano e não em sua língua materna francesa, tarefa o suficientemente difícil para manter-se concentrada no momento. Tinha que recordar cada minuto. Esta podia ser a última noite com seu amado marido.

Rodrigo grunhiu suavemente. A antecipação voltou a agitar-se muito profundamente dentro dela perante esse som. Com um movimento brusco ele jogou sua cabeça para trás ao mesmo tempo em que mordida seu lábio até que o sangue começou a fluir.

Nom do Dieu¹, ela queria que ele desfrutasse desta última noite, tanto como ela desfrutava, sem calcular cada movimento. Ao diabo com a prudência, ela desejava o seu apaixonado e jovem cavalheiro, o mais fino cavalheiro da corte do Rei. Deixou de pensar em sua deliciosa fadiga, enquanto lutava para concentrar-se nele.

—Rodrigo, mon amour², me encha. Monte-me com força, faz com que terminemos suarentos e saciados. Agora, s'il l'he plaît³!

—Com calma meu coração - sussurrou—. Temos tempo para que descanse e para que logo me tenha por completo dentro de ti.

Ajoelhou-se em cima dela, apoiou com firmeza seus fortes braços, enquanto ofegava e tentava controlar sua ansiedade.

Ela acariciou seus ombros e se deleitou de prazer com o seu calor. Ele a eclipsou, e apertou seu coração, como o seu primeiro marido nunca o tinha feito.

¹ Em nome de Deus!

² Meu amor

³ Por favor.

Quando a respiração do Rodrigo se tonou mais contínua acariciou suavemente o ventre redondo dela e sorriu, enquanto os seus dentes brancos resplandeciam em um feixe da luz da lua.

—Meu amor, tem minha alma em suas mãos.

O coração de Blanche se comoveu. Como poderia levar sua alma em suas mãos? Tentou encontrar as palavras, mas Rodrigo voltou a falar.

—Você e nossos filhos são minha família. Se algo lhes acontecesse...

—Calma mon amour—murmurou, e com ternura lhe retirou o cabelo da testa.

— Nosso anjinho está bem. Sabe como lhe agrada seguir dormindo enquanto fazemos amor.

—Nossa filha - replicou Rodrigo lhe dando um beijo na testa—Só a uma menina embalaria o ruído do ato sexual, depois de uma corrente de estímulos em qualquer momento. De carácter doce no dormitório, como sua mãe.

Blanche ofegou ao escutar a adulação e se alegrou de havê-lo distraído para que não pensasse tanto no futuro. Com frequência Rodrigo rezava para que tivesse uma gravidez tranquila, como foi a primeira que deu a luz aos gêmeos. E sabia perfeitamente bem que ele desejava uma filha que tivesse olhos azuis, como os dela. Mas tudo isso era o intuito de Deus e não o desejo de um homem. Assim como que voltasse vivo ou não da luta com os invasores sarracenos era por vontade divina e não pelas preces de uma mulher.

Seu dedo caloso brincou com suas dobras suculentas, fazendo-a retorcer-se e gemer. Ela emitiu um gemido e com gozo deixou entrar seu pênis um pouco mais. Sempre se detinha com calma, persuasão e tanto jogo amoroso para que seu miúdo corpo recebesse seu pênis. Seu adorado marido sempre punha cuidado especial para que ela sentisse comodidade e prazer. Com cinco anos menos, ele a tratava como se fosse uma pedra preciosa.

Voltou-a acariciar e seus sucos fluíram cobrindo e abraçando seu pênis, enquanto ela se estremecia. Seu canal se ondulou e seus quadris se balançaram involuntariamente ante o prazer que sempre lhe causava. Rodeou sua pérola cuidadosamente, primeiro de longe e depois mais perto, como um explorador inspeciona um castelo.

—Ah, mais oui, exactement⁴, mon amour —sussurrou ela.

Acariciou-a docemente e ela se arqueou enquanto gemia murmurando seu nome.

Ele esfregou muito brandamente. Ela começou a balançar-se, seguindo o ritmo do amor e o ardente pensamento do desejo. Agora tinha tanta sensibilidade que até a mais mínima carícia podia levá-la à beira do êxtase. E então ele acariciou seu lugar favorito.

Seis!

Blanche deu gritos de satisfação e logo que pôde recordar que devia seguir contando em castelhano. Sentiu as palpitações percorrerem seu corpo e agarrou seu pênis, como um exército se apodera de sua conquista. Apertava e soltava, apertava e...

Suas virilhas empurraram com vigor, lutando contra o impulso de seu corpo lhe exigindo que terminasse. Seu dedo voltou a pressionar o casulo e ela soluçou de gozo. As pulsações começaram a incrementar-se uma vez mais, e se equilibraram sobre ele através da íntima conexão. O corpo dela empurrava contra o seu com insistência e sua caverna se

⁴ Claro que sim, exatamente meu amor.

tensionou.

Seus quadris empurraram com força, deslizando seu pênis nesse lugar profundo e secreto dentro dela. Perdeu o controle. Começou a penetrá-la uma e outra vez, rugindo como uma besta selvagem. Ficou rígido enquanto o prazer o fazia sentir que voava.

—Rodrigo! —gritou ela enquanto sentia o orgasmo mais profundo percorrer seu ser. Sete!

Ele uivou de satisfação enquanto esvaziava sua essência dentro do ventre materno. Depois se desabou e logo que pôde tender-se de lado e aproximá-la para ele. Seu corpo se relaxou.

Bem, agora ao menos poderia dormir um pouco antes de partir para a batalha.

A escuridão de sua pequena antecâmara apenas a deixava vislumbrar a seu marido de tanto em tanto. Mas podia senti-lo e podia sentir seu aroma. Vestígio de cavalos, certamente. O aroma do couro e do azeite usado para evitar que a armadura se oxidasse, e para que se movesse com suavidade. Outro azeite, que usava para limpar e proteger sua espada, uma formosa folha de aço do Toledo, que o Rei tinha dado ao Rodrigo como amostra de gratidão pelo leal serviço durante a guerra. Debaixo deste, e do almíscar de sua fome, havia um embriagador aroma a sândalo, uma especiaria exótica do Oriente que seus primos mouros lhe tinham obsequiado. Todos estes aromas lhe falavam de seu formoso homem, seu magnífico amante e seu fiel marido.

Blanche sorriu, suas pálpebras lhe pesavam, mas estava feliz de havê-lo acalmado finalmente. Seu satisfeito marido permanecia quente a seu lado, um forte baluarte contra seus inimigos. Seus braços a rodearam com firmeza enquanto roncava devagar. Sussurrou-lhe seu amor brandamente ao ouvido enquanto caía em um profundo sonho.

“Sempre te levarei em minha alma. “

Uma porta se fechou de repente. Alguém que usava bota muito pesada entrou cambaleando-se e caiu sobre a cama da habitação contígua, golpeando a porta contra a parede.

Grania despertou e instintivamente alcançou sua arma ausente. Pelas magras paredes se deixou escutar um ronco, logo outro e outro mais.

Lentamente se relaxou enquanto ia recordando onde estava. Em um motel barato, no profundo do Texas Hill Country, fora de Austin. Não na Colômbia, onde tinha passado o verão anterior estudando corujas, e onde mantinha suas armas à mão para proteger-se contra os rebeldes e os valentões. Estava aí para uma entrevista de trabalho, no Centro de Aves de Rapina do Hill Country, Texas, onde poderia trabalhar como científica e como veterinária. O antiquíssimo radio-despertador piscou anunciando à hora: às duas da manhã. Desabou-se sobre suas costas e olhou fixamente o teto manchado pela umidade.

Um sonho de Rodrigo. Tinha estado sonhando isso toda sua vida. Mas se tratava de uma fantasia sexual, sobre tudo uma tão incrivelmente detalhada? Essa foi a primeira nesse momento. Provavelmente devido a seus nervos por obter esse emprego.

Acalmada por esta explicação, Grania se estirou e depois voltou a tranquilizar-se abraçando o travesseiro.

E outro sonho voltou a apoderar-se dela, tão forte, como se uma martelada a tivesse

golpeado entre os olhos.

“Blanche se sentou ao lado de sua Princesa, a filha do rei da França que tinha ido ao sul a desposar ao herdeiro do trono da Castilla, e tratou de vigiar aos dois jovens filhos da Princesa, os infantes da Cerda. Seu bebê lhe deu um último e violento chute nas costelas, logo se acalmou como respeitando a solene ocasião. Seu filho e sua filha se achavam seguros no palácio, aonde seus bríos e suas lutas para chegar a dominar a arte de caminhar não causariam nenhum alvoroço.

A grande catedral do Toledo transbordava de hostes de cavalheiros e homens armados. Leões e castelos resplandeciam em cada pendão; era o emblema do reino que tinha lutado primeiro e mais duramente contra os invasores marroquinos. Algumas mulheres se aglomeraram também, principalmente a Princesa e suas damas. Mas esta cerimônia era para os homens, para os guerreiros que tinham salvado a todos. Era um momento para que os guerreiros fortalecessem seus corações e suas almas, e para que endurecessem seu espírito os seres queridos que tinham que esperar e rezar sem poder fazer nada.

As grandes ordens militares também estavam presentes, mas em menor quantidade. Os mantos cinza da Calatrava, os brancos hábitos da Alcántara e a cruz vermelha do Santiago (a espada com seu comprido eixo vertical como uma estocada no coração), a ordem militar maior e mais feroz. Era um grande privilégio para o Rodrigo ser um deles, ser um noviço da única ordem de cavalheiros com a incrível sabedoria e flexibilidade para aceitar homens casados.

Mas sendo noviço não estava obrigado a rezar com eles esse dia. Em vez de rezar se ajoelhou ao lado do infante dom Fernando da Cerda, o herdeiro castelhano e governador do reino em ausência do Rei, de quem era confidente, e a quem eclipsava, segundo os olhos de sua mulher.

No Rodrigo se combinavam à perfeição a estatura e a força dos ancestrais celtas e visigodos de seu pai, com a pele cálida e o cabelo azeviche do sangue mora de sua mãe. Se ela pudesse ver seus olhos com maior claridade saberia que eram de um marrom muito escuro, quase negros quando se zangava, mas se suavizavam com um quente brilho quando jogava com os meninos. Tinha o nariz aquilino, um pouco torcido por causa de alguma rixa de menino com um de seus irmãos. É óbvio tinha cicatrizes em seu torso, como correspondiam a um grande cavalheiro, mas não havia nenhuma em seu rosto. Com sua cabeça e seus ombros mais altos que a maioria dos homens na corte castelhana, tinha tanta paixão pelo canto e por tocar o alaúde, como pelo manejo da espada e os cavalos. Seus fortes músculos eram prova disso.

Rodrigo ia à guerra com os mesnaderos⁵, o guarda real, junto com seu melhor amigo, Fearghus do Inverness, quem tinha vindo de Escócia para lutar contra os infiéis. E também com o Diego Sánchez, o escudeiro do Rodrigo, de dezoito anos de idade.

Blanche apertou os dentes. Nunca tinha crêdulo no Diego apesar de ser um órfão que o Rei tinha encomendado ao serviço do Rodrigo. Diego era muito consciente de seu rosto bonito e estava muito disposto a dar uma resposta fácil a qualquer pergunta difícil.

⁵ Um guerreiro vampiro e membro da guarda pessoal de um patrão. Na Espanha medieval, era um membro da guarda real.

Mais de uma vez ela descobriu um olhar de total e ardente ódio em seus olhos quando olhava fixamente a seu senhor.

Ela o tinha advertido ao Rodrigo, é obvio. Mas ele subtraiu importância a sua advertência, lhe recordando que lhe devia obediência ao Rei e que devia honrar seu juramento para treinar ao Diego. Nunca pôde convencer o de que seu escudeiro era perigoso.

Cantando em latim, o arcebispo levantou a cruz para benzer aos guerreiros reunidos. Um raio de luz fez resplandecer a cruz dourada até ver-se como se pertencesse a um reino diferente. Fazendo o sinal da cruz de maneira reflexiva, o olhar de Blanche voltou a posar-se no Rodrigo, quem se erguia por cima da multidão de homens armados. Seu rosto estava transfigurado e encantado enquanto olhava fixamente ao símbolo de sua fé. Seus lábios se moveram, em silencio desde esta distância, enquanto se entregava ao serviço de Deus e do Rei. Não parecia ser uma criatura desta terra absolutamente.

Um calafrio se apoderou dela. Mon Dieu⁶, o que aconteceria resultasse ferido? Ou se fosse capturado? Não, se isso chegasse a ocorrer seus primos mouros se encarregariam de resgatá-lo. Certamente ela saberia se resultava ferido, depois de tudo tinha percebido quando ele quebrou o braço. Mas o que aconteceria se não retornava alguma vez?

O leão real no peito do Rodrigo trocou com a luz dourada, as garras alcançavam seu coração.

A Princesa disse algo aterrador entre dentes e apertou contra si a seus dois jovens filhos. Mas por uma vez a esposa do Rodrigo não emprestou atenção a seus patronos de toda a vida. Em troca baixou a cabeça e começou a rezar desesperadamente a São Rafael Arcanjo, santo padroeiro dos curadores e dos viajantes”.

CAPÍTULO 1

Rafael Pérez acelerou na última colina gelada, girou rapidamente o volante, freou com força e desligou o motor com um gesto elegante. A caminhonete Toyota Land Cruiser derrapou a cento e oitenta e se deteve precisamente onde ele tinha planejado, arrojando uma fina nuvem de pó de neve sobre o passeio tablado.

A luz da lua se refletia nas nuvens e montanhas cobertas de neve, fazendo que a antiga cidade fantasma brilhasse como se fosse de dia para os olhos do vampiro. A luz vermelha da falsa fachada do bar anunciava aos gritos Faltam Anjo, enquanto um cavaleiro de néon lutava sem parar para sobreviver a seu indomável corcel. As fachadas das lojas pediam com urgência distrações caras, desde pranchas para deslizar-se na neve de última geração, até jóias e aparelhos eletrônicos. Uma loja exibia lingerie extravagante em manequins reaprontas, incluía uma larga e espumosa criação de seda e encaixe, guarnecido de cibelina e com sandálias também de cibelina fazendo jogo. A sua esposa teria encantado.

⁶ Meu Deus!

O rosto do Rafael se endureceu ante a lembrança de uma perda não esquecida de tudo, apesar de que tinham acontecido setecentos anos, e olhando examinou os arredores em busca de observadores. As ruas estavam vazias, exceto pelo único semáforo intermitente em âmbar que se via ao longe.

Depois de tudo, quando um depredador como Rafael visitava outro, cabia a possibilidade de cair em uma emboscada.

Razão pela qual tinha ido com sua melhor arma: dois de seus filhos maiores, e, portanto os mais fortes, os vampiros que ele tinha engendrado.

Ethan Templeton jogou um último e largo olhar pelos edifícios escurecidos e depois lhe pôs o seguro a seu rifle.

—Nenhum franco-atirador até agora.

—Deixa-me atônito com suas suspeitas, filho - disse sarcásticamente Rafael enquanto se desabotoava o cinto de segurança.

— Jennings prometeu me devolver a hospitalidade em 1859 se alguma vez ganhava uma esfera para si. Convidaram-nos a passar uma boa noite, beber uísque e esquiar. Acaso não tem confiança em sua boa vontade?

—Não - simplesmente respondeu Ethan enquanto abria a porta.

— Melhores homens que ele estiveram sedentos do Texas.

—Razão pela qual você está aqui e Gray Wolf tornou lá, — replicou do assento traseiro do veículo Jean Marie, o melhor espião e filho maior do Rafael, e sua voz ressonou por cima do inconfundível clique das semiautomáticas quando as revisava.

— De modo que pode ir para o perigo enquanto o herdeiro permanece a salvo.

Rafael torceu a boca em um gesto de preocupação enquanto abria a porta. Ethan era muito bom para procurar problemas, mesmo que as possibilidades fossem mínimas.

Uma emboscada muito mal organizada comentou Ethan telepáticamente quando todos estavam parados no passeio tablado.

—Nenhum prosaico⁷ à vista, a que hora é meia-noite em um dos principais centros turísticos de Colorado?

Rafael resmungou em silêncio.

—É a meia-noite do domingo, Ethan, e está por vir uma tormenta de neve. Não teria que haver prosaicos nos arredores. É melhor que esteja tranqüilo aqui, com ou sem emboscada.

Depois de tudo, os assassinatos constituíam o método comum utilizado por um vampiro para apoderar-se de uma esfera e converter-se em patrão⁸. Ao igual aos gângsters de Chicago durante a década de 1920, os vampiros lutaram a morte por cada ápice de vantagem, dando como resultado um rápido movimento de patrões e esferas cujos limites eram incertos, por não dizer mais. O patrão meio somente sobreviveu trinta anos aproximadamente, antes de ser assassinado por um rival mais jovem, mais inteligente ou mais rápido.

⁷ Prosaico ou mundano, similar ao uso da Society for Creative Anachronism. É um humano mortal, que não é vampiro nem companheiro. Se tiver bebido sangue de vampiro, fez-o tão poucas vezes e em tão pouca quantidade que não afetou sua vida diária de maneira nenhuma notável.

⁸ Governante, é o monarca absoluto de uma esfera. No geral, também é o criador de todos os vampiros da esfera.

Mas Rafael tinha recebido Texas e Oklahoma de um rei da Espanha e após os tinha mantido, apesar dos freqüentes ataques que sofria por parte de vampiros jovens, muitos dos quais alguma vez disseram ser seus amigos.

Nos melhores ataques participavam os prosaicas, mortais comuns que nunca tinham bebido sangue de vampiro ou que o tinham feito tão pouco que não tinha afetado a suas vidas diárias. Em outras palavras, sua essência não tinha sido trocada pelo contato freqüente com o sangue de vampiro. Como a grande maioria dos mortais não tinha idéia de que os vampiros existiam, era muito fácil para quem se unia aos vampiros esconder-se entre seus irmãos prosaicos, voltando-se invisíveis aos agudos sentidos do vampiro. Dada à oportunidade, um prosaico oculto podia ser o assassino perfeito.

Portanto, um patrão desconfiado não permitia que nenhum prosaico estranho estivesse perto dele.

Mas esta era a cidade do Jennings, na esfera de Colorado do Jennings. Facilmente podia estar cheia de observadores, especialmente prosaicos, que podiam ser assassinos se o que Jennings ambicionava era apoderar-se de parte do Texas ou tudo. Como convidado, Rafael bem podia estar em seu direito de negar-se a deixar seu veículo todo blindado, se via algum prosaico; ou inclusive podia matá-lo se se sentia ameaçado em particular e os membros prosaicos encarregados da ordem não estavam perto.

Mas nada disso se aplicava neste caso, dado que não os havia nem havia observadores silenciosos nos tetos. Poderia haver uma emboscada esperando dentro, mas disso se encarregariam ao seu devido tempo.

—Jennings dirigiu Colorado com mão dura. Torturou ou matou a maioria dos velhos vampiros e depois os substituiu com seus próprios filhos, - assinalou Ethan acomodando sua parca negra sobre as munições que levava atrás, em sua cintura.

Jean Marie se encolheu de ombros de forma tão ostentosa como o azul e o prateado de sua parca.

—Todos os novos padrões fazem isso. Ele sozinho teve Denver durante vinte anos, assim ainda é história recente.

—É verdade - assentiu Rafael.

—Relaxe um pouco Ethan. Luis está justo detrás de nós com uma dúzia de vampiros.

Esperou a que Ethan abrisse de um empurrão as portas do bar.

O interior do Faltam Anjo era a recreação quase perfeita de um botequim da década de 1880 de Rocky Mountain. A madeira esculpida, o cristal gravado, o empapelado decorado vermelho, e o piso coberto de pó de serra, perceberam os olhos apreciativos de Rafael. Uma barra ornamentada cobria uma parede, enquanto que uma escada conduzia a um balcão que se estendia abrangendo os três lados restantes. A iluminação era tênue e íntima, imitava o efeito que davam os antigos abajures de azeite e os lustres. Um cenário deixava que formosas mulheres fizessem alarde de seus encantos, enquanto as pequenas mesas convidavam aos homens a participar dos jogos de azar. Compartimentos estofados embutidos na parede convidavam a encontros mais íntimos.

Os jogadores de pôquer, todos vampiros, ocupavam a maioria das mesas e estavam com bonitas mulheres reclinadas sobre seus ombros ou sentadas em seus joelhos. Uns

pares de donos de cantina lhe tiravam brilho aos copos e um deles conversava com os vaqueiros que bebiam ali. Um trio de jazz tocava variações de jazz à maneira dos caubóis, brindando uma confortável cortina de fundo.

A temperatura dentro se assemelhava mais a de setembro que a de janeiro e os ocupantes estavam vestidos de acordo a isso. Os homens vestiam camisas de manga larga e jeans, nem sueteres nem jerséis de pescoço voltado, enquanto que os vestidos das mulheres não deixavam voar a imaginação.

Os três texanos cruzaram o botequim até o balcão e se apoiaram sobre ele, apropriando-se da cena.

—Claro que teria apreciado roupa fina como essa a primeira vez que fui a Abilene a cavalo em sessenta e seis - disse Ethan arrastando as palavras e observando ao jogador de pôquer que estava mais perto dele.

— Especialmente as sedas destas damas. São prosaicas é obvio não mulheres vampiro. Mas ainda assim são encantadoras.

—A meia dúzia de mulheres às que mordeu nem sequer viram seu primeiro amanhecer, - comentou Jean Marie—. Uma má marca, mas escutei pior. Gorshkov em realidade conseguiu manter viva a duas durante vários dias.

—Só porque um patrão atormenta as mulheres com o Abraço, não significa que esse cavalheiro deva discutir sobre o tema, - interrompeu Rafael ocultando levemente suas presas.

Seus filhos ficaram prudentemente calados enquanto ele se dirigia ao dono de cantina mais próximo.

—Um copo de uísque de centeio, por favor. Pikesville Rye se tiver. E para vocês cavalheiros

Poucos minutos depois se restabeleceu a conduta civilizada com a chegada de excelentes goles de uísque. Ethan bebeu seu Bourbon Jim Beam Black com notória satisfação, enquanto seus olhos de mel examinavam a sala prazerosamente.

Rafael, que tinha terminado sua própria inspeção minutos antes, bebeu seu uísque de centeio contente de encontrar toda esta civilização no domínio do Jennings. Jean Marie cantarolou com a boca fechada uma velha melodia, enquanto cheirava seu uísque escocês Glendronach; uma canção que uma vez tinha assobiado antes de apertar aos sentinelas franceses durante a guerra da Independência.

Jennings entrou por uma porta lateral um momento depois; era um homem gordinho, forte e de olhar penetrante, que tinha navegado com o Drake. Acompanhavam-no três formosas jovens mulheres, que sorriu com curiosidade aos três texanos.

—Dom Rafael! É um prazer lhe dar a bem-vinda a minha esfera finalmente.

Rafael o abraçou.

—Jennings, amigo! Lembra-te do Jean Marie, é obvio. E este é Ethan Templeton, meu alferes maior⁹.

Ambos se saudaram com a cabeça. Rafael sorriu para si ao vê-los tão aparentemente simpáticos por fora, mas medindo um ao outro tão minuciosamente.

—Cavalheiros, me permitam lhes apresentar as minhas amigas: Amber Townsend,

⁹ Alferes maior: Comandante militar em chefe, encarregado de fiscalizar a todos os guerreiros de uma esfera.

Serena McAlpin e Anya Martínez.

—Estou encantado, senhoritas.

Rafael saudou com uma reverência, sinceramente deleitado. As três mulheres eram extremamente atrativas a seus sentidos de vampiro, resplandeciam de sensualidade e estavam dispostas a fundir-se na ebulição da carne e arder de paixão. Além disso, eram saudáveis e tinham o estado físico de um atleta; capazes de ter orgasmos múltiplos para alimentá-lo a ele e a seus filhos muitas vezes.

Detrás delas, outra mulher sem companhia lhes uniu para observar desejosa, acariciando com seu olhar o corpo dos três vaqueiros. “Ah sim, verdadeiramente Jennings tinha preparado um jardim de prazeres para acompanhar a prometida noite de esqui e de uísque. “

Jennings emitiu um som surdo de aprovação.

—Importariam-lhe sentar uns minutos, dom Rafael, e compartilhar um uísque com as damas? Depois de tudo você e eu não precisamos provar as ladeiras das colinas de noite.

Rafael sorriu olhando diretamente aos resplandecentes olhos marrons de Amber.

—Sim, efetivamente eu adoraria. E em que parte desse comprido pescoço poderei dar a primeira dentada, querida?

Situaram-se em um dos compartimentos estofados, onde Jennings atraiu a Serena e a Anya. Ethan e Jean Marie se sentaram em uma mesa perto deles, de onde Ethan poderia ter uma clara linha de fogo, se fosse necessário. Outras encantadoras meninas do Jennings se uniram a eles e rapidamente foram bem recebidas pelos jovens vaqueiros.

—A que te dedica lá em Denver? —Os agudos sentidos de vampiro de Rafael escutaram ao Ethan lhe dizer brandamente à loira acurrucada contra ele.

—Sou professora de jardim de infância.

Ele devolveu o sorriso, exibindo uma queda de olhos com suas largas pestanas inocentemente. Rafael moveu a cabeça como dizendo não, e voltou a pôr sua atenção no Jennings. Ethan poderia divertir agora, mas estaria aborrecido em poucas horas.

Amber se aproximou mais ao Rafael.

—De que parte do Texas é? Eu estive em Dallas.

—Dos subúrbios de Austin, de um rancho no Hill Country.

—Um verdadeiro vaqueiro?

Seus olhos eram enormes. Ele sorriu burlonamente de tão somente pensar no tempo que fazia que fosse vaqueiro.

—Sim, senhorita - disse com acento texano.

A mão dela timidamente começou a lhe acariciar o joelho.

—Caramba! Isso não se parece muito a Connecticut, onde eu nasci.

Jennings sorriu do outro lado da mesa, muito agradado. Muito bem agradado por um jogo de sedução sem importância.

Os sentidos de Rafael se alertaram. Com segurança, não seria Jennings o suficientemente estúpido para tentar algo, especialmente com tantos prosaicos ao redor? Mesmo que a sala estava cheia de seus mesnaderos?

Ressonou um disparo. A bala roçou a cabeça do Ethan e o sangue começou a

emanar.

O tempo se foi fazendo mais lento até arrastar -se.

O disparo soou como se fosse de uma AK-47, manual ou automática?

O olhar do Rafael voltou bruscamente para o Jennings. Sabida era evidente, o homem do Jennings tinha disparado conforme o planejado, mas antes do esperado. Então Jennings se encolheu de ombros e alcançou sua arma, torcendo a boca enquanto antecipava o êxito.

Emboscada. O ar do botequim estava a ponto de encher-se de chumbo.

A fúria acendeu o sangue de Rafael. Os néscios sabiam que matariam a cada fêmea da sala, mas de todas as formas começaram isto.

Rafael agarrou a cabeça de Amber levando-a para seu regaço, recolheu sua Beretta e de um disparo lhe fez um orifício na cabeça do Jennings. Se tiver que morrer aí, ao menos morreria salvando à mulher.

Empurrou-a debaixo de suas pernas e de um puxão pôs no chão à mulher que estava ao lado de Amber. O corpo do Jennings começou a converter-se em pó, enquanto Rafael tratava de empurrar à terceira mulher para baixo da mesa. Um comprido minuto depois começou a gemer.

Equilibrou-se fora do compartimento com uma Beretta em cada mão, matando a todo vampiro sobrevivente aos disparos do Ethan e Jean Marie. O botequim se encheu de balaços e de gritos de mulheres.

A luta terminou em menos de dois minutos, deixando pó a seu passo ao desaparecer rapidamente os corpos e o sangue dos vampiros. As mulheres ficaram com vida e soluçavam histéricamente.

Rafael embainhou suas armas.

Como está sua cabeça Ethan?

—Já está sanando, senhor. Todas as prosaicas estão vivas, embora algumas vão necessitar alguns pontos.

—Boa briga - comentou Jean Marie.

— Além graças a isto agora teremos mais amigos no Colorado e em outros lugares.

—Eles teriam sido mais perigosos se nos estivéssemos enfrentando a Senhora Celeste e ao Devol, sua cabra.

Essa sim que seria uma luta real contra um adversário digno, - comentou Ethan enquanto procurava elementos de primeiros auxílios.

— Teríamos que usar todos nossos homens e fechar as fronteiras...

—Ou a esse assassino russo - assentiu Jean Marie dirigindo-se para uma prosaico que estava no chão sem sentido.

—É um demônio a quem verdadeiramente terá que temer. Unicamente dom Rafael pode farejá-lo posto que ambos sejam vampiros maiores.

Rafael se paralisou um instante enquanto se inclinava para as aterradas mulheres, que ainda estavam acurrucadas de medo sob a mesa.

—Senhora Celeste alguma vez deixaria Nova Orleães para visitar Texas, o lar das “vacas e as serpentes”. Quanto a esse assassino russo, nem sequer é deste lugar, então por que preocupar-se com ele?

Não se tinha ouvido nada do Diego da queda do comunismo. Depois de dois séculos de sofrer tortura em mãos dele, Rafael conhecia esse sem vergonha muito bem para pensar que uma máfia de prosaicas pudesse destruí-lo. Mas se alguma vez aparecia no Texas, à vingança seria muito prazerosa.

Grania Ou'Malley serviu em seu copo a última das cervejas sem álcool e sem nome. Eram tão suaves como os argumentos de Tiffani nesta festa de graduação em que se achava. A tradicional festa de seu assessor era todo um êxito, como era de esperar dada a quantidade de comida e bebidas que se elaboraram na classe de cozinha de sua esposa. As famílias alardeavam em voz alta e muito a respeito dos incríveis lucros de seus integrantes, a qualquer pessoa que escutasse. Estudantes e ex - alunos conversavam e discutiam a respeito de tudo, das políticas do campus do UC Davis, até a melhor maneira para contar aos escorregadios corujas no Arizona. Esta era a festa de graduação mais animada do UC Davis, aonde a música e a conversação soavam fortes em virtualmente todos os rincões.

—Bom Dra. Ou'Malley. Agora vou você pode arrumar minhas qualificações com o secretário.

Tiffani, que cheirava a perfume e outros químicos, começou a dá-la volta para ir-se.

Grania cravou seu melhor olhar hostil na estudante loira de primeiro ano. A esbelta moça se paralisou.

—A data limite para pôr as qualificações finais do trimestre, e do ano escolar, foi hoje às duas da tarde. Por que deveria trocar as tuas?

Uns enormes olhos marrons a olharam fixamente por cima da taça do Martini.

—Porque necessito que o faça, por isso. Porque você pôs dez ao Toby Ou'Brien. Por que...

—Toby assistiu a todas as classes e completou toda a tarefa e o trabalho de laboratório - assinalou Grania.

—Mas eu também fiz todos os exames! Grania arqueou uma sobrancelha.

—É assim como passou a escola secundária?

—É obvio. Cumpri com todos os requerimentos e inclusive tive tempo para me divertir.

O que era o que em realidade tinha tratado de lhe ensinar a escola secundária? Aprovação social, aonde um estudante aparece por classe e obtém uma boa qualificação, já fora se tinha aprendido algo ou não? Caramba, com essas argúcias Tiffani o tinha obtido bastante bem. Ao menos tinha aprovado os exames.

Grania voltou para a realidade. Isso não era o suficientemente bom para trabalhar com suas corujas.

—Aqui na universidade se precisa fazer muito mais que somente cumprir com os requisitos mínimos para poder obter qualificações altas.

A juvenzinha teve a honestidade de logo que ruborizar-se antes de prosseguir com sua obstinação.

—De modo que necessito um dez para compensar as demais qualificações e poder

voltar no próximo ano. Quero ser veterinária especializada em fauna silvestre, como você. Por essa razão me matriculei em seu departamento

Deus me libere dos idiotas.

—Mas uma boa qualificação em uma classe não te ajudará com todas as juntas de seleção com as que te enfrentará no futuro. Precisa trabalhar muito

A moça baixou sua taça do Martini, olhando-a fixamente.

—O que quer dizer?

Dê-lhe uma oportunidade. Verdadeiramente tem momentos de brilhantismo de tanto em tanto. Se tão somente os pusesse juntos e fizesse uma série constante, ela poderia ser algo especial.

—Faltou a quatro aulas de laboratório e não tem feito os cinco trabalhos práticos para fazer em casa. Se me entregasse alguns manhã...

—Amanhã?

—Amanhã!

Seu rosto se transformou a causa do pânico.

—Não posso fazê-lo! Esta é festa do Brad e do Andy. Depois todos vão a São Francisco. Não há possibilidade de que retorne aqui antes do domingo de noite. De maneira nenhuma vou fazer tarefas no sábado, sobre tudo quando não há faculdade.

—Nesse caso, realmente não vejo de que maneira posso trocar sua nota. Supõe-se que tem que me entregar isso para assistir às aulas! Não é assim como aprovaste?

—Não, irmã, não foi assim. Tiffani sacudiu a cabeça; a compreensão começava a despertar a contra gosto.

Grania começou a lhe recalcar algumas lições.

—Deve tratar de trabalhar duro e emprestar atenção a seus conselheiros. Nada de vida social e nada de plágios.

—Nada de festas?

—As probabilidades são cinqüenta de uma, diabos, cem a uma para conseguir um bom trabalho como veterinária de fauna silvestre. Ainda quer esse posto?

Tiffani assentiu com a cabeça em silêncio. Seus olhos estavam a ponto de encher-se de lágrimas, mas as conteve intensamente.

—Então começa a trabalhar duro para obtê-lo agora mesmo, como eu o tenho feito. E cuida de suas costas. Porque não verá vir à punhalada, até que te tenha atravessado.

—Punhalada? Meu Deus, não estará brincando?

—Talvez não seja certo literalmente, mas tampouco é uma brincadeira. —Tragou saliva com dificuldade e lhe estendeu a mão solenemente.

—Dra. Ou'Malley, trabalharei nesses questionários esta noite.

—Bom.

Deram-se a mão em silêncio.

Tiffani caminhou para a porta tropeçando, enquanto movia sua cabeça e dizia entre dentes: "Punhalada?"

Grania moveu sua cabeça como falando consigo mesma, esperando que a menina recuperasse a tranqüilidade, e se voltou para a barra. O movimento repentino deixou ver a cruz de ouro flor de lis por detrás do vestido. A cruz se balançou descontroladamente na

pesada cadeia de ouro, como se fosse o eco de um passado bárbaro, que ia bem com sua toga aveludada. Esse estilo lhe parecia extremamente familiar, embora tivesse sido feita no Texas, justo antes de havê-la comprado.

Voltou-a pôr contra sua pele e logo sorriu. Poderia dar-se tempo para pensar em conhecer e sair com alguém no Texas.

Grania deslizou seus dedos pelas curvas do metal pesado, como o faria um rastreador perito. Começou a respirar lentamente; até que a festa se desvaneceu e o único real que ficava era a jóia brilhando através de um feixe de luz.

Três meses depois de sua viagem ao Colorado, Rafael desejou não ter desafiado nunca ao destino ao dizer que Senhora Celeste não visitaria o Texas. Agora se encontrava vestido com sua mais fina vestimenta, reunindo-se com o Ethan e Jean Marie fora da grande sala do rancho Compostela, seu lar. Originalmente a tinha construído como arena de equitação coberta, mais tarde a converteu em um pátio de exercícios onde os cachorrinhos, vampiros imaturos, podiam aprender a dominar sua força e velocidade de vampiro. As maciças paredes de pedra calcária também serviam como excelente cortina de fundo para as aromáticas vinhas e plantas de seu jardim de ervas.

Esta noite levava um traje curto, traje formal que destacava suas origens espanholas. A jaqueta curta feita à medida, a camisa branca sedosa, o largo cinto de couro e a magra gravata lhe recordavam seu passado como cavalheiro, exceto por sua arma completamente moderna. Era o único que abertamente podia levar uma arma esta noite, o revólver, que tradicionalmente usado com um traje de curto, era o símbolo de sua autoridade como anfitrião. Ao receber estes convidados, Rafael levava o Súper Redhawk, preciso e mortal, em lugar do sentimental Colt com punho de madrepérola, que Ulysses Grant lhe tinha presenteado.

Jean Marie estava tão depravado como poderia está-lo qualquer homem moderno vestido com um fino traje de seda Gucci cor azul. Ethan, pelo contrário, levava um smoking negro de corte texano com um bordado de chamuscas vermelhas nos ombros, adornado com colares e braceletes, o qual estava perfeitamente feito a medida para ocultar os revólveres embainhados que levava debaixo. Como segundo tenente do anfitrião, ele podia apartar-se do costume o suficiente para levar armas, somente se estavam ocultas.

Gray Wolf e Luis Álvarez, o senescal¹⁰ e seu companheiro¹¹ mais antigo e também do Rafael, encontraram-se com eles na grande sala. Depois de quase duzentos anos Luis logo

¹⁰ É responsável por todas as tarefas domésticas e das contas do patrão. O siniscal também pode chamar os guerreiros da esfera. Está tirado do espanhol do século XIV, mas tem sua raiz no século IX visigodo.

¹¹ Alguém que bebe sangue de vampiro regularmente, mas que não se converte em vampiro. Um companheiro tem mais força, mais velocidade, maiores sentidos e poderes de cura que um vulgar. Estima-se que vivem um século, em tanto que sobreviver dois séculos é muito estranho.

que aparentava ter quarenta e era tão forte e rápido como a maioria dos cachorrinhos. Nascido em uma família camponesa da Galícia na costa noroeste da Espanha, seus olhos ainda levavam as sombras da destruição de sua família por parte dos homens de Napoleão; depois disso Rafael lhe tinha extraído sua essência e lhe havia devolvido a fortaleza.

Um companheiro era um prosaico que bebia sangue de vampiro com frequência, o qual o fazia desenvolver uma sede (ou vício) de seu primeiro vampiro. Tradicionalmente os vampiros se cuidavam muito de criar companheiros porque era impossível prever quanto tempo demoraria um companheiro em desenvolver suas ânsias por um só vampiro. Portanto, os vampiros só criavam concubinos companheiros: seus escravos sexuais e sua fonte de sangue.

Mas a pesar do estigma associado aos companheiros, Rafael tinha lutado com orgulho a seu lado, utilizando suas forças e habilidades para lutar de dia como um vampiro maior¹². Posteriormente faria que todos seus recrutas servissem em um noviciado como companheiros, lhe permitindo desta forma avaliar suas capacidades para converter-se em vampiros.

A angústia era o fato de que também era impossível prever quanto viveria um companheiro. Durante a maior parte de sua vida tinha aparentado ter a mesma idade que tinha quando começou a beber sangue de vampiro pela primeira vez. Mas quando o elixir do vampiro começava a atacá-lo, de repente mostrava sinais de envelhecimento e morria em poucas semanas ou inclusive em poucos dias.

Normalmente um companheiro podia esperar viver um século ou século e meio. Para um companheiro, alcançar a viver dois séculos era impensável. A morte chegaria mais rapidamente quanto mais tempo vivesse.

Rafael tinha brigado em mais batalhas com o Luis a seu lado que com qualquer outra pessoa, uma história da qual Luis em ocasiões se aproveitava sem piedade, como por exemplo, sua negação absoluta a ceder seu posto ao lado de Rafael durante as batalhas que se disputavam de dia. Ao menos, não até que houvesse um vampiro¹³ que pudesse levar parte da carga.

Rafael uma vez tinha pensado que podia persuadir ao Luis para trocar de opinião. Nunca o tinha forçado a converter-se em vampiro, dado que ele nunca forçou a ninguém, mesmo que tinham acordado que o fizesse. Luis, como todos outros, somente se converteria em vampiro quando estivesse disposto a ver as conseqüências e às aceitar sem temor. Mas, maldita seja! Se Luis resultava ferido e morresse velho antes que isso acontecesse, romperia-lhe o coração.

Qualquer dia destes, ao Jean Marie lhe seria possível caminhar a meia luz e Luis se converteria em vampiro. Até então...

¹² É o vampiro que viveu ao menos trezentos anos, pode caminhar à luz do dia e bebe menos de uma quarta taça de sangue por dia (exceto nos momentos de grande necessidade física). Também é mais difícil de detectar, até pelos sentidos agudizados de outros vampiros maiores.

¹³ Uma pessoa que sobrevive da energia emocional que lhe proporciona o sangue humano. Os vampiros amadurecidos podem transformar-se em ao menos uma forma (embora somente seja em névoa) e são resistentes às insinuações telepáticas.

Rafael automaticamente examinou o rosto de Luis procurando sinais de envelhecimento, e não encontrou nenhum. Relaxou-se levemente. Luis seria o próximo companheiro que se converteria em vampiro, e ninguém estaria mais contente que Rafael quando isso acontecesse.

Luis aguentou a inspeção do Rafael com sua típica moderação, um pouco paternal. Quando Rafael se relaxou, fez uma reverência sorrindo, antes de desaparecer da grande sala. Depois de tudo, tinha tarefas que realizar, tal como Ihe tinha recordado ao Rafael em muitas ocasiões anteriores.

—Preparado, Gray Wolf?

—Sim, senhor.

O sorriso do Gray Wolf para seu criador foi aprazível, mas genuína. Nativo americano e segundo filho maior do Rafael estava elegantemente vestido com uma simples camisa negra de seda e calças negras, levava seu comprido corte negro preso de forma esmerada na nuca. Para um homem que tinha mais de um penteado de plumas de águia, sua aparência era discreta. Por outro lado, provavelmente era melhor respirar a Senhora Celeste a passá-lo por alto e assim continuar seu habitual trato com os homens a quem não podia seduzir.

—Preparados, Luis—ordenou Rafael telepaticamente quando entrou na grande sala com seus três filhos maiores. Havia finas tapeçarias e tapetes antigos que resplandeciam como jóias sob os imensos lustres forjadas em ferro, e criavam um fundo luminoso para os cento e quarenta homens em seus melhores ornamentos.

—Vampiros e companheiros, Ihe demos a bem-vinda a nosso senhor, dom Rafael Pérez! —disse Luis com voz ressonante.

A enorme habitação estalou em uma aclamação à medida que todos os reunidos ficavam de pé. Até os franco-atiradores apostados nos balcões saudavam gritos, somando-se ao clamor que, literalmente, sacudiu as maciças vigas.

Rafael levantou seus braços em resposta, de frente do estrado, enquanto seu coração se enchia de orgulho. O que outra coisa mais poderia querer uma pessoa que ser aceito como líder pelos homens mais finos da América do Norte?

O resplandecente feixe de luz se solidificou no grande homem que estava à frente de uma multidão na sala. Mais alto que qualquer dos homens que estavam ali, de cabelo negro e olhos escuros, embora não era bom moço, sobre tudo se o comparava com qualquer dos quatro homens situados detrás dele. Entretanto, chamou a atenção dela ao levantar as mãos saudando todos, feito que suscitasse uma corrente de avaliação e respeito por parte dos reunidos.

Diabos, ele era impressionante, mais imponente que o urso Kodiak que tinha visto sobre duas patas, na Alaska.

Sentiu que a respiração oprimia seu peito Ihe provocando um calafrio de sensibilidade sexual. Como seria na intimidade um homem como esse? Dominante, arrogante, entristecedor...

Que bem estava aquele homem. O fogo se acendeu profundamente dentro dela. Bem merecia a pena sair com ele.

Havia uma familiaridade que a incitava, como se já o tivesse visto em alguma parte, ou o houvesse tocado de algum jeito. Tratou de respirar, mas estava paralisada.

De repente seu telefone celular começou a soar e o moderno e metálico timbre voltou a tirar Grania da ruidosa festa. Automaticamente alcançou o telefone, amaldiçoando em silêncio enquanto o sorriso se apagava de seu semblante.

—Olá! “Quanto teria dois metros de altura talvez? Mas qual era a cor de seus olhos? Maldição”.

A voz de Beth ressonou bruscamente pela linha.

—Tenho um problema aqui, Grania. Às vezes Beth se parecia muito a seu marido policial. O cérebro de Grania voltou a recuperar o sentido a contra gosto.

—A ver, me deixe ver. Larry se foi ao Tahoe com a família e você tem dois, provavelmente três animais que estão para chegar.

—Dois. É adivinha ou um pouco parecido?

—Não faz falta ser adivinha para saber que uma veterinária não chamaria a outra que está em uma festa, se estivesse aborrecida. Que casos são?

Beth deu um bufo.

—Disse ao Andy que te daria conta sem que eu te dissesse uma palavra. Agora me deve um café moca com leite e chocolate duplo. Uma coruja comum que encontraram na estrada, vinte minutos é o tempo estimado de chegada. Um coioote que se estrelou com uma caminhonete, uma hora é o tempo estimado de chegada.

Grania já estava dirigindo-se para a porta.

—Me dê quinze minutos. Ficarei com a coruja, é obvio.

Chamou a atenção de sua anfitriã e assinalando seu telefone celular fez um gesto de desculpa. Assentiu com tristeza ante o gesto de compreensão instantâneo da outra mulher, e depois se despediu saudando com a mão. Passaria ao dia seguinte para despedir-se de maneira mais tranqüila e pessoal do casal que a tinha ajudado desde sua chegada ao Colorado, quando era apenas uma juvenzinha que levava o título de secundária em sua mochila.

Beth sussurrou.

—Obrigado. Sabia que estava pedindo muito, já que vai da Califórnia em dois dias, mas esperava que nos ajudasse. É a melhor que há com corujas.

Grania se encolheu de ombros, sentia-se incômoda com o elogio, embora viesse de uma velha amiga.

—Bom obrigado. Somente te assegure de que o café esteja quente e que haja muito.

—Compreendido. Agora mesmo peço um café expresso extra grande.

Grania desligou seu telefone e subiu de um salto a sua velha caminhonete. Se não acontecia nada mais, passaria sua quase última noite na Califórnia com amigos, humanos e com plumas.

A sorte que Rafael desfrutou ao princípio, transformou-se em cautela no momento em que observou que seu helicóptero se posava na plataforma de aterrissagem privada. Senhora Celeste, com seu cabelo negro como o azeviche, apareceu primeiro, adornada com

um desdobramento de rubis e diamantes dignos de um imperador, que brilhavam sobre o brocado dourado que mostrava abertamente seus seios. Seguiu-a de perto Georges Devol, que estava vestido em cor negra fúnebre e nervosa como um pecador em uma sala cheia de sacerdotes.

Rafael franziu o cenho. Tanto Senhora Celeste como Devol estavam tão abarrotados de sangue e emoção, que virtualmente estavam entorpecidos. Era a garantia mais segura de boa conduta que qualquer vampiro podia proporcionar.

Apertou seus lábios pensando no que devia ter ocorrido durante o vôo desde Nova Orleães até Austin, para satisfazer os terríveis gostos desses dois antes de tomar o helicóptero até ali.

A cabeça de Rafael se levantou ao sentir que um vampiro maior tinha penetrado ligeiramente em sua mente. Um vampiro mais jovem não tivesse notado esta sondagem, mas Rafael o reconheceu imediatamente.

Diego! Mãe de Deus! E o suficientemente perto que por fim poderia matar ao bastardo.

Rafael ativou o bloqueio mental, é obvio como sempre o fez contra Diego. Dois séculos de todo tipo de tortura lhe tinha ensinado muito, até como proteger sua mente da invasão de outros, exceto da do Sírio que o tinha violado e obrigado a receber o Abraço. Pelo contrário, O Sírio tinha mimado ao Diego e nunca o obrigou a aprender as complexas habilidades, como por exemplo, como triturar a mente de um homem tão facilmente como seu corpo.

Uma lembrança o invadiu espontaneamente; o rosto do Diego, a última vez que se encontraram, dando rugidos de triunfo enquanto levantava sua espada bem alta por cima dele, enquanto jazia abatido a seus pés. Fazia muito que Rafael tinha encomendado sua alma a Deus, por isso bramou desafiante enquanto esperava que Diego finalmente o enviasse às portas da morte.

Então a voz do Sírio tinha ressonado bruscamente na areia.

—Não mate ao infiel. Ainda não o dobramos.

Agora, Diego Sánchez, que levava um traje gritão como o de um boneco de brinquedo, ia ver o Rafael. Mordeu-se o lábio deliberadamente e se tirou a gota de um gasto: estava ainda mais satisfeito de sangue que Madame Celeste ou Devol.

—A quem trouxe? —A voz do Rafael era dura e fria, e apenas hospitalar. Por Deus, ele não teria a essa serpente em sua terra, onde poderia estudar suas defesas e alimentar-se de sua gente.

Seus homens ficaram tensos e as armas chiaram.

Diego deixou filtrar gotas de ácido através da conexão mental, a que compartilham todos os filhos do mesmo criador. Rafael o ignorou e assegurou suas velhas couraças.

Senhora Celeste se aproximou fazendo-a imperatriz ofendida por completo.

—Meu guarda-costas, Georges Devol, a quem já conhece.

Rafael não concedeu ao Devol mais que um olhar.

—Os termos da reunião, Senhora, foram que você podia trazer o Devol e a ninguém mais. O outro homem tem que ir-se de minha terra imediatamente.

—O que?—gritou. — Isto é intolerável! Você não esperará que eu...

—Em caso contrário toda a reunião se termina aqui e agora. Seu brinquedo não tem capacidade nisto. Você escolhe Senhora.

Os pensamentos do Diego o golpearam com fúria, mas ele os ignorou com grande esforço.

Enquanto ela o considerava, os franco-atiradores mantinham seus rifles preparados.

“Me deseje” pensou, utilizando sua arma mais forte.

Sete séculos como vampiro, dos quais dois foram de treinamento brutal, permitiram ao Rafael resistir aos desejos carnisais que ela produziu nele. Um vampiro mais jovem, e certamente qualquer companheiro ou prosaico, teria se miserável até seus pés lhe rogando servir a de qualquer maneira.

—Senhora? —disse recordando-lhe e tomando cuidado de não mostrar seus dentes apertados.

—Ah, muito bem. —deu-se por vencida e se encolheu de ombros, algo tipicamente francês.

—Tinha esperado ter um pouco de diversão extra. Talvez nós três juntos... —Deixou que sua voz se apagasse.

Ele a contemplou friamente.

—Volta para helicóptero, mon cher¹⁴ Beau. A próxima vez será melhor, prometo-lhe isso.

—Esse é seu novo nome?

Deu ao Beau um beijo na bochecha e um tapinha o fez voltar para o helicóptero. Deteve-se um momento na porta fulminando com o olhar ao Rafael.

—Tem os dias contados. —As palavras ficaram suspensas no ar como a nuvem de ácido no antigo canal que O Sírrio e seus filhos tinham usado.

—Jurei que me vingaria faz quinhentos anos.

—Surpreende-me que sua forma de maldade ainda tenha vida - respondeu Rafael com todo seu velho veneno.

—Estive aguardando meu momento, deixando que construísse uma boa esfera para mim.

—Um corno!

—Além disso, foi uma vida de luxos - continuou dizendo Primeiro Diego a Rússia, agora fodendo esta cadela.

—Prostituição e assassinatos. Na Rússia matou por dinheiro e quebrantou todas as leis de cavalaria, tanto as cristãs como as muçulmanas.

—E o desfrutei também. Toda essa emoção ao me alimentar de... Até que o maldito muro caiu e o novo governo me jogou. Era o momento de ir detrás de ti, até se isso implicava dormir com prostitutas como esta.

—E agora morrerá.

As paletas do helicóptero aceleraram, forçando ao Beau a entrar. Mas mesmo assim, as arrumou para rir quando a porta se fechou de repente detrás dele.

—Não lhe ensinaram nada dois séculos de intentos? Derrotei-te em cada briga que tivemos, assim que tudo o que sabe é perder ante mim. A próxima vez que lutemos vou

¹⁴ Meu querido.

tomar sua magnífica esfera.

—Nunca!

—Mas ainda não a vou tomar. Não até que descubra como te dobrar.

Rafael grunhiu.

—Tentaste-o durante dois séculos e nunca pudeste, filho da grande puta!

—Verei como te arrasta yaa Himaar¹⁵. Quando terminar contigo me rogará que lhe mate.

—Não, porque esta vez serei eu quem o reduzirá a pó sob meus pés, como a barata que é! —Rafael estalou os dedos.

Como se sentisse a discussão, o helicóptero rapidamente se elevou e se dirigiu para o leste, voando muito depressa como uma lebre assustada pela presença do falcão no céu.

Rafael o olhou enfurecido. Agora ele não era um vampiro jovem treinado com duzentos anos de agonia, para arrastar-se e sangrar. Tinha passado quinhentos anos preparando-se para matar a esse sem vergonha; e faria o que fora para esmagá-lo e convertê-lo em pó.

Senhora Celeste deslizou seu braço pelo dele, esfregando-se contra ele como se estivesse quieto para sua comodidade.

—Mon chèrri¹⁶, estou encantada de poder visitar seu lar finalmente - sussurrou Senhora Celeste enquanto tratava de chegar à bochecha do Rafael. Deu-lhe um beijo completo, é obvio, com toda sua habitual agressividade. Sussurrou dentro de sua boca enquanto pressionava seu corpo contra o dele. Seu perfume estava cheio de desejo, o qual era surpreendente para uma mulher vampiro que se alimentou fazia pouco.

Rafael se liberou logo que pôde com cortesia, seguindo seu exemplo e ignorando a partida do Beau. Infelizmente um cavalheiro não podia limpar a boca depois de que uma mulher o beijasse.

—Me permita lhe apresentar a meus homens - começou dizendo.

—OH, chèrri, esquece as formalidades por um instante - o interrompeu Senhora Celeste percorrendo com sua unha escarlate o braço do Rafael—Façamos a primeira visita sozinhos, de patrão a patrão, antes de envolver a ninguém mais em nossos jogos.

—Como não, Senhora. Vamos ao pavilhão de hóspedes, então - assentiu Rafael cortesmente, e lhe ofereceu seu braço. Não o seu escritório, é obvio. Levaria semanas tirar seu fedor de seu santuário.

Rafael inalou uma última baforada de ar puro e entrou com Senhora Celeste no pavilhão de hóspedes. Era uma pequena e simples moradia que normalmente utilizavam alguns boiadeiros ou cientistas a quem lhes permitia passar a noite na Compostela.

Senhora Celeste jogou uma rápida olhada pela habitação, e seu lábio se curvou ao olhar à cabeça do boi de chifres largos que estava sobre o suporte da chaminé e a bandeira do Texas na parede. Logo se sentou no meio do sofá de couro enquanto dava um tapinha ao assento a seu lado, convidando-o, com um olhar sensual. Seu vestido de brocado de ouro tinha um decote tão profundo que ele podia ver seus mamilos, um marco calculado

¹⁵ Ouça burro! Diz a alguém que lhe falta perspicácia ou faculdades mentais. (Árabe)

¹⁶ Querido.

para o grande rubi carmesim submerso entre seus peitos.

Rafael por um instante desejou ter podido rechaçar seu convite cortesmente e sentar-se na cadeira de balanço. Em troca, gentilmente inclinou sua cabeça e se sentou no sofá o mais afastado possível dela.

Não havia nenhum observador presente, certamente. Depois de tudo, ele tinha mais de quinhentos anos mais que Senhora Celeste, utilizando a única medida que importava do momento em que dois vampiros recebiam o Abraço. Ele era muito mais que capaz de destruir a mulher em um combate um a um, se fosse o suficientemente idiota para tentá-lo.

—Mon petit chou - sussurrou ela carinhosamente e se aproximou a seu lado, em tanto que sua ajustada saia deixava mostrar suas pernas.

Ele apertou os dentes ao escutar o afetuoso sussurro. Vá caramelito.

—Champagne, Senhora? —ofereceu ele. Tirou a garrafa do cubo do gelo que Luis tinha deixado cuidadosamente sobre a mesa, atrás do bronze do Remington.

Krug Clos du Mesnil, um Cuvée Prestige, do mais alto nível de qualidade e um dos mais caros de suas extensas adegas.

Ela movia seus lábios sedutoramente enquanto ele desarrolhava o champagne.

—Preferiria que falássemos de nós, mon amour. Recorda o carnaval do Mardi Gras¹⁷ que passamos juntos?

—Certamente, Senhora. Isso foi a mais de setenta anos. Por que a recordava esse período?

—O melhor Mardi Gras que tenha desfrutado - disse.

—Você esteve magnífico, foi um garanhão incomparável, um deus entre os homens. —Jogava com o rubi, acariciando-o com seus dedos e percorrendo seus peitos, como se queria tentar ao Rafael com sua riqueza e com seu atrativo.

—Com segurança outros lhe inspiraram após—Lhe aproximou uma taça larga de cristal com o fino champagne.

—Non, você me deu prazer como nenhum outro pode fazê-lo - insistiu ela; e bebeu o champagne. Devia ter bebido tanto sangue durante tanto tempo, que se tinha esquecido do prazer de outros sabores.

Rafael fechou os olhos ao sorver o vinho. No passado tinha aprendido a sobreviver como escravo sexual, inclusive tinha aprendido a ler os desejos de seu casal e a desviá-los quando era necessário. Tinha-o feito friamente com Senhora Celeste durante aquele Mardi Gras, mas de tão somente pensar em voltar a fazê-lo se acovardou.

—Merci¹⁸, Senhora, adula-me imensamente - murmurou—. Mas me explique isso, por favor. Pensei que esta noite nos reuníamos para falar de uma aliança.

—Exatamente, dom Rafael! —Ela se deu a volta para sentar-se a cavalo sobre ele. Mas uma mão em sua cintura a deteve—.

¹⁷ É o nome do carnaval que se celebra em Nova Orleans, Luisiana (EUA). Seu nome deriva do francês, que se traduz diretamente ao espanhol como "terça-feira gorda", (semelhante à Quinta-feira Lardero espanhol) mas se denomina tradicionalmente como "terça-feira de carnaval". Celebra-se o dia antes da Quarta-feira de Cinza. Mardi Gras é propriamente o desfile que tem lugar o último dia embora, muitas vezes, lhe associa com toda a temporada.

¹⁸ Obrigado.

—Fica sentada Senhora, por favor. Seu modista nunca me perdoaria se lhe acontecesse algo a seu magnífico vestido. —Importaria-lhe mais sua roupa que o delicioso champagne?—

Pigarreou decepcionada, mas se voltou a acomodar nos almofadões.

—É tão simples, mon amour. Unimos nossas duas esferas...

—Como? —Deixou sua taça. Não estava ela aí para falar da união de seus exércitos contra os vampiros ambiciosos do norte do México, quem tinha derrotado o seu patrão de toda a vida, fazia uma década? Eram muito jovens para dar-se conta de que sua temerária carreira depois do dinheiro do narcotráfico traria uma horda de prosaicas, que os destruiria a eles e a qualquer outro vampiro perto deles.

—E selamos o pacto com nossos corpos, compreende? Seríamos como deuses, governaríamos a esfera maior do mundo. Poderíamos conquistar o resto das esferas dos Estados Unidos em um instante e governar o continente em um ano! —concluiu estalando os dedos; seus olhos brilhavam.

Por nenhum motivo começaria uma guerra de agressão.

Sua boca deixou ver uma expressão endurecida, mas a cadela, ávida de sangue, estava muito perdida em suas fantasias para notá-lo.

—As noites, ou as horas de paixão que teríamos. Quelle extase¹⁹! Girou seu rosto e se inclinou para beijá-lo. Ele a impediu levantando sua taça para brindar. Tinha cento e quarenta homens, entre vampiros e companheiros. Mas ela tinha duzentos, uma força que terei que ter em conta, inclusive embora a maioria deles fossem mais jovens e, portanto mais fracos que seus vampiros. Tentou apartá-la utilizando primeiro palavras doces.

—Adula-me, Senhora. Os homens vêm a ti como as abelhas vão à rosa perfeita, a embriagar-se com sua beleza. Ser seu consorte é uma bebida embriagadora, é muito para um homem simples como eu.

—OH, mon amour, não vê? Por isso seríamos tão magníficos juntos! Governaríamos do Atlântico até as Rocallosas, do Golfo até o rio Ohio. E em um ano ou dois, teríamos a todos os Estados Unidos e ao Canadá. Quem nos deteria? —acariciou-se os lábios com a língua e enquanto o fazia seus mamilos se erguiam e se endureciam contra o brocado. Um dedo carmesim percorreu sua perna até a parte superior de sua coxa.

— E o sexo, meu garanhão. Ter você outra vez entre minhas pernas, enchendo minha vagina com seu magnífico pênis...

—Não, Senhora. —Rafael tomou pelo pulso tão fortemente para chamar sua atenção.

—O que quer dizer? Governaríamos a América do Norte juntos! —voltou-se a inclinar para frente.

—Não. —Ele a apartou a um lado com firmeza e rogou que nenhum de seus homens morresse por causa desta decisão.

— Me honra sua alta estima para mim, mas eu já tenho mais do que sempre sonhei. Lamento ter que declinar sua generosa oferta, mas unir Texas com qualquer outro território é impossível.

Ela o olhou fixamente e enquanto o fazia sua cabeça finalmente começava a funcionar. Seus olhos negros se aumentaram de luxúria.

¹⁹ Que êxtase!

—Espera dom Rafael, não me deseja?

—Senhora, recorda, por favor, que os territórios imensos nunca duraram muito entre os nossos. Se conforme com o que tem.

—Mas eu sei que me quer, todos os homens sempre me desejaram. Por que segue me rechaçando?

—Senhora, a resposta é não. Nem suas grandes propriedades nem seu formoso corpo me tirarão do Texas.

Ao compreender, baixou o olhar lentamente e deixou brotar seu notório gênio de mil demônios. Atirou-lhe o champagne ao rosto e se equilibrou sobre ele, lhe golpeando nos olhos com os dedos.

—*Nique ta mère!*²⁰ Rafael a agarrou pelos pulsos, desejando que se quebrassem por ter insultado a sua mãe.

Cuspiu insultos pronunciados entre dentes, arranhava e tratava de soltar-se de suas mãos como um serpente, enquanto tentava alcançar suas genitálias .

—*Raclure de bidet!*²¹

Ele lutou e a derrubou, esquivando apenas a mesa. Giraram e rodaram até chegar à frente do lar. Finalmente a teve sob controle ao ficar tendido sobre ela, com suas pernas escarranchadas sobre as dela e lhe sujeitando os pulsos com uma de suas mãos. Os apetites carnis dela o atacaram em busca de uma entrada.

—Fique calma, Senhora - insistiu ele, enquanto executava a ordem telepática e verbalmente, — Recorda que é a patrã de Nova Orleães. Estirou seu corpo contra o de Rafael esfregando seus peitos contra sua jaqueta. Ele arqueou uma sobrancelha, mas não se moveu.

Começou a ondular seus quadris contra ele insinuando mais enfaticamente seu oferecimento sexual. Com seus movimentos golpeava sua pélvis contra ele para obrigá-lo a desejá-la. Mas seu pênis permaneceu depravado, o que demonstrava claramente seu desinteresse por ela.

—Dardillon!²² Deveria estar tão duro como uma rocha por mim! —Cuspiu-lhe, mas ele o esquivou com facilidade, mantendo a expressão calma em seu rosto.

Tratou de gravar a sensação de tranqüilidade na mente dela, desejando que o costume de vampiro lhe permitisse fazê-lo definitivamente. Mas não, se o fazia, ela seria uma inimizada pior e estaria sem ataduras uma vez que retornasse a Louisiana.

—Verdadeiramente não me quer - disse entre dentes, e se começou a apaziguar-se baixo ele.

Olhou-a com cautela e esperou até que sua respiração se normalizasse e se tranqüilizasse antes de soltá-la. Mãe de Deus! Virtualmente nunca tinha visto uma mulher tão furiosa. Mas, quando alguém tinha rechaçado um convite carnal dela?

Acomodou-se o vestido, furiosa, vociferando insultos. Rafael lhe serviu uma taça de champagne fresco, que ela aceitou com um ar depreciativo. O bebeu a sorvos rápidos antes de começar a falar novamente.

²⁰ Foda a tua mãe!

²¹ Raspadura de bidê!

²² Maldito seja!

—Alguma vez te perguntaste por que me apoderei de Nova Orleães somente depois daquele Mardi Gras que passamos juntos?

“Ai, mierda, não pode ter tomado Nova Orleães e o Sudeste por algo que eu fiz. “ Rafael inclinou sua cabeça em uma atitude neutra, e a deixou falar.

—Necessitava esse território para que ficasse perto de mim. Perto de mim, A patrã da esfera de Nova Orléans! Não tão somente outra garota que te servisse sozinho umas semanas—disse ela grunhindo.

— E se não puder te ter, então Por Deus que dançarei sobre sua tumba.

—Pode tentá-lo, Senhora. Mas não o obterá.

—Eu terei êxito. Meus assassinos mataram a mais de um patrão de esfera. — levantou-se e começou a caminhar impaciente de um lado a outro da habitação.

Rafael arqueou uma sobrancelha e em sua expressão mostrava que verdadeiramente não estava preocupado. Logo se apoiou contra o suporte da chaminé de onde podia observá-la.

—Seus truques são bem conhecidos, até para o vampiro menos perspicaz. Eles não terão êxito aqui.

—Nem sequer o melhor vampiro assassino do mundo, que, além disso, é um vampiro maior nessa arte? O pequeno precioso brinquedo que alegra minha cama em agradecimento por ter um lugar onde ficar? Ele mataria a ti e a centenas mais somente para me agradar.

Um calafrio correu pelo corpo do Rafael pela primeira vez. Diego era famoso como assassino para os russos, o qual o fez legendário por semear o terror onde eles queriam. Se se desatava o caos no Texas, na mais antiga e mais estável esfera na América do Norte...

Certamente se assegurou de que nenhuma dessas preocupações se percebesse em seu rosto enquanto respondia à provocação de Senhora Celeste.

—Texas não é como outros territórios, Senhora. Embora eu morra Gray Wolf liderará os exércitos do Texas contra ti. Arrependerá-te do dia em que fez que um selvagem vermelho entrasse em guerra.

Ela empalideceu levemente. Bem, ainda recordava algumas das histórias de horror que passou em sua infância. Depois lhe mostrou suas presas como tentando sorrir burlonamente; Este era o início do ritual para um duelo de vampiros. Ele ficou em alerta e se preparou para trocar de forma em um instante.

—Ou enviarei o meu querido Georges para assustar aos locais. Faria ao Texas tão perigoso que os prosaicos destruiriam a ti e a todos seus apreciados vampiros e companheiros.

Mãe de Deus, não podia ser tão temerária. Uma horda de mortais aterrorizados era o único ao que todo vampiro temia. O que lhes faltava em força individual, os prosaicos o compensavam muito mais com quantidade e com sua determinação. Mas se ela danificava as pessoas do Texas, destruiria-a por completo.

—Senhora, não trate de me alarmar me falando de assassinos e de máfia. Texas é muito forte para que a domine - replicou Rafael de forma brusca—. Economiza sua força para utilizá-la onde possa lhe dar melhor uso, como por exemplo, para deter os ratos de rio que introduzem drogas e armas em sua grande cidade.

—Não me incomode com seus bonitos discursos, dom Rafael. Você e eu nos entendemos bem sem eles - disse ela grunhindo; e se dirigiu para a porta. Deteve-se quando Rafael a sujeitou fortemente pela cintura.

—Não comece uma guerra que não pode ganhar Senhora, a não ser que a guerra te destrua - advertiu Rafael com voz dura como o aço de seu revólver. — É minha convidada esta noite, está protegida pelas regras de hospitalidade. Mas se me ataca então meus texanos e eu lhe enterrarei.

—Maldito seja, deixe ir! —Deu um puxão tratando de soltar-se, mas ele a tinha agarrada de tal forma que não podia mover-se. Começou a usar uma linguagem tão obscena e suja como as bocas-de-lobo de Nova Orleães.

—Você e seu séquito se retiram agora, Senhora. Se voltar a pôr um pé em chão texano sem ser convidada, morrerá. —Obrigou-a a olhar seus olhos avivados de fúria.

—Me entendeu, Senhora?

—Sim eu compreendi. —sussurrou ressentidamente.

Ele a soltou lentamente, desejando, pela primeira vez em sua vida, poder quebrantar as regras de hospitalidade e matar a sua convidada.

Esteve a ponto de lhe cuspir, mas em lugar disso gritou expressando quão ofendida estava. Saiu enfurecida e baixou a colina dando grandes pernadas, dirigindo-se para a plataforma de aterrissagem e para o Devol.

CAPÍTULO 2

O último gaiteiro galego seguia tocando com galhardia, como se a música só pudesse evitar a derrota. Havia cadáveres e sangue tampando o rio Genil e cobrindo o campo de batalha. Os aldeãos chamavam écija “a frigideira”, nome que parecia amargamente apropriado para os milhares de homens que aí morriam.

O infante dom Fernando fazia meses que tinha morrido de uma enfermidade e consigo se levou as esperanças do exército. Seu segundo ao mando tinha tomado a insensata decisão de combater aqui, em um terreno que só favorecia ao inimigo. O cálculo aproximado que Rodrigo e Fearghus faziam a respeito das poucas probabilidades que tinham se confirmou quando seus escudeiros desapareceram ao início da batalha. Ao escudeiro do Fearghus a flecha de um mouro lhe atravessou a garganta, enquanto que Diego caiu no primeiro avanço do inimigo.

Uma vez, Rodrigo tinha desejado ter uma visão de como sairia neste campo de batalha, visões que eram seu obséquio para sua família. Mas foi o que com menos frequência viram aqueles profundamente afetados pela visão. Agora estava tremendamente contente de não ter sabido seu destino antes.

Para sua surpresa, os infiéis tinham optado por assassinar aos cristãos em vez de capturá-los para logo obter suculentos resgates. Agora Rodrigo e Fearghus eram dois dos poucos cavalheiros que ainda estavam em pé, e com sua experiência estavam resolvidos a

aproveitar cada pedaço de terreno para matar um inimigo mais. A seguir com vida só um minuto mais.

De suas espadas caíam sangue e tripas e seus músculos ardiam de esgotamento. Fazia bastante que Rodrigo tinha perdido seu elmo e o suor lhe caía pelos olhos e por debaixo da armadura. Blanche e seus filhos eram um pensamento longínquo e fazia muito tempo que os tinha encomendado a Deus.

Essa manhã se confessou para que sua alma estivesse salva. Tudo o que ficava por lutar era sozinho por seu Deus e por seu país.

De repente, Fearghus escorregou em um atoleiro de sangue, o que sem querer fez que baixasse sua guarda. Imediatamente um mouro aproveitou a situação e o atirou ao chão.

Rodrigo elevou sua espada como se fosse à foice da morte e decapitou ao adversário. Não tinha alcançado a parar-se com um pé a cada lado do prostrado corpo do Fearghus para protegê-lo, quando outro homem lhe fatiou a parte de trás de sua perna. Caiu de costas e viu o céu de um celeste transparente como o manto da Virgem ou como os olhos de Blanche, que parecia tranqüilizá-lo com sua pureza.

Uma espada lhe caiu em cima, como um falcão equilibrando-se do sol sobre um coelho, e o deixou sem poder ver. Levantou o braço, mas o golpe o derrubou.

Tudo se voltou negro.

—Olá Andy - Grania entrou na clínica e colocou sua larga bata de laboratório. Beth na segunda-feira devolveria a toga que tinha alugado para a cerimônia. Sua larga bata era muito mais cômoda e familiar. Nunca se sabia exatamente onde ou quando a fauna silvestre trataria de saudar seus salvadores.

—O café expresso está na mesa, Doc - disse o técnico sorrindo para Grania de orelha a orelha e deixando ver seus dentes separados. Agricultor de arroz e veterano do Vietnam, ele devia estar dormindo em sua casa neste momento. Em troca, tinha elegido seguir a sua esposa, uma das melhores especialistas em reabilitação de animais da Califórnia, e se converteu em técnico veterinário com licença. De modo que aí estava, passada a meia-noite, fazendo guarda a uma jaula portátil, no labirinto anti-séptico de aço inoxidável e azulejos, conhecido como centro de resgate da fauna silvestre.

—Mil obrigados fornecedor do néctar dos deuses! —Grania fez uma grande reverencia e se dirigiu à mesa. Seu comprido cabelo ruivo ainda estava cuidadosamente recolhido no coque que levava para a cerimônia de graduação. Pelo geral levava o cabelo trancado que destacava sua eficiência e sua simplicidade.

Ele riu da saída que teve Grania nesta competência de adulações pelo café, e depois começou a lhe dar a descrição do paciente.

—A coruja está ali, na jaula. —Assinalou com a cabeça para um vulto coberto com uma manta que estava em um tranqüilo rincão do laboratório, e depois prosseguiu.

— Coruja comum adulto provavelmente macho. Foi achada junto a um atalho para

caminhar, perto do Redding. Está débil, mas apresenta somente uma ferida superficial em uma pata.

Grania se paralisou enquanto aproximava sua jarra de café à boca.

—Maldição! —Provavelmente era um maldito raticida o brodifacoum, para usar o nome do veneno. Seus olhos se encontraram com os do Andy, quem estava tão enfurecido como ela.

—Veneno para ratos - resmungou Grania.

—Talvez não o seja - replicou ele com um tom de mínima esperança.

—É a causa mais freqüente pela qual trazem corujas comuns aqui. Estas aves são os melhores caçadores de ratos e ratos que Deus pôs neste planeta. —Pôs a taça de café sobre a mesa com tanta força que não pôde evitar que se derramasse.

— Mas quando as pessoas ficam impacientes e começa a envenenar aos ratos, são as corujas as que limpam as sobras.

—E morrem por quão mesmo matou aos ratos. Seu sangue não se coagulará.

Ela sentiu náuseas ao pensar em todas as aves de rapina que tinha perdido.

—Então até uma mínima ferida na pata matará a uma ave tão fabulosa como uma coruja.

—A polícia disse que este tipo ainda está alerta. Pode que tenha chegado a tempo - disse Andy.

—Oxala, isso espero. —Ela olhou fixamente a jaula portátil, desejando que seu amigo com plumas tivesse forças.

—Isso é o que sempre digo. —Seu tom trocou e deixou escapar ecos do sargento de Marinha de primeira categoria que uma vez tinha sido.

— Tenho pronta a sala de operações norte. O doutor Driver e minha patroa já estão preparando a sala sul para o coioite.

Grania esboçou um sorriso remisso, ele tinha percorrido um comprido caminho desde aquele granjeiro que queria exterminar qualquer animal, que poderia matar uma de suas galinhas. Terminou de grampear-se sua larga bata de laboratório, e estava agradecida de ter usada calças debaixo de sua toga, em lugar do vestido que ao princípio tinha pensado colocar. Embora não eram jeans, ao menos eram muito mais cômodos que uma minissaia.

Revisou o equipamento preparado e viu que tinha tudo o que necessitava para realizar o exame de ingestão. Depois revisou as luvas que havia no recipiente da clínica, encontrou o par que ela queria e começou a colocá-los.

—Segura de que não quer as luvas negras, Doc? —Perguntou Andy com um tom reprovatorio e franzindo o cenho.

—Não. Se estiver tão debilitado quero ser o mais cuidadosa possível com ele.

—É a única veterinária que não os usa com as corujas. Grania se encolheu de ombros.

—Talvez seja imprudente.

—Sim, e os vampiros voam quando há lua cheia. Pronta para o paciente?

—É obvio que sim.

Jogou-lhe um olhar largo e examinador, que lhe devolveu arqueando uma

sobrancelha. Ante a certeza de Grania, Andy trouxe a jaula portátil e a colocou na mesa. Tirou a tabuleta e se preparou para registrar o exame.

Grania respirou fundo, e centrando-se em seus preparativos para atender à coruja, começou a fazer o melhor trabalho do mundo.

Retirou as pesadas capas de manta que cobriam a frente da jaula e a cara pálida com forma de coração de uma coruja comum a olharam fixamente. A coruja a considerou um momento, logo lhe ululou com debilidade, como se a saudasse.

Grania a ignorou. Era uma criatura silvestre por completo. Seu trabalho era curar a e devolvê-la à natureza. Não esteve a ponto de lhe falar diretamente para animá-la a ficar, não, isto poderia lhe fazer pensar que os humanos eram criaturas perto das quais queria estar.

Abriu a jaula portátil e estendeu o braço para tomar a grande ave, mas para sua alegria, esta a tentou picar. Tomou com prática e viu que a pata, com suas garras afiadas como uma navalha de barbear agarrou-se a uma de suas mãos enluvadas.

Com outro movimento do braço levantou a coruja e a tirou da jaula, passando a mão por suas costas, como se fosse a Rana Gustavo²³ e ela Jim Henson.

Estendeu-a ao longo de seu braço e a revisou.

Uns olhos marrons escuros lhe devolveram o olhar, fixamente. Depois, a coruja deu um grito estridente e dilacerador, como se um ancião queixojo estivesse pigarreando.

—Meus respeitos, venerável da Antigüidade, - disse a coruja.

O coração de Grania se deteve e quase lhe caiu a coruja. Estava-lhe falando com ela? Impossível!

Tinha ouvido uma grande quantidade de gritos de corujas e corujas, mais de um em meio da noite. Compreendia perfeitamente bem por que se pensava que as maiores das histórias de casas enfeitiçadas tinham sua origem nas corujas que ululavam aos humanos. Já tinha olhado às corujas aos olhos antes, e sabia que elas também a contemplavam da mesma forma que ela as estudava. Mas nunca antes tinha pensado que alguém lhe falasse diretamente. As corujas simplesmente não fazem isso. Logo que pôde voltar a sujeitar à ave. Sua respiração emitiu um assobio como se dissesse: Quem?

A coruja ficou tensa, parecia desgostada pela falta de compreensão de Grania. Voltou a pigarrear, como se fosse o suave grito de um puma.

—Você. Você é a da Antigüidade que esteve protegida pelo sábio.

Uma conversa? Estava conversando com uma coruja?

Agora Grania a sustentou com firmeza e as arrumou para sujeitá-la pela parte de atrás do crânio com os dedos indicadores. Sujeitando a desta forma não poderia lhe cravar o mortal pico através da luva.

—Tem problemas com a coruja, Doc? Chamo ao Dr. Driver para que ajude?

—Não, nenhum problema Andy - Grania lhe sorriu. Deu-lhe a impressão de que fez uma careta, mas pareceu havê-lo tranquilizado.

— Estou me certificando de que não tenha grandes problemas neurológicos. Como falar comigo.

²³ Nos países hispanicos da América Latina se conhece como a Rana Rene ao Kermit the Frog, o personagem do Jim Henson. (N. da T.)

Estudou com cautela à besta emplumada. Esta a olhou em silêncio e piscou uma vez mais, como um professor que espera a resposta do aluno. Era possível que o raticida tivesse um efeito neurológico incomum? Não, um ulular que soasse como a fala humana não existia em nenhuma parte da literatura médica aviária. Sabe Deus que tinha tratado tantos casos de intoxicação por veneno para ratos, que conhecia esse âmbito da literatura.

Por sua cabeça começaram a cruzarem-se lendas populares, como que escutar a uma coruja de noite significava que algo estranho ia passar. A gente chamava as corujas “Poltergeists”.

Deu-se um golpe mentalmente para reagir. “Simplesmente faz o exame normal, Grania. Pensa que tudo está bem e logo será assim. Primeiro o exame macroscópico, para observar coisas como a inclinação da cabeça, o machuca nas asas e os olhos. Fez isto milhar de vezes, pode fazê-lo agora”.

Pigarreou enquanto de algum jeito ainda sustentava à coruja e começou com o primeiro passado do felizmente familiar ritual do exame.

Uma rápida olhada ao espelho que se encontrava sobre a pia do laboratório lhe devolveu o reflexo da coruja. Maldita seja, por que a olhava de forma zombadora, como se estivesse desiludindo-a?

A coruja voltou a ulular quase docemente. Não soava absolutamente como o típico grito da coruja, que pelo geral é comparado com o ronco do puma.

Era a coruja de melhor comportamento que tinha conhecido, depois daquela coruja cornudo do qual se apaixonou quando tinha três anos. Aquele enorme coruja tinha sido seu primeiríssimo amigo, além de seu padrinho. Falava-lhe todas as noites ao cair o sol, posado em uma árvore antes de começar a caçada noturna. Os outros meninos do orfanato a tinham criticado muito por sua obsessão com a coruja. Então ela estudava as corujas e a seus irmãos mais arduamente, com a esperança de poder compreendê-lo melhor. Talvez esperando que os outros meninos a compreendessem e compreendessem suas paixões um pouco melhor. E que a aceitassem um pouquinho. Como se isso alguma vez ocorresse.

Voltou a estender à coruja para ver se alguma parte do corpo estava inclinada. Enquanto a contemplava sem pensá-lo, respondeu-lhe emitindo uma espécie de ulular com um tom muito alto.

A coruja repetia o som em tanto que renovava enfaticamente seu primeiro grito.

—Meus respeitos, venerável da Antigüidade. Ao Andy lhe caiu a caneta.

Ela se afogou e seus dedos soltaram à parte de atrás da cabeça da coruja.

A coruja a fulminou com o olhar. Por um instante pôde havê-la picado atravessando a luva.

Então Grania voltou a agarrá-la.

Por que diabo a coruja repetia o mesmo grito? Um grito sobre alguém da Antigüidade, como se estivesse falando de reencarnação?

Sons emitidos sem sentido em mais de uma forma.

A coruja voltou a ulular emitindo o grito comum das corujas.

Grania lhe devolveu o ulular tratando de imitar seu grito.

—Meus respeitos, irmão da noite.

De algum jeito deu a impressão de ter acomodado suas plumas arrepiadas e se

relaxou na palma da mão.

Grania se obrigou a concentrar-se em seu trabalho. Se não o fazia, esta coruja morreria. Amaldiçoou-se por seu egoísmo e a deitou para apalpá-la, o qual era o passo seguinte de um exame formal. Tinha que lhe salvar a vida.

Colocando brandamente a ponta dos dedos sobre a pança do animal, fechou os olhos e se concentrou profundamente na coruja. O antigo ventilador zumbia em cima de sua cabeça para logo desvanecer-se na escuridão.

Lentamente, o abdômen da coruja voltou a enfocar-se no olho interior de sua mente. Havia hemorragia dentro do estômago, onde estavam depositados os fragmentos de um camundongo. Entretanto, não era muita sangue.

Graças a Deus, mostrou ter muito espírito. Conseguiram atendê-la a tempo para salvá-la. Com vitamina K, muito cuidado e afeto, e um pouco de sorte, logo estaria voando outra vez.

Rafael parou no alpendre e seus dedos tamborilaram a coluna, enquanto o helicóptero voava em círculos no alto. Eram poucas as possibilidades de que ficasse algum vampiro de Nova Orleães no Texas, entretanto, era melhor não arriscar-se. Atrás dele se reuniu o turno noturno de vampiros e o turno diurno de companheiros que o observavam em silêncio. Ele e Donald Ou'Malley eram os únicos patrões que tinham companheiros exercendo funções de vampiros novinhos, e não unicamente escravos sexuais e fonte de alimento, se é que os havia.

O céu se iluminou ao leste além das distantes serra, enquanto ia trocando de negro a índigo. O sinal de advertência fez correr frio pelo corpo do Rafael, embora já não significasse perigo para ele pessoalmente. Seus vampiros agora estavam seguros na profundidade das sombras, mas era melhor enviar a todos dentro.

O intercomunicador fez um ruído como avisando que tinha vida.

—Dom Rafael? —Perguntou cortesmente a voz do Caleb—.Poderia falar com você?

—Seguro, amigo. O que acontece?

—Temos uma limusine aqui, ao leste do caminho do rancho, saindo de São Leandro. O condutor tem um convite de sua parte para a senhorita Shelby Durant, uma estudante do Yale. Não faz mais que desculpar-se por chegar tarde, diz que se perdeu nos caminhos para o rancho.

Rafael assentiu com a cabeça em tanto que cada um de seus sentidos estava em alerta máxima. Que demônios fazia a senhorita Durant aqui agora? A estrela de dezoito anos galardoada com um Óscar, não iria um dia antes simplesmente para discutir a respeito da arrecadação de fundos para as Olimpíadas Especiais.

—E? —disse ao Caleb.

—Não vi à senhorita Durant, mas seu perfume é... OH, diferente a qualquer perfume que tenha cheirado antes, senhor. Não é prosaico. Mas tampouco é um vampiro ou companheira.

Rafael rugiu deixando suas presas completamente expostas. Seus homens

levantaram as cabeças bruscamente e ficaram olhando-o. Ethan tirou sua arma.

—Quem mais está com ela?

—Lucien Saint-Gerard é o condutor, senhor.

—Ai, merda! Envia-os para cá, mas não os perca de vista.

—Sim, senhor.

Rafael recebeu à larga limusine negra em frente da casa principal, onde a entrada tinha uma grande extensão circular com uma vista espetacular dos vales do leste. Ethan, Jean Marie, e Gray Wolf estavam nas sombras da casa com o resto dos vampiros. Havia franco-atiradores companheiros cobrindo a linha do teto que desdobravam o alcance de seu poder. O céu ainda estava escuro, só Vênus brindava iluminação, embora muito em breve o sol trocaria isso.

A área com grama entre a casa e a entrada estava em penumbra total, como também o estavam a casa e o alpendre, protegidos do sol que saía pelas montanhas do leste. Os raios do sol só brilhavam na Compostela quando se elevava tanto que podia ver-se por cima dessas montanhas.

A elegante limusine seguiu até deter-se no lado leste da entrada de macadán²⁴, e o Suburban blindado do Caleb se estacionou para bloqueá-la desde atrás. O condutor da limusine saiu imediatamente e se deu a volta para a casa.

Lucien Saint-Gerard, é obvio, quem uma vez fora adorno na corte da María Antonieta, antes que se convertesse em alcoviteira e puta em Nova Orleães. Agora era o menino dos recados de Senhora Celeste e mesmo assim a pior classe de fornecedor. Levava um traje de seda italiano, estava desalinhado e manchado de sangue.

Os orifícios nasais do Rafael levemente se acenderam ante o perfume, mas sua expressão se manteve arrogante e aborrecida. Luis em seu rol de senescal o flanqueava, em tanto que Caleb se dirigiu para bloquear ao Lucien e evitar que retornasse à limusine. Seus dois companheiros mais velhos constituíam uma força mortal por direito próprio, sobre tudo porque podiam atuar à luz do dia, a diferença de um vampiro como Lucien.

—Dom Rafael - saudou Lucien com uma reverência como no Versailles, com uma perna adiante e fazendo um gesto cerimonioso com o braço.

Rafael respondeu com a forma apropriada de um chefe de estado que saúda um diplomático visitante, uma superficial saudação com a cabeça.

Lucien jogou uma olhada provocadora às escadas que conduziavam a casa. Rafael não respondeu, mas Luis deu um passo para um flanco bloqueando completamente os passos do Lucien. O vampiro visitante agora estava apanhado ao ar livre, vigiado pelo Rafael e seus homens.

Olhou para baixo, como o faz uma serpente mais que como um cortesão que estuda como limar asperezas. Seus olhos piscaram. Ela tinha olhado de soslaio medindo as rotas de escapamento à saída do sol.

²⁴ Pavimento de pedra amassada.

—Me perdoe por chegar tarde, mas a magnificência da paisagem das montanhas me deixou afligido.

Rafael moveu seus dedos respirando ao recém-chegado a que continuasse. O habitante da cidade desde fazia muito tempo provavelmente se perdeu completamente.

—Trouxe-lhe seu presente como Senhora Celeste ordenou. —Lucien se voltou e abriu a porta da limusine com um gesto. Ao abrir-se chegou um fedor pior que o da boca-de-lobo mais fétida. Então tirou do veículo negro, de um puxão, a Shelby Durant, a atriz mais prometedora de sua geração.

O natal anterior, o mundo a tinha celebrado como Juana de Arco, a donzela guerreira que tinha liberado a uma nação. Ela tinha sido felicitada e recebeu vários prêmios, incluindo um Óscar. Mas hoje, um rato de boca-de-lobo teria sido mais atrativo.

Estava coberta de sangue, vômito e excremento. Seu vestido estava esmigalhado e desfiado, igual a sua roupa interior. Tinha gotas de sangue que emanavam lentamente e de forma desagradável de umas marcas de arranhões em seus peitos e em seu ventre. Duas grandes marca púrpuras de dentada reluziam na base de seu pescoço. À exceção destas, estava branca cinzenta, como se pudesse fundir-se em neblina.

Seus olhos estavam fechados como a pressão e seu rosto estava desfigurado em uma careta, em tanto que sua língua se disparava sobre os lábios. Uma mão atirava de seu mamilo e a outra acariciava continuamente seu monte.

—Que caralho! —murmurou Caleb.

Sua outrora cabeça de dourados cabelos saiu em uma estremecedora parodia de sua antiga atitude alerta.

—Caralho? Sim. Agora. Todos vocês. Coloquem-me isso na vagina.

Cruzou a grama para os homens cambaleando-se e procurando provas os restos de sua roupa.

Rafael apertou os punhos. Lucien tinha obrigado ao Shelby, famosa por suas firmes idéias sobre a castidade antes do matrimônio, a receber o Abraço. Vê-la inundada na luxúria, uma cachorra²⁵ menina solicitando lascivamente o coito, era uma abominação tanto para Deus como para o homem.

Era possível que conservasse algo de sua prudência? O abraço era bem conhecido por deteriorar a inteligência de uma mulher até convertê-la em pó, muito mais que a de um homem. Só Deus sabia como Senhora Celeste tinha sobrevivido seu passo pelo Abraço. Ele sempre se perguntou quanto de seu julgamento se danificou para sempre.

Lucien passeou tranqüilamente detrás de Shelby, sorrindo como um pai orgulhoso enquanto ela avançava cambaleando-se.

—Como vê, dom Rafael, é o coito perfeito e a comida perfeita para selar o trato com a Senhora Celeste. Durant fará algo e tudo o que seja sozinho para obter um pouco de sangue e sexo de você, mesmo que a mate. Não há nada como alimentar-se de um vampiro que se está morrendo enquanto lhe está atirando isso. Terminemos com ela na casa principal e depois compartilhemos uma garrafa de champagne.

As presas do Rafael se fenderam contra sua mandíbula enquanto uma corrente de maldições cruzava por sua mente. Mas tinha que resgatar a jovem antes de matar ao

²⁵ Vampiro imaturo que não pode trocar de forma, exceto para alimentar-se.

Lucien, esse feto de Satã.

Avançou para ela lhe falando brandamente, como se lhe falasse com uma garotinha.

—Doce Shelby.

De repente, o primeiro brilhante raio de luz do dia se abriu pelo topo da colina. Alcançou as costas do Shelby e o golpe fez arquear seu esbelto corpo, como um santo medieval nas garras da paixão final. Por um momento, sua prudência, ou um pouco parecido, brilhou em seus olhos azuis.

Minha santa Virgem... Rafael se apagou em um movimento com a esperança de trazer a de um puxão à sombra. Mas ele sabia, mesmo que deu um salto, que nem toda sua velocidade poderia salvá-la agora.

Shelby começou a arder, tão resplandecente como uma labareda de magnésio, mais deslumbrante que o mesmo sol, resplandecente como o afeto que a gente tinha por ela. Em dois segundos a chama a consumiu convertendo-a em um pilar de cinzas que rapidamente se desabou. Uma leve brisa arrepiou a grama, mas todo sinal dela tinha desaparecido.

—Merde²⁶—sussurrou o assassino.

Rafael se fez o sinal da cruz.

—Dom Rafael, ela era sozinho uma fêmea, ninguém por quem preocupar-se - sussurrou Lucien, agitando nervosamente os dedos sob seus punhos manchados com sangue.

Ethan grunhiu dando uma ordem. Detrás do Rafael se escutavam os sons suaves do clique dos seguros postos nos rifles dos franco-atiradores, golpes surdos como saltos de botas pisando em forte em um lugar. Outra ordem e os companheiros começaram a partir.

Os olhos do Lucien olhavam rapidamente a todas as partes, em tanto que girava a cabeça e tirava a língua como uma cobra nervosa.

Rafael fez uma careta. Não precisava olhar para saber que seus homens tinham tomado seu lugar como guarda de honra; suas armas descansavam diante deles. Seus companheiros se alinharam ao redor da entrada rodeando-o a ele e ao Lucien, enquanto que seus vampiros permaneciam no profundo da sombra da casa. E os franco-atiradores companheiros estavam erguidos na linha do teto, iguais gárgulas prontos para afugentar as forças do mal.

—Qual é a primeira lei da esfera do Texas? —perguntou Rafael com seu tom de voz grave atravessando o silencioso espaço.

—Só o patrão do Texas pode criar um vampiro no Texas - grunhiu a assembléia detrás dele.

Lucien sussurrou algo profano pelo baixo.

—Qual é a pena por violar esta lei? —prosseguiu Rafael.

—A morte.

—Me dê uma hora e poderia conseguir outra garota. Dezoito horas, digamos vinte, depois disso, ela se levantaria e estaria se desesperada por transar. Você poderia transar e te alimentar dela facilmente - sugeriu Lucien desesperadamente.

— Ou talvez prefira um moço?

Rafael olhou ao Lucien direto aos olhos.

²⁶ Merda

—Ontem à noite rechacei a oferta de Senhora Celeste. Ela se foi uma hora mais tarde com o resto de seu séquito.

O canalha empalideceu e jogou uma rápida olhada à limusine medindo a distância. Muito longe em comparação com a maior velocidade que os anos do Rafael lhe outorgaram, até se as arrumava para passar aos companheiros.

—Você infringiu a primeira lei do Texas quando lhe deu o Abraço à senhorita Duram - continuou dizendo Rafael de maneira implacável—, e agora está sentenciado a morrer. Entretanto, como foste diplomático de Senhora Celeste te darei uma opção. Pode te bater a duelo judicial comigo para ganhar seu direito a retornar a Nova Orleães. Ou pode ser executado aqui e agora sob as leis do Texas.

Lucien ficou atônito.

—Duelo contra ti? —Negou com a cabeça.

— Não te darei a oportunidade de beber meu sangue. Morrerei quando queira e como quero - gritou a Rafael grunhindo como um rato encurralado.

— Mas vi a alguém que é mais rápido que você e alguma vez beberá seu sangue no campo de duelo: Beau, o brinquedinho de Senhora Celeste. Quando lhe ordene que lhe mate, converterá Texas em pó.

Fez uma reverência zombadora ao Rafael, levando sua mão sobre sua cabeça como se tirasse um chapéu com plumas. A luz do sol apanhou seus dedos. Primeiro se converteu em tocha seu punho, depois seu braço e sua cabeça.

Rafael se fez o sinal da cruz. O homem propõe e Deus dispõe. O homem propõe e Deus dispõe.

Mesmo assim, nunca criarei um vampiro. É a única forma de assegurar o amparo dos inocentes, das mulheres que não podem sobreviver ao Abraço e permanecer cordas.

O sol se elevou no horizonte, com toda a magnificência dourada, como se estivesse rindo de sua determinação.

Alguém passou uma taça de café debaixo do nariz de Grania. Estava na sala dos veterinários na clínica, dormindo no sofá, como de costume.

—Que horas são? —perguntou sem abrir seus olhos.

—O amanhecer no Texas, para onde vai - respondeu Beth em voz baixa—. Sua coruja está muito bem, a tripa de meu coiole estão estáveis, e os técnicos estarão aqui logo para começar a alimentar ao resto dos animais. É hora de que te levante para que possamos passar o dia em um balneário.

Grania abriu um olho e se estirou para alcançar o café.

—Se puder lhe pago isso.

—Me pode pagar isso fazendo a manicura para a primeira saída com um cara em Austin.

Grania se sentou, rindo baixo.

—Rosa ou vermelho sangue? —Bebeu um sorvo do café perfeitamente feito.

Beth se sentou olhando-a e tomou um sorvo de seu café, o qual deixou ver sua fina manicura.

—Mmm... Vermelho sangue, não. Talvez vermelho carmim?

—Ou azul?

—Estamos falando das mãos e os pés - assinalou Beth—. Que tal rosa? E não exigirei que te depile a entreperna.

Grania riu.

—Feito.

Beth assentiu de acordo com a cabeça.

—Ainda não conseguiu algum encontro interessante o serviço de encontros?

Grania se encolheu de ombros

—Eram tão maus ou não procuraste?

—Verdadeiramente espantosos - admitiu Grania—. Mas somente quero provar com os encontros Não me lançar ao amor e ao matrimônio e ao crochê de bebê.

—Provar?

—Só tive sexo com três homens em minha vida.

—Parece-me que deveria praticar, para poder saber o que estou fazendo antes de começar a procurar seriamente ao Senhor Adequado. Do contrário as coisas poderiam resultar muito mal. Como aconteceu com minha mãe quando conheceu meu pai. Se ela tivesse conhecido a mais homens, talvez não se tivesse apaixonado por um canalha como ele.

Beth lhe lançou um olhar incrédulo e começou a rir. As cores aumentaram em Grania, mas não perdeu o ânimo. De todas as formas a agência de encontro parecia tão corriqueira, depois desses sonhos sobre o amor que Blanche e seu cavalheiro tinham compartilhado.

—Só você —Beth tragou saliva— só você, querida amiga, pensaria em sair em um encontro dessa forma. —Procurou uma toalha de papel e se secou as lágrimas de risada.

— Alguma vez tiveste um encontro?

—Realmente, não.

—Realmente, não? —Beth subiu um pouco a voz. Ela jogou uma rápida olhada ao redor, mas não parecia que houvesse ninguém ali.

— Como é possível que alguma vez tenha saído com alguém e não seja virgem?

—Há muitos tipos enquanto está no campo investigando corujas. Mas não há muitos lugares aonde ir a um encontro no campo.

—É verdade. Além disso, quem demônios têm tempo quando trabalha de sessenta a noventa horas à semana para obter seu título e manter um lugar onde viver?

—Amém. Quando estávamos na faculdade, sair com alguém era impossível. Dormir transformava em um luxo, terei que deixar de lado a busca de um homem.

—Se Stive não tivesse sido um policial que compreendia as largas horas, não acredito que tivesse podido fazê-lo. —A voz de Beth se tornou mais suave à medida que seu rosto se suavizava com as lembranças.

— Então está pensando em ter um amante para tomar algumas lições avançadas antes

de começar a procurar marido?

Grania olhou fixamente aos olhos a sua amiga.

—Por que não? Os bons hábitos de estudo funcionaram na faculdade. Deveriam funcionar também para me preparar para uma família sólida.

De repente Beth riu bobamente.

—Pergunto-me se conhecerá um verdadeiro vaqueiro, se não estará procurando a alguém que queira casar-se imediatamente. Espero que encontre a alguém realmente sexy, de todas as formas.

Levantou sua taça de café para brindar e Grania fez o mesmo com a sua.

—Pelos caubóis!

—Pelos caubóis! —Repetiu Grania.

CAPÍTULO 3

“Rodrigo retirou a compressa fria de sua frente e forçou a seus olhos a abrir-se.

—Quando procurou no campo de batalha impediu que nos decapitassem...

—Ora! Somos primos, Hamza, nascidos do mesmo avô. É obvio que te ajudaria de todas as formas que pudesse. —As mãos fortes de um guerreiro substituíram com cuidado à compressa.

Rodrigo agarrou a mão de seu primo durante um momento.

—Estou agradecido, Achmed. Todos os dias dou graças a Deus e rezo. Ele benzerá a ti e a seus filhos nas gerações vindouras.

—Estamos unidos pelo sangue, como poderíamos estar unidos pela mesma fé. Recorda como aprendemos o Corán juntos de meninos?

Rodrigo sorriu com reminiscência pelos prazeres perdidos de uma época mais simples.

—Quando recitávamos suas formosas Azoras²⁷ a minha mãe, lhe recordando que aos olhos de Alá, como disse o Profeta (que a paz esteja com ele), muçulmanos, cristãos e judeus são todos filhos do Livro. “Não fazemos distinção entre nenhum deles e a Ele entregamos”.

—Surtih À-a Baqara, ayah 36—citou Rodrigo.

—Pensaste em dar o passo seguinte e abraçar o Islã completamente? —Perguntou Achmed em voz baixa.

Rodrigo ficou tenso, não estava preparado para desiludir a seu primo, apesar de que fazia muito que esperava esta pergunta.

Um ronco baixo ressonou na habitação. Rodrigo sabia, com os olhos fechados, que o fino temperamento escocês do Fearghus se despertou. Tocou levemente a mão do Fearghus e seu amigo se relaxou um pouco.

—Tenho o maior respeito e admiração pelo Islã, como bem sabe meu querido primo. Os cinco pilares sobre os que estão construídos são os fundamentos que todo homem de fé

²⁷ As suras ou azoras são cada um dos 114 capítulos nos que se divide o Alcorão, livro sagrado do Islã.

admira. Shahcdak, o testemunho de fé; Salct, a oração diária; Zakat, a esmola aos pobres; Sawm, o jejum; e Haj, a peregrinação a Balance.

—Então, está de acordo! Será conhecido como Hamza sempre, não só quando nos visitar. É o nome mais louvável dado, pois era o nome do tio do Profeta.

—Não, Achmed. Podemos discutir os méritos de ambas as doutrinas durante horas, como o temos feito antes tantas vezes. Meu coração pertence à Jesus Cristo e sempre será assim, sem importar o que acontecer. E venero muito a Virgem Santíssima, que sem sua pureza feminina, sua sabedoria e sua graça, nenhum de nós obteria o reino dos céus.

Achmed ficou de pé enfurecido, golpeando um tamborete.

—A conversão salvará sua vida, especialmente quando esse fanático do leste prega matar a todos os infiéis. Seja razoável por uma vez.

—Estou sendo razoável - respondeu Rodrigo com calma.

— Me honra enormemente que me considere digno de celebrar o Islã. Mas seguirei os passos de meus pais.

—Nosso avô era filho do Islã - replicou seu primo.

Rodrigo abriu seus olhos doloridos e atravessou ao Achmed com um olhar firme.

—É verdade, mas isso foi ter visto a luz, como São Pablo no caminho para Damasco, quando se converteu à fé cristã. Eu sou um filho desse atalho e o seguirei, sem importar o que vier depois.

—Está seguro? Encontraria segurança como muçulmano. Estes homens novos que vêm do Marrocos ou mais à frente do leste, somente pensam em matar infiéis. Nem sequer tentam tomarem cativos e pedir resgate por eles depois. Se não lhe tivéssemos encontrado e reclamado, também teria sido executado em Écija.

—Estou tão seguro desta decisão, como o estou do nome de minha mãe. —Rodrigo trocou de posição entre os travesseiros, por isso teve que agarrar-se e quase rasga uma de suas feridas semi curadas. Ficou sem ar da dor, mas se esforçou por manter sua voz calma.

— Seguirei o caminho da verdadeira cruz enquanto tenha vida para adorar a Jesus Cristo e a Virgem Santissima.

Achmed suspirou.

—Muito bem, teimoso. Guardarei sua espada em um lugar seguro até que possa retornar com sua esposa. É muito fina para deixá-la onde possam vê-la olhos folgazões que tenham uma idéia errônea.

—É verdade - disse Fearghus fazendo um som surdo.

— O rei da Castilla poderia ser melhor em poesia que em política, mas deu ao Rodrigo uma das melhores espadas do Toledo.

—Também enviarei outra mensagem a sua esposa, Rodrigo, já que não houve resposta ao último que enviei. Alá não permita que se extravie outra missiva”.

Era primeiro de junho e o começo de seu primeiro mês inteiro no Texas. Não mais

classes, não mais exames, não mais avaliações para qualificar. Finalmente era livre para viver sua vida.

Grania sorriu olhando-se no espelho do pequeno dormitório enquanto terminava de trançar seu cabelo e de recolhê-lo. Seus movimentos eram completamente automáticos, tinha-os aprendido antes que soubesse escrever seu nome. Tinha-os praticado com outras meninas do orfanato, sob o olhar vigilante das monjas, que não desperdiçava nada, especialmente meninas bem disciplinadas para ajudar com os meninos menores. Agora, a soltura que os anos de experiência lhe tinham dado, permitia a Grania emprestar mais atenção a sua casa que a seu cabelo.

Era um pequeno bangalô uso mexicano, com paredes de gesso, linhas delicadas, de cor brilhante e obras de arte quixotescas. Não era nem sequer similar ao lugar onde tinha vivido na universidade. Não era um dormitório de um internato, ou um apartamento, nenhuma cabana a milhas de distância da estrada mais próxima, que compartilhava com um grupo de ruidosos estudantes.

Não, seu lar era uma casinha de campo com um acre de terra a tão só dez minutos do trabalho, tudo para ela. Tinha uma oficina logo que saindo do tanque, no que inclusive havia espaço para guardar suas armas.

A casinha estava completamente mobiliada, felizmente, já que não tinha móveis próprios. E se alguma vez levava um homem a passar a noite, teriam que fazer amor no piso da sala de estar. Era o único espaço amplo para que duas pessoas estivessem juntas. A menos, é obvio que se deitasse um em cima do outro na cama individual.

Grania soltou um bufo ante a idéia, enquanto empurrava a última forquilha em seu cabelo. Sua altura de um metro e setenta e cinco centímetros era apenas cômoda para essa cama estreita. Qualquer homem mais alto que ela, como o cavaleiro de seus sonhos de toda a vida, passaria um mau momento para deitar-se nela, isso sem ter em conta fazer amor.

Tocou a cruz em sua garganta recordando como se via ele em sua cama, doente, todo pálido e lânguido e com uma grande ferida coberta com vendagem branca ao redor de sua cabeça e quase cobrindo seus olhos. Diabos, essa ferida podia havê-lo matado. Tirou-se da cabeça suas automáticas especulações médicas sobre o coma, comoção cerebral e coágulos no cérebro... Depois de tudo, ele era sozinho um sonho.

Em seguida estava vestida com seu uniforme de costume, uma camisa pólo decorada com o logotipo do centro de aves de rapina, e calças cáqui meticulosamente engomadas. Suas botas de vaqueiro estavam impecavelmente polidas, embora não abrilhantadas. Seu relógio de pulso cumpria a excelente tarefa de lhe dizer a hora ou funcionar como cronômetro, sem importar quão freqüentemente Beth lhe rogasse que o trocasse por um pouco mais feminino. Esta noite se esmerou, estava limpa e era uma veterinária de fauna silvestre. Depois de tudo, a casa aberta do centro de aves de rapina dificilmente era o lugar para ir em busca de homens.

Grania emitiu uma desculpa sorrindo à foto de Beth. Até o momento as propostas do serviço de encontros não tinham sido inspiradoras, por dizer o menos. Mas seguiria tentando. Agora estava estabelecendo-se em um lugar pela primeira vez em sua vida. Podia permitir-se tomar-se seu tempo para aprender a sair com alguém antes de

comprometer-se seriamente com algum moço em particular.

Enquanto isso havia muito para desembalar. Todos seus livros é obvio, e ao menos alguns de seus posters, como um que mostrava os músculos e o esqueleto de um tigre dentes de sabre.

O retrato do funcionário Tom McLean, seu defunto padrinho, exibia-se no lugar de honra no suporte da chaminé, com todo o esplendor de seu uniforme de ajudante do xerife. Tinha outras fotos do Tom, mas sua favorita era a que ela tinha tirado quando ele estava totalmente concentrado em encontrar a um menino perdido no deserto do Arizona. Ele tinha aprendido a rastrear de seu pai, e a este tinha ensinado seu tio, um dos últimos bravos sobreviventes do Gerónimo.

As pessoas diziam que Tom Mclean podia seguir a um camundongo pela rocha sólida. Ela estava totalmente feliz de que ele a tivesse encontrado na comunidade abandonada; depois ele se converteu em seu padrinho. Nenhum parentesco mais próximo era possível entre eles, devido a que as leis do estado do Arizona não permitiam que uma menina abandonada como ela fosse adotada. Tom fazia tudo o que pôde por ela, especialmente lhe ensinar tudo o que ele sabia da vida silvestre e como observá-la. Algum dia ela passaria as mesmas habilidades a seus filhos. Ela limparia suas armas para seu aniversário na próxima semana, da mesma forma em que outras mulheres acendiam velas em memória do defunto.

Arrojou um beijo à foto e se dirigiu a sua velha caminhonete. Depois de uma semana de cumprir suas funções como veterinária de fauna silvestre no Hill Country Raptor Center, agora assistiria à sessão aberta mensal e faria o melhor para cativar aos patrocinadores, cujo dinheiro mantinha aberto ao centro. Provavelmente seria bastante similar a tratar de conseguir dinheiro dos ex- alunos na universidade.

Grania estacionou sua caminhonete no estacionamento do centro de aves de rapina onde estavam todos os veículos de outros empregados. O centro estava situado na ladeira de uma colina levantada e o estacionamento principal estava ao lado da estreita estrada rural mais abaixo. O edifício principal era retangular, estava construído de tijolos crus e teto com Texas. Era completamente moderno, eficaz e com muitas janelas.

Havia enormes jaulas para as aves convalescentes e residentes, agrupadas entre as árvores que estavam detrás. Uma imensa jaula de vôo, apta para exercitar às aves de rapina maiores antes das liberar, achava-se um pouco isolada justo debaixo de uma colina. Havia jaulas menores distribuídas com o passar do atalho para dita jaula.

Até depois de uma semana de trabalho ali, o centro ainda parecia o céu na terra para Grania. Sua supervisora não oficial, uma mulher maior, magra, com cabelo ruivo que não parecia de verdade, olhou-a do balcão de recepção à medida que ela se aproximava.

—Olá Linda.

—Boa noite, Doc. - Linda sorriu a Grania.—Vá ver sua porta. Há uma surpresa ali para ti.

—Sério? Obrigado!

Em sua porta? Era muito breve para ter a placa com seu nome, não? Grania se apressou a ir rapidamente, no em tanto que a risada de Linda queimava seus ouvidos.

O interior do centro estava disposto em dois pavilhões paralelos. No pavilhão da

frente, que dava à estrada e ao estacionamento principal, estavam os espaços públicos como os vestíbulos, a sala de conferências, o escritório do diretor e assim sucessivamente. Na coluna de atrás, que davam ao curral das aves, estavam os espaços de trabalho: a biblioteca, o laboratório, as salas de operações, a unidade de cuidado intensivo e a cozinha, cuja porta dava à ladeira mais à frente. A sala para o cuidado de animais internos, ou UCI, em realidade era um gabinete a prova de ruídos com uma porta bloqueada, e jaulas do piso ao teto. O silêncio e escuridão que havia eram vital para acalmar e curar às aves perturbadas, e o acesso a visitantes ocasionais estavam completamente proibidos.

Em um cotovelo construído na colina, no nível inferior debaixo da cozinha, estava à sala dos roedores, aonde se criavam ratos, coelhos e pintinhos para alimentar às aves.

O escritório de Grania, que estava na parte traseira da coluna, era menor que o vestidor de Grania, com paredes brancas e limpas, embora maltratadas, o mobiliário de metal. Mas a porta tinha uma placa com o nome gravado: Grania Ou'Malley, Master em Ciências, Médica Veterinária, Doutora.

Deixou escapar um grande sorriso enquanto seguia as letras. Era a primeira vez que via todos seus títulos escritos em um lugar onde podia tocá-los.

Tom estaria tão tremendamente orgulhoso dela por havê-lo obtido. Ou a irmã Mary Catherine, que a chamava com o nome da rainha pirata irlandesa. A monja maior se emocionaria ao ver que uma de suas moças tinha podido terminar a faculdade e obter um doutorado.

Uma suave tosse interrompeu seu sonho, então Grania olhou a seu redor.

—Olá Bob. —Ela estendeu sua mão e o texano magro tomou sorrindo. Ele era apenas mais alto que Grania, tinha nariz aquilino, mandíbula forte e rosto curtido, levava o uniforme texano de camisa branca engomada de vaqueiro, jeans, e botas.

—Pronta para a multidão?

Grania se encolheu de ombros.

—É obvio. Embora tenha que admitir que às vezes prefira vigiar aos convalescentes na UVI, que me encarregar de um evento para arrecadar recursos.

Bob jogou sua cabeça para trás e riu.

—Não o preferiríamos todos, querida?

Com orgulho Bob apresentou a Grania como à nova médica veterinária aos primeiros em chegar. Desde esse momento, a sessão aberta era um torvelinho de conversações à medida que dúzias de convidados e pessoal percorriam o centro ou caminhavam fora pelos atalhos, sob a orientação de educadores preparados. Um plácido esmerejón²⁸ ou uma coruja habitante das planícies e seus educadores favoritos, ensinavam a fascinados meninos sobre as aves de rapina na biblioteca.

A maioria dos convidados eram ex-voluntários ou voluntários atuais do centro. Outros eram guardas de animais ou policiais que haviam trazido parentes, e também cientistas das universidades vizinhas desejosos de falar de assuntos profissionais no centro de aves de rapina mais renomado do mundo. Um grupo de convidados o constituíam as autoridades locais que se pavoneavam com orgulho pelo êxito do centro. Todos estavam ansiosos por falar com a última incorporação do pessoal, em tanto que hordas de meninos

²⁸ Falcão usado para caçar pequenas aves.

faziam intermináveis pergunta entre bocados de bolos e refrigerantes. Em geral era muito similar às recepções para os doadores do grupo de lares nos que Grania tinha crescido, exceto pelo intenso interesse que demonstravam por ela pessoalmente.

O crepúsculo estava suavizando o contorno das montanhas quando finalmente pôde respirar profundamente e terminar sua limonada. Os meninos se foram, em tanto que uns adultos conversavam na cozinha com alguns dos especialistas em reabilitação mais experimentados.

Satisfeita de ver que tudo estava em ordem, Grania retornou à biblioteca para voltar a encher seu copo. Ao girar muito rápido em uma esquina se chocou com um homem que dava voltas a sua limonada para dissolver o açúcar. O líquido fez erupção, mas com destreza obteve que não se derramasse nada.

—Ai, desculpe-me - disse. —Lhe manchou?

—Não, senhorita - disse com acento texano; seus olhos azuis estavam alerta sob seu cabelo brilhante como um espelho.

— Eu estou bem. Mas me parece que você vai necessitar mais limonada. —Agarrou com cuidado o copo da mão de Grania e o encheu.

—Obrigado. Sou Grania Ou'Malley, a nova médica veterinária.

—Caleb Jones, geólogo do Santiago Trust.

Era Santiago Oil & Gás uma subsidiária da enigmática Santiago Trust? Quando tinha feito a investigação sobre o centro e sua vizinhança, uma prática padrão realizada pelos cientistas que esperam passar o resto de sua vida em um trabalho, tinha escutado rumores de que a fundação era mais antiga que o Texas, mais rica que Fort Knox, mais difícil de calcular que o Pentágono e mais perigosa para seus inimigos que uma bomba nuclear.

—Prazer em conhecê-lo. —Fazendo caso omissso de sua estupidez, Grania começou a satisfazer sua curiosidade.

— A que faculdade foi?

—Yale.

“Um menino da Ivy League com esse acento texano?”. Imediatamente Grania começou a lhe perguntar sobre o programa do Yale e o comparava com suas experiências na Universidade de Califórnia

Conversaram durante vários minutos sobre seus títulos, suas especialidades e suas observações do ecossistema local. Ele tinha algumas teorias interessantes sobre como a geologia subjacente afetava às plantas locais e por onde, à vida dos animais, e tinha esperanças de fazer uma investigação para respaldar suas idéias.

Assinalou uma formação rochosa na montanha e sua jaqueta vaqueira se estirou com o passar do ombro, deixando ver uma capa pistolera de ombro com duas armas.

“Por que diabos estava armado?”

Grania voltou a encher seu copo de limonada para ter um pouco mais de tempo para pensar. Não necessitava armas para roubar neste lugar, embora houvesse algo fácil de roubar. Talvez fosse polícia, pela forma em que seus olhos revisavam a sala constantemente. Mas por que um geólogo seria policial?

Bebeu um sorvo da doce e aguada bebida enquanto o olhava. Uma pessoa misteriosa como Caleb era muito mais interessante que a limonada.

Quando Grania levantou a vista para continuar a conversação, ficou sem ar ao ver o reflexo na janela. Por todos os céus, Bob estava falando com o homem grande de seus sonhos no outro extremo da biblioteca. Impossível. Como diabo poderia estar aqui ele, ao natural?

Seus olhos se cruzaram no reflexo do cristal da janela, os dela grandes com expressão de surpresa; os dele expressavam avidez.

Grania se ruborizou e a cadeia de sua cruz dourada roçava sua garganta. Seu cômodo sutiens de algodão de repente pareceu voltar-se áspero e ajustado. Seu estômago se fechou e tossiu, tratando de que chegasse algo de ar a seus pulmões.

—Está bem, senhorita? —Perguntou Caleb.

—Quer um copo de água?

—Não, obrigado. Estou bem. “Ou, melhor, estarei-o logo que deixe de olhar a esse homem. “

Viu linda falar brandamente ao Bob, quem se desculpou e se retirou. O desconhecido jogou um olhar pelo quase vazio espaço e se aproximou do recipiente do café. Outros dois homens o seguiram ambos vestiam jaquetas de tecido vaqueiros idênticos a do Caleb. As pessoas tinham um parecido quase familiar com o desconhecido, com similar nariz aquilino em um rosto eterno e curtido.

Se Grania tinha experimentado um problema para respirar, agora era dez vezes pior.

O desconhecido era mais alto do que se imaginou, media dois metros, em comparação com seu metro setenta e cinco. Seu cabelo era negro e grosso, chegava-lhe até o pescoço e era ondulado. Tinha olhos muito escuros, não negros, talvez marrom chocolate, e muito velhos no rosto jovem. Sua pele era cor azeitona. Tinha nariz aquilino, um pouco curva por causa de uma velha fratura. Uma profunda e quase brutal cicatriz, atravessava sua frente. Levava uma camisa branca e jeans escuros que delineavam os magníficos músculos de um homem forte e em bom estado físico.

Tinha botas Lucchese, de pele de jacaré, pelo menos, e estavam bem curtidas. “Céus, devia ser podre de rico.”

O desconhecido de alta estatura não caminhava como um homem comum. Deslizava-se pelo chão de uma maneira tão elegante e poderosa como um puma de Utah que uma vez tinha estudado durante horas. Depredador e perigoso insistiam seus instintos, mas ela não se movia. Sentia os joelhos muito fracos para retirar-se, sobre tudo depois de sentir um calor descer por sua coluna que desenhava uma espiral e entrava na medula. Ela sabia, com a indiscutível certeza de um shock, que estava ardendo e estava aborrecida e estava úmida entre as pernas.

—Caleb? —escutou-se a pergunta com um ruído surdo. Ele gotejava capacidade e a aura silenciosa do perigo, era um homem a quem não lhe importava nada o que o mundo pensasse dele, porque ele o podia reconstruir a sua conveniência.

Como uma maldição, ela sozinho chegava aos ombros do homem. Nem sequer poderia desenvolver a confiança habitual de olhá-lo aos olhos.

—Dom Rafael, permite-me lhe apresentar a Grania Ou'Malley, a nova médica veterinária do centro? —disse Caleb oferecendo-se.

Grania estendeu sua mão sem poder fazer nada. A única frase que corria por sua cabeça era: “Quer dar um passeio vaqueiro?” De alguma forma as arrumou para não dizê-lo sem dizer absolutamente nada.

Primeiro falava com corujas e agora isto.

—Grania, ele é dom Rafael Pérez, o administrador do Santiago Trust - terminou de dizer Caleb.

—Ao seu servidor, senhorita - dom Rafael se inclinou e lhe beijou a mão, ela sentiu os lábios mornos e íntimos contra sua pele. Ficaria um pouco mais do necessário? Não, isso era impossível.

—Senhor Pérez - disse Grania gaguejando. Maldita seja agora até soava como uma adolescente.

—É uma honra para São Leandro ter a uma doutora com sua capacidade. Se houver algo que eu ou a fundação Santiago Trust possa fazer por você, somente tem que pedi-lo.

—Obrigado pelo oferecimento. Terei-o em conta - as arrumou para dizer isso, admirada pela generosidade dele. Ele tinha comprometido ao Santiago Trust a ajudá-la?

Demônios, tinha tido bate-papos com doadores desde que tinha cinco anos. Por que não podia dizer algo interessante agora, que era importante?

—Saiba nos desculpar doutora, mas Caleb e eu devemos retornar ao rancho. Boa noite. —Dom Rafael saudou cortesmente com uma reverência, levantando sua mão para saudar.

Grania saudou formalmente com a cabeça, amaldiçoando-se por sua incapacidade para superar os clichês. Foi à janela da frente para conseguir vê-lo uma última vez.

Duas Mercedes Sedan idênticas, grandes e novos, esperavam-no; não caminhonetes ou veículos todo terreno, a não ser veículos com muito estilo e caros, fazendo jogo com as botas de jacaré Luccese, bem domadas, que ele levava.

Havia três homens, todos com o peito compacto denotando camisetas do Kevlar debaixo de suas camisas de vaqueiro, parados ao lado dos carros. Pareciam tão aparentemente inocentes, como uma manada de leões junto a um abrevadero, e de uma vez preparados para entrar em ação. Parecia que podiam deter um ataque armado em questão de segundos, sem mover um cabelo.

Ficaram em posição de firmes quando Caleb saiu do centro e rapidamente conduziu um sedan grande à entrada. Rafael subiu ao assento traseiro, Caleb ia ao volante, em tanto que o condutor anterior, um tipo com particular aspecto mortiço, transladou-se ao outro automóvel. E à medida que os dois veículos desciam pelo comprido caminho até a estrada, mostravam o andar sólido dos veículos blindados.

Por que diabos estavam tão protegidos? Eram certos os rumores a respeito do Santiago Trust? Sentiu calafrios.

Grania apenas se abstinha de pressionar seu nariz contra o vidro quando as duas Mercedes saíram à estrada. Disse com firmeza a si mesmo que devia afastar-se enquanto pudesse. Ele podia parecer o homem de seus sonhos, mas em quantas pessoas tinha podido confiar?

Bob a chamou do vestíbulo.

—Já se terminou a sessão aberta, Grania. Ainda quer vir conosco a comer em uma

churrascaria?

Seu rosto se cobriu de um sorriso.

—Sim, claro. Somente necessito um minuto para procurar minha bolsa.

Seria bom reunir-se com outros em uma churrascaria e falar do trabalho, para criar laços com a equipe do centro de aves de rapina. E se não se acalmava o suficiente para dormir depois disso, talvez fizesse observação das aves de noite, antes de deitar-se.

E com um pouco de sorte não sonharia com dom Rafael.

A Mercedes Guard Sedan blindado se dirigiu para o oeste pelo estreito caminho de cabras; o luxo do carro e a habilidade de Caleb para conduzir, faziam que Rafael tivesse uma confortável viagem a casa. O outro carro o seguia de perto, mantendo a vigilância incluso dentro do Rancho da Compostela.

Rafael estirou suas pernas e pensou nos eventos dessa noite, enquanto cantarolava uma antiga cantiga castelhana.

Conhecia Caleb desde fazia quase sete décadas, primeiro como excelente geólogo de exploração de petróleo e depois como o querido companheiro do Gray Wolf. Quando Caleb tinha sugerido assistir a esta recepção, ele tinha aceitado imediatamente, contente por trocar de cenário depois de várias semanas de constante amparo na Compostela. Tinham passado vários dias desde que os homens do Ethan tinham liquidado por última vez a um vampiro inimigo, ou um dos poucos companheiros de Senhora Celeste, e os encantos do rancho se debilitaram.

O passeio tinha sido bastante prazeroso. Tinha desfrutado do momento que passou na recreação moderna das cavalariças de um falcoeiro e o que esteve entre os grandes falcões. Demônios, Rafael incluso tinha desfrutado de debater com o diretor Bob Harrison sobre da possibilidade de realizar investigações ecológicas nas terras vizinhas do Santiago Trust.

Depois tinha conhecido à nova veterinária, Grania Ou'Malley, uma noite relaxante se tornou em uma noite frustrante.

Recordava a alguém, mas não sabia a quem. Certamente não o fazia pensar em sua última esposa, quem tinha sido baixa, de cabelo escuro, pele cremosa e formosas curvas. Grania era completamente diferente, tinha pernas largas e o cabelo era vermelho intenso, como os bosques em outono. Tinha olhos azuis como o Golfo da Vizcaya, sua pele estava dourada pelo sol e seus dentes eram brancos como pérolas. Fearghus sempre tinha elogiado essa cor sobre todos outros.

Por Deus, ela era muito bela, com seu rosto ovalada, nariz reto, maçãs do rosto elevado e uma boca feita para receber a um homem. De repente sentiu avidez por ver seus olhos azuis, escuros e tintos de paixão, de ver sua boca cheia por seus beijos e seus cabelos alvoroçados por suas carícias. E uma vez que ela fosse sua amante, veria-a vestida de seda, suave como sua pele. Então poderia explorar seus turgentes peitos e sua fina cintura, lhe sussurrando brandamente antes de chegar mais abaixo e conhecer seus segredos de mulher. Gemia brandamente ou deixaria escapar gritos quando sentisse os raptos do

prazer dos beijos íntimos de um homem?

Grania.

Pronunciou o nome em voz alta, ao estilo gaélico, tal como Ihe tinha ensinado Donald Ou'Malley fazia dois séculos. Grania. O nome Ihe sentava bem, especialmente sua tradução ao espanhol: Graça. Ela era forte e elegante, perfeita para horas de prazer na cama.

Tinha-a estudado na recepção, como um felino que espreita a sua presa, procurando algum sinal de suas relações atuais, já que ele nunca seduzia a uma mulher comprometida.

Mas não pôde ler seus pensamentos. Não tinha explorado sua mente, é obvio isso seria descortês por sua parte, e, além disso, uma prática aborrecida, quando se vive tantos anos como ele tinha vivido. Mas todos os outros prosaicos que tinham conhecido faziam de tudo, exceto gritar em voz alta seus pensamentos. Sempre resultava tão fácil introduzir-se em suas vidas ou em suas camas.

Mas não com a doutora. Ela era um muro de silêncio, exceto pelos movimentos de seu ágil corpo e o olhar de seus formosos olhos. Os únicos indícios de amizade para qualquer homem foram ao Caleb, Caleb, quem nunca tinha tido um pensamento carnal com uma mulher! Certo, Rafael tinha percebido seu almisca, mas seus sorrisos só tinham sido para o Caleb.

Rafael chiou os dentes de ciúmes e de frustração, uma vez mais.

Havia centenas de mulheres, inclusive milhares, que o receberiam gostosas em suas camas. Com o estalo de um dedo, o arquear de uma sobrancelha, ou umas palavras por telefone, elas iriam correndo para ele.

Mas era esta mulher, esta doutora educada e avantajada, que tinha pronunciado palavras nada elegantes como cretáceo e pleistoceno ao Caleb, quem Ihe encerrava sua mente com desejos carnavais. Pensando em como seus lábios vermelhos se abririam sob sua boca, como se deleitaria com seus golpes de pélvis gemendo de prazer. Ou como seu branco pescoço se arquearia esperando ser mordido enquanto juntos se fundiam em êxtase.

Como poderia seduzi-la e ver suas fantasias converter-se em realidade? Falaria-Ihe ele com doces sussurros sobre rochas nascidas faz milhões de anos enquanto Ihe oferecia rosas? Traria para o Caleb a um encontro para que o ajudasse? Ajudá-lo a ele?!

Golpeou a cadeira de couro com ira. Não, ele não necessitava ajuda. Tinha seduzido a mulheres antes, e encontraria a forma de seduzir a esta, embora seus pensamentos estivessem bloqueados depois de um muro tão resistente como uma fortaleza santiaguista. Desfrutaria desta noite e planejava sua conquista ao dia seguinte.

Rafael pulsou o interfone, satisfeito com sua decisão. Não deu importância à parte nervosa de sua pessoa; não Ihe tinha feito um nó tão grande no estômago por conhecer uma moça desde que tinha dezesseis anos.

—Emilio? Parece-te bem o novo Mercedes?

—Sim, dom Rafael - respondeu Emilio rapidamente.

Como líder dos guardas de dia do Rafael durante esta crise, usava o colete antibalas que Ihe dava um aspecto mais robusto, e pequenos auriculares para falar com outros companheiros do carro escolta. Um CAR-15, uma réplica do fuzil de assalto que ele usou

quando pertencia ao Navy SEAL, descansava sobre seus joelhos enquanto sua cabeça continuamente girava para examinar os arredores. A blindagem do automóvel era apenas perceptível, inclusive de perto, e mesmo assim ambos os veículos eram notavelmente rápidos.

Caleb tomou a curva perfeitamente e acelerou brandamente para o sol que se escondia. Adorava conduzir e tomou todas as aulas que pôde inclusive aulas de condução acrobática. Faltavam menos de quinze minutos para que anoitecesse momento em que os vampiros do Rafael substituiriam aos companheiros nas tarefas de patrulha.

—Compramos mais? —perguntou Rafael, esfregando a banda lateral de madeira cor castanha. Mercedes fez um trabalho extraordinário ao ocultar a bilheteria para armas no compartimento do passageiro.

—Não, com dois estará bem - respondeu Emilio—. Seu maior amparo é a forma em que continuamente varia seu programa. Não necessita caravanas da Mercedes idênticas para fazer o jogo dos espelhos, como fez Saddam.

—Então mais Suburbans blindados?

—Não, senhor. Oito serão suficientes. Mas talvez devesse considerar outro helicóptero.

—Falaste com o Ethan?

Algumas vacas Longhorn levantaram suas cabeças ao aproximá-los veículos e logo seguiram bebendo do lago de água de manancial. A paisagem estava tranqüila e se preparava para a lassidão de uma noite do verão.

—É obvio senhor. Os céus constituem sua maior vulnerabilidade.

Rafael assentiu lançando um grunhido e desconectou o interfone; não estava já tão preocupado ao estar tão perto de casa. Viajando em um sedan blindado, sua estratégia era a da raposa e a tartaruga: a menos que a raposa descobrisse como fazer sair a tartaruga de sua carapaça, não tinha sorte.

Era quase impossível que alguém entrasse em sua Mercedes, e protegia a seus ocupantes sem perder quase nada de rendimento. Por isso as táticas de seus inimigos implicariam obrigá-lo a deter-se e de alguma forma forçar ao sedan para entrar. Isso daria como resultado o combate mão a mão, com participação do Rafael, um vampiro maior, e seu arsenal. Quase sentia lástima dos assassinos de Senhora Celeste.

O caminho se fez de um só sulco à medida que subiam para o desfiladeiro. Teria que sair novamente esta noite para alimentar-se. Ninguém no rancho o poderia distrair da acadêmica ruiva. Tamborilou com seus dedos irritados pela obsessão.

—Senhora Celeste nunca montou um ataque aéreo - objetou Rafael, obrigando-se a permanecer em uma linha de pensamento marcial.

—Sempre há uma primeira vez, senhor.

Rafael riu ante a educada reprovação do homem a quem tinha visto pela primeira vez em fraldas.

—Falaremos mais disso quando estivermos no rancho. Estou seguro de que já tem uma recomendação.

—Sim, senhor.

Rafael pressionou a tecla para cortar o interfone. Ethan e Emilio podiam falar

durante horas sobre alta tecnologia.

Gostaria a Grania tais maravilhas mecânicas? Ou emprestava tanta atenção a seus pacientes que o mundo que a rodeava desaparecia? Concentrava-se com seus amantes com tanta intensidade como com seus pacientes?

—Desculpe senhor. —A voz do Emilio saiu com clareza pelo interfone, com o ruído do vento de fundo que entrava pelo guichê que acabava de abrir.

— Você sabe se Johnson já vendeu seu helicóptero? O velho helicóptero que usa para fumigar os cultivos?

—Não, que eu saiba. De fato ele falou de arrumar o motor. —Rafael escutou o ruído de o constante bater das paletas do helicóptero. Definitivamente era o brinquedo do Johnson. Franziu o cenho considerando possíveis explicações, enquanto o cabelo sobre seu pescoço começava a lhe picar.

—Alguma idéia de por que está tão longe dentro de seu rancho?

—Não, não tão tarde a esta hora do dia. Talvez esteja recolhendo alfafa.

Nesse ponto o caminho era muito estreito, entre uma ladeira pronunciada e um precipício que caía ao rio São Leandro.

Emilio começou a voltar-se, mas antes que pudesse olhar pela janela traseira, Caleb gritou e pisou no acelerador.

—Emboscada!

Então a ladeira explodiu e se converteu em um geiser rochoso, em tanto que a Mercedes deu um viravolta brusca. Uma rocha caiu na parte traseira do carro e o fez derrapar perigosamente perto do bordo do precipício. Emilio fechou sua janela rapidamente e trouxe seu rifle colocando-o na abertura para armas do pára-brisa, preparado para a ação. Rafael agarrou rapidamente as duas Colt 45 da bilheteria oculta, a ponto para brigar se o veículo se via obrigado a deter-se. Olhou para trás para ver o carro de escolta e só encontrou uma nuvem de pó e pedras.

“Mãe de Deus permite que meus homens estejam a salvo. “

As rodas se agarraram ao caminho novamente, deixando atrás uma coluna de pó. Caleb pisou com força o acelerador impulsionando-o para diante, como o corcel de um cavaleiro que escuta o doce trovejar do corno chamando à ação. O enorme motor rugia enquanto lutava por ganhar velocidade.

—Atacam-nos! Ao chão, senhor! —gritou Emilio.

Luz e ruído estalaram justo detrás deles. A onda expansiva sacudiu ao pesado sedan empurrando-o para diante. A Mercedes alcançou um lance do caminho sem rochas e avançou a toda velocidade enquanto outra explosão fazia ranger ao veículo. Rafael enviou uma rápida prece ao Santiago.

—Um RPG, senhor, disparado do topo da montanha—informou Emilio. As balas ricocheteavam contra as janelas—. Maldição, também tem duas pistolas no helicóptero.

—Dons Rafael, agora vão pôr em marcha um de nossos helicópteros. Tempo estimado de chegada, cinco minutos. A voz do Jean Marie se escutou glacialmente calma.

—Maldito seja, não - respondeu Rafael bruscamente—. Ainda há muita luz para que saia fora.

—Eu fui vampiro durante quase dois séculos, suficiente para caminhar no

crepúsculo. Necessita outro vampiro que brigue junto a você.

—Merda. —Rafael amaldiçoou, mas não seguiu discutindo.

— Se Jean Marie era assassinado, ele mataria a cada vampiro de Nova Orleães e jogaria suas cinzas ao Misisipi.

A Mercedes agora corria a toda velocidade, mais rápido do que Rafael tinha imaginado nesse pobre caminho. As balas estalavam contra suas janelas e lados. O helicóptero os seguia diretamente por detrás, evitando a ladeira e descarregando sua fúria das portas abertas.

—Todos nossos homens saíram do carro escolta e estão a coberto, senhor. Ninguém resultou ferido.

Graças a Deus. Rafael fez o sinal da cruz e se meteu nos bolsos algumas das provisões da bilheteria. Doaria um teto novo à igreja católica em agradecimento pelas vidas de seus homens, e talvez um novo aparelho de ar condicionado para a escola dominical da igreja batista.

— Dirigem-se para o filho da puta com o RPG e nos desejam sorte com o helicóptero - adicionou Emilio.

A pesar do perigo que corriam Caleb assobiava uma versão um pouco desafinada da Minnie the Moocher enquanto fazia derrapar à Mercedes em uma curva. Acelerou rápida e fortemente à medida que o caminho girava para o sul, antes da fuga final para o desfiladeiro marcado pelas linhas elétricas. As balas salpicavam contra as janelas como granito, em tanto que mais chumbo ricocheteava nos flancos blindados do Mercedes.

Rafael se uniu à canção repetindo o coro sem sentido. Um bom corcel e bons camaradas, que cavalheiro podia pedir melhores companheiros para uma luta?

Caleb virou bruscamente para o desfiladeiro, preparando-se para a curva fechada que seguia. Pôr-do-sol estalou em seus olhos quando passaram debaixo das linhas elétricas que atravessavam o caminho nessa parte. Em lugar de entrecerrar os olhos, Caleb acelerou com mais força e o motor do Mercedes respondeu com um capitalista rugido.

O helicóptero apareceu pelo desfiladeiro no alto e virou para o sol. De repente, outro helicóptero maior desceu em picado para ele do oeste cuspidando balas. A mão do Rafael aferrou com força sua arma enquanto olhava atentamente. Merda detestava ser um observador.

O menor cobrou altura para escapar, mas suas paletas se engancharam em uma linha elétrica, que partiu o metal como se fossem ramos. As faíscas voavam pelo ar iluminando o céu como foguete.

O resto das paletas continuou batendo uma, duas vezes, mas não puderam manter ao pássaro no ar. Ficou suspenso no céu durante um momento interminável. Depois o nariz baixou e caiu em picado para a montanha debaixo do caminho. A explosão que se produziu foi breve, mas intensa.

—Fique aqui até que Ethan possa fazer-se carregado, depois volta Jean Marie.

—Très Bien²⁹, dom Rafael.

Caleb não se deteve até que chegou à casa do rancho da Compostela. Aí foi onde Jean Marie encontrou ao Rafael uma hora depois, bebendo um uísque com menta no

²⁹ Muito bem

alpendre. Apenas visível do rancho, as luzes altas dos carros e as lanternas marcavam o lugar onde o xerife local e seus homens estudavam o acidente, sob a vigilância do Ethan.

Rafael se levantou de um salto e o abraçou, examinando-o se por acaso estava lesado. Satisfeito, deu-lhe uma palmada nas costas a seu filho. Jean Marie simplesmente sorriu todo o tempo, extasiado de ter cruzado esta soleira na vida de um vampiro.

—Uma ocasião como esta merece celebração. Champagne ou uísque de hortelã, meu filho?

Jean Marie atirou seu colete do Kevlar sobre outra cadeira.

—Sempre celebramos as brigas no Texas com um uísque de hortelã. Então um uísque de hortelã, por favor.

Rafael lhe deu um murro brandamente no braço e lhe serviu um.

—Me informe, por favor.

Começaram a caminhar junto e instintivamente se dirigiram ao campo de tiro ao alvo.

—Eram humanos, não companheiros ou vampiros. Provavelmente mercenários, com toda segurança tinham um treinamento militar.

Rafael resmungou.

—Não é de surpreender, dado que a oferta atual de Senhora Celeste por minha cabeça é de cinquenta milhões de dólares.

—E é provável que suba, de modo que terá que ficar aqui na Compostela.

—Não. Não passarei meus dias passeando pelo rancho como um leão enjaulado.

—Não pode arriscar sua vida indo onde não podemos te proteger - replicou Jean Marie.

—Irei onde me agrada e farei o que me agrada. De necessário, posso levar mais guardas comigo - adicionou depois vendo que Jean Marie furioso se mordida a língua.

—Se alegre, meu filho. Hoje sobrevivi porque meu amparo é bom e o seguirá sendo. Não há nada do que preocupar-se.

—Deveria ter mais cuidado - insistiu Jean Marie obstinadamente.

—Também devo viver minha própria vida, e não me encolher por medo ao próximo ataque de Senhora Celeste. Recorda que os vampiros do Texas também têm presas, meu filho. Lars está em Nova Orleães e tem permissão para matá-la quando se apresente a oportunidade.

Seu filho maior sorriu com um brilho em suas presas.

—Espero que o obtenha logo. Ele parece que pode aproximar-se o suficiente para decapitá-la.

—Talvez sim, talvez não. Mas também lhe disse que fizesse todo o possível para perturbá-la.

—Já é hora de que se em frente a um verdadeiro professor de jogos sujos, alguém que poderia fechar seu clube noturno e seu cassino. Estes são a fonte da maioria de seu dinheiro, e de seus lindos moços.

—Uma retribuição justa, por certo. Não estou seguro do que fará quando souber que seu intento falhou. Montará guarda no centro de comunicações esta noite? Você saberá como interpretar qualquer rumor proveniente de Nova Orleães.

—Certamente, meu pai - assentiu seu filho rapidamente—. Primeiro podemos jantar juntos aqui.

—Sairei para me alimentar, não importa o que passe - disse Rafael energicamente, mas se suavizou quando Jean Marie abriu a boca para começar a discutir novamente.

— Relaxe, Jean Marie, os acertos são tão novos que nenhum acossador pode havê-los antecipado. Ethan e seus homens também me acompanharão.

Grania estacionou sua caminhonete perto do porto esportivo, a menos de duas milhas do centro de aves de rapina. Tinha jantado churrasco e tinha falado sobre o trabalho com outros veterinários, uma reunião relaxada e divertida. Tinha admirado as fotos dos filhos de seus companheiros e tinha feito comentários apropriados, e enquanto o fazia se perguntava se Rafael Pérez estava casado. Um pensamento muito tolo. Era muita idiotice por sua parte seguir pensando em um homem, somente porque se parecia tanto ao de seus sonhos.

De modo que tinha retornado a sua pequena casa e tinha cuidadoso aos outros moços da lista de serviço em linha de entrevistas. O qual era realmente algo estúpido de fazer; todos eles pareciam completamente aborrecidos depois de ter visto Rafael Pérez. Logo depois de amaldiçoar-se por ser uma idiota, finalmente se desconectou e decidiu ir observar corujas.

Esta noite necessitava da condição indomável dessas aves, essa capacidade para aparecer quando e onde elas escolham que sempre era à hora e no lugar menos esperado e muito provavelmente para assustar a seu buscador. Tinham a capacidade de mimetizar-se com o entorno cada vez que queriam ou de produzir uma série de gritos que soavam como vozes do mais à frente, os quais se podiam entender sozinho tentando-o com muito esforço. Era o símbolo de tudo o que era verdadeiramente indomável e desconhecido, e sempre as tinha necessitado tanto como o ar para respirar. Esta noite ela queria estar com elas na simplicidade de seu mundo, e não no mundo das multidões, onde caminhava Rafael Pérez.

O centro de aves de rapina estava situado no extremo oeste do parque nacional, formado em sua maior parte por carvalhos, algarobeiras, e pedras, com alguns atalhos que o atravessavam. No extremo leste havia um grande lago, e um centro turístico popular, o qual estava muito concorrido pela festividade do Dia da Comemoração aos mortos. A propriedade do Santiago Trust limitava com o centro ao norte.

Grania estacionou no limite, entre o centro de aves de rapina e o parque. Entrou no bosque caminhando lenta e silenciosamente, e se orientava observando cada tanto às estrelas, como Tom lhe tinha ensinado. Divisou uma coruja branca e um cárabo norte-americano, e os apontou cuidadosamente em seu caderno de notas, somente para assegurar-se que ainda podia atuar cientificamente e com calma, sem importar quão nervosa estivesse.

Seguiu o protocolo para observações de corujas, é obvio. Tinha permissão total para fazer observações de corujas, tanto no centro de aves de rapina como no parque público.

Não usava fitas com gritos de corujas porque preferia não fazê-lo, salvo que fosse a temporada de emparelhamento. Sempre ficava extremamente quieta e em silêncio e fazia tudo em câmera lenta, tanto ou mais do que Tom lhe tinha ensinado. Quando encontrava uma coruja se atirava ao chão até que a ave se relaxava e trocava sua posição erguida de alarme à posição relaxada. A coruja branca era tão certa com sua magnífica camuflagem que quase parecia burlar-se dos penosos intentos de Grania por encontrá-la. Muito estranha vez visitava os lugares onde tinha observado às corujas, com certeza não antes de três ou quatro semanas, para não as incomodar. E definitivamente não diria a ninguém nada sobre estas corujas, não permitiria que ninguém as incomodasse a estas a ou qualquer outra coruja por nenhuma razão.

Ela também usava óculos de visão noturna de protótipo militar, para observá-las da maior distancia possível, desse modo reduzia o estresse nas aves. Seus óculos de visão noturna e seu amplificador de luz foram uns presentes de soldados das Forças Especiais Norte-americanas a quem ela tinha ajudado na Colômbia. Esta equipe pesada era uma cópia de que usavam os soldados e era tão caro como inalcançável para um investigador da vida silvestre. Eles não tinham aceitado que o devolvesse. Agora se perguntava se alguma ave posaria em uma de seus espirais ou laços, o máximo elogio para qualquer pessoa que trata de passar inadvertida no bosque.

Mas nem sequer observar corujas podia captar sua total atenção agora. Seus pensamentos ainda estavam postos em certo homem alto que se deslizava como um puma.

Finalmente se encontrou no bordo de um matagal de algarrobos muito mais acima do lago que estava abaixo. As estrelas brilhavam, o ar era quente e úmido e se via uma tormenta relampejando para o sul. O aroma acre do algarobeira a tranqüilizou, lhe recordando os passeios de menina com o Tom e os dias de universidade na Califórnia.

Grania respirou profunda e lentamente, deixando ir às frustrações da noite. Voltou a tomar ar, de uma vez que saboreava a mescla de aromas familiares e desconhecidos. O ar do Texas. Entrou mais no matagal, em um intento de aprender mais sobre seu novo lar. A respiração de ioga se produzia facilmente à medida que se concentrava nela e deixava que sua consciência se relaxasse e recebesse ao mundo que a rodeava. Os pequenos animais noturnos se foram aproximando sigilosamente à medida que ela se voltava parte do mundo do matagal.

Grania sorriu a coruja cornudo que a observava do alto de um ramo. “Bem-vindo, amigo”, murmurou sob sua respiração e se alegrou. Ao menos até que chegaram mais visitantes de dois pés.

Rafael jogou uma olhada rápida ao redor e ficou satisfeito. Tinha encontrado um bom lugar com erva, felizmente sem formigas de fogo. Arrojou uma manta ao chão, logo voltou a beijar a Brynda larga e profundamente. Ela deixou escapar um gemido dentro de sua boca e se arqueava a medida que ele pressionava sua pélvis. Era uma amiga apreciada,

uma viúva que tinha trabalhado com seus advogados de toda a vida. Também era uma amante disposta que nunca se oporia a compartilhar seu sangue com ele. Somente resistia a copular com ele, graças a uma estranha necessidade de manter distância profissional entre eles.

Mas seu sangue era doce, por não dizer extremamente saboroso, e calmava sua frustração com a doutora ruiva. Sua língua explorou o mais recôndito da boca da Brynda, tentando-a. Ela se estremeceu e começou a balançar seus quadris contra ele. Ofegou esforçando-se por respirar em tanto que seus cabelos loiros caíam sobre seus ombros. Beijou-lhe a bochecha e deslizou sua mão por dentro do cinto.

—Ah, sim, dom Rafael, isso!Acaricie-me o bumbum! Mais abaixo, meu garanhão. Leva sua mão para baixo, onde possa senti-la de verdade. Ah, sim, isso. —Ela se estirou para lhe dar outro beijo.

Bom, não se podia dizer que Brynda não soubesse exatamente o que queria. Rafael sorriu para si enquanto obedecia.

—Doce Brynda - sussurrou.

Ou é que não sabia lhe expressar a seu amante o que gostava, mesmo que sua linguagem pelo geral refletia a carreira naval de seu defunto esposo mais que sua vida formal como assistente de advogados. Suas calças curtas estavam muito apertadas e não deixavam muito espaço para jogar, embora cedessem bem por debaixo de seus quadris e os dedos se metiam com facilidade entre suas nádegas. Acariciou levemente com um dedo o contorno de seu ânus, em tanto que a outra mão baixava a cremalheira. Ela escapou do beijo ofegando e de um puxão se tirou às calças.

—Demônios, dom Rafael, poderia fazer que uma monja abandonasse o convento! Onde diabos aprendeu esse truque? Não importa, somente volta a fazê-lo uma vez mais antes que sua mão se deslize para o lugar desejado.

Rafael a voltou a beijar enquanto sua mão afundava mais abaixo e se movia agora com mais liberdade. Ela se estremeceu e se estirou esfregando seus peitos contra o torso dele. Ele se deixou levar, para esquecer da volta no matagal de algarrobos. Ou de que Ethan e dois de seus homens estavam a tão só passos de distância. Este era o momento de levar a sua companheira ao ponto máximo de prazer, para que o sangue se infundisse com toda a emoção possível e assim ele poderia alimentar-se. E talvez, talvez pudesse deixar-se levar e entregar-se a esse momento o tempo necessário para ter seu clímax. Talvez. Um vampiro não precisava ter um orgasmo quando bebia sangue. A dentada acentuava os sentimentos do outro, os que fossem por isso seus amantes sempre tinham um orgasmo incrível quando ele se alimentava, graças a sua insistência no prazer sexual. Mas pelo geral ele simplesmente se relaxava depois, sentindo o similar confortável prazer que lhe outorgava sua própria mão.

Mas esta noite queria mais. Queria sentir sua mente livre de ataduras e razões, esse sentimento impulsionado pela petite mort, a pequena morte que o êxtase sexual podia lhe dar. Precisava esquecer à veterinária ruiva e viver sozinho o mundo de seu corpo de vampiro, onde tinha arroxado durante sete séculos e meio.

Então lambeu a orelha da Brynda acompanhando o ritmo das carícias apaixonadas que fazia a seus clitóris. Ela gritou e sua linguagem rapidamente se transformou em

anglo-saxão. O percorreu seu pescoço com a língua e com facilidade descobriu seu lugar mais sensível, deu-lhe uma suave dentada e voltou a lhe passar a língua. Convulsionou-se contra ele, gemendo enquanto pronunciava seu nome. Seus dedos acariciaram as dobras, o que provocou uma corrente de sucos que umedeceram a tanga. Depois atirou do Top para cima e começou a lhe beijar os mamilos até que ficaram endurecidos, rosados e brilhantes à luz da lua.

Ela repetiu seu nome soluçando e aproximando sua cabeça ainda mais. Começou a sugá-la e com seus dentes roçava os ricos casulos de seus mamilos, provocando a maior sensibilidade possível. Desfrutava de levar a Brynda ao orgasmo mais de uma vez lhe dando prazer sozinho a seus seios.

Rafael a levou com cuidado ao chão. Ela deixou escapar um grunhido de alívio quando se despojou de sua tanga.

—Sim, agora está melhor! Estava-me incomodando.

Ele subiu as mãos lentamente pelas coxas da Brynda, desfrutando da excitação que lhe provocava. Retorceu-se, respirando-o sem nenhum reparo a que seguisse. Fez uma pausa sorrindo, enquanto aumentava o desespero dela, e pela primeira vez seu pênis se inchou levemente. Brynda começou a ofegar e atirou com força de suas mãos.

Rafael soltou uma risada e mordeu levemente seus magníficos mamilos. Ela se arqueou e gritou enquanto chegava a seu primeiro orgasmo. Antes que terminasse, ele com seus dedos a levaram a um segundo orgasmo e logo a um terceiro, com sua boca roçando a dela. O quarto se produziu pelas carícias no clitóris. Doce, muito doce. Mordeu-lhe com força a jugular quando o quinto orgasmo a alagou. Desfrutava da bebida e com sorte se esqueceu da ruiva, mesmo que seu pênis não se endureceu o suficiente para ter um orgasmo.

Uma mulher se afogou em alguma parte perto deles. Rafael se paralisou e seus sentidos de vampiro ficaram em alerta total.

—Mas, que demônios? —amaldiçoou Ethan—. Dom Rafael, há uma mulher no matagal, justo ao norte de onde você se encontra. Alta, de cabelo castanho ou talvez ruivo.

—Está na direção do vento para nós, por isso não pudemos cheirá-la, - sussurrou Rafael.

— Quem quer que seja, é tão sigilosa como um vampiro.

Retirou as presas do pescoço da Brynda, mas continuou esfregando com delicadeza seus clitóris. Ela gemeu brandamente, logo que se relaxando de seu clímax de êxtase sexual. Leves rangidos marcaram ao Ethan o caminho para o lugar onde estava a outra mulher. Rafael também trocou de posição examinando o ar, até que descobriu o aroma da espectadora.

“Caralho! A veterinária o estava espiando, ela, a de cabelo vermelho e pernas largas mais incríveis ainda. E sem lugar a dúvidas estava excitada, seu doce almíscar o fazia cócegas no nariz. “ Seu membro imediatamente ficou em alerta total, enchendo os jeans com a candente pressão do ardente desejo.

—A Mato? —Perguntou Ethan em um tom sereno como se estivesse discutindo qual é a melhor cor para um novo caminhão.

—Não! —Replicou bruscamente Rafael.

A pequena mulher estava pronta para lutar. Nunca tinha visto um humano atacar deliberadamente a um vampiro. Semelhante coragem para proteger a alguém que ela não conhecia! Não merecia morrer, a menos que verdadeiramente fizesse mal.

—Não, não tem feito nenhum movimento contra nenhum de nós. Ordenarei-lhe que se vá e se esqueça do que viu esta noite. Centrou sua atenção em Grania para chegar a sua mente.

Fazia isto antes milhões de vezes a milhares de pessoas. Somente uma simples sugestão seguida de um poquinho de esquecimento sem dor, uma habilidade fundamental para a sobrevivência de um vampiro entre os imprevisíveis prosaicos.

Sua sondagem se chocou com uma parede em branco. Sabia que era Grania, podia sentir sua textura mental que a faria peculiarmente única. Mas não podia encontrar a forma de lhe falar. Procurou alguma entrada na fachada de sua mente. Todos os humanos tinham um portal para as sugestões telepáticas, já fora que se tratasse de um vampiro antigo ou de um prosaico.

Nada. Não pôde encontrar nenhuma fresta. Abandonando a sutileza tentou pela força. Vai pequena. Vai!

Seus escudos permaneciam ativados. Não se movia nem um músculo desse esplêndido corpo. VAI! Rafael gritou tão forte como pôde por todos os canais. Ethan e seus dois homens retrocederam.

Um tênue tremor correu pelo corpo de Grania. Seu aroma deixava rastros de dor, mas não de medo. Ela ficou onde estava no matagal. Refugiada em sua saciedade, Brynda suspirava e se estirava, ondulando-se pelas leves sacudidas.

Rafael fechou os olhos por um momento. Tinha que admirar a persistente coragem de Grania, sua negativa a correr apesar de que devia saber que tinha visto um vampiro. Que fazia agora? Confiar em que ela não o mate ou dele fale?

Seus instintos de vampiro permaneceram em calma, portanto poderia funcionar.

—Dons Rafael, têm-a no olho, - disse Ethan.

—Não, deixaremos-la que olhe, - decidiu Rafael seguindo seu instinto. Seu pênis começou a pulsar com força e ansiedade. Sorriu ironicamente. Como é lógico, ser exibicionista atraía um lado dele que não tinha visto em séculos. Ou talvez o que lhe atraía era a audiência.

—Depois, deverá vigiá-la e se começar a falar disto, deverá raptá-la. Compreende?

—Sim, senhor.

Rafael se passou a mão pelo cabelo enquanto deliberava como oferecer o melhor espetáculo para a doutora. Então atraiu a Brynda para seu peito, deixando que a expressão dela ficasse à vista de Grania, e percorreu suas pernas.

A observadora silenciosa saberia o que estava ocorrendo, mas sem ter todos os detalhes.

Deslizou sua língua sobre os lábios da Brynda, despertando assim o desejo carnal nela.

—Mais? —sussurrou ela.

— Quer que goze de novo?

—É obvio senhora. É tão formosa sob o feitiço da paixão...

—Adulador - disse ela soltando uma risadinha e se entregou para receber outro beijo.

—Sim! —murmurou ela quando um momento depois ele acariciava apaixonadamente seus peitos—. Assim, assim...

Rafael continuou acariciando-os até que se incharam, em tanto que ela gemia e se estremecia. Tomou seus mamilos com os dedos e brandamente os retorceu e depois atirou deles, e enquanto o fazia ela balançava seus quadris esfregando-se contra ele.

Ele se excitou ao perceber o rico aroma do almíscar de Grania. Sorriu sentindo o triunfo masculino absoluto, enquanto seu pênis se endurecia ainda mais. A puta de cabelos vermelhos estava extasiada com o que ele fazia. Rafael afligiu com frenético e brutal êxtase os esplêndidos peitos da Brynda de todas as formas que mais gostava. Com soluços de prazer lhe suplicava que a fizesse alcançar o clímax. Ofegando lhe disse que estava fazendo exatamente o que ela desejava quando sentiu que acariciava suas dobras íntimas e jogava com seus clitóris.

Primeiro afundou dois dedos, logo três, e ela começou a agitar-se no vaivém de seus quadris. Continuou empurrando mais intensamente contra a mão dele, seguindo os movimentos desta e arqueou suas costas contra ele.

—Caralho, me faça gozar!

O aroma de Grania começou a intensificar-se ao redor do Rafael, um aroma de avidez de prazer e excitação. Seu pênis palpitava com força apanhado nas ataduras do jeans. O primeiro golpe do orgasmo da Brynda estalou muito profundo dentro dela. O índice do Rafael encontrou o ponto G da Brynda, em tanto que as presas se afundavam em seu pescoço. Ela lançou um grito de êxtase e se arqueou enquanto sentia que o potente impacto lhe enviava ondas de prazer sexual, uma atrás de outra por todo seu corpo.

—Sim, sim! Deus, sim!

Grania gemeu. O inconfundível aroma de seu clímax se deslizou pelos orifícios nasais do Rafael.

Rafael chupou com força, saboreava o ácido e vivo sabor do prazer carnal da Brynda que fluía em sua boca através do sangue dela. Sentiu um estalo crescer em seu corpo, passar através de seu testículo até explodir como um geiser em seu pênis. Lutou para não perder o sentido enquanto notava que lhe estalavam estrelas em sua cabeça. Recuperou-se rapidamente, o suficiente para sentir que Brynda se afastava. Reduziu a tensão de sua mão soltando-a com cuidado e beijou a Brynda na cabeça, estremecendo-se.

“De onde tinha saído um orgasmo como esse? E, Meu Deus, o que ia fazer com Grania?”

Grania se endireitou com cuidado e lentamente sua respiração se estabilizou. Um orgasmo. Ela tinha tido um orgasmo sem tocar-se de nenhuma forma, somente por olhar a esse homem com outra mulher. Uma cena que havia sentido como se revivesse sua própria memória, impossível! Tinha lido sobre esses orgasmos em livros sobre sexo, mas nunca antes o tinha experiente. E, entretanto tinha ocorrido sem lugar a dúvidas.

Ela fechou os olhos um momento. Tinha que pensar em outra coisa mais, como em que um homem bebeu o sangue de uma mulher. Mas ela tinha visto dom Rafael fazer isso exatamente. Tinha visto seus dentes. Tinha presas funcionais, aparentemente afiados

como uma navalha de barbear e comparáveis aos de um morcego vampiro. Mas essas pragas requerem que suas presas estejam dormidas e não em um clímax orgásmico para beber de seu sangue.

Tinha-o visto chupar o pescoço da mulher. Tinha visto gotas de sangue na pele e no queixo da mulher depois disso. A única conclusão era que ele tinha bebido seu sangue.

Então, o que era? Um vampiro? Os vampiros eram criaturas de mitos e lendas estudados por cientistas sociais. Nenhum veterinário nem nenhum outro biólogo titulado tinham observado um vampiro alguma vez.

O que dizia o método científico sobre o que fazer quando uma observação não concordava com uma teoria aceita? Investigar, analisar e repetir a observação. Formular uma hipótese só se for absolutamente necessário.

Ela precisava ver mais coisas dele ,antes que pudesse decidir procurar uma explicação. E tinha que deixar de perguntar-se como seria ele nu.

CAPÍTULO 4

“Rodrigo despertou sobressaltado, tinha uma espada em sua garganta. Tinha estado sonhando voltando para o Toledo e ver a Blanche agora que estava recuperando força e tinha a esperança de que seu resgate se produzira rapidamente.

Seus olhos se abriram em um instante e se encontraram com os olhos cheios de crueldade do Diego. Rodrigo tentou sentar-se, mas a espada o pressionou mais, até que começou a emanar sangue; então desistiu grunhindo. A seu lado, Fearghus amaldiçoou pelo baixo. Os únicos sons que se escutavam eram os emitidos pelos homens de seu primo que estavam dormindo perto, em sua propriedade em Granada.

—Mãe de Deus, Diego o que significa isto? —inquiriu Rodrigo energeticamente.

— Chorei sua morte, acreditei-te morto.

—Estou-o, para ti e para todos outros infiéis. Agora sou Jamil e sou um verdadeiro crente.

—Como pôde renunciar ao cristianismo tão facilmente, quando foste ser renomado cavaleiro pelo Rei em outono? Apóstata! —disse-lhe, lhe cuspiendo ao Diego na cara.

O rosto do Diego se contraiu de fúria e levantou sua espada para arremeter um golpe mortal. Rodrigo se preparou para saltar. De repente, sentiu um enorme peso cair sobre suas pernas e braços e não se pôde mover. Que magia diabólica era essa? Por que o ruído de sua discussão com o Diego não despertava aos homens de seu primo?

Uma figura que emergiu das sombras ao lado do Diego cobrou forma. Envolto em uma capa negra alcançou apenas o ombro do Diego.

—São estes os infiéis dos que falou yaa ibnil'aziiz³⁰? —perguntou o homem na língua árabe pura do bordo leste do Mediterrâneo. Meu querido filho? Diego tinha sido adotado?

³⁰ Meu querido filho. (Árabe)

As mãos do Diego se fecharam sobre sua espada, à luz da lua, e depois se relaxou lentamente. Com cuidado baixou a folha curva.

—Sim, yaa ibni l'aziiz. São os únicos cavalheiros cristãos que ainda estão cativos.

Os olhos escuros como umas fossas debaixo do capuz da capa esquadrinharam ao Rodrigo, até que sua pele tentou deixar os ossos arrastando-se. Rodrigo lutou para liberar-se, mas não pôde. De que forma O Sírio o deixava sujeito? Rodrigo desejava assassinar ao porco e desencardir-se depois por meio de um bom jejum junto com seus companheiros santiaguistas.

—Porco asqueroso? Atreve-te a sujar meu nome, a mim, um verdadeiro muçulmano, me chamando dessa forma? —gritou grunhindo o recém-chegado.

Deu um reverso ao Rodrigo que o arrojou fora da cama de armar e o esmagou no chão. Rodrigo via estrelas dançar frente a seus olhos e sentiu o sabor doce e a ferro do sangue que corria com força por sua língua.

Fearghus pronunciou um quase inaudível murmúrio de fôlego, enquanto Rodrigo tentava erguer-se com calma. Recuperou forças para atacar, mas de repente ficou apanhado pela mesma pesadez.

O Sírio o estudou, com a mesma má vontade com a que um granjeiro estuda a um burro resistente, antes de dirigir-se ao Diego.

—Certamente parecem fortes para sobreviver a dias de tortura, a diferença dos outros, que não sobreviveram. Agarremo-los e em marcha! Tortura? Dias de tortura?

—O que tem que os outros? —perguntou Diego humildemente—. Há muitos outros homens que poderia te brindar satisfação similar.

O Sírio deu uma bofetada ao Diego que o deixou cambaleando. Ai, merda, como desfrutou do Rodrigo quando viu isso, apesar da fúria que sentia por estar indefeso.

—Todos outros homens aqui são muçulmanos, seguidores do Islã - replicou O Sírio zangado.

— Nenhum muçulmano se aproveita de outro muçulmano. A menos que queira me fazer duvidar de sua conversão, não voltará a me mencionar isto.

—Me perdoe, yaa ibni l'aziiz. Não foi minha intenção dizer isso. — A voz do Diego e sua atitude eram totalmente humildes, como se prostrasse ante O Sírio. Seus olhos brevemente refletiram a promessa de uma vingança contra Rodrigo, por ter presenciado esta humilhação, antes de beijar os pés do Sírio.

—Está perdoado, yaa ibni l'aziiz. Todos cometem enganos e você aprenderá deste.

Levantou sem esforço sobre seu ombro o agora amarrado Rodrigo, e se dirigiu à entrada.

—Nossos anfitriões ficarão furiosos por nos haver seqüestrado - protestou Rodrigo, mesmo que respirava com dificuldade.

— Furioso é um qualificativo leve comparado com como se sentirão Achmed e meus primos. Eles são uma família muito orgulhosa e poderosa. —Houve um espionismo de esperança no coração do Rodrigo.

O Sírio soltou uma risada.

—Deixa que se sintam insultados e venham por nós. Até se viessem com o Abu Yasuf, que derrotou a esses cães infiéis em Écija, posso-os destruir a todos.

— Devido a que pode ler suas mentes e fazer que suas extremidades se convertam em água - assentiu Diego enquanto arrastava ao Fearghus para fora como se fosse um pato amarrado.

— Verterá seu sangue como água pelo chão, ou a beberá como veio.

Ao Rodrigo lhe fez um nó no estômago. Mesmo assim, ele tinha prometido ao Santiago que, sem importar o que demorasse ou quanto tempo demorasse um dia ele voltaria para seu lar, voltaria para Blanche e a seus filhos”.

Grania disse a si mesmo com firmeza, uma vez mais, que de maneira nenhuma tinha podido ver um vampiro. Ela tinha visto um homem muito atrativo, de fato um homem tão sexy que lhe tivesse gostado de ter uma aventura com ele, como masturbava a uma mulher e como lhe mordida o pescoço. Isso tinha sido tudo.

Está bem, tinha dentes largos, realmente largos. A mulher com a que tinha estado tinha umas gotas de sangue em seu pescoço, justo em cima da jugular, um lugar análogo aquele de onde os mongois tiravam sangue de seus cavalos, de forma rotineira e repetida. Com certeza a mulher não parecia ter sido machucada, a julgar pela maneira em que acariciava a cabeça dele enquanto lambia seu pescoço. Mas inclusive se os vampiros existissem, as únicas observações a respeito deles provinham de historiadores e antropólogos. Era essa descrição o suficientemente precisas para ser confiáveis? Mas se algo como esses vampiros caminhavam realmente pela terra e tinha más intenções para com os humanos, ela não queria conhecer um. Nem brigar com nenhum, embora somente tivesse a metade dos poderes que lhes atribuem.

Ela tinha pensado em tentar evitar que Rafael fizesse mal à mulher. Inclusive tinha começado a parar-se. Mas parecia não haver nenhuma dúvida de que Brynda, esse era seu nome verdade? Estava desfrutando ao máximo, pela forma em que a afortunada mulher o fazia.

—Ah, dom Rafael, sabe incrivelmente bem como deleitar a uma garota - sussurrou Brynda ao final, e o beijou na boca.

Grania apertou os dentes, muito consciente de sua forte dor de cabeça, da umidade entre suas coxas e dos ciúmes persistentes pela outra mulher. Talvez tivesse um orgasmo, mas tivesse preferido gozá-lo nos braços de um homem, como o gozou a outra.

Rafael a beijou com tanta delicadeza e lhe disse algo tão brandamente ao ouvido, que Grania não pôde escutá-lo. Brynda se ruborizou, vendo-se por um momento quase como uma adolescente, antes de vestir-se enquanto recolhia seus pertences. Retornaram caminhando juntos ao lago, de braços dados.

Grania os seguiu com cautela utilizando todos seus anos de treinamento e experiência em espreitar animais silvestres, e estava agradecida de ter caminhado antes várias vezes por esse terreno. Mesmo assim, era estressante planejar sua rota o mais cuidadosamente possível, manter a sua presa sempre à vista e de uma vez permanecer na

direção do vento.

Passearam malditas seja; ele animou um pouco a Brynda ao princípio, enquanto lhe contava que ele era melhor que ir às compras ou que o chocolate.

Grania se escondia em posição vertical, tal como seu padrinho lhe tinha ensinado para seguir às presas, pondo seu peso sobre os pés, primeiro para fora, depois deslizando o pé gradualmente pelo chão e sempre pronta para retirá-lo ante o mínimo indício de que um ramo poderia quebrar-se sob os pés.

O ar úmido se sentia extremamente cansativo em sua pele, o suor cobria seu corpo e descendia pelas costas sob a camisa. Os ramos dos algarrobos se deslizavam por seu cabelo e se aderiam a sua jaqueta. Ignorou-os. Arrependeu-se de não ter levado sua escopeta. Faria emprestar atenção incluso a um vampiro, em caso de que Rafael se voltasse hostil para a Brynda ou para ela. Finalmente, Rafael e Brynda chegaram à borda do lago, a uma milha do centro turístico. Essa parte do caminho estava bordeado de palmeiras, altas, mas grossas e redondas na base, como se estivessem preparadas para albergar aos ladrões do Alí Baba. Passando o bosque de algarrobos do parque público havia uma série de jardins em níveis com fontes faiscantes e por último estava o porto esportivo e o centro mesmo, como se fosse uma visão do paraíso oposto às montanhas que se encontravam mais à frente.

As brilhantes luzes do porto esportivo dançavam na água iluminando pequenos veleiros e lanchas. Vamos, no edifício principal do centro turístico, elevava-se a fantasia das Mil e uma Noites. Grania podia ouvir na distância uma banda tocando os lembres da música country-western, em tanto que a voz de um DJ exortava a quem dançava, a aproximar-se e aprender uma nova linha de dança.

Grania se escondeu rapidamente detrás de uma palmeira, de onde podia ver, mas não podia ser vista.

Brynda beijou ao Rafael na bochecha, mostrando a imagem de sua orgulhosa feminilidade, e se dirigiu para o porto esportivo com tranqüilidade.

Depois de que ela passasse uma curva no caminho e desaparecesse da vista, dom Rafael estirou seus braços e pernas e logo suas costas, de maneira similar a uma ave de rapina grande, como o condor, arrumando-as plumas e pavoneando-se no ninho. Seu corpo grande e musculoso tinha uma incrível elegância, e produziu brusca e embaraçosamente em Grania uma sede de desejo.

Ele brilhou na luz da lua e Grania piscou surpreendida. Quando enfocou a vista novamente, viu uma enorme coruja cornudo que se ia voando do lugar onde ele parou.

Por todos os céus! De onde tinha saído essa enorme coruja cornudo? E onde foi Rafael?

Saiu de seu esconderijo detrás da palmeira decidida a investigar. De repente, o braço de um homem se fechou ao redor de seu pescoço e a arrastou de costas para ele, aferrando-a tão forte que sentia que se asfixiava. Surpreendida e zangada Grania lutou utilizando todos os truques sujos aprendidos, mas foi em vão. Deu-lhe pontapés, golpeou-lhe com os cotovelos e tentou tombá-lo.

O tipo simplesmente era mais forte que ela, ele nem sequer se queixou quando o chutou. Não era Rafael, era sozinho uns centímetros mais alto que ela e mais magro que

Rafael. Ao menos foi o suficientemente profissional para controlar não ter uma ereção. Finalmente tentou relaxar-se, tratando de não amaldiçoá-lo ou mostrar quão furiosa estava, e esperou a oportunidade para escapar.

Um momento depois, Rafael apareceu caminhando, vestido sozinho com sua camisa e jeans e se enfrentou a ela. Que demônios estava passando? Converteu-se em uma coruja realmente? Acaso seus olhos a estavam enganando? Onde estava o resto de sua roupa?

Toda uma vida de treinamento como observadora de repente foi em vão ao enfrentar-se com tantas contradições e impossibilidades. Ela lutou para permanecer tranqüila.

—Boa noite, doutora.

—Boa noite, senhor. —As arrumou para responder depois de ter duvidado levemente.

—Desfrutou com suas observações, doutora?

Ela poderia havê-lo matado por essa saída cortante. Depois de tudo, ele era quem se comportou escandalosamente ao beber sangue.

De novo tentou permanecer em calma e relaxou deliberadamente cada músculo de seu corpo, um por um. Tinha saído de situações difíceis falando com rufiões assassinos nos pântanos colombianos enquanto contava corujas e tinha sobrevivido. Com segurança poderia dirigir a um par de texano.

O homem que a sujeitava por detrás a soltou levemente à medida que ela se relaxava, mas ainda seguia implacável.

—Em certo modo foram um pouco incomuns, senhor. —Ela se encolheu de ombros procurando manter o ambiente tranqüilo, e desejou que sua dor de cabeça desaparecesse.

Os olhos escuros do Rafael se fixaram nos dela, como se queria lhe arrancar os pensamentos.

—Você tem a intenção das compartilhar com outros?

—O que vou compartilhar? Um homem e uma mulher se beijaram no bosque. Alguma pessoa com autoridade acreditaria que o homem mordeu a mulher por alguma desprezível razão, sobre tudo quando ele é um membro tão importante da comunidade?

—Burla-se de mim, doutora? —Sua voz era mortalmente suave. O antebraço que tinha contra sua traquéia a apertou. Tragou com dificuldade e se recordou a si mesmo que eles eram os que tinham poder aí, e não ela.

—Não, somente estou dizendo a verdade.

Estudou-a e depois assentiu com a cabeça. O antebraço deixou sua garganta, mas seu atacante não a soltou. Grania as arrumou para não secar a frente.

—Como é de discreta, doutora?

Grania lhe disse a simples verdade.

—Se a senhora não está machucada, serei completamente discreta.

—Isso é tão de médicos... Se me inteirar de que você foi indiscreta a respeito das atividades que viu esta noite, lamentará-o imediatamente. Muitíssimo.

—Se me inteirar de que a senhora foi machucada na forma que seja, você, senhor, lamentará-o imediatamente. Muitíssimo.

Em silencio ela o desafiou a contradizê-la.

—Por minha honra, eu nunca faria mal a uma dama. —Ele lhe fez uma reverência tão formal como se estivesse na corte real de Madrid. Mas tão estranho como isso, foi que lhe acreditou totalmente.

— Com sua permissão, posso tirar este ramo impertinente de sua jaqueta, doutora?

Ficou olhando-o perplexa. Queria ajudá-la a limpar-se? Aqui e agora? Sua expressão era completamente sincera. O braço que cruzava sua garganta se afrouxou, agora era uma moléstia leve, como o de um colar pesado, em lugar da sensação da morte iminente produzida por uma barra de aço. O subordinado do Rafael já não era uma ameaça para ela. Rafael lhe estava dando a liberdade de escolher.

Grania o contemplou suspicazmente antes de inclinar a cabeça.

—Certamente.

—Pode partir Ethan.

Ethan vacilou. Pelas dúvidas, sujeitou-a apertando-a.

—Poderia ser o anzol para outro intento de assassinato, dom Rafael.

—Assassinato? Não há nenhuma ameaça para mim aqui e agora. —A voz do Rafael era mortalmente tranqüila, e cortou o ar da noite como o melhor bisturi dela.

—Como ordene senhor.

Seu carcereiro a liberou a contra gosto e se foi, sem fazer nenhum ruído.

Rafael tirou um ramo da lapela do bolso na manga dela. Um momento depois outro ramo caiu ao chão ao retirar metodicamente dela os sinais de seu passo pelo matagal. Era também muito provável que estivesse verificando se tinha equipamento de gravação, armas ou algum outro meio para ocasionar problemas.

Grania ficou calada e se entregou muito consciente das grandes mãos que se moviam tão expertamente sobre ela. Sem ter ao tipo sujeitando-a não tinha nada em que pensar, exceto no tato destro do Rafael e em como sua respiração lhe alvoroçava os cabelos. Em como o suave ar da noite os envolvia como se fosse uma capa.

Ela era uma bióloga da vida silvestre. Sabia perfeitamente bem, fruto de anos de estudo e observação, que os rituais de acasalamento, como este, limpava ao receptor e a tranqüilizavam. Rafael a estava amansando com seu tato, e ela tinha muito pouco que dizer a respeito.

O suave aroma a sândalo de seu corpo era tranqüilizador, mesmo que estava debaixo do suor e do almíscar. Sua respiração lhe movia os cabelos e suas mãos eram calosas.

Ele fez esse trabalho ininterruptamente, com um ritmo constante que a tentou a relaxar-se. De algum jeito seus olhos se foram fechando à medida que sua respiração seguia o ritmo dos movimentos do Rafael. Havia algo muito profundo em seu interior, que estava mais à frente do controle de sua mente, que lhe sussurrava aceitação e prazer ante a carícia dele, como se ele fosse o mais bem-vindo dos amantes. Seus músculos se afrouxaram lentamente e seu pulso diminuiu a um ritmo mais normal. As tensões da noite começaram a ir-se, ao atuar Rafael como um cavalheiro.

A lentidão de seus pensamentos parecia arrastar-se. Em seu interior despertou uma dor palpitante que apertava seus peitos, como se estes quisessem ser acariciados por ele.

—Dará-me o beijo da paz como objeto de sua promessa?

Os olhos de Grania se abriram e encontrou ao Rafael muito perto dela. Ela considerou com cautela seu estranho tom medieval. Se não lhe tinha feito mal até agora, que risco corria por lhe dar um beijo?

—Se o desejar.

Ela estendeu sua mão para tomar as mãos do Rafael, mas ele estava tão perto que em seu lugar lhe tocou os braços. Recebeu-a um músculo forte, quente, radiante de saúde e de vida. Ela tremeu e instintivamente o acariciou um pouco.

Os olhos dele piscaram brevemente, mas ela estava muito absorta em ter controle sobre si mesmo para tentar decifrar essa expressão.

Mordeu-se o lábio ante este lapsus sentimental e de forma deliberada tomou uma postura mais formal, logo que apoiou suas mãos sobre seus ombros, como em um antigo baile folclórico que aprendeu de menina. Plantou os pés e voltou seu rosto para acima, para ele.

—Quando você esteja preparado - anunciou ela, tratando de propósito de não ser tentadora.

—Ah, doutora - murmurou e inclinou sua cabeça. Ele roçou os lábios em sua têmpora com doçura e simplicidade. Ela se relaxou e começou a retirar-se, esperando que seu contato com ele se terminasse.

Entretanto deslizou as mãos pelos braços dela até os cotovelos enquanto estreitava a distância com respeito a sua boca. Ela se paralisou e se sobressaltou, sua boca ficou entre para dizer adeus. Os lábios dele cobriram os dela sorvendo em pequenos goles seu fôlego. Ela murmurou ao sentir como seus lábios e suas línguas se acariciavam, encaixava uma com a outra, deslizavam-se, enredavam-se e teciam uma rede de magia. Ela se estreitou contra ele e se estremeceu. Ele gemeu algo e a beijou com força.

Suas mãos se deslizaram desde seus ombros até seus braços, explorando o aço candente de seus bíceps. Murmurou sua aprovação e inclinou a cabeça para trás para lhe sorrir, enquanto tudo em seu ser parecia que se transformava muito lentamente em um vulcão de paixão.

—Ah, doutora, seus beijos são mais fogosos que seu cabelo - sussurrou Rafael enquanto acariciava suas costas até que se estreitou contra ele como um gato pedindo mais. Esfregou sua perna ao longo da dele, pela parte externa, e a dureza de seu jeans acendeu ainda mais o fogo interior. Suspirou e deslizou a mão por seu cabelo, desmesuradamente ávida de mais beijos.

—Querida.

Voltou a inclinar a cabeça para ela.

Justo então, as luzes altas de um carro passaram brevemente sobre eles ao girar pelo caminho à borda do lago, a não mais de duas milhas de distância.

Rafael cortou o beijo e escutou, com uma atitude de alerta quase como a de um animal.

Grania se separou bruscamente do Rafael e tratou de recuperar sua prudência. Deus santo, o que lhe tinha passado? Ela não seria a mulher mais experimentada do mundo, mas tampouco era virgem.

—Já está satisfeito? —perguntou-lhe tratando de juntar suficiente coragem para olhá-

lo aos olhos. A dor de cabeça se foi quase por completo.

Ele a olhou. O princípio de um sorriso lhe roçou a boca antes de desaparecer rapidamente.

—Sim, chegamos a um acordo. Boa noite, doutora.

—Boa noite, senhor.

Caminhou lentamente cantarolando um poema medieval e se perdeu de vista na curva que traçava o caminho ao redor de um promontório. Grania ficou muito quieta até que ele desapareceu, e os joelhos deixaram de lhe tremer.

Depois começou a correr para onde o tinha visto por última vez completamente vestido, e onde tinha visto pela primeira vez a coruja. Procurou no lugar o mais minuciosamente possível, mas não pôde encontrar nenhum sinal de suas botas perdidas ou algum outro equipamento.

Onde demônios se foram? Ethan tinha levado seu equipamento ou tinha mais homens nos arredores?

Um precipitado percorrido pelo escarpado a conduziu a uma vista panorâmica do porto esportivo. De ali acima pôde ver a Brynda compartilhando uma bebida com amigos em um enorme navio moradia. Não mostrava sinais de debilidade ou lesões e estava protegida por outras pessoas. Grania sacudiu a cabeça ao haver-se preocupado por alguém que não parecia necessitar ajuda, e se dirigiu a sua caminhonete.

Sentiu-se aliviada ao ver que por fim estava voltando para casa, depois de uma larga caminhada, e sem nenhum rastro da molesta dor de cabeça. Nunca antes havia sentido nada parecido, por isso talvez fosse uma reação alérgica a alguma planta. Esperava não voltar a ter algo assim nunca mais. E qual seria o próximo passo? Avisar à polícia? Segundo o que lhe tinha prometido ao Rafael, não diria nada a menos que Brynda estivesse ferida. De modo que ao dia seguinte ela voltaria para o lago e averiguaria se estava bem.

Em algum ponto, sua curiosidade científica, algo do que ela não era consciente, levaria-a a insistir em compreender exatamente o que tinha ocorrido quando Rafael bebeu o sangue da Brynda.

Rafael se afastou da casa de Grania depois de que a última luz se apagasse e se dirigiu novamente a sua Mercedes.

—Mantenham bem vigiada, Ethan. Queremos estar bem seguros de q não fale.

—Sim, senhor.

Ethan era prudente em não perguntar por que a mulher ainda seguia viva.

Depois de tudo, Rafael tinha matado pessoas (quando o controle mental não resolvia a situação) que sabiam muitíssimo menos sobre vampiros do que sabia Grania, e que, portanto constituía menor ameaça que ela. Mas se o fazia um forte nó nas vísceras com a só idéia de machucá-la, e se apressou a trocar essa ideia ante a possibilidade de matá-la. Simplesmente não podia fazê-lo. Obviamente a razão devia ser que precisava saber de onde tinha obtido ela esse impenetrável amparo mental. Em sete séculos nunca tinha encontrado uma barreira como essa, nem tinha escutado que houvesse uma tão forte.

Como o ataque frontal tinha sido tão habilmente rechaçado, era necessário utilizar um método mais sutil. Seduziria-a, e veria com que rapidez ela ia deixar de emprestar

atenção ao Caleb e começava a concentrar toda sua paixão em um homem como ele.

Rafael apurou o passo, ignorando as vozes que em seu interior lhe indicavam que esta dama não seria tão receptiva a seus planos. Tinha sobrevivido por meio de jogos sexuais toda sua vida como vampiro. Apostava mil de suas mais finas vacas Longhorn a que a doutora ruiva estaria lhe sussurrando seus segredos ao ouvido em uma semana.

Em Nova Orleães, Beau voltou para o escritório central de Senhora Celeste situada no Warehouse District, preparado para entrar em ação depois de ter bebido mais de um litro de sangue de alguma aluna tola, a uma milhas dali. Tinha-a sangrado até que se deprimiu, mas enquanto isso, ela pensava que ia morrer, o qual fez que seu sangue fosse uma comida de uma riqueza quase incomparável para ele. Logo ele tinha ordenado ao inconsciente dela que se esquecesse da experiência, para que pudesse curar-se e então ele se voltaria a alimentar aos poucos meses. Essa era a maneira em que seu criador lhe tinha ensinado a alimentar-se das prosaicas, o que lhe proporcionava quase tanta energia como a agonia da morte, de uma vez que mantinha às estúpidas com vida para outra ronda.

O escritório central da Senhora Celeste era um edifício de quatro pisos, de duzentos anos de Antigüidade. O primeiro piso tinha um enorme e chamativo cassino que atraía as hordas de turistas e tinha como temática ao King Bacchus, em tanto que o segundo piso estava destinado a um clube noturno. A gente mais bela do mundo brigava por conseguir convites ao clube privado que havia no terceiro piso. O escritório privado da Senhora estava no quarto piso, que tinha uma plataforma de aterrissagem de helicópteros no teto.

Para seu chateio, o elevador privado da Madame Celeste tinha o acesso proibido para todos os vampiros esta noite. De modo que tomou o elevador público para o clube privado no terceiro piso e depois se abriu passo através da multidão.

Essa noite o clube de moda era um bulício de atividade, aonde muitos dos vampiros menores de Nova Orleães caçavam prosaicas ativamente. No centro havia uma esplêndida pista de baile, aonde prosaicas semidesnudos dançavam e suavam sob as parpadeantes luz de cores. Uma barra cobria uma parede, sobre a qual bailarinos, homens e mulheres, executavam uma dança de sombras realizando giros sensuais. Os compartimentos privados eram imensos e circulares, e suas camas circulares estavam ocultas detrás cortinas reluzentes, do piso ao teto. As paredes estavam cobertas de madeira de um dourado pálido, sobre as quais brilha uma montagem sempre cambiante das celebrações antigas do Mardi Gras.

Para seus olhos mais amadurecidos, este era um lugar sórdido onde as ilusões não tinham capacidade. Os sentidos de vampiro podiam ver passar com facilidade as luzes brilhantes e podiam ver os rincões escuros até os cabos gastos e as fitas adesivas, que não necessariamente estavam no mesmo lugar, e os restos de decoração em voga do ano anterior ou da década anterior.

E o que era pior, podia sentir o aroma do álcool e as drogas consumidos essa noite e a noite anterior, e assim sucessivamente o de todas as noites desde que Madame Celeste

tinha aberto esta armadilha para tolos e para depredadores vagos. Esses químicos entorpeciam os sentidos dos prosaicos e arruinavam o sabor da boa comida para um vampiro.

Desenhou um sorriso falso em seu rosto e se deslizou através da repleta pista de baile, com seu traje Armani e presença angelical ganhou imediatamente a aceitação e quão olhadas chegavam de todas as partes. Fez um comentário depreciativo para si. Dêem-lhe presas realmente aterradas em qualquer momento, não bêbadas. Um vampiro precisava viver da nutritiva corrente de emoção, e não uma vítima que jogaria a culpa à experiência de algo que provinha de um copo. Todo vampiro que tinha uma dieta constante de ébrios se voltava tão lento e estúpido como sua presa, o qual o fazia muito vulnerável em um duelo.

Provavelmente essa era a razão pela qual Madame Celeste animava a seus cachorrinhos a alimentar-se em lugares como este. E pela quais tão poucos de seus vampiros tinham sobrevivido até a maturidade total, como muito vinte ou trinta anos.

Dirigiu-se para a antiquada escada privada. O guarda de vampiros o deixou passar em silêncio, e Beau subiu sem deixar ver seu desprezo.

Madame Celeste era uma idiota ao deixar que seus vampiros, por mais jovens que fossem, alimentassem-se tão publicamente. Os últimos vampiros soviéticos se consideraram igualmente invulneráveis à opinião pública e tinham permitido a seus filhos fazer o que lhes agradava. Ele tinha ficado apanhado em Moscou por gerações de governantes russos que tinham utilizado suas habilidades para seus próprios fins.

Entretanto tinha sido uma boa vida a sua maneira. Ah, como desfrutava dessas largas noites de inverno e das câmaras de tortura que lhe proviam um sem-fim de vítimas para beber!

Mas eles tinham sido tão descarados tanto tempo, que até as impassíveis fêmeas russas finalmente se levantaram. Tinha necessitado todas as amargas lições aprendidas ao longo de sete séculos como vampiro para sobreviver à queda do Kremlin até que finalmente pôde chegar aqui.

Aqui, a Nova Orleães, a um passo de Texas, onde por fim poderia matar ao Rafael.

O escritório privado da Madame Celeste estava mais tranqüilo do que esperava, sem a ninhada de jovens vampiros elogiando-a. As habitações espantosamente decoradas em excesso, inclusive para quem tinham conhecido a Catalina a Grande e seu amor pelas comemorações a si mesmo, estavam cheias de objetos obtidos das esferas conquistadas ou enviados como tributo. Não havia lógica nem conforto aparente na decoração, tão somente era uma confusão de móveis caros e obras de arte, que deixavam pouco espaço para circular.

Beau se programou automaticamente para um avanço de adoração e foi em busca dela, com cuidado e certificando-se de lhe fazer acreditar que ela sempre era primeira em sua mente, independentemente do que em realidade pensava dela. Encontrou-a em uma pequena sala frente a um computador portátil aberto. Provavelmente examinava os registros financeiros; ela não confiava a ninguém sua completa carteira de ações.

Farejou ligeiramente; que bem que tivesse bebido tanto. Estava faminta e provavelmente queria beber dele.

—Madame —saudou fazendo uma reverência com grande efeito, movendo-se apenas para tratar de ver uma das folhas de cálculo.

Madame Celeste levantou a vista e o olhou.

—Mon cher Beau - sorriu com lascívia e começou a fechar rapidamente o computador, com suas largas unhas pulsando as cobre.

—*Ma belle*³¹ - suspirou ele de maneira insinuante e tomando uma pose que mostrava seus atributos.

—Necessita mais meu dinheiro querido moço? —riu e se levantou, deslizou-se para ele e acariciou seu rosto.

—Dinheiro, ora! —beijou-lhe os dedos e pôs cara de estudante sedutor.

— Simplesmente estava pensando quando poderíamos estar juntos.

—Juntos? Vá que bem! —sussurrou rodeando com seus braços seu pescoço.

Rodeando-lhe a cintura com seus braços a aproximou. Era suave, tinha um perfume agradável e boas curvas, era toda uma deliciosa feminina, se a gente desfrutava das mulheres que podiam matar tão facilmente como fode-la.

—Muito bem - assentiu ela.

Era exatamente o tipo de mulher que era melhor ter a sempre à vista para saber exatamente no que andava. Inclinou a cabeça para ela, oferecendo-se como um gigoló desejoso.

Deu-lhe uma pequena dentada no lábio, e o sangue correu. Beau franziu sua boca em um gesto zombador ante o sangue que emanava e gotejava lentamente por seu queixo.

Ela a tocou com seu dedo, cheirou-a e a provou, e enquanto o fazia seus olhos se fecharam ao saborear a incomparável riqueza do sangue de um vampiro maior. Deixou escapar um suave gemido, em tanto que a outra mão se deslizava para seus peitos para acariciá-los.

Era muito perito na caçada para deixar que sua satisfação se mostrasse ante o desejo dela. Tinha muitíssimo sangue, depois de tudo o que tinha bebido essa noite. A sede de sangue de um vampiro diminuía com a idade, a menos que estivesse sob muito estresse. A sua idade, Beau podia sobreviver bem com somente um gole ou dois. Mas Madame Celeste necessitava muito mais e ele se certificou de ter o suficiente para ser seu único fornecedor. Era sozinho um elo mais na cadeia para tê-la presa a ele. Não queria que ela o jogasse na rua até ter matado ao Rafael.

Ela percorreu com os dedos sua camisa de seda e se deteve no cinturão. Ele arqueou as costas ligeiramente e ofereceu o peito para que ela o dirigisse a seu desejo. Não era provável que queria excitá-lo, já que muito estranha vez emprestava atenção às necessidades sexuais do outro muito tempo.

A mulher afundou a mão em suas calças ante o qual ele mostrou surpresa. Logo, apertou-o atrevidamente medindo-o.

—Não leva tanga

Ele arqueou uma sobancelha.

—Quer que comece a usar um?

Liberou-o de sua roupa e começou a acariciá-lo. Por que estava ela excitando-o esta

³¹ Minha bela

noite? De repente seus quadris começaram a balançar-se ao ritmo dela.

—Não. A roupa interior de homens é uma perda de tempo.

Tire a jaqueta e a camisa também. Se não me despentearão.

Obedeceu-a, jogou na mesa a custosa camisa de seda e voltou à vista para desfrutar como se endurecia seu pênis rapidamente ante as peritas carícias dela. Ela o olhava muito de perto pelo que ele fechou os olhos e uma expressão de luxúria cada vez maior se desenhava em sua cara.

Não tinha idéia do que ela tinha planejado e desfrutava tanto do perigo como do inesperado do estímulo manual que lhe brindava. Também sabia exatamente como lhe voar a cabeça de um só golpe se ela tentava atacá-lo. Massageou-lhe os ombros, com cuidado para não danificar sua maquiagem ou seu penteado, e gemeu seu nome agradado.

—Quero beber de sua coxa quando gozar - murmurou ela.

—Debaixo de minhas bolas?

—Oui.

Era um lugar muito perigoso para um homem, um só movimento em falso e poderia ficar castrado por uma rápida dentada. Tinha visto isso com frequência, especialmente quando se torturava aos vampiros, já que o horror que a estes causava fazia que seu sangue fosse incrivelmente delicioso. Mesmo assim, um vampiro podia curar qualquer ferida, inclusive essa, e se ela tentava fazê-lo Beau a mataria.

—É obvio querida, o que você goste - murmurou.

—Tolo. Não necessito sua permissão. Posso te morder onde eu queira.

—Desculpa querida - sussurrou, em tanto que se deleitava cada vez mais ante a perita maneira em que ela se encarregava de seu pênis. Logo retirou uma de suas mãos dos ombros dela para excitar seu peito.

Rapidamente ela avaliou seu estado e lançou um sorrisinho de satisfação, logo se ajoelhou e lhe baixou as calças.

Com ansiedade e impaciência ele moveu seus quadris ligeiramente para diante para lhe dar a ela um ângulo melhor.

De repente uma tosse áspera os interrompeu. Madame Celeste suspirou.

—Mais vale que seja algo bom, Devol. Beau levantou a cabeça agradando ao ver um dos casais sexuais da Madame Celeste e um de seus favoritos.

Sempre tinha com o Devol a mesma cautela que a que um prosaico tinha com um cão raivoso, e respeitava a Madame Celeste porque era a única pessoa que podia fazer entrar em vereda à besta. Devol podia passar toda a noite matando ou fodendo, o que a senhora ordenasse.

—Ordenou-me que lhe informasse imediatamente como lhes tinha ido aos prosaicos do leste em Texas.

Devol ia vestido muito simples, com jeans e uma camiseta que marcava os fortes músculos, estes eram em parte a razão pela que o chamavam Açougueiro do Pântano. Tinha cabelo e olhos marrons escuro, rasgos, altura e complexão normais. Tinha pouco que o distinguisse de qualquer outro homem em uma multidão, exceto pela expressão de seus olhos que era pelo geral de ódio puro e intenso.

Mas não esta noite. A voz do Devol era neutra, embora seus olhos ardessem em

chamas de desejo carnal ao captar cada detalhe da posição do Beau e Madame Celeste. Trocou apenas sua postura para deixar mais espaço à ereção em seu jeans.

—Sim, ordenei-o, não? —Madame Celeste se voltou e se sentou aos pés do Beau. Ela desabotoou o fechamento de seu vestido e o baixou, deixando expostos seus magníficos peitos. Tomou os mamilos e os beliscou até que ficaram vermelhos e brilhantes erguidos nas majestosas curvas. Depois se inclinou para trás contra a perna do Beau e se estirou o que fez deslizar para cima sua curta saia. Sua mão apalpou o tamanho do pênis, enquanto que com suas unhas cor vermelha sangue percorria a carne abarrotada de sangue.

O sicário tragou com dificuldade, mas não fez nenhum movimento para tocar-se.

—Me informe, Devol. —Ela excitou seus peitos; seus olhos estavam entrecerrados. Beau se deixou cair ao chão por detrás dela e com as mãos tomou os peitos. Arqueou-se para trás contra ele ficando completamente exposta, enquanto Devol continuou falando.

—O ataque foi um fracasso total. Nem dom Rafael nem nenhum de seus homens resultaram feridos, enquanto que todos os prosaicos do leste morreram estrelados no helicóptero.

—Inexperientes! —grunhiu Madame Celeste e seguiu fazendo-o um momento considerável no francês dos baixos recursos. Seus quadris começaram a mover-se mais e mais rapidamente à medida que se excitava cada vez mais. Beau riu entre dentes, ela sempre se excitava quando estava encolerizada.

Sua mão afundou entre as pernas dela e jogou com suas dobras úmidas. Esfregou-lhe fortemente o clitóris o que provocou que se arqueasse contra seus ombros lançando grunhidos incoerentes. Pressionou firmemente e ficou rígida, um instante depois a comoção do orgasmo enviava pulsações por todo seu corpo.

Finalmente gemeu e se deixou afundar nele completamente relaxada; seu sêmen a tinha molhado e muito possivelmente arruinado o custoso traje de seda. Sustentou-a em silêncio e esperou, com seu pênis ainda sem trégua. Como o estava Devol. Como sabia Madame Celeste com toda certeza.

Indubitavelmente era o que mais tinha desfrutado de tudo, o fato de que ela tinha tido seu orgasmo, mas seus dois homens não. O poder era seu afrodisíaco, assim como o aroma da morte era o do Devol.

Uma unha larga e bicuda roçou sua garganta e ele obedientemente dirigiu seu olhar a Madame.

—Sim?

—Tem que ir a Texas e destruir ao Rafael por mim.

—Se insiste - objetou-o tratando de mostrar-se resistente.

—Partirá esta noite depois de que jantemos juntos - sussurrou e se estirou para lhe plantar um beijo carmesim na boca.

—Devol vai a Texas também e pode te dar respaldo se necessitar ajuda.

Ajuda do Devol? O tipo podia ser muito útil e podia ser muito mortífero. Beau teria que esperar e ver. Madame Celeste sorriu olhando ao Beau aos olhos, muito segura de si. Devolveu-lhe o sorriso, agradado de ser livre por fim para destruir ao Rafael.

Madame Celeste se esfregou no peito do Beau; seus olhos rasgados de prazer como os de um gato.

—O que vai fazer lá Devol? Tire-te a roupa e vêem aqui de uma vez.

—Oui, Madame— respondeu Devol imediatamente e se tirou a camiseta de um puxão.

Beau sorriu e desviou sua atenção para passá-lo bem.

CAPÍTULO 5

“Rodrigo flexionou os dedos tratando de alcançar as braçadeiras que o sujeitavam ao potro de tortura. Seus braços e ombros rangiam de dor até ante esse mínimo movimento, o qual o fez desistir. Tinha lutado muito e durante muito tempo em ocasiões anteriores, que esta vez os serventes lhe tinham apertado o potro tão tirante, que logo que podia respirar antes que eles se fossem. Não precisava ver para saber que Fearghus estava em uma similar situação desesperador a seu lado, ali, no santuário da montanha do Sírío, na longínqua costa do Mediterrâneo desde a Castilla.

Dois meses tinham passado da última vez que os tinham amarrado aos potros. Dois meses para que seus corpos sanassem, enquanto rezavam pelos pobres diabos que ocuparam seus lugares no potro. Aos que foram obrigados a limpar depois, e também foram obrigados a esfregar a fundo cada centímetro desse lugar de má morte, e vomitaram até as tripas pelo que ali encontraram.

Fazia tanto tempo que se foi do Toledo que sua amada esposa devia ter dado a luz fazia meses. O novo bebê, certamente uma menina, agora devia estar caminhando sob o amparo de seu irmão e irmã maiores.

—Zagalas de olhos azuis como o mar do Norte - anunciou Fearghus em voz alta. Um forte rangido de maquinaria em tensão anunciava a luta do escocês contra o outro essa potro é outra das coisas pelas que merece a pena viver. Especialmente quando seus cabelos são tão vermelhos como o fogo do coração e sua pele tão suave e branca como a nata.

—Existe tal modelo? —inquiriu Rodrigo ao perguntar-se se o mar do Norte era da mesma cor que o oceano perto de seu lugar de nascimento na Galicia.

—É obvio. Somente temos que encontrá-la - respondeu com simplicidade Fearghus. —de repente tomou ar, produzindo o som familiar de alguém que se rasga ao realizar um movimento descuidado.

— É seu turno para nomear algo novo.

Rodrigo ignorou o colar de ferro que cortava seu queixo em carne viva e que mantinha sua cabeça imóvel. O fio de sangue que corria por sua garganta e sobre seu peito significava que O Sírío e Diego, que tinham abraçado ansiosamente a promessa de vida eterna como vampiros, logo deveriam beber seu sangue e a do Fearghus. O Sírío preferia fazê-lo depois de torturar a suas vítimas. A primeira vez, tinha abatido ao Rodrigo e ao Fearghus até deixá-los quase inconscientes antes que os mordesse. Tinha mostrado outros ardis depois disso, mas sempre tinha tido a precaução de ver que Rodrigo e Fearghus sanassem.

—Uma coruja branca sobrevoando silenciosamente a neve, sob a lua brilhante, livre e

rápida - disse Rodrigo respondendo a seu turno no jogo que tinham inventado para manter o espírito elevado em sua luta por não sucumbir ao ódio e ao desespero.

Em um rincão muito profundo de sua mente Rodrigo quase podia entender o ódio do Sírío para os cristãos. Se sua esposa e filhos tivessem sido assassinados enquanto peregrinava para uma cidade sagrada, tal como lhe tinha ocorrido à família do Sírío no caminho a Balance, que foi assassinada pelo Reinaldo do Chátillon fazia um século, ele também teria jurado vingar-se de todos os cristãos. Mas por que esse prazer do Sírío pela tortura? Por que Diego gozava enormemente com o terror das vítimas, como se por fim tivesse encontrado o que mais adorava fazer? Essas eram as más ações com as que tanto o Corán como a Bíblia estavam em contra.

Mãe de Deus, como rezava continuamente por sua liberação e a do Fearghus. Sobre tudo depois de que Achmed tivesse tentado resgatá-los, e tivesse falhado, ao começo do cativeiro na Espanha. O Sírío lhe tinha mostrado triunfalmente o corpo quebrado e coberto de sangue de seu primo e lhes tinha advertido que não procurassem ajuda em nenhuma parte da terra. Apesar disso, a família do Achmed evidentemente tinha provocado suficiente comoção para forçar ao Sírío a retornar o seu próprio território, agrupando centenas de alianças da Castilla.

—Escutas algo? —perguntou Fearghus.

—Não. E você?

—Nada. Embora eu gostasse de voltar a escutar o canto de um pássaro algum dia. iver de noite como o faz esse demônio é... —fez uma pausa procurando a palavra.

—Tedioso? —Perguntou Rodrigo ironicamente.

Fearghus soltou uma risada ante o humor negro.

—É obvio. Muito tedioso. Mas ao menos agora estou mais perto de Jerusalém do que alguma vez desejei estar quando fui do Inverness e da Escócia. Eu agradei ao Todo-poderoso.

—E eu. —Rodrigo ficou em silêncio contando as outras pequenas coisas pelas que tinha mostrado agradecimento. Que sua esposa e filhos ainda estivessem vivos. Cada dia que ele estava ainda com vida. Poder ver fugazmente a luz do dia. A possibilidade de vingar-se algum dia.

Apertou os dentes e olhou fixamente para cima, para o teto de pedra, perdido em alguma parte na escuridão. Então, a visão o sacudiu completamente real e clara, como se estivesse detida em frente dela nesse momento, mas com um brilho de luz a seu redor. Era exatamente da mesma forma em que a visão da grande tormenta do norte lhe tinha aparecido quando tinha dez anos, como lhe tinha ensinado seu avô a reconhecer esse dom de família.

Viu-se si mesmo em frente do Sírío, à luz do entardecer de um vermelho cintilante, com sua espada na mão preparado para matar. Cada um dos detalhes era tão distintivo e sólido que quase podia tocá-los.

A visão ficou gravada em cada fibra de seu ser e depois desapareceu de sua vista.

A porta da masmorra se fechou com uma forte portada. As vestimentas de seda sussurraram através da pedra à medida que os dois vampiros se aproximavam.

—Yaa kaafir³², está preparado finalmente para te converter? —O Sírio perguntou ao Rodrigo de maneira amistosa, enquanto entrava tranqüilo; o primeiro que se viu foi sua cabeça.

Cuspiu um jorro de café negro no chão e verificou a tensão das cordas com uma larga e sanguinária unha.

—Não. —Rodrigo apertou os dentes e guardou suas maldições para depois.

O Sírio negou com a cabeça.

—Lástima. Poderia evitar sofrer tanta dor se aceitasse que nunca retornarão ao Toledo. —dirigiu-se com tranqüilidade para o fornido escocês, cuja tez e cabelos loiros sempre lhe tinham fascinado.

Diego riu burlonamente ao inclinar-se sobre o Rodrigo.

—O que se sente ao estar indefeso, você que uma vez foi tão grande e importante? Agora não tem uma enorme família que te ajude com todos seus contatos. Sem família real, sem rei ou infante, para te honrar e te encher de obséquios esplêndidos, como uma fina armadura ou uma magnífica espada. Está finalmente preparado para começar a implorar por sua vida?

Percorreu com seu dedo a garganta do Rodrigo cravando sua unha o suficiente como para que brotasse um fio de sangue.

—Mas ainda tenho minha honra e minha fé, que é tudo o que importa a um cavalheiro - replicou Rodrigo.

—Jamais implorarei.

Diego ficou vermelho de ira e se voltou para seu professor, provavelmente pedindo permissão para começar as torturas noturnas. A besta perfumada ainda examinava os músculos do outro cavalheiro.

—Muito bonito, não crie, Yaa Ibni³³. —sussurrou O Sírio enquanto beliscava a coxa do Fearghus.

—Maldita seja, tira suas mãos de cima, porco pestilento - rugiu o escocês, mas foi ignorado.

Diego adotou um ar depreciativo.

—O outro é maior, especialmente seu aparelho masculino. Aí há muito mais para torturar. O que estavam planejando agora?

—Certo - assentiu O Sírio e se deu a volta para observar ao Rodrigo; tinha seus olhos redondos e brilhantes tão fixos como os de um rato.

—Ele também fala árabe, de modo que pode amaldiçoá-lo mais facilmente em lugar de usar o tosco castelhano - insistiu Diego. Aonde queria chegar esse maldito agora?

—Ou poderia emprestar ao menor como escravo aos vampiros das montanhas ao oeste de Constantinopla - respondeu O Sírio voltando-se para o Fearghus.

— Lhes agradam os loiros. Dois séculos antes que um vampiro jovem possa tolerar inclusive o crepúsculo, haveria muitas noites largas para que ele brilhasse como uma pérola. Este nos poderia trazer grandes quantidades de ouro.

³² - Ouça infiel! A afirmação de um fato. (Árabe)

³³ Meu filho.

—Mas se envia ao maior às cortes do leste... —Diego fez um gesto ao Rodrigo e seu tom implicava muito mais que as simples palavras. —Eles saberiam exatamente como usá-lo - terminou O Sírío a frase, esboçando um sorriso licencioso enquanto olhava o corpo nu do Rodrigo.

Ao Rodrigo lhe pôs a pele de galinha.

— Não somos escravos! Somos cavaleiros!

O Sírío o esbofeteou e a força do golpe quase quebra o pescoço do Rodrigo contra o rígido colar. Os dentes do Rodrigo cortaram sua língua.

—É o que eu queira que seja - disse O Sírío com frieza.

— Neste momento quero um vampiro cristão para torturar, os prosaicas demonstraram ser muito frágeis. De modo que um de vós se converterá em vampiro esta noite, e o outro se converterá em sua primeira comida.

—E a primeira emoção que saboreie —adicionou Diego observando de perto ao Rodrigo— será a emoção pela que estará sedento durante o resto de sua miserável vida. Horror. Terror. Converterá-te em um demônio ao que sua Igreja exigirá a morte imediata.

—Nunca! —gritaram quase ao unísono Rodrigo e Fearghus.

—Nunca me renderei ante ti - gritou Rodrigo em árabe.

— Eu juro por tudo o que é sagrado para mim.

Diego riu dele.

—Não pode nos deter.

A visão que teve Rodrigo cintilou ante seus olhos novamente: O Sírío no bordo de sua espada à luz do dia.

Sua resposta estava empapada de certeza total.

—Se me obrigar a me converter nisso, vingarei-me de ti de tal forma que o mundo o recordará para sempre.

O Sírío e Diego guardaram silêncio um momento com inquietação, antes que O Sírío arqueasse a sobrancelha arrogantemente.

—Yaa ghabi³⁴, não tem poder para me deter. Devido a seu tolo comportamento, você será o que se converterá em vampiro.

Inclinou-se com indiferença e cortou o pescoço do Rodrigo. O sangue brotou da jugular do Rodrigo como em uma grande fonte.

—Maldito seja, tome a mim em lugar dele! —gritou Fearghus, mas o ignoraram.

Muito zangado para ser cauteloso, Rodrigo gritou uma maldição árabe que fez duvidar por um momento até ao vampiro maior.

—Posso lhe dar o Abraço, yaa 'abi l'aziiz³⁵? —Perguntou Diego muito ansiosamente.

Os olhos do Sírío cintilaram

—Não. —Replicou e se agachou para beber.

Rodrigo se estremeceu quando as afiadas presas lhe morderam e o repugnante aroma do Sírío o alagou. Voltou a amaldiçoar, e prometeu vingar-se, sem importar quanto tempo lhe levasse. Jurou que O Sírío e Diego seriam totalmente destruídos. Enquanto isso

³⁴ Ouça idiota! (Árabe)

³⁵ Meu querido pai (Árabe)

sentia como se sua garganta e todo seu sangue desaparecessem no voraz redemoinho, no infernal abismo sem fim da boca do Sírío.

O Sírío chupou com mais força e mais celeridade, abrindo a jugular do Rodrigo até que o sangue começou a emanar como o vinho que sai de uma bota de pele de cabra.

Um enjôo se apoderou do Rodrigo e depois a escuridão até o bordo de sua visão. Estava-se desvanecendo.

“Mãe de Deus me dê forças para sobreviver”, rogou. Sua visão voltou a aparecer, mas era mais distante e com maior halo de luz que a anterior, mas mesmo assim podia ver o Sírío ao bordo de sua espada.

—Bebe - ordenou O Sírío enquanto sustentava seu pulso ensangüentado frente ao rosto do Rodrigo.

Estava muito fraco. Mesmo assim, fechou sua mandíbula com teima.

—Bebe!

Negou com a cabeça.

Pela primeira vez Rodrigo escutou a ordem telepática do vampiro.

—Yaa ghabi bebe!

A obrigação mental para que obedecesse era quase insuportavelmente enérgica, mas de alguma forma encontrou a força para lutar contra ela. Voltou a negar com a cabeça; sua vista agora era cinza.

Diego gritou com uma fúria frustrada. Fearghus rezava abertamente e sua voz se afogava com lágrimas.

Um martelo golpeou com força o flanco de seu rosto fazendo que voassem os dentes. Sujeitando a cabeça do Rodrigo com um punho de ferro, O Sírío verteu seu poluído sangue na boca do Rodrigo.

Rodrigo tentou cuspir. Mas Diego agarrou sua mandíbula sujeitando-a para que não se movesse, enquanto O Sírío derramava à força uma corrente de sangue amargo por sua garganta.

Sentindo-se violado e nauseabundo, obrigado a receber o Abraço, Rodrigo caiu em um abismo de pesadelos à medida que o elixir do vampiro começava a transformar seu corpo”.

Grania manteve a cabeça erguida e o ritmo constante, ignorando obstinadamente aos homens detrás dela. Tinha percorrido sete quilômetros e faltavam dois para chegar à casa uma hora depois do entardecer. Tinha deslocado na pista de atletismo na escola secundária e na universidade. Ainda gostava de correr rápido, era uma forma de relaxar-se das tensões do trabalho. Com segurança não estava fugindo de seus seguidores, mas sim estava provando os limites desses homens.

Muitas pessoas não podiam seguir seu ritmo ou lhes custava bastante fazê-lo. Mas estes tipos mantinham a mesma distância constante todo o tempo. Nunca tinham tentado

apanhá-la, somente a observavam. Era como se estivesse em meio de uma má novela de espiões, em que o FBI esperava descobrir para quem trabalhava o duplo agente, sem importar aonde ia este ou o que estava fazendo.

Felizmente sua casinha se erguia ao limite do que uma vez tinha sido um povo agrícola. Tinham ficado cinco casas separadas por pastos e hortas de pêssegos, mas nenhuma delas tinha uma boa vista de sua casinha. As ruas estreitas, que serpenteavam e se perdiam nas colinas, eram quase tão privadas como as casas, o que lhe permitia observar cada pouco a seus seguidores.

Um de seus seguidores se assemelhava ao tipo que parecia um falcão e que tinha estado custodiando ao Rafael na sessão aberta. O qual queria dizer que Rafael ainda pensava que ela poderia ser parte de uma ameaça de assassinato. O muito paranóico imbecil.

E se Rafael não era neurótico, então vivia em um mundo tão violento e desumano como o que tinha visto na Colômbia.

Merda. Seus ombros e costas recordaram com que facilidade o guarda-costas altamente competente do Rafael a tinha submetido. Voltou a amaldiçoar pelo baixo e seguiu correndo. Ela não era parte de nenhuma conspiração, qualquer investigação podia prová-lo.

Maldita seja não ia suportar isto.

O caminho tomava uma curva repentina que se aproximava de um antigo celeiro em desuso. Tomando uma rápida decisão Grania saiu do pavimento e esperou atrás do celeiro.

Como era de esperar, em menos de um minuto passaram seus dois seguidores. Rapidamente se detiveram o ver que o caminho estava vazio mais adiante.

—Estão-me procurando cavalheiros? —Perguntou Grania fazendo-se ver sob o sol da manhã.

Ao voltar-se, ficaram frente a ela; suas mãos instintivamente alcançaram as armas.

Ela pigarreou silenciosamente, era de esperar que estivessem armados. Esperou, suas mãos estavam flagrantemente vazias.

Lentamente se relaxaram ao ver-se em uma situação um pouco embaraçosa. Um deles definitivamente era o tipo que tinha estado com o Rafael na sessão aberta, com o mesmo olhar eterno, como a de um falcão. Ele provou com um sorriso encantador para ela.

—Bom dia, senhorita - disse com acento texano.

Ela arqueou uma sobrancelha em uma atitude lhe esmaguem. Muitos meninos menores que ela no orfanato tinha tratado de fazer uso de seus encantos para impressioná-la com palavras vazias. Mais tarde, suas experiências com estudantes universitários lhe tinham feito ampliar a lista de desculpas tolas para ser ignorados.

Ao menos, ele tinha a inteligência para deixar imediatamente às tolices e adotar o semblante de um homem de negócios. Ficou direito e a saudou com a cabeça observando com um pouco mais de cautela. Bem.

—Posso ver sua identificação?

—Senhorita, quem leva sua identificação quando sai a fazer footing pela manhã?

—Qualquer que não vive por aqui e tem que chegar de carro.

—É certo. —Contemplou-a pensativamente. O outro homem, um pouco maior e definitivamente mais abatido fisicamente, lançou um olhar rápido para ele.

A voz de Grania-se agudizou à medida que o bom humor se acabava.

—Não tire o sarro, estiveram-me seguindo sete quilômetros. O rancheiro que vive neste lugar é ajudante do xerife. Ou me mostra sua identificação ou começo a gritar.

—Não quisesse que isso passasse senhorita.

Lançou-lhe um olhar suspeito, mas a expressão em seu rosto era completamente inocente. Procurou no bolso e tirou uma pequena carteira, abriu-a e a mostrou a ela. — Alferes de navio, Emilio Álvarez, Marinha dos Estados Unidos - leu Grania em voz alta. Logo olhou o resto da carteira rapidamente para ver o conteúdo—. Coroados, da Baixa Califórnia, verdade?

—Sim, senhorita - Álvarez estava em posição de descanso de formação, olhando-a. Seu companheiro estava a uns passos, evidentemente preparado para saltar sobre ela se algo saía mal.

—É você Navy SEAL?

—Sim, senhoritas, estão nas equipes.

—E está aqui com licença.

Ele assentiu com a cabeça.

Grania lhe deu voltas às implicações em sua cabeça. Um Navy SEAL como guarda-costas de um executivo do Santiago Trust? O que fora Rafael, era alguém extremamente importante, e a ameaça que recaía sobre sua vida eram enormes. Quase lhe revolveu o estômago. Devolveu-lhe o cartão de identificação ao Álvarez.

—Me vai seguir todo o dia?

Ele se encolheu de ombros.

—Essas são minhas ordens, senhorita. Não ia ser divertido?

—Estupendo! Bom, prossigamos então, meninos. Ela começou a esticar-se e preparar-se para terminar seu footing.

Uma hora depois, depois de banhar-se e tomar o café da manhã, sentou-se diante do computador. Depois de tudo, o verdadeiro problema era como agüentar o evento ocorrido à noite anterior e suas reações ante os mesmos. Não tinha que pensar em guarda-costas, a não ser em como fazer para não derrubar-se cada vez que visse o Rafael.

Suas reações psicológicas para ele eram extraordinárias. Alcançar um orgasmo sem nenhuma estimulação física direta? E depois, enquanto tomava banho em sua casa se masturbou e tinha alcançado um clímax tão forte que se deprimiu. Essa era a primeira vez na vida que perdia o conhecimento como consequência de um orgasmo. E que tenha ocorrido por masturbar-se ao ter fantasias sobre o Rafael com outra mulher?

Quase tão fora do comum foi seu sonho da noite anterior, no que Rodrigo foi obrigado, em realidade violado, a converter-se em vampiro. Essa visão, a diferença de seu sonho anterior com corujas, parecia como se fosse uma lembrança em lugar de uma fantasia. Mas muitos dos sonhos a respeito do Rodrigo sempre tinham parecido reais. Ela tinha sonhado com o Rodrigo toda sua vida, inclusive antes que soubesse escrever seu nome, ou o dele. Esses sonhos tinham sido um dos refúgios em sua infância, em um mundo de solidão e tortura.

Piscou rapidamente negando-se a admitir que estivesse chorando. Nesta situação, como em quase todas as demais prova durante toda sua vida, estava sozinha. Seu intelecto a salvaria como tinha acontecido em todas as demais. Os sonhos eram loucuras voláteis e não algo em que confiar.

O primeiro passo era encontrar uma teoria válida que explicasse o comportamento do Rafael e Brynda no bosque. O método científico proporcionava uma série de passos padrões para desenvolver sorte teoria. Depois de anos de trabalhar em seu doutorado, ela podia planejar uma investigação rigorosa de seu sonho. Com segurança, explicar que um homem e uma mulher se beijaram no bosque, também se morderam e chuparam sangue, seria fácil.

Meia hora depois, voltou-se a sentar, estava furiosa. Quantos milhões de consultas poderiam gerar um só tema na Internet? Caralho, muitos para ser úteis, a qualquer ritmo. Teria que procurar em livros e artigos. Com sorte, ali encontraria alguma análise valiosa sobre vampiros. Ao menos já se fez uma hora tarde da manhã para ir ver se Brynda estava bem, ou se Rafael a tinha machucado.

Grania se sentou ao ar livre em uma mesa de uma cafeteria. Colocou os óculos de sol na parte superior da cabeça ignorando a seus dois onipresentes seguidores que estavam cruzando a rua. Sua mesa tinha uma extraordinária vista ao lago, o porto esportivo e a Brynda, que estava lendo uma carta escrita em papel rosa. Era o lugar mais confortável no que alguma vez se sentou a observar; as cadeiras eram graciosas, o café gelado delicioso, até havia um periódico gratuito esperando-a para que o lesse, em contraste com o jornal que ela tinha comprado.

Passou uma página tratando de não observar à outra mulher de maneira tão evidente. Jogou uma olhada aos anúncios de jóias, sapatos e lingerie, tudo a preços exorbitantes. Notícias sobre novos carregamentos recém chegados de México pareciam mais interessantes. Bebeu um sorvo de café e desfrutava da extravagância do sabor do licor de avelãs e nata.

Fixou-se em anúncios pequenos sobre tendências e restaurantes. Uma loja de artigos de segunda mão no distrito histórico de Austin fazia publicidade de roupa elegante para mulheres...

Desculpe.

Grania levantou a cabeça ao escutar o acento muito familiar do Brooklyn. Percorreu a Brynda com o olhar.

—Sim?

—Está olhando o Austin American Statesman de hoje?

Levava o cabelo loiro em um acréscimo, tinha uma camiseta sem mangas decote em V, calças Capri e sandálias. Tinha boa cor no semblante e nenhum sinal de lesão grave. Se tiver que resumir sua condição para um registro médico, quão único Grania teria observado era que tinha duas pequenas erupções diretamente sobre a jugular. Mas eram tão pequenas e insignificantes que até um especialista em acne não os teria mencionado.

—Não, não o estou olhando - Grania apoiou o periódico gratuito, deixando-o aberto na página que tinha estado vendo, e tirou seu respeitável jornal.

— Aqui tem.

Uma larga unha magnificamente arrumada adornava a loja de artigos de segunda mão no anúncio do periódico gratuito.

—É um lugar estupendo. Aí consegui um vestido de coquetel Richard Tyler, quase novo. Normalmente custam duzentos dólares, mas eu o comprei a noventa e quatro dólares com cinquenta e cinco centavos. O que significa o noventa e oito por cento menos.

Grania ficou impressionada. Alguém que podia fazer esse tipo de operação matemática tão cedo pela manhã, definitivamente tinha pleno uso de suas faculdades mentais.

—Que extraordinário.

—Deveria visitar essa loja. Seria um pecado não aproveitar ao máximo sua altura e cor de cabelo. Eu diria um estilo clássico, uso Jackie Ou, ou Catherine Z Jones.

Grania ficou boquiaberta, logo que podia deixar de jogar uma olhada à camiseta púrpura brilhante com o logotipo das carreiras Tenha-K.

—Parece-te?

—Sim, claro! —Teria que te escovar o cabelo, é obvio, ou talvez levá-lo em um acréscimo alta. Também deveria te maquiar um pouco, não muito carregado. Os moços lhe seguiriam por toda parte, como mascotes com as línguas de fora. Bom, obrigado pelo periódico - Brynda o recolheu, saudou com a cabeça amavelmente e retornou a sua cadeira.

Grania arrancou com cuidado o anúncio da loja antes de ir-se.

Estava frustrada e irritável quando comeu algo no restaurante de burritos, que tinha uma fachada muito grafite e com uma brecha na parede. A busca exaustiva nas bibliotecas públicas de Austin, incluindo as magníficas coleções da Universidade de Texas, tinha dado como resultado relatos não imparciais a respeito dos vampiros. Também tinha encontrado algumas especulações de sociólogos e antro-pólogos, mas nada que fosse útil para um biólogo. Nem o que falar para um veterinário tratando de dar explicação sobre um homem que chupava sangue do pescoço de uma mulher, enquanto esta estava na cúpula de seu êxtase orgásmico.

Com segurança alguém mais devia ter visto algo como isso em uma ocasião anterior a de agora. Ela não podia ser a única pessoa que queria descrever um incidente com um vampiro.

Amaldiçoou, considerou seu balanço bancário e voltou a amaldiçoar. Mas esta vez o fez em espanhol, o qual despertou olhadas maravilhadas nos adolescentes masculinos hispânicos que estavam na mesa do lado. Arqueou uma sobrancelha. E eles aplaudiram. Riu a contra gosto.

Depois abandonou o lugar para procurar nas livrarias locais, começando pelas que tinham mais probabilidade de oferecer literatura especulativa. Se não havia registros de nenhuma observação apoiada em feitos, então teria que procurar nas prateleiras geralmente descartadas como fantasia pura.

Chegou à última livraria de sua lista justo antes do anoitecer. Era um negócio com cinquenta anos de Antigüidade em uma loja que tinha oitenta e cinco, se fazia publicidade só, como fornecedor de um serviço de antiguidades e livros para todos os gostos. Mais precisamente, seu lugar na Web mencionava em um lugar proeminente a literatura sobre

vampiros.

Estava situada na esquina de um exclusivo bairro residencial periférico, que alguma vez foi um povo agrícola.

Os negócios próximos eram prósperos e simpáticos, havia um banco, uma farmácia aberta às vinte e quatro horas, restaurantes e cafeterias, e uma sorveteria onde se encontravam alguns adolescentes divertindo-se. Havia também um parque com grama verde e um quiosque de música pensado para entreter tanto a meninos como a pais. Mas não havia famílias reunidas aí essa noite.

O habitual resplendor dourado e Colorado do entardecer estavam emoldurados por nuvens negras que passavam rapidamente pelo céu, e bordeado de um verde estranho e inquietante.

Os raios cintilavam e sulcavam o céu do oeste, quando Grania entrou rapidamente a um estacionamento em frente da livraria. Na rádio de sua caminhonete se escutava a letania de condados, quase contínua, que estavam à espera de severas tormentas. Retornar a casa com essa tormenta podia ser complicado, especialmente se gerava um tornado. Mas esta era a última livraria de sua lista e quão única tinha estudos acadêmicos sobre vampiros e sobre Drácula.

Tamborilou com os dedos o volante do veículo enquanto pensava nos riscos. As bolsas com livros de vampiros não somente pareceram burlar-se de sua vacilação. Finalmente se encolheu de ombros e entrou, decidida a encontrar os livros e partir o mais rápido possível.

A porta giratória a fez entrar em um mundo escuro e misterioso, com estantes elevando-se sobre três lados.

Havia panfletos que faziam publicidade de livros, recentes e muito antigos. Sobre as estantes, adornando as paredes, havia fotos de famosos pistoleiros, cada um deles mostrava de forma evidente suas armas de fogo. As bandeiras que uma vez ondularam em Texas penduravam acima, nas vigas, e suas cores desbotadas reluziam com a última luz que entrava pelas clarabóias. A metade eram bandeiras da batalha da Confederação, que faziam companhia à parede de livros a respeito da Guerra de Secessão.

Uma bandeira de batalha fez um movimento repentino e se balançou ante uma leve brisa. De repente se assentou, deixando cair em redemoinho o polvilho.

Puseram-lhe os cabelos de ponta detrás da nuca. Em outro tempo e em outro lugar ela teria verificado suas armas.

—Posso-a ajudar senhorita? —perguntou gentilmente um homem a seu lado.

Grania girou sobressaltada. Ele era jovem, de uns vinte anos e provavelmente seria estudante da universidade. Falando de maneira objetiva, descreveria-o como de sua mesma estatura, loiro, bastante musculoso para a idade e com rasgos normais. Pela forma em que lhe sorria, sabia perfeitamente quão atrativo era, e esperava que ela caísse a seus pés. Por que não o tinha ouvido aproximar-se? E por que lhe parecia tão familiar?

—Estou procurando alguns livros sobre vampiros - lhe respondeu com a mesma gentileza, ocultando rapidamente sua expressão para que ele não pudesse lê-la. Nunca as piores situações, no orfanato, nos internatos, em juntas diretivas, salas de exames, em qualquer lado, tinham-lhe feito perder a calma. Algo lhe dizia que precisava estar em

guarda aqui.

Os outros dois empregados da livraria ignoravam este cenário secundário. Estavam muito ocupados cobrando a uma corrente de clientes se desesperados por retornar a seus lares antes da tormenta.

O loiro entreceitou os olhos e franziu o cenho antes de sorrir docemente.

—Quais em particular? Como pode ver, o pessoal está ocupado neste momento.

Bom, era um edifício público, então que dano podia lhe fazer ele? Além disso, realmente precisava ir-se o mais breve possível, de modo que ajudá-la a encontrar os livros seria proveitoso.

—Obrigado. Estou procurando alguns livros sobre vampiros que não pertençam ao gênero de ficção.

Seu sorriso se fez maior.

—Um tema muito popular. As maiorias desses livros estão aqui. —Conduziu-a para a parede negra enquanto estirava seu braço para lhe rodear a cintura.

—E, por favor, me chame Beau - sussurrou.

Grania deu um passo para um lado para evitar sua mão.

—Estou procurando especificamente as Atas do Quinto Congresso sobre Tradições Folclóricas Européias da Ravenna - disse energicamente, para não lhe dizer seu nome.

Tampouco o tinha dado quando se foi, com todos os livros que queria, trinta minutos depois.

Ocultando sua irritação, Beau saudou com a mão à alta ruiva enquanto se ia a toda velocidade. Definitivamente ela tinha sido o melhor prospecto que tinha visto para alimentar-se desde que chegou a esta perigosa cidade; alguém que dependia da lógica sempre era mais difícil de seduzir e tinha muito melhor sabor quando era obrigado a sentir terror. Mas a próxima vez que se encontrasse, ele a seduziria para encontrar-se a sós com ele. E depois...

Ele sorriu e saboreou a ponta das presas com a língua.

Não lhe preocupava não poder atravessar seu bloqueio mental. Tinham estado em um lugar público, por isso não quis tentá-lo muito. A próxima vez o obteria.

Quando o fizesse, semearia nela a necessidade obsessiva de voltar e desse modo ele poderia beber seu sangue uma e outra vez. Como seu criador lhe tinha ensinado, não era necessário acabar com uma boa comida imediatamente. E menos quando a podia treinar para retornar a suas mãos, economizando-se dessa forma a moléstia de sair a caçar.

Mesmo que uma de suas vítimas morrera acidentalmente, não se veria como vítima assassinada por um vampiro.

Depois de tudo, não queria que Rafael soubesse que ele e Devol estavam nos arredores tão logo. Esse alferes maior do Rafael era muito bom em dar caça aos vampiros que não eram de Texas. Ele era o líder de toda a gente do Rafael, tanto dos mesnaderos do Rancho da Compostela, como dos vampiros e companheiros das circunscripciones³⁶ de

³⁶ Uma guarnição de guerreiros vampiros. Uma esfera grande e estável tem uma circunscrição em cada cidade principal (por ex. em Dallas, Houston, etc.) e também em cada ponto estratégico principal, como nas fronteiras. Estranhas vezes estão dotadas de mesnaderos, já que estes sempre se concentram perto do patrão. Este uso é tomado principalmente das ordens militares medievais espanholas.

todas as cidades importantes de Texas. Nenhum vampiro podia pôr o pé em chão texano sem que o alferes maior do Rafael soubesse, cedo ou tarde, e exigisse uma explicação. Se suas razões não eram sólidas, exilavam-nos ou os matavam; pelo geral o último. Ele era brutalmente efetivo, já fora só ou com dúzias de seus homens.

Apesar disso, para ser honestos, Beau estava mais preocupado pelo que Devol poderia fazer, já que a esse assassino Madame Celeste nunca tinha ensinado discricção.

Mas certamente até o Devol não era tão sanguinário para matar aos prosaicos de Texas de tal forma que se vissem como nos filmes de vampiros de Hollywood, e ocasionar que a máfia fizesse calar a cada vampiro dos Estados Unidos.

Além disso, se Devol começava algo semelhante, Beau lhe arrancaria a cabeça sem pensá-lo, independentemente do que dissesse Madame Celeste. Ele tinha visto a máfia russa em ação e não tinha desejos de repetir a experiência em outro continente.

Com os planos já preparados, os olhos do Beau sorriram felizes enquanto baixava pela rua e considerava várias formas de dobrar à ruiva alta. Causaria-lhe dor? Por meio de visões? Telepatia? Combinaria várias ou todas essas formas?

Divisou a uma juvenzinha tentando torpemente fazer funcionar seu telefone celular, em um beco ao lado da sorveteria.

—Posso te ajudar, carinho? —Carinho. Que palavra mais adequada para descrever algo prazenteiro.

—Me acabou a bateria e preciso chamar aos meus pais. —Seus desesperados olhos marrons o olharam, com a inocência de alguém que nunca se encontrou com ninguém que lhe fizesse mal. Ele a catalogou rapidamente. Estatura de um metro sessenta e oito, de textura física atlética, levava uma camiseta que dizia “As nadadoras sincronizadas o obtêm juntas”, tinha cabelo castanho e pele bronzeada. E melhor ainda era que tinha pelo menos vinte anos, de modo que ela poderia lhe prover uma bebida muito larga. Excelente.

O corpo lhe pôs em tensão à medida que o fogo começava a acender-se na entre perna. Beau se encurvou rapidamente para procurar seu celular, como um jovem desgracioso.

—Quer que te empreste o meu?

—OH, obrigado! —Ela tomou o telefone devotado e abriu a tampa para falar.

Chama informação do clima, ordenou Beau telepáticamente, e fique detrás da sorveteria.

Ela obedeceu imediatamente.

Que bem saber que as prosaicas texanas eram tão fáceis de dobrar como as demais.

Exceto pela maldita ruiva.

Tinha-lhe endurecido o peito, e sua respiração se acelerava enquanto seguia à moça morena, antecipando-se ao banquete que se morava. Seu pênis estava cheio de sangue e o sêmen se acumulava em seu testículo.

O telefone alagou o beco com informe de possíveis tornados. A pequena atleta sustentava o telefone em seu ombro, e escutava tal como lhe tinha ordenado. Arqueou o pescoço e ficou em uma posição perfeita para que ele a mordesse.

Tirou suas presas por completo; estavam afiados como adagas.

Penetrou em sua mente e localizou seu pior pesadelo.

Depois tomou pelos ombros e alagou sua mente de terror, sabendo que por muito que o pesadelo a aterrorizasse, seu medo seria dez vezes mais profundo, ou mais, logo que ele começasse a beber...

CAPITULO 6

“Blanche caminhava sob a colunata junto ao jardim de ervas, pela sombra, no caso de um raio de luz extraviado aprofundasse a miséria que sentia em seu ser. A noite anterior se despertou com dores agudas, similares, mas mais fortes que o que havia sentido o dia da grande batalha em Écija. A dor do Rodrigo repercutia agora em sua carne, como tinha acontecido aquela vez. Como esposa do cavalheiro se manteria alerta junto a ele, embora estivesse separada fisicamente dele.

Os meninos jogavam alegremente junto ao romeral, ao lado de uma fonte baixa de água, regados pela estátua de um leão. Como era habitual, Fernando e Beatriz, os gêmeos de cinco anos, encarregavam-se de cuidar da pequeninha Inés, de dois anos, para que não fizesse travessuras. Os três eram meninos felizes, sãos e cheios de vida. Rodrigo estaria tão orgulhoso se os visse...

Blanche se aferrava a seu rosário, para sentir-se segura de que logo tudo estaria bem. Isso seria logo que a Princesa, a quem ela estava esperando, permitisse-lhe retirar-se. Então poderia rezar pelo Rodrigo em uma capela, enquanto Fernando levava aos outros meninos a María. Tinha sido egoísta ao ter a seus filhos com ela, para recordar o seu pai, enquanto esperava a sua senhora.

Quanto a Princesa, o único no que pensava era em seus filhos, os infantes da Cerda, e seus motivos de queixa.

Sancho, o filho menor do Alfonso X, tinha convencido o seu pai de seguir os antigos costumes deste reino fronteiriço, e de nomeá-lo herdeiro do trono. Com um só golpe, os dois filhos da Princesa foram deserdados, contrariamente o seu acordo matrimonial e aos costumes nas que ela tinha crescido. Após, o temperamento da Princesa era colérico, como gotas de água chispando em uma estufa excessivamente quente. Inclusive falava descabeladamente de fugir da corte da Castilla.

Blanche apertou com tanta força a cruz de ouro que Rodrigo lhe tinha dado, que sua talha lhe cravou na mão. Se tiver que ir-se com sua senhora, como poderia receber notícias de seu marido?

A forte cancela de madeira se abriu de uma portada golpeando-se contra a porta. Blanche rapidamente deslizou a preciosa cruz entre o pescoço de sua camisa e sua pele. A Princesa sempre a respirava a esquecer-se de todo rastro do Rodrigo.

Então, apertou os dentes, abriu os olhos e deu um passo para a luz.

—Sua Alteza. —Conseguiu fazer uma reverência firme.

A Princesa se parou no centro do pequeno jardim, seu peito se erguia como um cavalo de batalha preparado para ir à carga. Seus olhos percorreram as plantas sem as

olhar, em tanto que suas mãos se fechavam e se voltavam a abrir. Fernando e Beatriz se juntaram, colocando ao Inés em meio deles, o mais afastados possível da Princesa, o qual não era suficiente, dado seu comportamento anterior.

Blanche tragou saliva, e rezava ao Notre Dame³⁷ para que a Princesse não se voltasse mais difícil do habitual. Pelo geral tinha um caráter doce em público, mas em privado, com quem a tinha acompanhado da França...

—Fernando, leva a suas irmãs com a María. Seus novos sapatos devem estar preparados.

Fernando assentiu com a cabeça; seus olhos estavam cheios de entendimento e preocupação. Sapatos novos significavam que os três meninos fossem ficar com sua babá até que Blanche viesse por eles. Também significava que tinha que ir imediatamente e não fazer perguntas.

—Oui, maman³⁸.

Ele sempre tinha a precaução de usar o francês quando estava perto da Princesa. Era diplomático, como seu pai.

Ao fechar o portão a Princesa soltou um montão de impropérios em francês. Blanche alcançou a sua senhora uma taça de vinho francês uma vez que as calúnias cessaram. Uma risada breve foi o único agradecimento que recebeu, mas ao menos agora a Princesa falava com mais suavidade.

—C sai bête³⁹.

—O infante Sancho?— Perguntou Blanche com um tom seco.

—Oui. —Compartilharam um breve sorriso antes que a Princesa se sentasse em um banco, deixando que as saias bordadas caíssem como um redemoinho sobre os joelhos.

— Não posso falar disso. Até sua mãe, a rainha, está de acordo em que esta vez ele foi muito longe.

Blanche se sentou em uma parede baixa.

—Aflijo-me por toda sua família, Sua Alteza.

A Princesa bebeu quase toda a taça antes de voltar a falar.

—Ao menos há uma coisa que sai bem: encontramos uma forma de escapar.

Blanche ficou boquiaberta.

—Fugir da Castilla para o Aragón, o principal rival cristão do reino na península ibérica?

A Princesa assentiu com a cabeça impacientemente.

—Mais oui, onde se não? Com toda certeza, mon frère⁴⁰ Philippe os reconhecerá como herdeiros da Castilla. E com o respaldo dos reis da França e do Aragón, meus filhos recuperarão o lugar que lhes corresponde. —Seus olhos brilharam como os de uma mulher louca ao sustentar a taça despoticamente.

—Seus congêneres podem criar uma grande força em seu nome - replicou Blanche

³⁷ Nossa Senhora

³⁸ Sim, mamãe

³⁹ Este sujo animal.

⁴⁰ Meu irmão

cortesmente enquanto voltava a encher a taça. A cabeça lhe começou a doer como se o martelo de um ferreiro a estivesse golpeando. O que tinha passado com o Rodrigo?

—Bem, vejo que compreende perfeitamente. —A Princesa deu um golpezinho com seu comprido dedo na bochecha do Blanche, como faria quando planejava uma visita ao mercado.

— Dom Salvador López nos tirará daqui clandestinamente logo que o despose.

Blanche ficou tensa de indignação.

Alheia a isto, a Princesa continuou falando, ao tempo que dava golpezinhos em sua bochecha. Père Bernard⁴¹ celebrará a cerimônia esta noite em...

—Não, Sua Alteza.

A Princesa a olhou boquiaberta, mas rapidamente se recuperou. Apoiou a taça e se ergueu por completo; era muito mais alta que sua dama de honra.

—O que há dito?

Blanche também ficou de pé e a olhou aos olhos, negando-se a ser intimidada. Seu dever como esposa, um voto feito através de um sacramento sagrado, estava primeiro que outro feito aos senhores mundanos.

—Sou a esposa de dom Rodrigo Pérez e não me casarei com outro.

—Ele leva morto mais de dois anos!

—Não se encontrou seu corpo.

—Os infiéis fizeram uma pirâmide com suas cabeças!

Blanche levantou mais o queixo. A terrível dor que sentia no crânio era como se lhe fosse partir. Mas agora a dor lhe ressegurava que Rodrigo estava vivo.

—Há outros que retornaram vivos, após.

Até que não se encontre o corpo ou alguém jure baixo juramento sagrado que o viu morto, ainda sigo casada.

A Princesa a olhou enfurecida.

—Compreende o difícil que foi encontrar alguém que pudesse nos tirar de forma clandestina daqui? Quão único dom Salvador pede é a ti. Quer casar-se contigo imbecil!

—Temo-me que o que me pede é impossível, Sua Alteza.

A Princesa lutou notavelmente para controlar-se.

—Ele é muito mais rico do que dom Rodrigo poderia ter desejado ser - disse, tratando de persuadi-la.

Blanche se encolheu de ombros e se fez o sinal da cruz, tão horrorizada como se o mesmo Satã tivesse tratado de tentá-la.

O que tinha que ver o dinheiro com o adultério?

A Princesa se descontrolou e deu ao Blanche uma bofetada que a fez tropeçar. Foi detrás dela outra vez e levantou a mão para lhe dar outra bofetada.

Então Blanche se saiu de suas casinhas. Ela era uma mulher casada e defenderia sua honra contra qualquer que queria manchá-lo. Empurrou a Princesa com tal força que caiu ruidosamente à água da fonte, de costas. O leão imperturbável seguia vertendo água, que caía sobre a cabeça da Princesa.

—Não volte a me falar de adultério, Sua Alteza - advertiu Blanche enquanto olhava

⁴¹ Pai Bernard

enfurecida a sua antiga senhora.

A Princesa deu um alarido de fúria enquanto abria e fechava seus punhos como se queriam arrancar os olhos de Blanche. Saiu da fonte cheia de cólera. A água caía a jorros de seu vestido quebrado.

—Ramera! A rainha Viole te obrigará a me obedecer!

Um instante depois de sair, Blanche correu em direção oposta. A traição tinha passado por esta pequena corte e lhe tinha arrancado todo vínculo com seu lugar de nascimento. As lágrimas lhe queimavam os olhos, mas não havia tempo para chorar.

Não podia ir com o Rei. Um cego estúpido pelas mulheres, no melhor dos dias, simplesmente não acreditaria e a enviaria novamente com a Princesa e a Rainha para que lhe aplicassem alguma disciplina.

Tinha que escapar com seus filhos e ir com os santiaguistas. Como esposa de um noviço santiaguista e mãe de seus filhos, Blanche tinha direito a reclamar que lhe dessem seu amparo. Além de suas resistentes fortalezas e centenas de cavaleiros, tinham muitos conventos e priorados. Com segurança, em algum destes eles e seus filhos estariam a salvo. Ali, poderia lhe rezar a São Rafael Arcanjo pela saúde do Rodrigo e para que tivesse uma viagem a salva”.

Grania abriu os olhos, avaliou a cena, e os voltou a fechar. Estava em sua própria cama, uma cama muito estreita situada em diagonal em seu diminuto dormitório, mas pintado com cores vivas. As cortinas brancas se balançavam, em tanto a chuva golpeava contra as janelas. Já estava em sua casa, definitivamente, na noite depois de uma tempestade elétrica.

Então, de onde diabo tinha saído outro sonho sobre Blanche? Só uma vez tinha sonhado antes com essa mulher medieval, esperançada em sonhar com o Rodrigo. Ela tinha pensado que esse primeiro sonho era uma poluição noturna, mas finalmente chegou depois de sonhar acordada durante anos com seu cavaleiro. Entretanto isto quase não enquadrava nessa categoria. Pior ainda, era um sonho sobre a mesma mulher, e seus filhos tinham os mesmos nomes.

Era melhor esquecer-se desses sonhos.

Não tinha visto o Emilio e ao outro tipo desde antes da tempestade elétrica, e isso poderia ser a razão pela que se sentia tão preocupada. Era tal a ameaça para o Rafael que necessitava que cada homem disponível estivesse em guarda?

Deu-lhe um murro ao travesseiro, deu-se a volta e tratou de voltar a dormir. Depois de muitos minutos que passaram em vão, deu-se por vencida. Ela tinha trabalhado dura com sua tese de doutorado pelas noites até o amanhecer, depois de semanas de oitenta horas de trabalho como veterinária e como estudante. Analisar dados sobre vampiros de noite poderia ser algo seguro depois disso. Ao menos, tinha recolhido muitíssimos menos dados científicos sobre vampiros que os que tinham para sua tese.

Na circunscrição de Austin chovia tão forte que o ruído quase podia ensurdecer a um vampiro. Dentro da grande sala Ethan estava dirigindo a assembléia matutina de companheiros. Esta sala antes tinha sido um estábulo e conservava a simplicidade de suas originais, com suas paredes e pisos de pedra, vigas de madeira e portinhas de aço, embora tivesse equipamento de alta tecnologia. O mobiliário era confortável, o suficientemente antigo para que um homem não se preocupasse em ser educado, mas o suficientemente novo para não temer rompê-lo.

Duas dúzias de companheiros, vestidos com distintos tipos de roupa, desde roupa de trabalho do tecido mais gasta, até os mais impressionantes trajes de escritório, ocupavam as cadeiras e os bancos.

Na grande sala da circunscrição tinha sido impossível entrar desde que Ethan ingressou pela primeira vez em 1860. Agora era impossível entrar, ou sair, dela se a gente era impuro de coração, como gostava de dizer a dom Rafael.

Para esta assembléia, como para todas as demais, todas as portas estavam fechadas com ferrolho por fora, exceto duas, uma custodiada pelo Gray Wolf, que estava substituindo ao tenente principal do Ethan, quem estava na circunscrição de Dallas esta noite com o Hennessy.

Gray Wolf estava no fundo da sala, aparentemente vestia roupa informal e percorria a habitação com seus olhos negros. Jean Marie se apoiou na porta lateral, e dava voltas a uma moeda sobre a parte de cima de sua mão enquanto observava.

—Alguma pergunta mais? —Perguntou Ethan.

Os homens negaram com a cabeça.

Gray Wolf se endireitou. Algo não está bem na assembléia esta noite, disse logo que sussurrando telepaticamente. Manteve a conversação brandamente, para que só os três filhos maiores do Rafael pudessem ouvi-la.

Maldição. Imediatamente, planos de contingência e conseqüências correram pela cabeça do Ethan.

—Está seguro? Sabe quem ou quantos?

Estou seguro, mas ainda não sei quantos homens. O tom de Grei Wolf era desalentador.

Jean Marie se endireitou, e a moeda se imobilizou em seus dedos como a folha de uma faca. Beau devia ter conseguido capturar e tomar o lugar de pelo menos um de nossos homens.

Necessitaria intercâmbio de sangue para poder fazer isso. Merda. Se passarmos a lista saberemos quem é.

—Ou fará sair ao espião antes que Ethan chegue a ele - disse Jean Marie.

—De acordo. —Ethan falou em voz alta.

—Formem linha para a inspeção, moços, assim poderão sair e colocar mãos à obra.

Enquanto conversavam entre si, os homens seguiram o mesmo ritual que ferisse cada manhã antes de ir patrulhar, formando uma só linha que se estendia ao longo da sala.

A inspeção se parecia com a que realizavam em qualquer estação de polícia ao começar um turno. A maior diferencia era invisível a simples vista: Ethan, como líder desta assembléia, farejava a cada homem, em busca de rastros de vampiros estranhos e

hostis.

A inspeção dos primeiros companheiros foi rápida e tranqüila. Centrado nos homens que tinha em frente, Ethan não podia emprestar muita atenção aos que estavam mais longe.

—Há problemas para o final, - advertiu Gray Wolf.

— Meia dúzia está empurrando-se entre eles como jogando. Mas se estão aproximando da porta lateral ao lado do Jean Marie.

O francês riu. Se tratarem de me apurar, deterei-os.

—Me avise quando estiverem por começar. —Ethan continuou a inspeção, respirando a seus homens a levar mais arsenal de armas e a usar seus coletes antibalas.

Seus ouvidos captaram os passos do Jean Marie que se afastavam da porta.

—Que demônios...?

A voz do Jean Marie se escutou relaxada, quase plácida.

—É quase a hora, mon frère. Necessitará lugar para o baile. A tremenda intuição do arauto tinha funcionado outra vez.

Só há um, avisou Gray Wolf. Mas ainda não estou seguro exatamente de quem se trata.

—Agora! Está-se dando à fuga agora! —Gritou Jean Marie.

Todos os companheiros se deram à volta, mas somente os vampiros e o traidor sabiam o que procurar.

Teixeira, que tinha sido um companheiro durante menos de cinco anos, saiu correndo pela porta lateral um instante depois de que Jean Marie gritasse, e um segundo depois que Ethan se colocasse em movimento. Ethan apanhou por trás ao jovem companheiro com grande rapidez, e o tinha brutalmente agarrado, ignorando as outras lutas.

A interrogação era o seguinte passo. Se Teixeira sobrevivia a isso, então Ethan podia executá-lo (o qual era uma morte mais clemente, qualquer que fora a forma em que escolhesse matá-lo), ou podia levá-lo a dom Rafael.

Gray Wolf e Jean Marie se passeavam ao redor deles, vigiando cada movimento do Teixeira. Outros companheiros formaram outro círculo, gritando e despedindo fúria por seus olhos.

Ao Ethan chegou uma baforada do aroma do Teixeira e quase lhe deu uma arcada.

—Por Deus, tem o fedor do Beau e Devol. O que fez te derrubar na porcaria de Nova Orleães?

Teixeira cuspiu ao Gray Wolf.

—Imbecil! —Ethan o apertou mais e rompeu o ombro do cativo.

O outro gritou e fraquejou, mas seus olhos ainda cintilavam desafio.

—A pena por traição é a morte. Mas antes o despojará de suas lembranças.

—Estão preparados, moços?

—Reduzirão a pó, Templeton. Os restos de vós escutem: Madame Celeste lhes pagará uma fortuna.

Ethan interceptou a mente do Teixeira sem piedade enquanto explorava profunda e rapidamente, projetando as respostas a todos os ali presente. Não muitas pessoas,

inclusive vampiros, muito menos um companheiro, podia sobreviver à telepatia realizada com tanta energia. Mas era a única forma de descobrir o que tinha ocorrido, antes que qualquer necessidade de suicídio pudesse derrubá-lo.

As imagens cintilavam: Teixeira fazendo uma chamada Telefônica ao cassino da Madame Celeste em Nova Orleães, Teixeira reunindo-se com o Beau e Devol na habitação de um hotel de Houston, Teixeira lhe entregando um mapa com as antigas rotas de contrabando desde México, Teixeira de joelhos bebendo sangue do Devol e do Beau...

Teixeira gritou como uma alma perdida e se desabou contra Ethan. Ethan o soltou imediatamente e deu um passo atrás.

Um instante depois, Teixeira caiu ao chão; bloqueou-lhe a traquéia e seu coração se deteve. Os olhos sem vida ficaram fixos no teto. O aroma de morte se estendeu pela habitação.

Outros companheiros grunhiram ofendidos por não ter participado do assassinato.

Ethan apoiou seus punhos nos quadris e olhou a seus recalcitrantes companheiros. Quando finalmente se acalmaram, falou-lhes.

—Recordem isto. Se forem forçados a receber sangue, o qual pode fazer-se muito facilmente, então dom Rafael está disposto a lhes perdoar e a lhes limpar. Mas se estiverem dispostos a fazê-lo, como o esteve Teixeira, então haverá morte para todos os traidores!

—Morte! —bramaram ao unísono, como lobos uivando à lua—Morte a todos os traidores!

Horas mais tarde, Grania queria lhe pegar um tiro a todos os que tinham escrito o chamado estudo rigoroso sobre vampiros. Nenhum parecia estar de acordo nem sequer no básico, como por exemplo, o que era um vampiro ou que fazia. Caminhou pela casinha, ignorando a montanha de papéis que havia sobre a mesa da cozinha.

Depois de lançar maldições, voltou-se a acalmar, bebeu uma taça de café recém preparado e pôs a um lado o novo computador portátil do laboratório. Os computadores estavam bem e eram úteis, mas às vezes era melhor usar seus antigos substitutos. Ia descrever a um vampiro por si mesmo, mediante a contagem das características mais distintivas.

—Depredador primeiro na cadeia alimentícia.

—Alimenta-se principal ou unicamente de sangue.

—Técnica de caça: põe ênfase na atração sexual.

—Pode matar a presa, ou não.

—Pode ser visto a luz do dia, ou não.

—Pode ou não ser capaz de ter atos sexuais, especificamente orgasmo ou ejaculação.

A última característica realmente deixou muitas atividades abertas para mais pergunta. Tinha alcançado o clímax Rafael enquanto bebia sangue da Brynda? Podia alcançar o clímax quando não bebia? Podia alcançar o clímax quando estava sozinho?

Grania tachou essa lista de perguntas que não tinham nada que ver com as características distintivas. Era melhor concentrar-se nos detalhes do ataque de um vampiro, como por exemplo, onde tinha suas vulnerabilidades. Todas as fontes ao menos coincidiam em que os vampiros eram muito fortes e rápidos para as táticas de escapamento e evasão padrões.

Deixá-lo atrás? Não, a menos que a gente seja outro vampiro.

Disparar-lhe? Precisaria-se matá-lo ao primeiro disparo dado sua velocidade, e isso significava precisão e poder de detenção. As armas semiautomáticas não eram suficientemente precisas para isso, se é que os vampiros eram tão rápidos como estes estudos indicavam. Um excelente revólver proporcionaria precisão se tinha poder de detenção, ou talvez o tivesse uma escopeta muito bem carregada e a uma distância curta.

Era um panorama violento. Era melhor que ficasse a desembalar seus livros e a pensar nos animais com os que podia fazer algo.

Mas era muito mais divertido pensar no Rafael. Em seu corpo formoso e grácil, tal como seu cavalheiro. Em suas presas, tão parecidos com a descrição de um vampiro.

Depois de amaldiçoar sua indisciplinada libido, deu-se outra ducha com água morna. Imediatamente seu corpo recordou o que tinha gozado a última vez que esteve no pequeno cubículo de azulejos verdes e seus dedos começaram a jogar outra vez.

Começou a esfregar os mamilos e a apertar seus peitos, levantando-os para receber a carícia da água, como se fosse à de um amante lhe acariciando o ventre e os quadris.

Perguntou-se se Rafael fazia alguma vez algo como isto. Verdadeiramente lhe gostavam das mulheres como essa loira gritalhã? Ou às vezes se dava prazer a si mesmo embora fora para acalmar-se?

Seus quadris começaram a balançar-se enquanto percorria com a mão a entre perna e começava a jogar com suas dobras.

Não foi assim como ele excitou o clitóris da Brynda no bosque?

Começou a gemer enquanto sua mão lhe dava cada vez mais prazer. Começou a deslizar-se nata por sua coxa, em tanto seu corpo ardia e ficava rígido.

Começou a insultar-se e tratou de pensar em outras coisas, como nas solitudes de subvenções para obter dinheiro para a investigação, ou em examinar uma águia.

Mas a imagem do Rafael voltava a aparecer. Como seria ele quando se acariciava? Estaria extasiado ou causar pena? Ou as duas coisas?

A mão se movia cada vez mais rapidamente e os quadris empurravam com força. Jogou a cabeça para trás ao arquear-se seu corpo na água, procurando mais.

Moveria-se com uso Rafael, como o fez com essa mulher? Ou seria direto?

Gostava de tocar-se somente o tronco de seu pênis ou alguma outra parte?

Alcançou o clímax, lançando um grito de prazer enquanto o orgasmo subia por todas suas costas, como se a percorresse o pênis de um homem. Seu corpo se inclinou para frente e seu rosto se paralisou em um gesto de prazer, muito grande para ser expresso. Sentia que seus pés e pernas não podiam sustentá-la mais, desabou-se lentamente contra a parede e ficou dormida.

Despertou com uma ducha de água fria. Outra vez. Justo quando o sol começava a sair.

CAPÍTULO 7

“A dor era tão intensa que não existia nada mais. Sentia que a luz o fazia estalar os olhos. Agachou-se tremendo de dor. E tratou de se encolher e fazer uma bola. Sentia um ruído surdo dentro dele. Como o rugido das águas torrenciais de um grande rio, um ruído tão agudo que podia esmagar todo o resto.

Tinha fome, sentia dor da fome que tinha. Não tinha palavras para descrever o que necessitava.

Alguém atirou de sua cabeça para trás de uma sacudida, o qual fez que sua pele se atesse mais sobre o crânio. Ao abrir os olhos, encontrou-se com uma exibição de luzes, e então gritou de dor. Teve arcadas, urinou-se em cima, lutou por escapar da luz e do som de sua própria voz.

—Besta repugnante!

Ouviu um bufido de risada.

—Você foi pior.

—Impossível!

Agachou-se se afastando das vozes que se cravavam em seu cérebro como puãs.

Umas mãos ásperas o levantaram e o limparam, sem preocupar-se quando a pele se rasgava. Dava alaridos, lutando. Eles o dominaram facilmente.

—Muito poucos recordam seu despertar - disse pensativa a voz de alguém maior, que estava em cima dele, e prosseguiram a lhe dar a volta e a limpá-lo.

— É um momento de loucura que destrói a maioria.

—Disse que antes sempre mata aos meninos.

—E às mulheres grávidas.

As palavras só eram sons, sem nenhum significado aparente, ainda. Mas o instinto interior lhe dizia que estes seres eram inimigos aos que tinha que evitar tudo o que pudesse.

A vertigem o alagou quando o detiveram e o levou a outra plataforma. Resistiu tratando de escapar das mãos que o sujeitavam e gritou. Voltava a lutar para escapar. Dobrou-se se agachando para saltar longe e quase rompe os grilhões aos que estava preso. Próximo a eles, alguém os amaldiçoou. Mas eles riram. Continuou lutando, sem fazer caso às ataduras que lhe impediam de escapar. Tinha os olhos secos e ardentes. A pele estava tensa e lhe doía. Tinha tanta sede.

Alguém cuspiu.

—Deixará de lutar alguma vez? —disse a voz do mais jovem.

—Diz-se que os que são obrigados a receber o Abraço lutam ao máximo quando se acordada a Luxúria neles. Entretanto, você queria ser meu filho adotado, por isso as coisas foram mais fáceis para ti.

Tinha fome, tanta fome. Cada parte de seu corpo morria de fome. Mas, por quê? Necessitava algo que enchesse seu estômago e algo mais.

—Tragam para o loiro. Este já está preparado para sua primeira comida. —Agora se percebeu uma grande satisfação no tom de voz do homem maior.

— E façam mais profundos os talhos na pança do loiro. Uma brisa com fragrância a perfumes doces tocou seu rosto. Ah, sim, isso era o que estava desejando. Começou a mover a cabeça de um lado a outro procurando a fonte do aroma. Aí! Ataram um corpo quente junto a ele. Ele se encolheu afastando do calor, mas o aroma de cobre era muito atrativo para manter-se a distância. Soprou e emitiu uma espécie de ronrono.

—Desatem e se afastem.

A voz do mais jovem não estava segura.

—Está seguro, yaa 'abi? Ele poderia voltar-se para nós, até estando o outro ferido.

—Embora o sangue de um vampiro seja muito mais saboroso que a de um prosaico, nenhum de nós tem mil cortes na pele. Não, ele rasgará a garganta do não crente com suas próprias mãos, depois lhe tirará o coração e beberá sangue até fartar-se.

—E também o violará. —A voz do mais jovem não soou segura.

—Assim é como sempre se toma a primeira comida. A maneira em que você, ao igual a outros cachorrinhos, bebeu seu primeiro sabor de emoção, essa é a emoção que desejará ardentemente como vampiro imortal.

—E depois desse primeiro alimento crítico, vêm os meses e anos de Luxúria inconsciente a que muito poucos cachorrinhos sobrevivem. —O mais jovem se lambeu os lábios.

—Sim, a Luxúria, a fome lasciva de sangue e de satisfação carnal. Só dois anos para ti, mas tantos como dez para outros.

Sentiu sons fortes de ferrolhos. Sentia emoções confusas enquanto o ar roçava seu corpo quando se desataram as cadeias, e depois desapareceram. Retorceu-se, mas sem fazer um novelo completamente. O aroma o atraiu e se aproximou.

Golpes surdos repercutiram nos ossos à medida que os dois que falavam se retiraram. Escutou o tilintar das taças ao verter líquido refrescante. Tratou de recuperar forças no corpo para poder alimentar-se. Mas os músculos não lhe respondiam.

Uma voz muito suave chegou a ele. Era uma voz acolhedora e amável, diferente às outras. Mas estava carregada de muita dor.

—Rodrigo - sussurrou.

Ele se apaziguou. Essa palavra significava algo. Alagava-o, reivindicava-o. Pertencia-lhe.

Mas morria por beber sangue. Podia escutar o sangue correr por esse corpo, tão perto, como um rio no que podia mergulhar-se e satisfazer-se. Começou a torcer os dedos, um por um, para poder beber profundamente. Beber muito.

O máximo aroma provinha do ventre do homem. Poderia começar aí.

—Não, querido amigo!

A voz, que tinha sido amável, repreendeu-o. Ele retrocedeu.

—Tranquilo. Eles disseram que te voltaria louco, mas não esperava isto.

Houve uma pausa. Relaxou-se lentamente, mas não se voltou a aproximar do ventre do homem, tinha medo ao rechaço.

—Eu não queria morrer. —A voz tinha um tom de amargura.

— Entretanto, terá que me matar.

Lutou contra o caos que tinha em sua cabeça e encontrou uma palavra.

— Não.

— Sim.

— Não!

— Só um de nós pode viver, e esse é você, Rodrigo. Eu rezei e rezei, mas é um gole amargo que terá que acontecer.

Os outros se agitaram detrás deles. Realizou um movimento repentino e seus sentidos se alertaram. Mas sua conversação se reatou ao trocar suas roupas e se relaxou.

— Não—replicou ele, ainda inflexível.

A voz de seu amigo se tornou mais firme.

— Não permanecerá longe por muito tempo, Rodrigo. Entrego-te minha força com gosto. Em troca, peço-te que mate a esses dois bastardos assassinos e torturantes, se Deus te permitir essa possibilidade alguma vez. Inimigos. Matar. Sim! Gritaram seus instintos.

— Utiliza suas presas em meu pescoço. — Seu amigo tragou saliva antes de continuar, ainda falava o suficientemente forte como para que o escutasse—. Pode beber todo meu sangue dessa forma. Necessitará-a toda, querido amigo.

Ele negou com a cabeça.

— Não quero te matar.

— Tem que fazê-lo. É a forma mais rápida para que morra. — Uma total certeza na voz de seu amigo deixou atrás a dor.

— Se não, eles farão que minha morte se prolongue dias e semanas.

— Não! — Seu instinto lhe dizia que seu amigo estava no certo. Tragou saliva. Desejava ter outra eleição. Desejava poder matar aos inimigos agora. Mas seu instinto lhe disse que se desse pressa.

— Recorda como fazê-lo, Rodrigo. Viu-lhes fazê-lo em mim e lhe fizeram isso a ti com frequência. O dente, meu amigo, usa os dentes. Usa esses espinhos afiados e bicudas de sua boca, Rodrigo - lhe disse tratando de persuadi-lo. Dente.

— Isso era o que eram?

Percorreu seus dentes com a língua para explorar. Os dois dentes frontais dos flancos não tinham que ser mais largos...

Estes de repente se estenderam para baixo até lhe tocar o lábio inferior. Estavam afiados como uma navalha de barbear e eram mortíferos.

Escutou-se ao outro respirar com dificuldade e ofegar.

— Virgem Santa - suspirou o homem—, cresceram-lhe as presas. Presas. Um pouco bem feito neste caos. Precisava ver. Entreabriu os olhos. Olhou com os olhos entre abertos a luz cegadora. Piscou até que pôde enfocar a imagem imprecisa.

Rodrigo se agachou sobre o outro homem, preso com pesadas cadeias de ferro ao redor de seus braços e pernas. Era um homem grande, musculoso e de cabelos dourados.

— Rezei todo o dia. Deus te perdoa Rodrigo, e eu também.

Tocou com a língua o sangue que descidia pela frente do outro. Era doce, levava o eco do tom generoso da voz deste homem. A emoção estava no mesmo sangue, sim! O sabor da confiança e a resignação. Confiança no Rodrigo.

O outro suspirou e se relaxou um pouco.

—Isso, querido amigo. Tem facilidade para fazê-lo agora. Oxalá tivesse podido ver o oceano só uma vez mais. Ver esse azul brilhante e às aves marinhas voar...

A língua do Rodrigo se movia com energia tomando o néctar com gosto a ferro. As mãos começaram a massagear os fortes músculos, o qual lhe proporcionava conforto. Seu amigo suspirou deprimido ao sentir prazer físico.

De repente, o sabor do sangue se fez mais intenso e com mais corpo, como o vinho tinto. A dor em sua cabeça se desvaneceu e de alguma forma seus pensamentos se esclareceram.

—Fearghus - murmurou enquanto procurava ansiosamente cada gota de sangue no rosto e pescoço do outro.

—Louvado seja o Senhor, Rodrigo, recuperou bastante o sentido. Sim, sou Fearghus.

—Está-o fazendo muito lento, não! Matar ao loiro grandão? —escutou-se dizer à odiosa voz do mais jovem.

—Sim. Às vezes os cachorrinhos jovens não têm idéia de como beber. Talvez tenhamos que estripar ao loiro para que comece.

Fearghus se estremeceu. Rodrigo deixou ver as presas, instintivamente possessivo.

—Matar!

—Não, não pode lutar contra eles, ainda não! —Fearghus estava assustado; então de repente seu sangue teve sabor azedo.

Aborrecido, Rodrigo cuspiu as gotas desagradáveis sobre uma grande mesa.

—Matar - repetia mais silenciosamente.

—Ainda não - grunhiu Fearghus, enquanto as lágrimas rodavam por seu rosto.

— Quando estiver mais forte, meu querido amigo.

Rodrigo acariciou a frente do Fearghus.

—Sim!

Fearghus lhe sorriu e seus olhos brilhavam com a confiança de um guerreiro.

—Esmaga-os contra o chão por mim, Rodrigo. É tudo o que peço em troca. Vingança.

Rodrigo sorriu. O sabor do sangue do loiro se fortaleceu, voltou-se mais nutritivo e complexo, como um vinho fortificado, e que o deixava satisfeito.

Acariciou a bochecha de seu amigo, em um gesto que lhe assegurava em silêncio que todos seus desejos seriam cumpridos.

—Agora está jogando! —rugiu a voz do mais jovem—. Quero vê-lo matar ao infiel.

Ouviu-se um grunhido de desgosto.

—Me alcance a faca, yaa ibnii, e estriparei ao loiro.

—Me morda agora, —sussurrou Fearghus.— Dê-me uma morte rápida, Rodrigo. E bebe muito.

—Não, essa não! —rugiu a voz do maior—. Não merece que desafie minha melhor folha de aço de Damasco.

Rodrigo subiu sobre seu amigo e estendeu as presas bicudas como uma agulha. Rodaram lágrimas por sua bochecha, queimando-o como fogo em sua pele. Agora, seu corpo recordava claramente o que havia sentido quando esses dois demônios o tinham

mordido.

Os olhos do Fearghus se encontraram com os seus.

—Recorda sempre: venha por nós dois. —Depois girou a cabeça para um lado, deixando ver a grande veia do pescoço, pulsando tão tentadoramente justo debaixo da pele. Fechou os olhos e seus lábios se moveram em silêncio.

Rodrigo mordeu rápido e forte, e pôde chegar facilmente ao jugular. Deu um pequeno puxão, o que fez alargar os buracos, até que o sangue se derramou a fervura em sua boca. Forte, nutritiva e complexa; deixou-o satisfeito. Algum dia ele compreenderia todas as emoções que tinha saboreado este dia.

—Está-lhe mordendo no pescoço! Não pode detê-lo? O loiro morrerá muito em breve e o espetáculo terminará em seguida.

—Asas, não. Uma vez que um vampiro, inclusive um cachorrinho, tem os dentes em sua presa, não há forma de fazer que a solte. —O homem maior cuspiu ante o desgosto.

— Vêem, yaa ibnii, teremos que jogar com esses escravos novos, depois de tudo.

Rodrigo bebeu muito e bastante tempo, tal como tinha visto seus captores fazê-lo a presas indefesas com a intenção de matar. Tinha que fazer que Fearghus perdesse o conhecimento rapidamente, onde esses demônios não pudessem danificá-lo mais. Ao lhe dar a graça de uma morte o mais rápida possível, como ele tinha pedido, estaria livre dos demônios daqui.

Os olhos do Fearghus se fecharam e seu rosto esteve em paz. Tinha a mesma expressão que quando falava do oceano.

Ao melhor, um dia poderia vingar-se e escapar desses demônios”.

Vingança.

Os dedos do Rafael se moviam nervosamente enquanto olhava através da janela, interrompendo uma calma que estava muito longe de sentir. Meu Deus, como estava de sedento por cumprir a promessa ao Fearghus e matar a esse rato traiçoeiro. Era livre de fazê-lo, agora que já não estava obrigado pelas leis da hospitalidade.

Ignorou a voz da amarga memória que queria lhe recordar todas as vezes que tinha tentado matar a esse idiota, e cujo fracasso lhe havia custado caro.

Jogou uma olhada à sala de juntas, notável inclusive em Texas por seu tamanho, opulência e a vista espetacular dos edifícios de Dallas perfilados contra o horizonte. Também era proprietário de todo o arranha-céu, para ser honestos. Todo o desenvolvimento era um milagre dos sistemas mais modernos de precaução, respaldados por uma dúzia, ou mais, de seus melhores companheiros. Só dois deles estavam à vista agora, em contraste com a delicada sensibilidade de seu convidado atual.

Três homens e uma mulher, os principais tubarões da Bolsa dos Estados Unidos, todos multimilionários por direito próprio, tinham visitado esta sala, um após o outro. Horrorizaram-se ao saber que se esperava que renunciassem ao conforto de seus próprios guarda-costas. Entretanto, uma vez que souberam quanto foram ganhar ficavam, reconsideraram suas objeções. Agora, a última, uma miúda senhora norte-americana de

origem chinesa, com a cara do Kwan-Yin e o apetite de um grande tubarão branco, estava sentada frente a seu computador, abstraída e estremecida de avareza, estudando as detalhadas análises que tinham preparado os espiões do Jean Marie. Outro sabujo a ponto de ser solto na capital estrangeiro da Madame Celeste.

Deu-lhes dois meses, talvez tão pouco como um, para empobrecê-la, em vingança por seus torpes intentos sobre a fortuna dele. Fez uma careta ao recordar como Gray Wolf tinha dirigido ao mais recente tubarão da bolsa que tinha tratado de beliscar as retribuições do Santiago Trust.

Santiago Trust estava protegida por advogados de corporações e fundações, construída através dos séculos que tinha vivido em Texas. Uma rede de relações criada pelos cérebros mais brilhantes e sagazes, tanto no âmbito legal como criminal, mais antiga que qualquer outro software que tinha tentado rastreá-la, e custodiada por programadores que tinham desenvolvido as linguagens e ferramentas utilizadas por piratas informáticos. Quando qualquer dessas paredes falhava em manterem afastados aos idiotas inoportunos, os homens do Ethan se encarregavam do problema aplicando a morte.

Olhou o relógio e se dirigiu à cabeceira da larga mesa.

—Seus quinze minutos se terminaram senhora - lhe disse—. Está satisfeita com a veracidade dos informes? Alguma pergunta? Não?

A dama apagou seu pequeno e elegante computador com um sorriso cortês e assentiu com a cabeça.

—Muitíssimo obrigado por ter vindo hoje - disse Rafael—. O senhor Álvarez a acompanhará à saída.

Deu-lhe a mão cortesmente, beijou os dedos da senhora, o qual foi uma adulação para seu coração chinês-americano pela segunda vez no dia, e escapou para o heliporto. Dois minutos depois, ele e seu guarda-costas estavam voando para o aeroporto onde seu Cessna os esperava. Estaria em casa muito antes do anoitecer, rodeado de companheiros e preparado para matar ante o menor distúrbio.

No dia anterior pela tarde, suas sentinelas tinham detectado rastros de um vampiro jovem, provavelmente de dezoito anos, em um avião de carga em Austin. Sem dúvida se tratava do Devol, o assassino da Madame Celeste. Esse canalha do pântano era arrogante, mas não tolo, o qual significava que o descarado anúncio de sua chegada era uma distração, mais que um engano.

E a única pessoa valiosa que tinha Madame Celeste, superior a seu açougueiro do pântano, era Beau e seus cinco séculos de experiência como assassino na Rússia.

Quando soube a respeito da chegada do Devol, Rafael tinha retirado imediatamente aos seguidores de Grania, fazendo caso omissos às objeções do Ethan, com o argumento de que necessitavam todos os homens disponíveis para procurar o Devol. Não era a única razão.

Os seguidores não tinham encontrado rastros do Beau ou do Devol, enquanto ele tinha tido bastante tempo para pensar na doutora ruiva. Era uma desconhecida, provavelmente envolta com seu inimigo mais acérrimo, dado que não podia ler telepaticamente seus verdadeiros motivos. Entretanto, cada um de seus instintos lhe exigia que fizesse a Grania sua amante o antes possível. Sempre que fosse possível.

Grunhiu uma maldição ante seu próprio capricho, enquanto se deixava cair em seu assento. Seus homens o observavam cautelosamente, mantendo certa distância para lhe dar tempo para pensar. O piloto entendeu a urgência do Rafael perfeitamente, separou assim que tiveram subido a bordo e acelerou o pequeno e elegante jato para o sul, a casa.

Grania. Pensava Rafael, contemplando, sem olhar, as pradarias abaixo. A de coração valente e grandes paixões, e a dos escudos mentais verdadeiramente formidáveis.

Certamente era valente. Deus, nenhum de seus vampiros o tivesse desafiado como o fez ela a noite anterior.

Se ela fosse homem, a teria recrutado para que se unisse o seu grupo de companheiros. Teria esperado que rapidamente ganhasse o direito de converter-se em vampiro em Texas, depois disso teria anos para desfrutar de sua companhia.

Mas ela não era homem, de modo que isso nunca passaria. Em troca, seria uma prosaico, envelheceria e morreria da forma tradicional. Morreria em cinquenta anos, talvez sessenta, por mais que o coração lhe gritasse que esse era sozinho o começo do tempo que pudessem ter estado juntos.

Entretanto poderia desfrutar de sua companhia durante o tempo que tivessem, assim como tinha desfrutado de outras formosas prosaicas. Seria suficiente para satisfazer seus instintos que pediam a gritos..., e que inclusive agora lhe exigiam que explorasse as delicadas mãos dela, ou suas pernas largas, O... Ele controlaria como e quando estariam juntos, é obvio.

Tal relação sem dúvida implicaria grandes dificuldades. Mas o fato de superar obstáculos para obter uma recompensa tão doce, era a classe de desafios que ainda o deleitavam depois de tantos séculos. Apesar de que Grania tinha respondido a seu beijo, estava temerosa, com razão, depois de havê-lo visto com a Brynda. Mas surpreendentemente não tinha podido entrar em sua mente para tranquilizá-la.

Seus escudos mentais eram o que mais o impactava. Sempre tinha podido penetrar na mente de qualquer pessoa que quisesse, exceto seu maldito criador, é obvio. Mas não podia na dela, por muito que o tentasse. Entretanto isso faria que o jogo de sedução fosse mais doce, porque teria que lutar mais para conseguí-la.

Mas para que sua conquista fosse mais segura, ia necessitar um aliado. A melhor opção era Bob Harrison, o diretor do centro de aves de rapina, quem queria explorar a terra que Gray Wolf tinha conservado sem tocar durante o último século e meio. Agora, Gray Wolf estava disposto a permitir que alguns cientistas a explorassem, sempre que estivessem vigiados de perto pelo Caleb. E toda a investigação tinha a bênção do Rafael, é obvio.

Se lhe davam permissão para a exploração, Bob seria muito amável com o Rafael. Com sorte, daria - oportunidades ao Rafael para estar perto da doutora Ou'Malley no centro de aves de rapina. Sem nada de sorte, Bob se veria como um casamenteiro e começaria a arrumar encontros entre eles.

Rafael riu de si mesmo em silêncio. Não tinha maquinado tanto para estar perto de uma moça desde que tinha quinze anos, e estava terrivelmente apaixonado pela María Sánchez, a dos olhos risonhos. Mesmo assim, chamaria o Bob do avião.

Para a total falta de surpresa do Rafael, Bob estava mais que feliz de ficar até tarde

no centro para concretizar o trato. Meia hora depois de que começassem a falar, um extasiado Bob estava selecionando aos possíveis cientistas que o ajudariam na investigação, quando um ruído proveniente do caminho de entrada mais adiante fez ao Rafael ficar em total alerta.

A caminhonete de Grania acabava de entrar e estacionar. Aí, esta noite, ele a veria. Graças a Deus tinha dado estritas ordens ao Ethan de que ela não tinha que ver os homens ou os veículos. Em caso de que houvesse problemas, Rafael os chamaria. Sabia perfeitamente bem que eles tinham escutado tudo o que tinha ocorrido dentro do edifício.

Seguiu seu percurso dentro do centro pelo som forte e cheio de confiança do salto de suas botas subindo as escadas e caminhando pelo corredor. Mas ela deteve seu percurso ante a vista do Rafael, ficou olhando-o boquiaberta do assombro, enquanto sustentava um computador portátil. Igualmente adorável, com seus cabelos escapando da larga trança e com um leve sabor a suor, como se tivesse passado o dia trabalhando em algum tipo de tarefa pesada. Ais lhe ocorriam tantas formas agradáveis de fazê-la ruborizar e suar!

Mordeu-se o lábio ao vê-la cautelosa. Estava mais temerosa que fazia duas noites, mais do que podia causar a ofensa de uma mulher pelo beijo de um estranho. Se todos esses enganadores que distorciam a verdade e diziam mentiras a respeito dos vampiros tivessem estado perto, ele com todo gosto os teria afastado e esquartejado por havê-la assustado.

Bob, sempre tão amável anfitrião, fez as apresentações.

—Grania, conhece dom Rafael Pérez, um dos fazendeiros locais? Dom Rafael, me permita lhe apresentar a Grania Ou'Malley, nossa nova veterinária.

—Encantado, doutora. —Rafael se inclinou sobre a mão dela, fazendo uma reverência.

—Senhor Pérez. —Seu tom não pôde ter sido mais frio enquanto retirava os dedos da mão dele.

Bob, que não era nenhum bobo, jogou um olhar aos outros dois que estavam na sala antes de começar a sorrir. Controlou-se rapidamente, mas não antes que Rafael sentisse que lentamente se ruborizava quase como um adolescente.

—Sabia que dom Rafael administra a terra que limita conosco, Grania?

—De verdade? Ela trocava de posição, de um pé ao outro, enquanto seus olhos rapidamente olhavam e deixavam de olhar ao Rafael.

Ele juntou as sobrelanceiras ante o movimento nervoso pouco comum dela.

Grania olhava fixo para a janela, como se tratasse de construir uma frase. Mas também via o reflexo do Rafael aí, de modo que o terror não era o único sentimento que sentia.

Era também curiosidade? Se for assim, era acadêmica ou sexual?

—Bom, realmente devo ir a casa, para que possamos jantar com o Betsy antes da prática do coro - anunciou Bob com seu acento texano bem pronunciado.

—Fará-lhe um percurso a dom Rafael pelo centro?

Grania moveu a cabeça rapidamente olhando a seu redor, o qual fez que sua trança acobreada me chocasse contra o braço.

—O que?

—Obrigado, querida. Sabia que poderia te encarregar por mim. —Aos poucos minutos Bob se foi, assobiando baixo, enquanto baixava as escadas, de dois em dois, para o estacionamento. Grania parecia estar dividida entre a raiva e a perplexidade frente à situação, enquanto seguia parada sustentando seu computador como se fosse um escudo.

Rafael sorriu para seus adentros. Tudo indicava que tinha conseguido um casamenteiro.

A doutora olhou sua caminhonete através da janela notavelmente decidida a não sair correndo. Pobrezinha. Rafael sentiu pena por ela e iniciou uma conversa inocente, algo que ela podia seguir em seu sonho.

—Qual foi o tema de sua tese, doutora?

Ela ficou tensa e se ergueu como uma monja ofendida. Muito melhor assim, ao menos não estava temerosa.

—Você não está realmente interessado em minha investigação, senhor. Falemos do centro.

—Ah, mas sim estou interessado, doutora. Ajudará-me muito a ter maior conhecimento das capacidades do centro.

Olhou-o com desconfiança mantendo-se a certa distância dele. Finalmente se decidiu e se deu a volta para o corredor sem esperar a ver se ele a seguia.

—Em um estudo de populações de corujas, principalmente em áreas silvestres. Meu interesse se centrou na projeção de resultados sobre as populações de presas e taxas de reprodução. —Olhou-o por cima do ombro e depois rapidamente olhou para outro lado—. A cozinha está aqui. Como pode ver, temos muito cuidado em manter tudo organizado para que se possa controlar o alimento para cada uma das aves.

—Muito impressionante doutora. —Jogou um olhar superficial a um espaço muito pequeno e limpo.

— Por favor, me conte mais sobre sua investigação. Que efeitos encontrou que tinha sobre as corujas a quantidade de presas?

Ele mantinha uma conversa fluída e educada enquanto lhe mostrava o centro.

Um par de portas sólidas o intrigou, tinham o nome UCI1 e UCI 2 e cada uma tinha fechadura eletrônica.

—O que são essas...?

—Unidades de cuidado intensivo. São habitações a prova de ruídos, com portas de aço e sem janelas. As aves têm que manter-se absolutamente em silêncio quando estão muito doentes.

—É obvio - murmurou Rafael com um sorriso nostálgico. O falcoeiro de seu pai lhe tinha causado ampolas nos ouvidos, e outras partes de sua anatomia, lhe falando tanto do mesmo.

Ele permaneceu em silêncio nas salas para convalescentes, movendo-se de forma tão delicada como se caminhasse sobre cascas de ovos. Um gavião colirroxo que tinha uma asa entalada o estudou com um só olho e depois o fechou, o qual reduziu a seu rival à categoria de interrupção corriqueira. Uma coruja que dormitava piscou olhando-o, semidormida. A sala estava tranqüila e em calma, capaz de curar tanto ao homem como à

besta.

Grania começou a acalmar-se mais ao ver que as aves estavam cada vez mais cômodas com ele.

—Me conte mais sobre seu trabalho na Colômbia - disse Rafael depois de que deixaram a sala—. Acompanhado talvez por uma bebida para minha garganta ressecada?

—Tudo o que temos é água e refrigerantes - disse Grania em tom duvidoso.

—Um refrigerante seria estupendo - aceitou cortesmente e a seguiu à sala do pessoal—. Refrigerante. —encolheu-se de ombros e continuou falando sobre temas que lhe gostavam—. Dos pântanos devem ter sido muito distintos aos desertos aos que estava acostumada...

Esse tema os manteve falando todo o caminho para a sala de pessoal e depois seguiram conversando mais sobre sua investigação, até que Grania começou a olhar o relógio justo antes da meia-noite.

Deu um salto quando ele começou um novo tema.

—Tem algumas pergunta para mim, querida?

Os olhos dela se entrecerraram com desconfiança. Merda, talvez tivesse usado uma expressão carinhosa muito rápido. Que classe de idiota tinham assistido a sua universidade para que ela estivesse tão desacostumada aos entendimentos carinhosos? Retrato-se rapidamente.

—Relaxe-se, doutora. —Utilizo palavras de carinho unicamente com pessoas muito especiais e não por caprichos passageiros. Você é uma mulher única - disse fazendo uma pequena reverência.

— Eu gostaria de estudá-la, tanto como você gostaria de me estudar.

Ruborizou-se envergonhada ao ser tão óbvia e nervosa. Maldita seja ela estava outra vez nervosa. Rafael permaneceu perfeitamente quieto na outra ponta da sala, tomando cuidado de não assustá-la.

—Como sei isso? —perguntou ele retoricamente.

— Você me viu a noite anterior com a loira. Obviamente você ficou satisfeita ao saber que ela não foi machucada, querida, se não, não estaria sentada aqui tão tranqüila comigo. Verdade?

Ela assentiu com a cabeça, estava rígida como um pau.

—Então, o que quer me perguntar, querida? —disse Rafael com doçura.

— Acredito que a dama esteve contente com o encontro de ontem à noite.

—Sim, pareceu-me como uma simbiose - respondeu Grania lentamente enquanto os dedos tamborilavam em seu computador portátil.

—Simbiose? —repetiu Rafael, surpreso ante a descrição que ela fazia de um ato erótico. Como se nada, ela troca o tema a uma discussão científica. Quando ela mesma teve um orgasmo olhando!

—Exatamente. Ela teve um orgasmo e você obteve sangue. Mas não se via como o que dizem os livros.

Rafael sorriu para si. Ao menos tinha mencionado a palavra orgasmo. Talvez haja esperança.

—Mas as maiorias dos livros estão equivocados, doutora. Embora poucos têm alguns

elementos verdadeiros. Que fodam! Como posso chegar a esta mulher? É tão temerosa que não posso pressioná-la. Como se não?

Nada mais tinha funcionado, então, por que não provar com um jogo?

Ela bebeu outro sorvo de seu refrigerante.

—De modo que aqui estamos lhe fazendo uma entrevista a um vampiro - recalcou Rafael—. Um evento inesperado para os dois. Responderei suas perguntas doutora, tudo o que possa. É uma honra para mim conversar com uma mulher formosa e inteligente. —Inclinou a cabeça para ela e brindou com sua execrável bebida—. Mas deve me prometer que nunca falará com ninguém mais, de nenhuma forma, sobre aquilo do que se inteirou esta noite.

Se ela falava, mataria-a, é obvio. Algo dentro dele gritava de dor ante a só idéia, mas se armou de valor. Tinha passado quinhentos anos assegurando-se de sobreviver a toda costa, ele e todos outros que dependiam dele. Não permitiria que uma prosaica interferisse com suas responsabilidades.

Uma careta se desenhou em seu rosto e ela o saudou troca.

—Responderá a minhas perguntas? Excelente! Permita tomar uma caneta e podemos falar. —Rapidamente tirou uma caneta de sua mochila e abriu seu caderno. Olhou-o com mais seriedade e colocou a caneta sobre a folha com linhas—. Tem minha palavra, senhor Pérez, que nunca revelarei meus dados ou meus descobrimentos sem sua permissão explícita.

Rafael arqueou uma sobrancelha ante a expressão formal que ela utilizava. A doutora tinha feito um juramento científico, o equivalente a um voto de cavalheiro. Honrando isso, fez uma reverência ante ela e esperou a primeira pergunta.

Seus olhos se iluminaram e começou a interrogar o de uma forma tão incessante e meticulosa que teria impressionado inclusive à Inquisição. Somente lhe perguntou sobre a biologia reprodutiva do vampiro, nada mais. Não perguntou sobre a riqueza que pôde ter adquirido durante uma vida tão larga, nem sobre os amigos, nem o poder. Nem sequer sobre a Santiago Trust, cuja terra seu empregador ia explorar.

E nunca, jamais, fez nenhuma pergunta que a fizesse ruborizar ou apartar o olhar dele. Ah, sim, ela tinha começada a perguntar algo, logo se ruborizou, gaguejou e voltou a trocar de tema a algo inócuo.

Embora estivesse muito enfocada em suas perguntas, talvez agora lhe permitisse aproximar-se mais...

Rafael ficou de pé e se estirou. Caminhava pela sala enquanto respondia as perguntas, cada pouco se aproximava dela para ver a de perto. Sua pele era branca e convidava a tocá-la. Tinha um ligeiro aroma a flores no cabelo. Seus dedos sujeitavam com firmeza a caneta enquanto deslizava a mão pela página; deslizaria-a sobre seu amante com a mesma concentração? A sombra de suas pestanas desenhava um leque em suas bochechas e os adoráveis brincos de cabelo escapavam das tranças para cair sobre suas orelhas e pescoço...

Ela ignorava seus movimentos e seguia centrada em seu caderno de notas enquanto o interrogava.

Uma meia hora depois, ele se tinha afastado para a parte mais distante da sala, onde

estaria menos tentado de tomá-la e beijar o pulso que pulsava em seu pescoço. Grania estava acurrucada no sofá cheio de vultos, estudando as respostas até a última frase enquanto mordiscava a ponta de uma de suas unhas e ele estava apoiado contra a parede.

Observou-a com total irritação e com desejo frustrado. Caralho, apesar dos quinhentos anos de experiência em seduzir mulheres, ainda estava sentado no lado oposto da sala, longe dela, como se houvesse uma proprietária vigiando!

Lutou contra a fúria que sentia de amassar a lata de refrigerante e arrojá-la pela janela.

Estavam sozinhos em um edifício, de noite, em uma pequena e tranqüila sala. Entretanto, ela não estava o suficientemente cômoda para relaxar-se com ele.

De algum jeito ele precisava criar um sentimento de intimidade entre eles. Talvez se a incitava a lhe perguntar essa pergunta secreta ela sentiria um laço entre eles. Talvez lhe perguntasse sobre outro aspecto da reprodução de um vampiro, como por exemplo, o tamanho de população necessária para alimentar a um cachorrinho através da Luxúria. Ou a respeito da maior acuidade dos sentidos, um tema que não se havia meio doido, embora fosse óbvio que ela tinha investigado muito. O...

Falando em um tom mais grave trocou a um ritmo mais lento e social, para escapar do ambiente cientista.

—Nunca antes tinha falado sobre vampiros com alguém que não fosse vampiro ou que estivesse considerando a possibilidade de converter-se em um. Falar com você foi muito enriquecedor para mim.

Grania se poliu e ficou de pé, sorrindo. Inclusive fechou o maldito computador portátil. Ele pensou em beber outro sorvo do horrível mingau da lata como sinal de companheirismo, mas o pensou novamente e simplesmente a arrojou.

—Mas você ainda tem uma pergunta em particular que me fazer, doutora. Esteve-lhe queimando a língua durante toda a noite, mas quando começou a fazê-la rapidamente trocou as palavras. Crie-me agora que serei sincero com você? Venha, faça a pergunta.

Ela duvidou, enquanto seu dedo tamborilava no portátil. Mas não se negou imediatamente.

Era um caçador com muita experiência para empurrá-la. Bebeu um sorvo da execrável água morna adoçada sem lhe tirar os olhos de cima.

Ela tragou saliva.

—Você se masturba?

Ficou boquiaberto e se afogou. Confiava na doutora para trazer esse tópico de conversação de uma forma tão científica, mas não que o deixasse cambaleando!

Ela se ruborizou e começou a dizer algo mais.

Mas ele fechou os olhos e riu para si. Ela ficou em silêncio.

Abriu os olhos, ainda rindo-se de suas próprias idiotices, e atravessou a sala para onde estava ela. Ajoelhou-se ante ela, cortesmente, ignorando como ela o tinha cuidadosa boquiaberta. Inclinou a cabeça e lhe beijou a mão.

—Verdadeiramente você é a mulher mais incrível. Tão inteligente e tão atrativa. — Voltou-lhe a beijar a mão, mas esta vez mais devagar e explorando cada delicado osso e tendão debaixo de sua fina pele. Ai, um leve tremor subiu pelo braço dela até o coração!

Esfregou brandamente a bochecha contra sua mão, desfrutando como o roce de sua barba a fazia estremecer-se. Que não daria de explorá-la entre suas pernas da mesma forma...

—Sim, masturbo-me, mas muito de vez em quando. Estranha vez estou sem companheiras sexuais, como já o terá adivinhado. Mas às vezes, querida fantasio quando estou sozinho e alcanço o clímax.

Ela se estremeceu ao sentir seu roce, e um calor suave percorreu seu corpo. Alargou a mão muito timidamente e retirou um cabelo de sua frente. Ele fechou os olhos e inclinou a cabeça para a palma da mão dela, desfrutando de sua carícia. Finalmente, estava-o acariciando por sua própria vontade.

Tinha conseguido abrir um pouco mais esta greta em suas defesas o mais que pôde. Gostava-lhe de observar, como bem sabia da vez no parque. Então lhe ofereceria uma demonstração para responder à curiosidade científica da doutora, e começar a criar os laços que necessitava.

—Gostaria de me olhar, Grania? —Rafael perguntou em um tom de voz como um suave murmúrio atravessando a silenciosa sala.

Ela tragou saliva; seu rosto expressava ânsias e indecisão.

—Acredito que lhe provocaria prazer se observasse - murmurou ele.

Ela assentiu com a cabeça, em tanto que com a língua se tocava o lábio. Ah, sim, lhe gosta tanto olhar, doutora...

—Mas queria lhe pedir um favor em troca.

Ficou tensa e o observou com desconfiança.

—Se me olhar a excita, posso beber uma gota de seu sangue depois? Isso me permitiria saborear sua emoção, que é o que verdadeiramente desejo, Grania. Juro-lhe que você não correrá nenhum perigo. Somente um pouquinho, nada perigoso. “me abra a porta, querida...”

Considerou a oferta proposta bastante e por muito tempo antes de aceitar. Ele esperou com paciência, sem saber realmente o que ia decidir ela. Mas isso era parte do encanto e o desafio da doutora, a mulher mais incomum que tinha conhecido desde que se convertesse em vampiro.

—Sim, Rafael, pôde tomar uma amostra de meu sangue. Confio em sua honra.

A comoção percorreu o corpo do Rafael. Ela aceitou, mas confiando em sua honra? Quando pensava que ele era um monstro sobrenatural? Sentiu-se exaltado, elevado e enobrecido, como se acabasse de ser renomado cavalheiro.

Para Grania, que sabia muito pouco dos entendimentos carinhosos de um homem, daria-lhe o melhor espetáculo possível. Dançaria para ela, somente pela sorte do momento e também com a esperança de incitá-la ao prazer. Mas que estilo de dança? Tinha aprendido tantas em toda sua vida.

Beijou-lhe a mão, inclinou-se em agradecimento pela honra que lhe tinha feito, e ficou de pé. Retrocedeu, para que ela pudesse vê-lo claramente e começou a fazer aquecimento, ainda pensando em qual seria a dança que mais a tentaria. Flamenco, talvez?

Automaticamente plantou seus pés no chão com firmeza, separados à altura dos quadris, e relaxou os joelhos.

Com as costas bem retas e a cabeça erguida, girou a cabeça sobre o pescoço. Somente uma ou duas vezes, para ter mais tempo para decidir. Se o movimento a sobressaltava, sempre podia fazer uma brincadeira a respeito.

Em troca, ela se inclinou para diante e o observava atentamente. Ai, por fim tinha atraído à atenção da doutora!

Girou a cabeça um par de vezes mais. Definitivamente estava fascinada. Realizou alguns giros de braços e pernas ainda depravados e sorrindo-le. Balançou os quadris um pouco, para não mover os ombros ou algo mais. Grania pôs o computador portátil do laboratório no chão para observá-lo. Que tinha utilizado como escudo toda a noite.

Mas o estilo de dança que melhor ia com estes exercícios era um que não tinha realizado em quinhentos anos, desde que tinha escapado do cativeiro nas cortes do Oriente. Mesmo assim, tinha podido deixar-se levar ocasionalmente por essa dança naquele tempo, naquele tempo, era um dos poucos passatempos que lhe tinham permitido realizar. Talvez não fosse tão mal dançá-lo uma vez mais, dado que foi o primeiro que tinha conseguido transpassar o escudo de amparo da doutora.

Ele duvidou ante a lembrança de tantas e tão antigas humilhações, e êxtase. Sem dúvida o poderia dirigir uma vez mais.

Balançou-se um pouco tratando de recordar a música. Sempre lhe tinha gostado de dançar ao ritmo do derbake⁴², o tambor, com seus sons graves e agudos e o ritmo eternamente cambiante por debaixo de todo o resto. Voltou a balançar-se, recordando como a flauta de pastores tinha tecido sua canção de alegria e desejos em torno do ritmo do derbake. Sacudiu o cabelo, deixando que lhe acariciasse o pescoço.

Grania tirou a língua entre os lábios.

Rafael, animado, pavoneou-se seguindo os antigos ritmos e tirou peito, fazendo sair à dança de dentro, do profundo de seu ventre. Girava os braços sobre sua cabeça, o que lhe permitia exibir sua força e ferocidade. Seus pulmões se inchavam à medida que sua pele se esquentava. Acariciou-se o peito por cima da roupa e o coração começou a pulsar mais forte ante o olhar fascinado dela, que estava boquiaberta.

Os dedos de Grania começaram a golpear no braço de sua cadeira seguindo o ritmo de seus quadris e pés. Os batimentos do coração do coração dele se aceleravam cada vez mais.

Grania tragou saliva, em tanto seus seios subiam e baixavam rapidamente debaixo de sua camiseta.

Então ele retrocedeu. Isto estava indo muito longe e muito rápido para seu próprio autocontrole. Se ela o olhava dessa maneira mais tempo, ele seria o que estaria lhe rogando um beijo. Estirou-se, levantando seus braços sobre a cabeça e voltando-os para baixar, para dar por terminada a primeira dança.

Logo se sentou na cadeira ao lado dela e se tirou as botas. Grania o olhou fixamente e ele riu entre dentes.

⁴² É um instrumento de percussão de origem árabe usada em todo o Meio Oriente. Também está acostumado a ser chamado toballe (pronuncia-se tob-bala ou tubale, especialmente na Palestina (região)), zarb e dumbek (ou tombak), que deriva dos dois sons principais que formam a base de sua técnica: um som grave (dum) e outro agudo (tac), além dos rufos, que em árabe se chamam harakat e os nomeia como "tákatak".

—As botas eram mais bem apreciadas em outras épocas, querida, quando não se interpunham entre um homem e o que ele queria.

Ela se ruborizou e ele jogou a cabeça para trás, sorrindo burlonamente ante o êxito de sua saída.

Tirou-se as meias e se esfregou os pés, para que ela se acostumasse a ver sua pele. Ela se ruborizou mais ainda e retirava a vista dele sozinho para voltá-lo para olhar. Seus peitos se incharam e se endureceram debaixo de sua camiseta.

Mesmo assim, este era um começo muito prometededor para seduzi-la.

Rafael se voltou a pôr de pé e deixou que a antiga música, com suas melodias sensuais e ritmos imprevisíveis, percorressem todo seu corpo. Quando o ritmo chegou ao mais profundo de seu ser, começou a dançar outra vez.

Com os quadris movendo-se e os ombros bem altos, fez um desdobramento de sua masculinidade, embora nunca permitisse a ela olhá-lo diretamente. Sacudia a cabeça e seus cabelos se balançavam sobre sua pele, ocultando seu regozijo quando a Luxúria alagava seus olhos.

Deu uma volta sobre os quadris mostrando suas fortes nádegas e girou para lhe mostrar os músculos. Ele se acariciou através da roupa, e a viu apertar seus punhos.

Bem. Finalmente a doutora agora começava a sentir a picada da Luxúria frustrada.

À medida que dançava, o calor penetrava sua pele e percorria suas veias cada vez que a via tragar saliva ou passar a língua pelos lábios. Seu pênis se inchou e se ergueu tenso contra a ajustada calça jeans. Ofegou tratando de recuperar energia. Os batimentos do coração começaram a subir pelas costas preparando-se para alcançar o clímax enquanto dançava. Seus testículos começavam a saturar-se rogando ser liberados.

Desde o começo observava a sua formosa audiência e cada um de seus movimentos era para fazer o que mais excitava a ela. Poderia ter dançado assim durante horas sem ejacular; Por Deus, tinha aprendido a fazê-lo nas pior das escolas. Evitaria fazê-lo porque lhe trazia más lembranças.

Mas a doutora, que se mordia o lábio enquanto lutava por não mostrar sua excitação, não estava cultivada nisso e era irresistível.

De repente, já era tempo de incitá-la um pouco mais. Talvez fazer que lhe erguessem um pouco mais os mamilos. Ou luzir mais seu traseiro; a Grania parecia lhe gostar dessa parte de sua anatomia em particular.

Ele atirou dos mamilos com força através da camiseta, desfrutando da leve dor que lhe provocava. Girou os quadris, apertou seu traseiro, e tocou o peito para ela, como amostra de seu domínio.

Ela ofegou esforçando-se por respirar e gemeu brandamente, em tanto suas mãos se fechavam e se voltavam a abrir.

Bem. Inclinou apenas a cabeça para trás e começou a tirar a camiseta lentamente. Deslizava-a muito devagar de um lado a outro de seus ombros, provocando-a.

Ela sussurrou profundamente, estremeceu-se e fechou os olhos.

Ele se paralisou. Caralho esqueceu-se das cicatrizes! Pediria-lhe que se detivera? Por Deus, não queria, não agora que seu pênis estava a ponto de gozar.

Os olhos de Grania se abriram lentamente deixando ver o azul profundo do

tempestuoso mar do Norte. Fixaram-se na mão dele que estava apoiada na fivela de seu cinto. Ela tragou saliva e se lambeu os lábios.

Seu pênis deu um impulso vigoroso e começou a pulsar. Sim!

Deslizou os polegares no cinto da calça e começou a balançar seus quadris; com o movimento faria ressaltar a fivela do cinturão, onde ela tinha posta sua atenção, e também no vulto debaixo de sua braguilha. Enquanto se movia, variava o tempo seguindo o ritmo das antigas improvisações do taksim⁴³. Acariciava-se com lascívia, lentamente, estimulando-se com os dedos. Depois, ainda com os polegares no cinto da calça, voltou a balançar os quadris.

Lançou um gemido apenas audível. A via quase tremer ali sentada, imóvel, adorável em seus desesperados intentos por autocontrolar-se. Incrivelmente formosa.

Ele morria por tentar que esse momento durasse, assim demorou todo o tempo possível tratando de se conter antes de desabotoar a calça. Reagiu como ele tinha desejado quando seu pênis se liberou: lançou um gemido afogado seguido de suaves gemidos de desejo.

Sentiu que suas coxas ficavam tensas ante as impetuosas sacudidas do orgasmo que lhe começava a crescer nos quadris. Ainda não, ordenou-se, ainda não. Sempre podia controlar seu corpo embora sentisse maior tentação.

Agarrou-se firmemente o pênis e se afastou dela lhe mostrando seu perfil para fazer ressaltar o tamanho de sua ereção. Desfrutou de quão gemidos ela emitia enquanto o observava. Seguiu jogando mais tempo, provocando sua própria excitação dentro de suas calças. Jogava com sua Pelotas e logo pressionava o períneo para atrasar o orgasmo.

Grania deixou escapar palavrões obscenos e se endireitou.

Farejou delicadamente. Ah, definitivamente estava o suficientemente molhada. Era o momento de acelerar os acontecimentos.

Voltou-a olhar de frente, pisou com força e jogou para trás a cabeça. Deslizou a mão dentro dos jeans e rodeou seu testículo, levantando seu pênis para que se visse ainda maior do que era.

Grania seguia com o olhar, fascinada, seus sutis movimentos de onde estava.

Assim gostava que a excitassem e não que expuseram a resposta frente a ela, verdade? Era uma cientista que tinha passado anos estudando e investigando. Sua atitude o atraía, dada sua larga vida e luta contra o aborrecimento. Também era frustrante, quando cada nervo em seu corpo lhe exigia imediata satisfação do desejo carnal.

Ao ritmo dos suaves gemidos, seguiu tocando-se um pouco mais. Depois se baixou os jeans lentamente, muito lentamente, por suas pernas, enquanto contornava lascivamente seus quadris. Jogou a cabeça para trás e arqueou seu torso com um gesto para exhibir-se.

Ela voltou a emitir gemidos. Ao mover-se impacientemente, o sofá rangeu antes que se voltasse a acalmar.

Excelente. O prazer para ambos estava cada vez mais e mais perto. Mas ele queria que as veias dela ardessem mais ainda, até sentir tal desejo como o que ele sentia. Se não,

⁴³ É uma música lenta com gaita, onde se empregam movimentos ondulantes. Pode estar acompanhada por um elemento como o sabre

alcançaria seu clímax ali mesmo, no chão.

Excitou-a dando-à volta, para que o primeiro que ela visse fossem as nádegas, depois os quadris e pernas e finalmente o vigoroso pênis. Ela se aferrou fortemente ao braço do sofá enquanto gemia brandamente.

Graças a Deus finalmente a ouvia verdadeiramente desesperada!

Rafael se esfregou o pênis com firmeza, enquanto sentia o ritmo do derbake ressonar nos quadris e o som da flauta dos pastores correrem por suas veias. Fez girar a mão sobre a cabeça do pênis quando o ritmo do derbake se acelerava mais e ao escutá-la ofegar. Começou a vibrar e levou sua pélvis para frente para poder sustentar entre as mãos os testículos, que agora estavam tão sensíveis e ávidos por descarregar-se. O desejo o empurrava e fazia endurecer mais seus mamilos.

Ela tragou saliva.

Seu rosto refletia a expressão do desejo não satisfeito, igual ao dele.

Ambos respiraram profundamente.

Depois balançou os quadris para frente e começou a sovar o pênis com as mãos. Ela começou a balançar os quadris ao mesmo ritmo que ele, ali, na poltrona. Dançava com ele, ali, sentada.

Uma mulher tão apaixonada como a que tinha desejado. Merda, agora via quando lhe cobria o pênis com a camisinha, suas largas pernas lhe rodeando os quadris, animando-o...

A imagem sacudia sua disciplinada mente e começou a mover-se cada vez mais rápido. Lutou para não perder o controle, primeiro usou sozinha a mão esquerda, com a que tinha um pouco menos de habilidade. Ela se mordeu o lábio tão forte que lhe saltou um pouco de sangue; seus olhos estavam imensamente abertos e seus peitos palpitavam. O sangue do Rafael percorria suas veias pulsando desesperadamente.

Mesmo assim, tratou de diminuir o ritmo e atrasar seu orgasmo mais do que se imaginava que fora possível, até que seus testículos estavam quase por explodir e pediam a gritos ser liberados.

Ai, merda, ela ainda não tinha alcançado o clímax. Teria que alcançá-lo ele primeiro e esperar que lhe deixasse ajudá-la depois, se queria saborear sua máxima emoção. Bastante fácil fazê-lo em uma situação normal, mas não quando a prudência lhe estava desfazendo sob a pressão de um orgasmo iminente.

Tomou a camiseta e ejaculou nela enquanto lançava um rugido. O clímax sacudiu seu corpo e ele o agüentou apertando os dentes, usando toda sua experiência para não perder o controle.

Depois ficou de joelhos frente a ela, apostando que não lhe deixaria beber de seu sangue se ele a dominava fisicamente.

Graças a Deus Grania se estirou para chegar até ele, tirou-o dos ombros, sujeitando-o. Ele baixou a cabeça, ofegando e sem emprestar atenção aos movimentos reflexos depois do orgasmo, procurando o pulso dela.

Acariciou seu cabelo, arrulhando-o. Era vulnerável, suspensa no bordo de um clímax sexual, e ele podia levá-la aí.

Dobrou a cabeça para procurar o ponto do pulso na parte interior de seu pulso. Ela

se relaxou levemente, provavelmente esperava outro beijo.

Chupou-lhe a pele com força, preparando-a, ao tempo que ela tragou saliva.

Depois lhe mordeu rapidamente a veia, e bebeu sozinhas umas gotas de sangue, como tinha prometido, não mais. Sangue outorgado com total confiança e aceita com a completa alegria do momento, tal como o tinha feito milhares de vezes antes. As emoções dela tinham um gosto delicioso, saboroso e forte, como um borgoña antigo. Ia querer muito mais dela, tão seguido como pudesse tê-la, dado o sabor tão cheio de vida.

Ao seguinte instante o mundo trocou para sempre.

Os pensamentos de Grania e seu prazer chegaram a ele como um rugido. Percebeu seu êxtase no meio do orgasmo, pulsando com mais força e mais profundo com cada sorvo de sangue que bebia, como se fosse uma máquina de moer de êxtase desabando-se pelo corpo uma e outra vez. Quando mordeu com os dentes seu pulso e quando a língua lambia delicadamente. A sensação de seu cabelo - seu cabelo!— através do tato dos dedos dela.

Sua absoluta confiança em que ele era honorável e nunca a danificaria.

O impacto percorreu suas veias até as converter em gelo.

Suas presas os uniram ao extrair o sangue dela. A união transformou o prazer em deleite puro, resplandecia através de Grania como a chama de uma tocha. Ela gritou ao sentir o fogo correr por seu corpo e centrar-se no profundo de seu ser. O orgasmo estalou dentro dela em uma série de impetuosas sacudidas, tsunamis de sensações que consumiam cada célula e cada pensamento.

Mas os movimentos reflexos depois do orgasmo, o que os franceses chamam a *petite mort*, foi diferente a tudo o que alguma vez sentiu. Quando nas oportunidades anteriores sempre se havia sentido separada de seu amante, por mais perto que estivessem seus corpos, esta vez sentiu que de algum jeito Rafael estava em sua mente, que era parte de seu ser assim como ela era parte do dele; sentiu que o êxtase percorria seus corpos e suas mentes juntos.

Quando recuperou a capacidade de pensar, estava sentada em seu regaço e tinha o rosto coberto em seu peito. Ele cheirava a sândalo, um aroma doce e sexy, e seu coração, ao igual ao dela, pulsava com força. Soprou com felicidade e dormiu, sentindo-se tão cômoda em seus braços como se a tivessem acolhido milhares de vezes antes.

Rafael contemplou a inocente e inconsciente moça em seus braços. Um laço conjugal se disparou entre eles e ela tinha a coragem de dormir em lugar de lhe dar uma explicação?

Um laço conjugal unia a um vampiro junto à outra pessoa em todos os níveis de suas mentes, tão consciente como inconscientemente. Podiam compartilhar seus pensamentos e seus instintos, até o ponto de que podiam compartilhar os sentidos do outro durante um duelo e até podiam transmiti-la força do outro. Como o vínculo era tão completo não existia entre eles nem sequer uma mínima barreira. De modo que um laço conjugal nunca podia ser forçado de maneira nenhuma, simplesmente se dava quando duas pessoas confiavam completamente a uma na outra e quando menos o esperavam.

Todo isso era o que o fazia incrivelmente pouco comum. Um vampiro podia passar toda sua vida, inclusive até converter-se em vampiro maior e caminhar à luz do dia, mas não ver nunca duas pessoas que compartilhassem um laço conjugal.

A prova positiva de um laço conjugal era saber e sentir o que outra pessoa pensava e sentia, como se a gente mesmo o estivesse pensando e experimentando simultaneamente. Como tinha ocorrido quando ele mordeu seu pulso e a fez alcançar o orgasmo, momento no que pôde sentir as ondas de seu êxtase repercutir nele, ele, o satisfeito!

Se ele havia sentido tudo o que ela pensou e sentiu nesse momento, então ela tinha que haver sentido tudo o que ele pensou e sentiu. Rafael fez uma careta. Depois de duzentos anos de ter sido um escravo sexual torturado, não confiava em ninguém dessa forma.

E, entretanto, a quantos vampiros tinha escutado dizer que dariam tudo por ter um laço conjugal com alguém, com a pessoa que fora?

Que demônios devia fazer agora?

CAPÍTULO 8

Diego jogou Rodrigo em uma cela

—Verdadeiramente pensou que tinha jantado esta noite?

Rodrigo caiu rodando e ficou de pé cambaleando-se; olhou fixamente a seu Némesis.

—Alimento-me do sangue que me é dado livremente, e não da que é obtida por meio do medo ou a morte.

Diego riu dele.

—Pobrezinho Rodrigo - disse burlando-se.

— Já faz quatro anos do Abraço mas ainda é o brinquedo de qualquer vampiro que te encontra por acaso. O que seja que eles queiram sexo ou sangue, você o dá.

Rodrigo apertou os dentes, fazendo caso omissa à fome que corria por seu ventre. Graças a Deus a coragem do Fearghus tinha dotado ao Rodrigo a capacidade de alimentar-se mediante a confiança e o prazer físico. Com sorte, se Rodrigo seguia distraído ao Diego, o mau caráter nunca se daria conta de que estava aprendendo a evocar o prazer carnal como fonte de poder igual à morte.

—Mas eu nunca cometi assassinatos por dinheiro, como você o faz - replicou. — Eu ainda mantenho meus juramentos, coisa que você não tem feito.

Diego o jogou contra a parede de uma bofetada.

—Nosso amo.

—Seu amo - ele corrigiu Rodrigo, e cuspiu um dente. Voltaria a crescer, como crescia todo o resto, graças ao elixir de vampiro que corria por suas veias. Somente sua cabeça e seu coração podiam romper-se agora.

—Dá-me seu sangue para beber regularmente —disse Diego— enquanto você roga para obter as migalhas de qualquer vampiro a quem lhe resulta divertido. Eu sou um vampiro amadurecido, capaz de me manter erguido em uma reunião de vampiros. Enquanto que você te humilha e te encolhe de medo se um vampiro arquear a sobrelanceira

te olhando.

—E corre para ele como um imbecil cada vez que ele levanta um dedo - lhe replicou Rodrigo. Os cachorrinhos maturavam mais depressa quando bebiam de seu criador muitas vezes, especialmente durante a Luxúria. O vínculo que se formava então era profundo e forte, assegurando obediência para toda a vida.

Diego tinha crescido mais em dois anos de cachorrinho, e se tinha convertido em vampiro quando Rodrigo foi obrigado a receber o Abraço. Era imensamente mais forte e mais rápido que Rodrigo, e se deleitava em prová-lo uma e outra vez. Mas Rodrigo preferia demorar mais tempo em maturar que obtê-lo através do alimento do prazer carnal e do sangue do Sírío.

Diego arqueou uma sobrancelha.

—Está ciumento de meu status como filho adotado por ele.

—Isso, nunca! — Às vezes estava contente de todos os vampiros que usavam seu corpo e que depois lhe davam de beber seu sangue. O sabor diferente do sangue de cada vampiro era um tijolo mais para a parede mental que construía contra O Sírío e contra Diego.

Diego riu burlonamente.

—É obvio que está ciumento. Se olhe, leva posto sozinho essa imunda tanga, manchado de sangue e... devo enumerar todo o resto? Então tenha em conta minha roupa. O algodão bordado, o couro brilhante como o ouro, o aço de Damasco.

—São os símbolos de um covarde que vendeu sua alma por uma cama confortável - disse Rodrigo despectivamente. Sua esposa lhe tinha advertido sobre este verme. Temia desesperadamente ter morrido muito longe, Por Deus santo! Para escutá-lo, agora que o elixir de vampiro corria por suas veias. Mas se de algo serviam as preces de alguém como ele, então esperava que sua esposa e filhos estivessem sãos e salvos.

Com a cabeça erguida, olhou ao Diego muito direto aos olhos. Ao menos ele tinha feito o melhor para manter seus votos.

—Amo a meu pai! Ele me deu seu amor, e não obrigações sem nenhum sentimento.

Diego o esbofeteou, e golpeou a cabeça do Rodrigo contra a parede de pedra, deixando-o meio aturdido.

—Se ele não quisesse que não brigássemos em um duelo, mataria-te agora mesmo! —gritou golpeando a parede com a mão.

— Pedirei que o reconsidere, eu poderia tingir a areia com suas vísceras. —Furioso abandonou o lugar, fechando de uma portada a porta de ferro. Infelizmente se lembrou de fechá-la com chave.

Rodrigo se deixou cair, deslizando-se pela parede, com os olhos fechados. Cheirava como se tivesse deixado um atalho de sangue do largo da mão na parede; tinha sido um golpe mais desagradável do habitual desse covarde. Não era de surpreender, dado que O Sírío lhe estava ensinando ao Diego o negócio familiar dos assassinatos, o qual aumentava toda sua tendência para o eficaz derramamento de sangue.

Mesmo assim, antes do amanhecer já estaria curado. E de noite seguinte haveria outro vampiro, já fora O Sírío, Diego ou algum outro, para torturá-lo ou fode-lo, ou as duas coisas. E a noite seguinte, e a seguinte... Ai, Deus!

Escutou sons que provinham do pátio, cada vez mais fortes. Aço contra aço? Ergueu sua cabeça e ficou alerta.

Era possível? Ficou de pé e se dirigiu à porta, onde apoiou seu rosto contra as barras para escutar. Ouviam-se grunhidos e gemidos de homens, mas não se escutavam gritos. Ainda...

Uma luz dourada se deslizava pelo corredor, algo assombroso neste lugar de sombras e aromas nauseabundos. A luz provinha de um homem limpo, um forasteiro, que levava uma espada jorrando sangue.

—Tio Rodrigo?

O júbilo alagou suas veias. Cada um de seus sentidos se tornou mais vivido. Até a célula mais diminuta de repente parecia grande e cordial.

Ficou de pé e correu para a porta. OH, alguém da família! E a esperança de ver o Blanche e a seus filhos.

—Hassan, meu sobrinho! —O filho do Achmed, agora um homem, sustentava no alto, na outra mão, uma tocha resplandecente. Podia cheirar dois homens detrás dele, armados e alertas.

A porta se abriu e para seu máximo júbilo, encontrou-se com o abraço do Hassan. Outra vez sentia o contato da família. Que o tratassem como a uma pessoa e não como a uma besta. As lágrimas rodaram por seu rosto.

—E minha esposa? E os pequenos? —Disse com a voz quebrada pela emoção.

—Todos estão bem - respondeu Hassan.

— Seus filhos cada dia se parecem mais a ti, e suas filhas são encantadoras. Sua esposa rechaçou todas as ofertas de matrimônio, ela insistia que ainda estava vivo.

Mãe de Deus! Ela permaneceu fiel a mim, apesar das inefáveis pressione.

Hassan lhe lançou uma túnica e uma espada. Rodrigo colocou a roupa e depois balançou a espada para provar o equilíbrio. Não era como sua espada, mas era uma espada fina, estaria bem por agora. Retornaria mais tarde, ao entardecer, e mataria ao Sírio.

Um instante depois, Rodrigo e Hassan, com seus homens, deslocavam-se pelo corredor, alerta a cada som.

—Há um lugar - sussurrou Hassan—, por onde passam os antigos aquedutos romanos. Voltaremos por aí.

De repente, umas vozes se escutaram detrás deles. Ficaram imóveis, escutando. Rodrigo amaldiçoou.

—Sabem que não estou na cela. Depressa!

Avançaram mais rapidamente tratando de não fazer ruído. Escutou-se o som de passos e o metal que rangia detrás deles. Diego gritou.

Rodrigo se paralisou e escutou. A que distância estava do mau caráter?

—Temos menos de dois minutos, meu sobrinho. Corramos!

Hassan ficou olhando-o, mas não discutiu. E correram.

A rota pelo corredor tinha curvas em seu caminho para os aquedutos romanos. Em uma das curvas uma flecha se chocou contra a parede, sobre a cabeça do Hassan.

—Mais rápido! —gritou.

As flechas caíam cada vez mais perto e com mais frequência.

Rodrigo calculou rapidamente as oportunidades que tinham. Em um corredor tão estreito podia haver poucos arqueiros.

Com segurança, estariam respaldados por múltiplos homens armados e pelo Diego.

Mesmo assim, um vampiro com determinação, ou um cachorrinho, poderia constituir uma defesa efetiva, o suficiente como para que Hassan e seus homens pudessem escapar. Já quase amanhecia se podiam chegar ao pé do escarpado e depois cruzar o vale, estaria a salvo.

Mas nunca voltaria a ver Blanche. Nunca poderia rodeá-la com seus braços ou rir das brincadeiras que ela fazia, ou tender-se na cama com ela nas largas noites de inverno.

Nem jogar com seus filhos ou sentir-se orgulhoso de seus netos. Nunca, nunca, nunca.

O Sírío e Diego lhe propiciariam torturas piores que os anteriores, se é que isso era possível. Durante quantos anos? Décadas, ou inclusive séculos, se é que a visão que teve ia cumprir-se. Rezou pedindo que pudesse sobreviver durante tanto tempo.

Rodrigo se armou de coragem e se deteve.

—Toma seus homens e segue sobrinho. Eu ficarei aqui para lutar e detê-los.

—Impossível! Matarão-lhe. —Hassan impacientemente fez gestos a seus homens para que avançassem. Eram bons soldados, continuaram obedientemente, mas lhes custava seguir sem ele.

—Não podem me matar. Viverei durante anos, inclusive séculos. Rogo a Jesus Cristo que seja verdade.

Hassan franziu o cenho; à luz da tocha se via uma expressão sobrenatural em seu rosto. Uma flecha roçou a curva a seu lado e automaticamente retrocederam. —Há rumores de que o amo deste castelo viveu mais tempo do possível para um homem comum - disse em voz baixa.

Rodrigo assentiu com a cabeça.

—Verdadeiramente. Mas você tem que te salvar e seguir.

Hassan se agachou ante outra flecha que vinha.

—Não podemos te deixar assim.

Ele se parecia tanto a seu pai... Era melhor lhe dar uma missão que cumprir, dessa forma sentiria que ia obter algo.

— Diga a seus filhos que retornem dentro de dois séculos, a partir de agora, ao entardecer.

—Dois séculos?

Uma flecha se cravou na manga do Rodrigo e o sangue começou a emanar.

—Só retorna então, ao entardecer, e traz minha espada de cavalheiro. Agora me prometa isso e vai Hassan!

Os olhos marrons de seu sobrinho, tão parecidos com os de seus pais, procuraram os seus.

—Muito bem, tem minha palavra e a de minha família. Por nossa honra, retornaremos.

Beijou a bochecha do Rodrigo e correu para a próxima curva do corredor. Deteve-se o final da curva e levantou a tocha como saudação de despedida, ao que Rodrigo

respondeu com a mão. Depois, desapareceram.

Rodrigo correu para o Diego, lançando um rugido de batalha. Por Deus, desfrutaria matando a todas as criaturas como Diego que pudesse, e talvez ao Diego também”.

Com o tempo, tinha escapado desse lugar de má morte, e tinha construído uma nova vida, uma vida apoiada no serviço. Durante muito tempo tinha pensado que seus filhos e companheiros eram todas as companhias que necessitava para ser feliz. Mas então, a doutora ruiva o tinha sacudido até a medula.

Deus santo, Grania tinha alcançado sua alma com a intimidade profunda do coração como a de um cônjuge, o qual era absolutamente impossível. Como pôde ela havê-lo feito? Conheciam-se desde fazia poucos dias, umas quantas horas, quando qualquer outro casal de cônjuges que ele conhecia tinha demorado anos em formar sua união. Talvez ele se distraísse e tinha interpretado mal o acontecido.

—Impossível, impossível, impossível!

De maneira nenhuma um homem podia manter segredos para com seu cônjuge; e algumas das coisas que ele tinha feito em sua vida não eram para contar a uma mulher. E se seus inimigos sabiam que ela era seu cônjuge, destruiriam-na em um segundo.

Mesmo que ele acreditasse que eram cônjuges, ou confiasse em que ela não estivesse trabalhando com seus inimigos dado que não sabiam quais eram seus motivos, era uma prosaica e em cinqüenta anos estaria morta, no máximo em setenta. Se ela tratava de converter-se em vampiro, era mais provável que se voltasse louca e morresse. Nenhum homem podia lhe pedir isso a seu cônjuge. Seria muito melhor querê-la durante o curto tempo que vivessem juntos, antes de que ela morresse. Se é que a doutora esperava pacientemente ser apreciada.

Viu-se na obrigação de rir para seus adentros ante a pouca probabilidade de que ela fizesse algo disso alguma vez, e pôs sua atenção nos arredores. Três de seus filhos discutiam em voz alta a respeito dos lugares mais prováveis que Devol usaria como esconderijo, enquanto outros desenvolviam e voltavam a desenvolver padrões de busca para as opções debatidas. Nenhuma das ações discutidas requeria de sua participação.

Novamente esperava que os outros atuassem. Sete séculos depois de seu cativo e em um hemisfério longe do Castelo do Sírio, ainda odiava fazê-lo, embora confiasse plenamente em seus homens.

Rafael se reclinou em sua cadeira, de onde investigava a reunião no despacho do conselho da circunscrição de Austin. Tinha construído este salão fazia quase duzentos anos, para fazer frente aos ataques dos kiowa e os comanche, mas seguiu sendo notavelmente bom contra os ataques do século XXI. As resistentes paredes de pedra calcária foram construídas originalmente para suportar o fogo dos canhões, e recentemente tinham sido reforçadas para resistir às bombas modernas e os morteiros. As janelas estreitas situadas no alto deixavam passar a luz da lua e permitiam aos atiradores dissuadir aos atacantes. Tinha persianas pesadas de aço que podiam fechar-se para

proporcionar amparo adicional, de ser necessário. As paredes estavam adornadas com magníficas malhas índias, presentes recebidos através dos anos, enquanto que outros tecidos cobriam o piso.

O mobiliário era igualmente maciço e simples. Havia uma enorme e pesada mesa no centro, que estava coberta de papéis e de aparelhos eletrônicos do século XXI. Rodeavam a mesa poltronas estofadas de couro, todas levavam as cicatrizes de décadas do contato próximo de botas e esporas. Mesinhas estreitas colocadas contra as paredes ofereciam uma variedade de refrescos.

Entretanto, os ocupantes mais senhoriais do lugar eram os homens.

Gray Wolf estava no extremo oposto, frente a Rafael, em seu papel de adiantado maior⁴⁴ e herdeiro designado pelo Rafael. Caleb estava à direita do Gray Wolf, era seu cônjuge e a outra metade de uma equipe de duelos quase invencível.

Ethan estava à direita do Rafael, como alferes maior e líder dos exércitos de Texas; seus olhos cor mel contemplavam mortal e friamente como caçar a seus inimigos.

Jean Marie se sentava ao outro lado do Rafael como arauto, era seu chefe diplomático e seu espião. Havia uma pilha de papéis a seu lado, como assim também um fino computador, tudo manipulado por seus ágeis dedos. Também levava os informes de guerreiros de outras épocas, como por exemplo, Lars, um soldado da marinha da Primeira guerra mundial, que atualmente se estava preparando para ingressar no séqüito da Madame Celeste.

Lars era vampiro e era um dos guerreiros mais infalíveis do Rafael; havia um entendimento mútuo, sem necessidade de palavras entre eles, que existe quando dois homens estiveram no bordo do pecado mortal muitas vezes e, entretanto sobreviveram. Unicamente Rafael dava ordens a Larss; nenhum de seus outros filhos estava autorizado a fazê-lo.

Luis se sentava no centro, com seus auriculares ressaltando em seu cabelo escuro. Estava a par de Austin e suas defesas, o centro da esfera, mais que qualquer outra pessoa, e podia as trocar em um instante.

Havia uma dúzia de outros homens, todos eles guerreiros infalíveis. Todos estavam falando, olhando papéis, pulsando teclas nos aparelhos eletrônicos, e assinalando as luzes brilhantes dos painéis, invisíveis a poucos metros de distância.

Rafael deixou que seus olhos percorressem as figuras uma vez mais. Sem lugar a dúvidas todos estavam trabalhando duro e muito bem, tal como o tinham feito tantas outras vezes. Excelente.

Deixaram-no sozinho para que contemplasse, entretanto era exatamente igual ao que tinha acontecido com a doutora ruiva. O instinto lhe exigia que procurasse algo pouco comum, para o qual a lógica não tinha explicação. O instinto insistia, uma vez mais, que ocupasse a cama dela tão freqüentemente como fosse possível, mas ali podia perder o controle de si mesmo e da situação sem advertências. Merda.

Falou em voz alta.

—Filhos e companheiros, já têm algo?

Imediatamente fizeram silêncio e se voltaram para ele.

⁴⁴ Governador. A cabeça da hierarquia civil de uma esfera.

—Um vampiro de menos setenta anos de idade.

—Muito provavelmente se trata do Devol, de Nova Orleães - disse Gray Wolf.

—Não há confirmação das observações ou informe de ataques a mulheres respeitáveis - disse Ethan com seu acento texano e com o tom frio de um pistoleiro preparado para um tiroteio.

— Entretanto, estamos monitorando as linhas diretas de suicídios e prevenção, em busca de atividades incomuns.

A mandíbula de Rafael se crispou em uma careta. A paixão do Beau por alimentar do medo era muito doentia. Mas um monstro que somente se alimentava de mulheres respeitáveis era um demônio que merecia ser enviado diretamente ao inferno.

—A chegada do Devol pode ser ou um intento direto de nos atacar a nós, ou uma diversão - disse de repente Jean Marie sem problemas.

Ao Beau não o viu em Nova Orleães nos últimos quatro dias.

Desatou-se um rumor de vozes deliberando. Ethan se dirigiu a seu segundo ao mando, deu algumas ordens e assinalou um mapa.

Ao reconhecer um relatório enviado por Lars através do Jean Marie, Rafael pegou um murro na mesa.

—Suficiente! Todos sabem o que devem fazer, já seja que estejamos caçando um vampiro ou vinte.

Fcaram em silêncio; os olhos do Ethan ardiam de raiva, como se queria destroçar pessoalmente ao Devol.

—Cada um tem um setor para procurar em Austin - Rafael olhava a todos duramente.

Quando se suspeitar de um lugar de esconderijo, deverá-se pedir ajuda ao grupo do Ethan para fazer sair ao vampiro. Não lhes aproximem sozinhos, repito não lhes aproximem sozinhos ao lugar onde se oculta. Devol e Beau são extremamente mortíferos. Têm que me obedecer nisto.

Reforçou suas instruções com a ordem mental mais firme que como vampiro podia dar. Todos inclinaram a cabeça de maneira obediente, como correspondia aos cavalheiros de seu exército.

Jean Marie o olhou de soslaio. Como filho maior, ele tinha mais flexibilidade para o pensamento independente, mas também era o suficientemente inteligente como para não expressá-lo em público.

—Agora, vão e encontrem ao vampiro inimigo antes que possa fazer mal a um cidadão de Texas.

—Sim, dom Rafael - responderam, e se levantaram para saudá-lo.

Rafael ficou de pé; seu coração estava cheio de orgulho. Era a honra maior de o mundo liderá-los. O bom seguro seguiria fazendo-o nos anos vindouros.

Saíram em fila, juntaram suas notas e aparelhos eletrônicos, e formaram grupos enquanto isso. Gray Wolf pôs seu braço sobre o ombro do Caleb enquanto este falava com o Luis; Caleb se apoiou com soltura no abraço informal.

O olhar do Rafael se deteve no Gray Wolf e no Caleb um momento, e pela primeira vez em décadas considerou as implicações de seu bem-estar mútuo. A confiança era a

essência do vínculo conjugal: um amor tão completo que duas pessoas confiavam a uma na outra em todos os níveis, físico, mental e espiritual. Não podia ser forçado ou entregue, só podia ocorrer. Os pensamentos de cada cônjuge estavam completamente abertos ao outro, dado que não podia haver barreiras entre eles.

Tinha ouvido o menos de dez dúzias de relações conjugais em sua larga vida. Somente se sabia abertamente que existissem dois nos Estados Unidos: Gray Wolf e Caleb, e Donald Ou'Malley, o patrão de São Francisco e sua esposa.

Então, por que demônio havia sentido essa transparência de cônjuges entre ele e Grania fazia uma semana? Era impossível, absurdo, além das crenças. Em setecentos anos ele só tinha amado a uma mulher, sua esposa. Sim, tinha tido amantes, mas sua esposa era quão única alguma vez lhe tinha conquistado o coração. E mesmo assim, tinham estado tão pouco tempo juntos, apenas cinco anos, que é um abrir e fechar de olhos para um vampiro, por mais que ele tinha memorizado cada momento e o recordava sempre. Após, tinha-lhe dado a cada uma de seus amantes a cortesia de lhe brindar atenção completa, e isso incluía não as comparar nunca, de maneira nenhuma, com sua esposa.

Então, como era possível que Grania o apanhasse quando fazia tão pouco que se conheceram? Quando para contar a quantidade de horas que fazia que a conhecesse sobravam os dedos de uma mão? Quando tudo o que tinha provado dela eram só seus lábios e um sorvo de seu sangue?

E seus instintos diziam a gritos que tinha que voltar com ela. Despertou-se cada noite desde na semana anterior, ansioso como um adolescente, com sonhos nos que ela estava em seus braços. Que loucura!

Tinha que ter sido produto de sua imaginação. É obvio se voltava a acontecer, saberia que não estava envolta em uma conspiração contra ele. Até o assassino mais ardiloso não poderia abrir-se durante o laço conjugal.

—Tem alguma pergunta para mim dom Rafael? —Gray Wolf se deteve ante ele, olhando o de maneira inquisitiva com seus olhos marrons, e Caleb educado, ao meio passo detrás do Gray Wolf.

Rafael começou a responder, perdido em sua própria distração.

—Eu, né...

Jean Marie levantou a vista com curiosidade de onde estava meticulosamente guardando seu computador em uma carteira de couro.

—Sim, tenho uma pergunta - disse Rafael com firmeza.

Perguntaria-lhes também aos peritos.

—Pode ficar também, Jean Marie?

—Certainement, mon père. —Apoiou o quadril na mesa e esperou; seus olhos azuis olhavam inquisitivos.

Gray Wolf pôs seu computador pessoal sobre a mesa, e apoiou despreocupadamente sua enorme mão sobre ela.

Tinha colocado seu arco da mesma maneira, quando tinha saído da noite a primeira vez que Rafael o tinha encontrado, fazia mais de um século e meio.

Rafael tamborilou com os dedos na mesa e depois se meteu de cabeça no tema que lhe preocupava.

—Posso lhes perguntar quanto tempo passou antes que você e Caleb soubessem que foram cônjuges?

—Vinte anos antes do primeiro contato de nossas mentes, o qual foi sozinho o primeiro mínimo indício - respondeu com calma Gray Wolf—Outros dez anos mais antes que pudéssemos repetir o contato entre nossas mentes voluntariamente.

—E outros cinco anos antes que isso durasse durante um duelo - adicionou Caleb.

—Foi mais rápido para os Ou'Malleys - observou Jean Marie—. Mas isso foi durante a Guerra da Independência.

—E o estresse durante o tempo de guerra pode acelerar o desenvolvimento da confiança em um casal - adicionou Rafael—. Escutaram alguma vez falar

de alguém que tivesse encontrado a seu cônjuge em menos tempo, digamos em dias?

Os três negaram com a cabeça ao unísono. Merda! Então, o que era o que tinha passado entre ele e Grania?

—Não, nunca - disse Jean Marie.

— No máximo, diria que meus irmãos descobriram a fortaleza de sua relação mais rápido que a maioria. Os poucos que se convertiam em cônjuges pareciam necessitar um século ou mais juntos, segundo todos os rumores. Ao menos o tempo suficiente para que o laço se aperfeiçoasse, de modo que pudessem brigar como um só durante um duelo, o que permitiria vencer a todos os adversários.

—Se tivéssemos dois pares de cônjuges... —disse Gray Wolf pensativo - já que Madame Celeste possui sozinho dois assassinos verdadeiramente perigosos.

—Considera também à Madame Celeste, filho —disse Rafael arrastando as palavras—. Ela sozinha é um adversário terrivelmente implacável.

—Mesmo assim, o princípio se mantém - assinalou Gray Wolf—. Quantos mais cônjuges tenham nossa esfera, mais seguros estaremos de qualquer ataque de nossos inimigos, devido a que um par de cônjuges pode vencer quase sempre a um vampiro de qualquer idade.

—É uma grande vantagem, sobre tudo nos duelos. —Os olhos do Caleb se iluminaram.

— Pelo contrário, se um vampiro for maior, embora seja um ano, derrotará a outro vampiro.

—Ou se outro vampiro foi treinado como cachorro⁴⁵ para perder ante o primeiro vampiro - interrompeu Jean Marie—, então voltará a perder com o mesmo vampiro embora seja um vampiro maior.

Rafael se retorceu por dentro ante tantas lembranças amargas que essas palavras lhe trouxeram.

—Mas se tiver um cônjuge - adicionou Gray Wolf—, então o vampiro mais jovem, aliado com seu cônjuge derrotará com frequência ao vampiro maior.

—Assim devemos fazer tudo o que possamos para encontrar cônjuges para nossos irmãos - concluiu Jean Marie.

— Em época de guerra, fazê-lo protege a todos.

Rafael respirou profundamente e aceitou o inevitável. Tinha estado perseguindo este

⁴⁵ Vampiro imaturo que não pode trocar de forma, exceto para alimentar-se.

argumento uma e outra vez em sua cabeça, do momento em que esteve com Grania. Havia tanto em jogo... Tinha que explorar seu vínculo por mais que isso lhe resultasse incômodo. Depois de uma semana de somente chamadas telefônicas, tinha que procurá-la novamente, agora que ela tinha voltado para as montanhas. Faria que vigiassem cada um de seus movimentos para saber se verdadeiramente era seu cônjuge.

Como era de esperar seus instintos o pediam com um sussurro, imediatamente. Seu corpo ficou tenso ante a expectativa, enquanto seu coração saltou e logo se adaptou aos batimentos do coração mais acelerados.

Soltou um grunhido ante sua muito ansiosa libido. O resultado mais provável que obteria ao chamar à doutora Ou'Malley seria uma discussão sobre as taxas de reprodução entre os depredadores e não sobre a satisfação carnal para um vampiro de setecentos anos de idade.

Mesmo assim, tinha suas calças notavelmente mais rodeadas quando abandonou o despacho do conselho.

Grania começou com seus exercícios de rotina, estirou-se e olhou para a tranqüila rua. A linha de postes estava feita com arame de espinheiro e de mezquites. Ao longe se via uma dúzia de cabeças de gado Angus que se dirigia devagar para um lago resguardado por vários carvalhos antigos. O sol resplandecia sobre as colinas baixas, alertando do calor que se morava durante o dia. O helicóptero de um agricultor se sustentava no alto, como uma libélula perdida.

Nem um só rastro do Rafael. É obvio, ela tinha estado no Brownsville na semana anterior substituindo a um dos companheiros do Bob, da universidade. Tinha usado uma luva ligeira para manipular uma águia calva e como resultado teve vinte e dois pontos que lhe atravessavam a palma da mão e o polegar. Tinha falado com o Rafael por telefone, mas não era o mesmo que vê-lo.

Fez alguns estiramentos mais, uns truques que pelo geral guardava para quando treinava para uma carreira.

Tudo o que ela queria falar com o Rafael era a respeito da reprodução dos vampiros, nada mais. Tinha lido e relido suas notas e tinha comparado suas descrições com o metabolismo de outros depredadores. Tinha ocupado seu tempo no Brownsville para preparar uma larga lista de perguntas de seguimento, para fazer a ele.

Ela não estava esperando, é obvio ter outro orgasmo como o que lhe tinha dado na sala.

Ruborizou-se furiosamente e começou a correr.

E por certo, não estava esperando que ele a arrulhasse para dormir em seus braços, sussurrava-lhe uma voz em sua cabeça. Isso é o que faz um verdadeiro amante.

Grania chiou os dentes enquanto dava a volta para um caminho tranqüilo, a quase uma milha de sua casa, bordeado de vermelhas rosas. Esse helicóptero estava realmente perto do chão, talvez um de seus vizinhos o estivesse carregando.

Rafael era um vampiro que bebia sangue, e não um homem, por usar sua terminologia.

Era um homem muito arrumado que sabia mais sobre sensualidade que ninguém que tivesse conhecido jamais.

Era um depredador. Que lhe tinha feito alcançar o melhor orgasmo de sua vida. E onde tinha visto alguma vez a alguém a metade de sexy que ele?

Bem, finalmente estava estabelecida no mundo. E não tinha que responder a ninguém pelo que ela fizesse em sua vida privada.

O helicóptero arremetia contra o ar a seu lado. Um instante depois, quando seus ouvidos se acabavam de recuperar, escutou falar com um homem.

—Bom dia, doutora.

Grania voltou à cabeça bruscamente para ver o homem correndo com muito esforço a seu lado, como se seus pensamentos o tivessem feito aparecer como por arte de magia.

—Bom dia, senhor—disse gaguejando, e sorriu.

Havia três guarda-costas detrás do Rafael, um deles Emilio, duas Mercedes Sedan passeando-se detrás deles, um elegante helicóptero que tratava de simular que estava vigiando um milharal em lugar dele; tinha mais carabinas que a filha virgem do rei da Espanha. Essa ameaça de assassinato devia ser real.

Não havia forma de falar com ele sobre nada privado. Talvez devesse pensar em correr, e não ele.

—Você faz jogging com frequência, senhor?

—Regularmente, doutora. —Arqueou a sobancelha olhando-a e um tênue brilho de doçura se refletia em seu rosto. Levava um traje de jogging comum para um dia caloroso em Texas: uma camiseta sem mangas, calças curtas, meias e calçado esportivo. Deixava bastante ao descoberto e muito pouco para sua imaginação. Com sua formosa pele dourada, e esses magníficos músculos flexionando-se com facilidade ao correr, parecia o menino de um pôster para uma classe de anatomia.

Ela suspirou. Poderia começar por enumerar os músculos, e os tendões e os nervos. Ou talvez pudesse discutir as reações químicas necessárias para traduzir a energia de sua ingestão de comida no movimento de seu pé para diante. Independentemente de como pusesse as palavras, com o somente feito de olhá-lo fazia água na boca e seus dedos se agitavam nervosos com ânsias de tocá-lo.

—Meus músculos funcionam como os de qualquer - disse, com seus divertidos olhos escuros.

Ela se ruborizou, mas rapidamente se repôs. Era melhor tomar esse encontro como uma continuação da conversação científica da semana anterior, quando tinham discutido a respeito da reprodução do vampiro no centro de aves de rapina. Ao menos sabia que ele estava seguro à luz do dia, a diferença dos vampiros de Hollywood.

—Como os prosaicos? Isso é para camuflar-se?

Ele se encolheu de ombros.

—Provavelmente. Mas também, é a respeito de como nascemos, dado que todos alguma vez fomos prosaicas. Nossos corpos ainda recordam isso e estão cómodos ao permanecer dessa forma.

Grania considerou as implicações, enquanto sua mente trabalhava rapidamente. Se um vampiro era exatamente igual a sua presa, seria muito fácil para ele lhe preparar uma emboscada. Um risco alto, mas alta a recompensa; uma tática de depredação.

—Quanto tem pensado correr hoje, doutora?

—O que? —Levantou o olhar e ficou perplexa ao ver que tinham chegado a sua casinha. Não estava preparada para despedir-se, não quando estavam começando a falar.

—Gostaria de passar e tomar café? —Estudou aos guarda-costas e ao helicóptero, dubitativamente.

— Pode haver lugar para seus homens também, se eles quiserem.

Franziu o cenho, mas assentiu com a cabeça.

—Seria uma honra para mim acompanhá-la, doutora. Meus homens podem esperar fora.

Grania enrugou o sobrecenho.

—Já está fazendo calor e ficará mais caloroso.

—Então, ela começou a armar as peças do quebra-cabeça.

—Você é o dono da casa que está caminho abaixo, a que estão restaurando?

Seus olhos olharam divertidos.

—Tenho esse privilégio.

—Então eles seguirão caminhando para lá e simularão que o esperam. Depois, voltarão com dissimulo a minha casa e estarão alerta ante qualquer inconveniente que possa surgir. Provavelmente o passarão a procurar em algum das duas grandes Mercedes Sedan, ou nesse helicóptero para levá-lo a casa quando estiver preparado. Equivoco-me?

Ele inclinou a cabeça.

—Está completamente no certo, doutora. Seus poderes de observação e de dedução são muito exatos.

Grania se encolheu de ombros.

—As táticas de vigilância dos seres humanos não são tão distintas das da vida silvestre. —Ela pensou em seus homens, perigosos como os felinos à espreita, e no potencial de fogo que representavam, antes de continuar falando com ele.

— Tanto confia em mim? Já registraram minha casa?

Estendeu as mãos.

—Sua casa não foi registrada. A confiança tem que começar em algum lado. Não acredito que você deseje me matar.

—É verdade. Por que não faz que seus moços examinem minha casa? Depois poderão marcar seu perímetro e nós poderemos tomar nosso café.

Ele arqueou as sobrancelhas.

—Você é muito prática.

—Os guarda-costas parecem ser práticos na vida que o rodeia a você.

Sua boca fez uma careta.

—Neste momento... Agradeço-lhe sua compreensão. Procedam cavalheiros.

Grania observou o desdobramento de guarda-costas entrar em sua casinha, enquanto os pensamentos se amontoavam em sua cabeça. O mais benévolo era onde poderiam caber todos outros em sua casa. O mais duro era a razão pela qual Rafael verdadeiramente queria estar a sós com ela, quando ele era custodiado tão assiduamente em todos os lados. Depois fez caso omisso ao tema, quando os guarda-costas deram o sinal de que estava tudo espaçoso para que ele entrasse. Ele era maior perigo para ela do que ela era para ele.

Ligou a máquina de café, que já tinha deixado preparada antes de partir.

— Toma com nata ou açúcar?

— Sozinho, por favor.

Algo na velocidade da resposta despertou seus instintos médicos.

— É por eleição ou por necessidade? Pode comer sólidos ou está limitado a uma dieta de líquidos?

Ele afirmou com a cabeça, enquanto passava da pitoresca sala de estar à cozinha.

— Líquidos unicamente. Até a nata, muito a meu pesar, está além de minha capacidade.

— Uma lástima. — De modo que ele podia ingerir sangue e líquidos sozinhos, mas nada mais.

— Sua casa é muito acolhedora, doutora. — parou-se no meio do corredor, estudando uma vitrine da cozinha cheia de cerâmica indígena. — Grania, por favor.

Sorriu-lhe olhando-o por cima do ombro enquanto punha as taças e os guardanapos.

— Lugares como esta casinha, com seus armários cor vermelha brilhante, tivessem horrorizado às monjas do orfanato onde cresci. Mas a calidez de todas as cores me faz sentir viva depois desses aborrecidos brancos e cinzas.

Serviu o café para os dois e lhe alcançou uma taça, depois se apoiou na barra, a seu lado, e bebeu um sorvo de café preparado por ela, em boa companhia, tratando de não pensar no formoso corpo masculino que tinha tão perto.

— Posso lhe fazer mais pergunta? Sob as mesmas condições que antes, é obvio: Nunca o direi a ninguém.

— Como não. — Ele esperou e seus olhos chocolate escuro se mostraram um pouco cautelosos. Tinha uma boca disciplinada, bastante cruel, mas com um toque de sensualidade. Como beijaria?

— Você mencionou que todos os sentidos aumentam ao converter-se em vampiro: aumenta a velocidade; a vista e o ouvido se agudizam e assim sucessivamente. O que acontece com as demais habilidades?

— Como, por exemplo?

Referiu-se a uma das capacidades mais usualmente mencionadas.

— A telepatia?

Ficou paralisado, seu rosto se transformou em uma máscara rígida. A temperatura da habitação descendeu ao perceber um depredador preparado para equilibrar-se.

— Tem minha palavra e a cumprirei - lhe assegurou, mantendo sua voz calma e doce como se estivesse tentando com paciência fazer que um falcão se apoiasse em seu punho.

Seus olhos eram implacáveis.

— Se não o fizer, morrerá.

Grania o olhou fixo aos olhos, com a mesma determinação. Nunca funcionava lhe mostrar temor a um depredador.

— Minha palavra é meu pacto. Nunca falarei.

Ele pareceu estar discutindo consigo, depois lentamente tomou uma decisão. Seu rosto voltou a mostrar seus rasgos tipicamente encantadores. Bebeu um comprido sorvo da taça antes de responder.

—A telepatia é um de quão sentidos pelo geral mais aumenta ao converter-se em vampiro. De fato muito poucos cachorrinhos sobrevivem quando não têm uma forte telepatia.

—Utiliza a telepatia para caçar?

—Presas ou outros vampiros? —perguntou ele secamente.

Ela arqueou uma sobrancelha.

—Qualquer.

—A telepatia entre os vampiros é como falar em voz alta: difícil fazê-lo sem passar despercebido. Pelo contrário, tem muito êxito com os prosaicos. Tão fácil, em realidade, que rapidamente se torna aborrecido.

—O qual leva aos juvenzinhos a comportar-se muito bobamente, com os inconvenientes posteriores que isso conduz.

Rafael deu um bufo afirmativo.

—Exatamente. Eu ensino a meus cachorrinhos a não depender disso. Em troca, têm que usar a sedução.

—Dado que não lhes diferenciam dos prosaicos, com a suficiente experiência, podem deduzir quem é suscetível a seus atrativos.

—Depois disso, ambas as partes o desfrutam. Anos de treinamento científico alterados.

—Impossível. Não se dá conta o prosaico que foi mordido por um vampiro?

—Por que deveria dar-se conta? Você se lembra de tudo o que ocorreu no culme do orgasmo?

Grania ficou olhando-o, sem querer admitir que, até que o conheceu ele, nunca se tinha desvanecido durante um orgasmo. Com certeza, ela nunca havia sentido nada próximo a esse êxtase de prazer com um casal.

Rafael pôs sua taça na mesa, e com uma voz mais amável se dirigiu a ela.

—Grania, somos amantes hábeis e os sinais da mordida desaparecem às poucas horas. Sempre que o prosaico pense que somos como eles, por que deveria haver alguma suspeita?

Ela negou com a cabeça furiosamente.

—Mas tem que haver diferenças. Uma leve variação na temperatura do corpo, ou talvez como e onde aumenta a temperatura corporal. Talvez a textura de seu corpo. Algo.

—Grania, somos iguais. Exatamente iguais por fora.

—Sob condições de estresse, seu metabolismo tem que ser diferente. Tem que haver algo aparente para um observador treinado.

—Quer me provar? —disse ele com acento texano e voz profunda e suave.

—Quer ver quão homem sou em suas mãos?

Seu corpo ficou tenso, sentiu que o calor a atravessava. Tocá-lo, provocá-lo... Ah, sim! Seja profissional Grania, disse-se. Ele é sozinho um sujeito cientista, o primeiro depredador que nunca tivesse podido entrevistar.

—Sim. —Fez uma pausa e pigarreou.

—Certamente, eu gostaria de prová-lo.

—Estou ao seu dispor, doutora. —Ele abriu seus braços; a expressão em seus olhos

tinha certa cautela. Mas definitivamente havia um notável vulto dentro dessas calças curtas.

Grania deixou sua taça na barra, junto à máquina de café, e se colocou frente a ele. Ele era muito mais alto que ela, tanto, que se sentiu quase frágil.

Fez caso omissivo à sensação. Isto se tratava de um exame científico, tal como o tinha feito antes com depredadores grandes. Por certo não se parecia em nada ao que tinha feito jamais com um amante.

Já o tinha visto sem roupas no centro de aves de rapina. Agora o revisava minuciosamente tratando de avaliar sua condição física. Teria sido mais fácil permanecer afastada se não tivesse feito jogging junto a ele e não tivesse observado seus bíceps suados. Tinha um corpo são seus músculos eram magníficos, movia-se como um deus. Passo seguinte.

Ela tomou sua mão. Ele a estendeu rapidamente e a deixou descansar na mão dela, mais magra. Eclipsando-a.

—Sua mão está coberta de cicatrizes e é muito calosa. O que lhe aconteceu? Não deveria ter perdido toda a pele morta de seu corpo a estas alturas?

Ela percorreu com o dedo as linhas duras e os calos, antes de levantar o olhar para ele. Maldição, como queria tocá-lo. Quantos anos tinha, a tudo isto?

Ele a observava com os olhos fechados e uma sensual semi sorriso em seus lábios.

—Manejo da espada e velhas batalhas - disse ele—. Os músculos e cicatrizes que tem o corpo ao converter-se em vampiro, ficarão no corpo.

Uma fisiologia surpreendente. Ela tivesse pensado que uma mudança tão radical, para converter sua fonte de alimento em sangue, também refaria seu corpo sem deixar imperfeições visíveis, apesar de que tinha visto as marcas feias em suas costas.

—Todas?

—Como as que têm no peito? —levantou-se a camiseta sem mangas para mostrar a cicatriz na clavícula.

—Esta me fez meu irmão quando fomos meninos.

Ela a percorreu com o dedo e em tanto o fazia, o pulso começou a aumentar ao tocar seu corpo, finalmente.

—Poderia tirar a camiseta, por favor?

Arqueando uma sobrancelha, Rafael obedeceu em silêncio.

—Também tem cicatrizes nas costelas. —Grania as percorreu com delicadeza. Nenhuma punha em risco sua vida, todas estavam bem cuidadas. Ele conteve a respiração.

Passou-se a língua pelos lábios tratando de pensar sobre o clamor que sentia em sua mente. Isto não parecia um exame médico, não quando seu coração pulsava com força em seu peito. Queria incitá-lo ao desejo, por prazer próprio. Deslizou os dedos pelos braços dele e pôde sentir seu tênue suor e o calor de sua força, fechou os olhos ante a sensação que percebia, e se deixou levar pelo muito que tinha desejado ter o desta forma, naquele caminho silencioso de Texas. Depois, as mãos escorregaram por seus largos ombros e logo que pôde apalpar o sólido volume de seus músculos. Seu casulo se contraiu e deixou escapar um sussurro enquanto sentia seu manancial transbordar-se em suas coxas.

—Rafael - disse respirando profundamente e se estirou para beijá-lo, um suave beijo

que logo que roçou seus lábios Ele respondeu igualmente suave, seus lábios tremeram debaixo dos dela e sua língua logo que tocava a de Grania. Ela voltou a suspirar e lhe rodeou o pescoço com a mão, apoiada nele. Acariciou-lhe brandamente a cintura enquanto se beijavam; o contato entre eles era suave e sutil.

Finalmente ela se apartou, beijou-lhe a bochecha, e deixou sua bochecha apoiada na dele um momento.

—Que doce. Mas esse beijo não foi necessariamente um exame, Rafael.

Ele deixou escapar uma risada, um pouco rouca; seu peito se ergueu e baixou se chocando no peito dela. Ela riu junto com ele, antes de relaxar-se. Logo com os dentes roçou ligeiramente os tendões no pescoço dele, fazendo-o tremer. Ele deu um coice suave, mas permaneceu de pé no chão movendo nervosamente os quadris.

Até o momento ele estava atuando exatamente como ela tinha esperado por parte de um homem. Ruborizou-se, suou, disse seu nome várias vezes com uma expressão premente. De fato, se tinha que compará-lo com qualquer de seus amantes... Não, isso não funcionaria, embora somente fosse porque não havia suficientes amantes para uma amostra estatisticamente válida.

Ela retrocedeu um pouco mais e estendeu os braços abrangendo o peito dele, para deixar que o pêlo do peito fizesse cócegas em seus dedos e Palmas das mãos. Definitivamente coberto de cabelo, mas não muito. Era sozinho uma pele pulcra, com cabelos sobre o peito que diminuía formando um atalho de tesouros apontando para baixo, para as calças curtas.

Ah, sim, ele era um espécime fino, definitivamente, algo que seus seios compreendiam muito bem enquanto o ansiavam, com os mamilos tensos e arrepiados.

A musculatura que se ocultava baixo esse cabelo escuro, faria que qualquer revista de fitness para homens lhe rogasse fotografá-lo. Ou talvez não, obviamente ele não tinha formado esse corpo em nenhum ginásio. Como poderia ela lhes descrever esse corpo de cavaleiro medieval? Havia algum esporte olímpico com o que compará-lo? Deus sabe que ele fazia que seu corpo estivesse ávido de fome, quando ela acariciava e beijava e lambia e inclusive, audazmente, uma vez mordiscou.

—Por Deus, Grania! —Seus olhos brilhavam com luxúria e sua boca era uma magra abertura fora de controle. Até seus nódulos estavam brancos ao estar obstinado à barra.

Levantou o olhar para ele, e se ajoelhou frente a ele. Se lhe baixava suas calças curtas um pouquinho mais, deixaria ao descoberto a cabeça de seu formoso pênis, ou devia usar outra forma de aproximar-se? Inclinou-se mais abaixo e colocou as mãos ao redor de seus tornozelos.

—te tire as sapatilhas.

Ele o fez deixando escapar um bufido fez-as ricochetear contra o armário.

—Grania, o que está tratando de fazer?

—Acredito que já discutimos isso - esclareceu ela, lhe tirando as meias três-quartos e colocando-os a um lado. Ao menos suas meias três-quartos estavam muito mais limpas que os de alguns de seus amigos.

— Estamos realizando um experimento científico.

Ela percorreu brandamente a planta de seu pé com a ponta do dedo procurando os pontos sensíveis. Ele amaldiçoou, e seu pênis deu um impulso vigoroso. Muito prometedora.

Logo explorou o outro pé, e pôde estabelecer que também tivesse uma conexão direta com seu pênis. Acariciou-lhe e lhe beijou o pé durante uns minutos, o que lhe aliviou as dores por ter deslocado. Mas era pouco o que ela podia fazer enquanto ele estava de pé, independentemente de quão úmida ela ficava ante seus estremecimentos e gemidos. Depois deslizou as mãos subindo por suas pernas, cada vez mais e mais lentamente até que os dedos passaram pelos joelhos. Beijou-lhe os quadris, e desfrutava com cada movimento simples dela; ele abria suas fortes pernas. Até que finalmente com a ponta dos dedos subiu pela perna da calça curta, jogou para um lado as cuecas e beijou seu testículo de abaixo. Definitivamente todo homem.

Acariciou-os e jogou e os rodeou com as mãos, sussurrando, e com uma mão dentro das calças curtas ela se tocava.

—Grania, Por Deus, se não te der pressa, juro-te... Mãe de Deus! —Jogou a cabeça para trás enquanto ofegava.

Rodeou com suas mãos o pênis e pressionou brandamente. Tendo comprovado isso ela poderia, quase, rodeá-lo. Começou a mover a mão, fazia acima e para baixo, enquanto que com a outra mão se acariciava ao mesmo ritmo.

—Sim, Grania, perfeito - rugiu enquanto seus quadris empurravam com força contra a mão dela. Seu rosto parecia uma máscara de prazer, tinha seus olhos semi abertos, completamente centrado no que ela fazia.

Ante a privacidade de sua concentração, ela desfrutava cada vez mais. Movia as mãos cada vez mais rapidamente, por isso excitá-lo a ele era exatamente o mesmo que excitar-se ela. Ofegou, fechou os olhos, o êxtase estava cada vez mais perto, até que finalmente, alcançou o clímax. E no mesmo momento, ele se arqueou e lançou um grito, enquanto seus quadris golpeavam contra a mão dela.

Ela soluçou de alegria, em tanto seu corpo se estremecia pelos impulsos reflexos do orgasmo. Formoso.

Depois, ela ficou ajoelhada contra a perna dele, como se fosse uma gueixa satisfeita. Lástima que não pôde perceber nem sequer um rastro dos pensamentos dele, como tinha sentido no centro de aves de rapina.

O telefone soou na sala de estar. Grania o ignorou e seguiu lhe acariciando a coxa brandamente. Logo que ela recuperou força, os dois puderam ir a seu dormitório, à estreita cama que ali havia. Se ela se recostava sobre ele, provavelmente haveria lugar para os dois.

—Deveria responder? —Murmurou Rafael lhe acariciando a cabeça.

Ela se apoiou nele com os olhos fechados.

—Deixemos que a secretária eletrônica recolha a mensagem.

Pouco segundos depois, a secretária eletrônica deu o sinal que lhe permitiu falar com Linda do centro de aves de rapina.

—Grania? Bom, como não responde, assumo que já está a caminho. Tentarei te chamar ao celular. A chamada em conferencia com o Cornell começa dentro de uma hora e

Bob quer revisar antes as notas sobre o caso do coruja cornudo.

—Maldição! —Grania ficou de pé em um salto e se estirou para a barra, o ponto central para poder chegar rapidamente a seu dormitório.

De maneira abrupta, encontrou-se apertada contra o forno de parede por um homem muito alto, muito forte e com uns olhos escuros que ardiam ao olhar os seus. Sua cozinha, que nunca foi espaçosa, converteu-se em outra quase tão grande para lhe permitir respirar profundamente.

—Quando terminamos isto, Grania? —perguntou; seu peito nu estava a quase uma polegada do dela. Seus seios de repente se ergueram ao entrar em calor seu corpo. Ele deslizou seus quadris de maneira insinuante contra as dela.

Ela tragou saliva e lutou para pensar. Sexo com um vampiro. Logo, seu casulo começou a lhe suplicar. É uma loucura, respondeu sua mente. Agora, seus sucos insistiam à medida que brotavam de sua vagina.

—Supõe-se que esta noite fico livre as seis, de modo que deveria estar aqui de volta às sete. As oito pode ser?

—Excelente - Sua boca se precipitou sobre a dela, o que a agarrou por surpresa. Ele a beijou profunda e apaixonadamente; ficou meio tola quando ele levantou sua cabeça escura.

—Ponha uma coisa muito feminina - lhe sussurrou e seus olhos mostraram o ardor da paixão e posse enquanto percorriam todo seu corpo—. Eu gostaria que esta noite fosse uma formosa mulher, não a doutora.

Grania ficou atônita.

Ele a saudou com uma reverência e se foi.

CAPÍTULO 9

Rodrigo golpeou as paredes de sua cela amaldiçoando aos seus captores. Seus punhos eram despojos sangrentos, cada um de seus ossos feito mingau. Entretanto, a dor causada por suas feridas não era nada. Sem muito esforço fez caso omissa à saída do sol no leste, que trazia consigo a ameaça de morte iminente.

Como seu professor lhe tinha ensinado quando estudou para converter-se em cavalheiro, e como dizia lorde de chevalerie⁴⁶, o grande relato de cavalaria, todo cavalheiro estava obrigado ao preceito de honrar a todas as mulheres e donzelas e estar preparado às ajudar até o limite de seu poder. E ele tinha feito juramentos sagrados repetidas vezes. Entretanto, não tinha podido ajudar a uma donzela, especialmente a uma que se parecia muitíssimo a sua amada esposa, com seus cabelos e olhos escuros e pele branca, e seu corpo com curvas.

Quão único importava agora era o corpo dela, golpeado e demolido no esterco do castelo, que lhe recordavam as provas pelas que ela tinha passado. E como lhe tinha falhado.

⁴⁶ A ordem da cavalaria.

Como tinham usado esses demônios seus mecanismos diabólicos sobre ela na masmorra! Depois, Diego tinha procedido a roubar a virgindade da pobre moça, de todas as maneiras imagináveis, enquanto O Sírrio se assegurava de que Rodrigo compreendesse quão indefeso estava por completo.

Ele se tinha devotado a ocupar seu lugar, ante o qual os outros se burlaram, e enumeraram todas às vezes e lugares e formas em que eles o tinham usado.

Então eles lhe tinham brindado o pacto do Diabo: poderia salvar a vida da menina, se prometia converter-se em assassino como Diego. Uma máquina para matar que assassina aos homens pelo ouro. Salvar uma vida em troca de outras, uma e outra vez para toda a eternidade. Cumprir seu juramento de cavalaria de proteger às mulheres, em troca de condenar-se por cometer esse atroz pecado mortal indefinidamente.

As faces do inferno se abriram ante ele nesse momento, quando a menina lhe suplicava que aceitasse a proposta. Fazer o que eles dissessem, se isso salvava sua vida. Os olhos de seus inimigos brilhavam triunfantes, iguais chacais contemplando o corpo de um animal recém morto.

Mas como as transparentes brisas do oceano, chegaram-lhe as palavras de sua esposa quando o despediu para ir-se à batalha, que lhe rogou não pensar nela e os meninos já que isso poderia debilitá-lo em momentos de perigo e poderia lhe custar à vida ou algo pior. Em lugar disso, disse-lhe ela, devia concentrar-se em todas suas esperanças e preces a Deus Santo, e em seu dever. Se ele fazia isso, com segurança Jesus Cristo enviaria a seus anjos para protegê-lo e trazê-lo para casa são e salvo.

De algum jeito as arrumou para negar com a cabeça. Depois, tinha-os chamado para que se arrependessem e deixassem sua perversidade, recorrendo a todos os versos sagrados que sabia. Eles rapidamente o amordaçaram, para lhe demonstrar e lhe dar mais provas de que eram completamente perversos.

As presas do Diego tinham esmigalhado o pescoço da moça, enquanto a violava repetidas vezes, ao tempo que O Sírrio tinha obstinado ao Rodrigo horrorizado para beber seu sangue.

Diego tinha obtido tanta força da morte da moça, que pela primeira vez tinha trocado de forma, converteu-se em lobo, uma criatura infernal da noite.

Deus santo, como rezava Rodrigo para que morressem.

A luz do amanhecer atravessou o esterco e se dirigia para a parede de sua cela. Se lhe tocava qualquer parte de sua pele, converteria-se em cinza.

Voltou-o a alagar a lembrança de sua impotência, a total desesperança ao não poder fazer nada até esse momento. Com segurança os descendentes do Hassan retornariam em dois séculos e ele mataria ao Sírrio, tal como o tinha mostrado sua visão. Mas inclusive se isso acontecia, para então, sua esposa e filhos estariam mortos, e ele ficaria sozinho.

O mais provável era que morresse aí, como um desprezível e renegado cavaleiro, no esterco de um lugar de má morte, consumido pelos demônios do inferno. Ou o que é pior, transformaria-se em um deles, para começar a regozijar-se de seu poder e provocar horror nos inocentes.

Um olho deixou escapar uma lágrima que queimava e que descendeu lentamente por seu rosto, deixando um rastro de pó. O primeiro raio de luz roçou a dura parede de

pedra do castelo e começou a subir para sua janela.

Aqui não era um verdadeiro cavaleiro, onde já não podia proteger aos inocentes. Verdadeiramente acreditava que Deus Santo escutava suas preces quando ele tinha o mesmo corpo que esses demônios? Era muito melhor morrer rapidamente que entregar qualquer parte dele a esses demônios noctâmbulos.

Se tirava sua mão fora por entre as barras, deixando a luz, arderia como uma tocha. Ou poderia esperar até que o sol entrasse em sua cela e se deixaria envolver como com uma manta; seria a última carícia cálida de sua vida. De qualquer forma, desapareceria tão rápido, que não teria tempo para pensar outra vez.

Morrer ao tocar o sol outra vez e sentir-se verdadeiramente humano uma vez mais. Um pensamento digno.

Mas se o fazia seria um renegado porque não poderia cumprir sua promessa ao Fearghus de vingar-se pelos dois. Depois da última noite, não ficavam ilusões de ser capaz de proteger a nenhuma prosaica desafortunada que chegasse ali: O Sírio e Diego se alimentariam delas, sem importar quem estivesse perto. Todos nesse vale estavam ou muito bem subornados, ou muito aterrados para deter esses dois demônios.

A luz do sol tocou o batente e começou a subir para sua cela. Não tinha mais que estirar a mão e esta agonia se acabaria, liberaria-o para o mundo do mais à frente.

Mas o suicídio era um pecado mortal. Seria condenado ao pior dos infernos para toda a eternidade, sem poder ver nunca a sua amada esposa, quem estaria com os anjos no céu.

Por conseguinte, suas opções eram passar a eternidade no inferno da terra ou no inferno com os próprios demônios de Satã. Nenhuma das opções era atrativa, mas uma redimia um pouco seu orgulho e lhe dava uma possibilidade de vingar-se.

Mesmo que Deus não podia escutá-lo desde este rincão do inferno na terra, Rodrigo poderia atuar como cavaleiro sempre que fosse possível. Era uma solução pobre, mas era tudo o que ficava. Teria que fazer muitíssimas coisas, que nem as regras santiaguistas jamais tivessem imaginado. Mas ele daria o melhor de si para manter as principais virtudes. E teria a oportunidade de vingar-se dentro de dois séculos, se os descendentes do Hassam vinham.

Era muito, mas muito mais simples morrer agora.

O sol agora era um halo dourado detrás das barras de ferro de sua janela.

Lentamente, Rodrigo retrocedeu ao mais profundo das sombras, com as aranhas e os ratos. Duzentos anos até que pudesse olhar com tranqüilidade a saída e pôr-do-sol outra vez. Trezentos anos até que pudesse caminhar no exterior ao meio dia.

Fechou os olhos e chorou.

—Quantos casos de violação se notificaram? —Perguntou bruscamente Rafael. Ethan, Jean Marie, Luis e Gray Wolf, acompanhado pelo Caleb, é obvio, estavam reunidos em seu escritório na Compostela, para escutar as alarmantes notícias.

—Dois, até agora, ambos no Waco - disse Luis enquanto caminhava nervosamente; sua camisa branca brilhava ao lado das portinhas de aço que os protegia da luz do sol.

—Mas houve uma meia dúzia de intentos de suicídio por parte de mulheres jovens e sãs, sem nenhum motivo aparente. Ou ao menos, nenhuma mostrava de ter sinais de problemas mentais, conforme informou um profissional de saúde mental—adicionou Jean Marie, que colaborava as mensagens em seu computador.

— E um suicídio cometido.

—Caralho! —grunhiu Rafael. Quanta vez tinha visto mulheres suicidar-se no castelo do Sírio?

—As violações encaixam no padrão do Devol: mulheres respeitáveis, gravemente mordidas - comentou Ethan fazendo uma careta de indignação. Hoje ele levava dois Súper Redhawks de precisão em suas capas para ombro.

— Mas, os suicídios? —Obra do Beau - disse cansativamente Rafael.

— Ele se alimenta do medo e depois apaga a memória, mas nunca foi bom para controlar mentes. Muitas vezes as mulheres se lembram de algo, embora isso as volte loucas.

Ouviram-se um murmúrio de indignação. Rafael jogou uma olhada à sala e pôde sorrir ao ver o anseio de sangue de seus filhos. Ao escutar falar sobre o perigo e a destruição de mulheres havia aumentando seus instintos de amparo.

—Jean Marie, faz que seus homens vigiem de perto todas as bases de dados de saúde mental. Temos que nos inteirar imediatamente quando alguma moça cometa suicídio ou sofra uma depressão inexplicável.

Jean Marie assentiu com a cabeça e seus dedos começaram a teclar a toda velocidade.

—Certainement, mon père. Cada dia esses dois põe em perigo às boas pessoas de Texas.

—Onde você e Caleb estão procurando agora, Gray Wolf?

—Em covas subterrâneas, minas e lugares pelo estilo. Segundo todos os registros, Beau operava em cidades que tinham covas ou passos subterrâneos utilizáveis.

Rafael voltou a pensar.

—Na verdade, Beau sempre dormiu nas horas de dia, um hábito que aprendeu de seu criador. Além disso, Devol é tão jovem que tem que dormir a maior parte do dia. Buscá-los em lugares escuros é uma idéia excelente.

Gray Wolf assentiu com a cabeça; seus olhos cintilavam com o ardor de um caçador.

—Já procuramos em quase todo o setor sudeste.

Eles podiam fazer isso rapidamente, graças ao conhecimento de geologia do Caleb e à capacidade para rastrear do Gray Wolf, além de sua união conjugal. Eram os únicos de suas equipes de busca que podiam encarregar-se do Beau e ganhar. Mesmo assim...

—Tomem cuidado. As covas podem ser perigosas, pode haver desmoronamentos ou deslizamentos de terra, embora não haja um vampiro nelas.

Caleb sorriu abertamente ante a advertência.

—Não se preocupe dom Rafael. Não permitirei que nada aconteça com seu adiantado maior.

Gray Wolf deu um bufo simulando estar indignado. As risadas, de algum jeito, aliviaram a tensão de todos os que estavam na sala.

Os dedos do Jean Marie voavam por seu computador.

—Talvez deveríamos restringir o picnic de 4 de julho. Também é o primeiro sábado, seguro que haverá uma grande multidão que virá pela música. Não queremos que nossos prosaicos andem por aí quando Beau e Devol estejam nos arredores.

—De acordo - disse Ethan imediatamente.

— Além disso, é o único evento público no que você, dom Rafael, tem programado aparecer no próximo mês. Esses dois lobos raivosos com segurança estarão à espreita, esperando.

—Então, simplesmente terão que persegui-los - replicou Rafael.

— Não me privarei de festejar em 4 de julho. Sou americano e esse é meu dia festivo nacional.

—Mas você não pode ficar em perigo tão bobamente! —Disse Gray Wolf zangado, enquanto Ethan golpeava com o punho o lar. Jean Marie e Caleb, normalmente amáveis os dois, ficaram de pé gritando. Luis lançou ao Rafael uma série de maldições em galego, sua língua materna.

Rafael suportou sua malhação durante um minuto, antes de ir às nuvens.

—Silêncio! —rugiu ao máximo de seus pulmões.

Os pequenos artigos que havia sobre seu escritório tremeram e se deslocaram para um lado. Até sua espada vibrou. Olhou ao redor da sala, obrigando a cada um de seus recalcitrantes filhos a cruzar seu olhar.

Eles protestaram no profundo de suas gargantas, mostrando os dentes levemente, mas deixaram de falar.

—Obedecerão-me nisto - ordenou Rafael pronunciando cada palavra.

— Eu dei minha palavra ao prefeito de que eu acenderia os foguetes e assim o farei.

Jean Marie resmungou pelo baixo. Os olhos do Rafael o olharam, mas seu arauto não disse nada com palavras.

—Seu dever é manter a área segura, pelos meios que sejam necessários. Entendido?

—Sim, dom Rafael - Ethan pronunciou cada sílaba como se as arrancassem a contra gosto.

— Podemos solicitar vampiros e companheiros de outras circunscrições para formar um perímetro ao redor de São Leandro, esse fim de semana.

—O que deixará os limites com pouco amparo se houver muito banditismo tratando de infiltrar-se em Texas - ressaltou Gray Wolf, mostrando as presas de uma forma estranha. O valor para desafiar abertamente ao Rafael em nome dos habitantes de Texas era uma das virtudes que o tinham feito herdeiro do Rafael.

Rafael afirmou com a cabeça com decisão.

—Por uma noite correremos o risco. O que outra coisa se pode fazer?

Gray Wolf inclinou a cabeça em reconhecimento, e começou a enumerar distintas opções com seus dedos.

—Podemos pôr patrulhas itinerantes para procurar em todos os lugares possíveis de caça dos vampiros. Parques, clubes noturnos, hotéis...

—E armadilhas, são obvio. Podemos enganá-los para fazê-los cair na armadilha, e não só utilizar armas - adicionou Caleb.

Rafael se passeava frente a seu escritório enquanto escutava os planos.

—E podemos reduzir os clubes noturnos em Austin e Santo Antonio com o passar do Passeio do Rio, para que lhes seja mais difícil aos vampiros alimentar-se nas cercanias - adicionou Luis enquanto tirava seu telefone inteligente.

— Podemos retirar suas licenças para bebidas alcoólicas e fazer que a metade deles se feche, dentro de uma ou duas semanas.

—Antes de 4 de julho, podemos matar a todos os vampiros forasteiros que tenham entrado em Texas sem passaporte - sugeriu Jean Marie, quem compartilhou um sorriso ávido de sangue com o Ethan.

—Também quero eliminar o elemento criminal, especialmente a quão prosaicas tenham ajudado ao Devol por dinheiro. Esses bastardos têm suficientes arma para ser perigosos, embora não sejam vampiros. —Os olhos do Ethan eram tão frios e mortíferos como uma cascavel preparando-se para atacar.

Houve um murmúrio de aceitação.

—Cuidado! —Gray Wolf advertiu a contra gosto—. Se se meterem com eles põe em risco a publicidade.

—Estou seguro de que nunca feriram a pessoas inocentes tampouco - remarcou Rafael.

Ethan confirmou levantando a mão.

—Se quer eliminar a alguém em particular - disse Jean Marie—, ou mais, somente me diga isso Eu não estou viajando agora.

Os olhos de mel do Ethan se iluminaram e as idéias davam voltas em sua cabeça. Rafael observou e esperou paciente e entretido.

—O que, mais?

—Se Jean Marie realmente tem tempo extra... —disse Ethan lentamente tamborilando seus dedos na chaminé do lar.

Rafael arqueou uma sobrancelha.

—O que quer que se investigue?

Ethan levantou a cabeça e seus olhos se cruzaram com os do Rafael, que estava no outro extremo da sala.

—Algo que meus mesnaderos e eu não podemos dirigir, segundo o código. Um dos fiscais federais de Houston esteve atuando de maneira estranha ultimamente, sobre tudo quando se trata de contrabando e Nova Orleáns. Poderia ser que como ele se divorciou recentemente esteve tratando de abranger muito.

—Mas você crê que não é assim.

—Não, dom Rafael, eu acredito que não. Mas não posso investigar mais profundamente porque trabalhamos com ele antes.

E vampiros como Ethan, que faziam cumprir as leis dos vampiros, nunca castigavam a quão prosaicas os ajudavam. O código era similar a uma antiga atitude dos policiais prosaicas: o pior policial era aquele que delatava a outro, alguém como os tipos de Assuntos Internos.

—Falarei com ele - disse brandamente Jean Marie.

— De todas as formas tenho que ir a Houston nestes dias. Segundo lembrança, este fiscal em particular tinha uma fina variedade de Bourbon que uma vez ofereceu me mostrar.

Ethan riu; deixou escapar uma risada fria.

—Só por uma vez queria poder olhar quando estiver falando com um informador sujo.

Rafael trocou de tema ao considerar que esse ponto já estava fechado.

—Qual é seu objetivo, Ethan?

Ethan sorriu, sua inteligência brilhava nos olhos, como sempre, nesse incrivelmente belo rosto. Muitas pessoas só viam sua beleza e se esqueciam de olhar sob a pele, para sua própria ruína.

—Pessoalmente estou concentrando nos depósitos refrigerados, senhor. Especialmente as câmaras frigoríficas dos depósitos da ferrovia.

Uma visão se agitou na memória do Rafael.

—De verdade? —perguntou, esperando a elucidação.

Ethan se encolheu de ombros.

—É onde eu me esconderia. Nenhum aroma pode sair dessas paredes grossas. Ou se sair, ao menos é mínimo.

A imagem de um depósito cheio de câmaras frigoríficas cintilou ante o Rafael. Vampiros tomando por assalto o lugar, totalmente ocultos, com companheiros e prosaicas fora, vigiando para não ser incomodados. Rafael soprou, reconhecendo a exatidão da previsão do Ethan.

—Quando estiverem preparados para tomar por assalto o depósito, me avisem. Irei com vocês.

—Dom Rafael - começou dizendo Ethan.

Rafael arqueou uma sobrancelha para dissipar a dúvida.

—Sim? Sou o vampiro mais velho desta esfera, com o melhor sentido do olfato, assim como também sou o melhor lutador sozinho. Alguém mais tem a possibilidade de encontrar ou brigar com um vampiro de setecentos anos de idade? Dado que quantos mais anos têm um vampiro, seu aroma se volta mais leve...

Ethan olhou a seu redor em busca de respaldo, mas não encontrou nenhum. Até o Gray Wolf se encolheu de ombros.

Rafael sussurrou para seus adentros. Todos estavam treinados para obedecê-lo absolutamente, dissesse o que dissesse, e nunca questionavam uma ordem estrita. Uma vez, isso tinha significado segurança, por que agora significava solidão? Cedeu à contra gosto.

—Certamente, dom Rafael.

—Excelente.

Abstraído, Rafael ficou de pé para acompanhá-los à porta.

Talvez devesse procurar tranquilidade e simplicidade, e eximir-se de ver Grania de noite para ficar na Compostela. Depois de tudo, no encontro da manhã não havia sentido a cercania de cônjuges com Grania, como tinha acontecido à noite em que dançou para ela.

Ou talvez ele o ansiasse muito. A tensão podia bloquear um novo vínculo conjugal tão completamente como se nunca tivesse existido.

Por outra parte, não havia nenhuma boa razão para que eles fossem cônjuges: conheceram-se fazia somente uns dias e sua relação não tinha sofrido muito estresse, o que pôde ter acelerado a formação do vínculo. Era pura loucura que eles fossem cônjuges, sobre tudo desde que seu coração tinha morrido fazia séculos com sua esposa.

E, entretanto ele não podia negar que, nessa apertada sala no centro, ele tinha estado tão perto da mente de Grania e de seu corpo, como do seu próprio. Tinha conhecido seus pensamentos como se fossem os seus, tinha sentido no corpo os batimentos do coração de seu coração, e havia sentido os movimentos reflexos depois do orgasmo, complementar-se perfeitamente e fluir através de seus dois testículos. Havia sentido a certeza de que se tivesse desejado que lhe acariciasse o cabelo, o teria feito, porque seu desejo estava muito profundo no seio dela, como se fosse próprio.

Como veterinária, ela poderia ser uma vantagem extra em sua esfera, devido a seu detalhado conhecimento dos animais. Donald Ou'Malley uma vez lhe havia dito que se dois vampiros eram cônjuges, eles inclusive compartilhavam todo o conhecimento mental e físico. Se a gente era um grande lutador com faca, então o outro também o seria, sempre que o vínculo entre eles fosse aberto. Ou também, a gente podia trocar à forma que o outro tinha dominado, o qual era uma habilidade valiosa, dado que ao tomar formas era extremamente difícil de conseguir.

Os duelos de vampiros eram mão a mão, sem armas fabricadas pelo homem. Estava totalmente aceito chutar, arrancar ou pressionar e morder, ações realizadas a uma velocidade e brutalidade muito maior do que um prosaico podia compreender. Trocar de forma, à forma de um depredador, é obvio, não tinha preço. Com um cônjuge, que brindava um segundo par de olhos e ouvidos, um vampiro era invencível em um duelo.

Mas mesmo que Grania fosse seu cônjuge, ela era uma prosaica. Se ele a convertia em vampiro, a maior probabilidade era que se voltasse louca e morresse. Tinha jurado que alguma vez lhe daria o Abraço a uma mulher, como poderia romper esse juramento e arriscar a destruição de seu cônjuge para proteger-se ele? Nunca! O dever do cavalheiro era proteger às mulheres e donzelas e não à inversa! Então, o melhor que ele podia esperar em caso de que Grania se convertesse em seu cônjuge, era cinquenta anos. Ou talvez setenta, se Deus era generoso. Uma pena, mas era melhor que destruir a ela.

Devia pensar sozinho nesta noite, quando não haveria interrupções e finalmente poderia converter-se em seu amante.

Quando a exploraria completamente, como ela o tinha explorado a ele, com os olhos, e a língua e as mãos, e reclamaria sua feminilidade para o prazer mútuo.

Ela seria tão somente outra amante, durante uma larga noite de prazer. Seu coração tinha morrido séculos atrás com sua esposa, sua pequenina de cabelos escuros e doces curvas.

Rafael golpeou com educação a porta de entrada da casinha de Grania, e esperou, ignorando ao Emilio e seu quadro de guarda-costas vampiros. Por muito que estudaram seus movimentos durante a última semana (exceto a noite em que Beau e Devol entraram

em Texas e ela ficou sem vigilância), que procuraram em sua casinha, ou vigiaram sua vizinhança de pôr-do-sol, nada lhes poderia assegurar adequadamente que isto não era uma armadilha.

Abriu a porta e lhe sorriu.

—Rafael.

—Grania. —Beijou-a brandamente em ambas as bochechas, uma saudação que ela devolveu de maneira similar. O melhor era manter sua relação publicamente formal, em caso de que houvesse algum observador.

Os cachos de cabelo caíam livres de sua usualmente rigorosa trança, e seus olhos se viam um pouco pesados, como se acabassem de despertar de uma sesta. Bem. Ela devia ter energia para uma larga noite de jogo amoroso. Como mulher organizada, não perdeu tempo convidando-o a entrar, mas sim deu um passo para fora, com sua pequena bolsa na mão.

A libido do Rafael observou seu traje e rugiu sentindo-se com vida. Um vestido azul a medida ressaltava as magníficas linhas de seu comprido corpo e harmonizava com seus olhos brilhantes. Os únicos acessórios que levava eram pendentes simples, e sandálias de salto alto. Devia estar vestindo o melhor de Paris e Milam, mesmo que estes objetos de lojas de artigos de segunda mão lhe sentavam de maravilha.

Fechou a porta, jogou-lhe a chave e foi a seu lado. Ele deixou descansar a mão automaticamente, e de maneira possessiva, sobre suas costas. Ela se paralisou por um instante e tragou saliva, antes de sair do alpendre. Caminhou ao mesmo tempo dela, com seus quadris roçando-se. Ela se moveu um pouco torpemente, como se nunca antes tivesse caminhado tão perto de um homem. Ele se permitiu pavonear-se um pouco, sorrindo para si, antes de levá-la a sua Mercedes. Um momento depois, seus guarda-costas tinham retomado seus lugares nos carros, e imediatamente voltaram para a rua, em tanto que um de seus helicópteros vigiava do alto.

Por um momento, o perfil simples de Grania se delineou contra a escura janela a prova de balas e o céu do crepúsculo mais à frente; depois, ela se voltou para olhá-lo diretamente.

—Está planejando te alimentar de mim, esta noite?

Rafael ficou paralisado por um instante, perplexo ante sua coragem, antes de lhe dar a cortesia da honestidade.

—Sim, mas somente poucas gotas.

Ela inclinou a cabeça, considerando sua resposta.

—Da Brynda bebeu mais.

Por que diabo tinha esperado que a doutora o tratasse sozinho como um amante e não como um projeto científico? Rafael se resignou à conversação, ao menos até que chegassem a seu apartamento. Pelo menos nunca tinha planejado seduzi-la no Sedan.

—Ela sabe o que quero e está de acordo com isso.

—Em troca de sexo.

—Só masturbação - corrigiu ele.

—Por que esse limite? Parecia extasiada em seus braços.

—Foi sua eleição, e eu a respeito. Além disso, a mordida de um vampiro aumenta a

emoção que se sente.

—Seriamente? —Grania se apoiou em seu assento, indubitavelmente pensando o bastante. Poucos minutos depois, deixaram o caminho do rancho e se dirigiram para um prado bem cuidado, onde havia dúzias de cabeças de gado Angus, gordos, e de cabelo brilhante, aos que ignorou, com a intenção de dar um passeio até o vale, para seu jantar. Ali, seu elegante helicóptero privado, esperava-os com suas paletas girando rapidamente.

Grania se voltou para olhá-lo.

—Um helicóptero? Aonde demônios vamos, Rafael?

Rafael deixou escapar um sorriso para si, ao havê-la surpresa por uma vez.

—A meu apartamento, é obvio.

—O que?

Os dois carros se detiveram e Emilio correu a abrir a porta do Rafael. Habilmente Rafael tomou a Grania e a sentou em seu regaço. Ela se engasgou, deslizou o braço ao redor de seu ombro e apoiou a cabeça contra ele. Ele a levantou em seus braços, saiu do Mercedes, e correu para seu helicóptero pessoal, enquanto seus homens os rodeavam protegendo-os. Sentou-a dentro, tomando cuidado de proteger seu pudor.

Ela se grampeou o cinto de segurança, em tanto que observava o interior do helicóptero.

—Assentos reclináveis de couro? Tapetes felpudos, e um bar? Devi havê-lo sabido - sussurrou.

Rafael manteve seu rosto sério.

Uns minutos depois, já sujeitos aos assentos, o helicóptero separou, voando a toda velocidade, como um falcão caçador que se lança ao céu. O outro helicóptero os seguiu um instante depois, transportando ao resto de seu guarda-costas de maneira protetora.

Grania arqueou uma sobrancelha ao Rafael.

—Este modo de viajar é realmente necessário para sua segurança, poderoso administrador do Santiago Trust, ou simplesmente está tratando de me impressionar?

Ele jogou sua cabeça para trás e riu.

—Como devo responder a isso? —perguntou tomando o cabelo—. Uma resposta me faria ficar como um presunçoso, enquanto que a outra como torpe.

Os olhos dela dançavam quando riu com ele. Entrecruzaram os dedos, compartilhando um silêncio amigável, enquanto a ave sobrevoava rápida sobre a tranqüila paisagem.

—Quanto falta para chegar? —perguntou-lhe enquanto contemplava uma manada de vacas notavelmente tranqüilas.

Ele beijou a mão, olhando seu rosto.

—Muito pouco, querida.

Ela se ruborizou com um atrativo tom escarlata.

Poucos minutos depois, o helicóptero passou uma colina revelando seu lugar favorito que descansava entre as montanhas. Foi desenhado para ajustar-se à paisagem natural tudo o que fosse possível, com materiais de construção de pedra calcária, e rodeada de plantas nativas e delicados cursos de água. Até o porto esportivo, marcado pelos mastros dos veleiros, via-se como se tivesse ocupado o lago durante séculos.

Justo em cima do lago se erguia o mesmo centro turístico, bordado por quadras de esportes de golfe e atalhos naturais. Grupos de pessoas dos sábados de noite se reuniam ao redor dos restaurantes e clubes noturnos, enquanto outros se divertiam a bordo de suas embarcações ou pulavam na borda. Mais à frente, estavam as casas de campo e o alto capitel de pedra calcária da torre de condomínios com vista ao complexo.

Os dedos de Grania se aferraram aos dele, mas não disse nada; seus olhos exploravam o cenário de abaixo, em meio de olhares de soslaio para ele. Seu pulso pulsava forte e rápido em sua garganta, e seus peitos se levantavam e baixavam rapidamente. Se ele colocava a mão em seu joelho, poderia deslizar os dedos debaixo de sua saia...

O helicóptero sobrevoou em círculos a parte de atrás do centro turístico, detrás das casas de campo. Uma plataforma de aterrissagem de helicópteros apareceu ante seus olhos, custodiada por mais companheiros. Um sinal lacônico dando luz verde foi intercambiada e o helicóptero aterrissou com elegância.

Cinco minutos mais tarde, ele e Grania estavam sozinhos em seu apartamento de luxo no mais alto da torre de condomínios. Tinha-o principalmente para as reuniões com executivos de negócios de fora de Texas, para que estivessem mais cômodos no entorno do centro turístico. O mobiliário era de acordo ao lugar, informal e masculino - de couro, maciço e prático - distribuído sobre tapetes feitos por indígenas americanos. Uma biblioteca com frente de vidro cobria uma parede da grande sala, cheia com alguns de seus livros favoritos de aventuras. A parede mais larga era de vidro a prova de balas, cujo véu habitual de cortinas brancas estava deslocado para mostrar a vista do famoso lago, com os edifícios altos de Austin apenas visíveis na distância.

A maioria dos convidados nunca olhava além dessa janela ou do terraço de fora.

—OH, livros - murmurou Grania e se dirigiu para a outra parede.

Rafael franziu o cenho e a seguiu. Talvez ela fosse inexperiente, e, portanto brincalhona, mas tinham ficado muitas coisas pendentes entre eles para lhe permitir escapar agora.

Rodeou-a com seus braços e lhe deu um beijo em seu cabelo.

—Grania, querida, Está fugindo de mim agora?

Ela ofegou. A porta da biblioteca tremeu em sua mão.

—Eu, né, estava olhando sua coleção...

Delicadamente, apoiou sua bochecha contra a dela. Ela fechou os olhos estremecidos; seu pulso se acelerou. Não havia aroma a medo, felizmente.

Beijou-a subindo por suas costas e explorou esse fascinante ponto detrás de sua orelha. Suspirou então ele repetiu a carícia com certo ritmo, nessa orelha e na outra.

Quando levantou a cabeça, a dela estava apoiada em seu ombro, com os olhos semi abertos enquanto olhava o reflexo dos dois, e sua larga trança vermelha caindo por seu braço. Acariciou-a, desfrutando ao ver suas mãos deslizando-se por seu ventre ágil, e seus polegares estendendo-se pelas costelas, e os mindinhos quase alcançando os quadris. Embora todos os tamanhos e formas das mulheres tinham seus atrativos, havia uma elegante simplicidade quando fazia o amor a uma mulher cuja força e tamanho era tal que não precisava preocupar-se muito em lhe fazer danifico.

Divagou com sua aprovação.

—Querida, é uma maravilha. Suas formas são magníficas. Curva com linhas largas. Forte e de pele suave...

Voltou a lhe beijar o pescoço enquanto lentamente baixava o fechamento de suas costas. Ela se estremeceu apoiada nele, e sussurrou seu nome. Logo desabotoou seu sutiens e a beijou, descendeu por suas costas despertando esses ocultos pontos sensíveis de uma mulher. Todo o tempo olhando e escutando a resposta dela.

Rafael se mordeu o lábio, obrigando-se a ir mais devagar. Não podia perder o controle. Era um vampiro que facilmente podia machucar a uma prosaica se deixava levar pelos impulsos da paixão. Mas, ai, merda, como o tentava!

Murmurou seu triunfo quando ela ficou nas pontas dos pés, ofegando e chorando, no momento em que seus dentes marcaram a parte superior das nádegas dela, junto às covinhas. Ai, sim, agora ele se estava dirigindo para o lugar de sua paixão. Imediatamente ele a acalmou com sua língua, depois repetiu a carícia brandamente. Fez-a arquear-se contra ele, soluçando.

As mãos tremeram. A ele, que tinha dado prazer à infinidade de mulheres!

Rodeou-a com seu braço, sujeitando-a para tranquilizá-la. Esperou até que se acalmou levemente, depois deslizou a mão dentro do vestido, por diante.

Acariciou-lhe brandamente o ventre, desenhando círculos muito lentamente no centro. Gradualmente ela começou a respirar ao ritmo de seus movimentos. Rafael tinha o peito tenso, sentia o calor percorrer seu corpo. O autocontrole era algo distante, desgastando-se sob seu pulso que pulsava com força. Mas precisava fazer que ela se relaxasse e que se deixasse levar, antes que pudesse aceitá-lo dentro dela.

Fechou os olhos, impondo o controle de suas emoções.

A tensão do corpo dela fazia eco à pressão de seus dedos. Desenhou círculos mais amplos, mais profundos sobre sua suave pele, e sentia o calor lhe queimando os dedos... E ela voltou a gemer, deixando cair à cabeça para trás, apoiando-se nele.

O som o sacudiu até os ossos.

Deslizou ambas as mãos dentro do vestido, aproximando-se mais, de modo que ela ficou escarranchada em sua perna e a saia subiu até a metade das coxas. Seus quadris se balançaram contra as dele, fechou os olhos em um fulgor sensual. Ele deslizou as mãos até seus peitos, acariciou-os e os massageou. Grunhiu sua aprovação quando ela alcançou seu quadril acariciando-a, aproximando-o para ela, e deslizando os dedos sobre seu traseiro. Ai, como desfrutava dessas carícias!

—Por favor, mais - sussurrou ela, esfregando seu traseiro sobre as coxas dele.

Conteve a respiração sentindo-se embriagado de luxúria ao tato da suave pele dela.

Começou a jogar com seus mamilos, atirando deles e esfregando-os até que se ergueram contra a palma da mão e ela respirou com dificuldade. Beijou-lhe o pescoço uma e outra vez, excitando e atormentando seus pontos sensíveis. Seu pênis ficou duro e ardia sob as calças de linho; cada estremecimento dela era uma tortura para ele.

Depois, descendeu com a mão sobre o ventre dela, repetindo os círculos que ela tanto tinha desfrutado, e saboreando a rapidez com a que ela voltou a lhe seguir o ritmo. Empurrou a perna com força contra ela, abrindo suas pernas um pouco mais, com a necessidade de empurrar mais e mais rápido, e mais forte.

Ofegou, enquanto lutava por encontrar equilíbrio, e ele afundou a mão dentro de sua calcinha. Esfregou-lhe o clitóris com força, ao ritmo que ele tinha notado lhe causava prazer, e lhe mordiscou o pescoço, tomando cuidado de manter as presas retraídas.

Grania gritou e alcançou o clímax; seus sucos se deslizaram pela mão dele. Seus quadris se balançavam contra as dela, desesperada por empurrar vigorosamente contra ela.

Mãe Santa, que formosa era nos estertores da paixão! Fechou os olhos, se não estaria mais tentado ainda de tirar-se de um puxão as calças.

Quando pensou que podia controlar-se, Rafael deliberadamente deslizou primeiro um dedo, depois dois dentro dela. Estremeceu-se ao sentir que as sacudidas posteriores ao orgasmo se apoderavam dele. Mordendo o lábio, fez-lhe alargar o mais que pôde seus impulsos depois do orgasmo. Enquanto isso observou com expressão possessiva a aturdida saciedade pulverizada sobre o rosto dela.

Ela tinha os olhos imersos na relaxação posterior à paixão, enquanto tratava de ficar de pé.

—Não vais tirar sua mão daí?

Um sorriso se desenhcou nos lábios dele quando girou brandamente seus dedos dentro dela, abrindo-a um pouco mais a sua posse.

—Por que, amante? Viu-me. Dois dedos meu são menores do que logo aceitará?

Ela ficou mais vermelha.

—Seu pênis é um valor estatístico atípico!

Ele franziu o cenho e suas sobrancelhas se juntaram. Se isso era um insulto, era a primeira vez que o tinha escutado.

—Por favor, te explique querida.

Ela se encolheu de ombros, tratou de escapar, mas finalmente aceitou que não podia e então se voltou a apoiar nele, quase zangada.

—Seu pênis é tão grande que está muito por cima da fila do homem médio - disse olhando para diante, com o queixo alto.

Rafael jogou a cabeça para trás e lançou um rugido de risada.

—Em outras palavras, é enorme!

Ela se voltou a ruborizar. Ele tirou os dedos, lambeu-os para limpá-los e a saudou. Ela se ruborizou ainda mais ao olhá-lo.

Era tão formosa que a atraiu de um puxão para seus braços e a beijou.

—Cavernícola - lhe sussurrou perto de sua boca. Logo o braço de Grania rodeou seu pescoço, o qual fez retornar a paixão dele, e suas línguas se entrelaçaram com ânsias quando suas bocas se uniram.

—À habitação - disse ele firmemente, afastando-se um pouco. Ela abriu os olhos grandes e tragou um pouquinho de saliva.

Ele a levou e a deitou com delicadeza na enorme cama. Os móveis ali eram tão grandes e masculinos como os da sala principal, havia mais tapetes feitos por indígenas americanos. Janelas mais simples e uma lareira de pedra cobriam uma parede; mais à frente havia um banho. Esta habitação era um santuário mais que uma exibição de riqueza e poder.

Rafael se tirou os sapatos rapidamente, antes de seguir com o resto de sua roupa. Grania se apoiou sobre os cotovelos, olhando ao redor, sua sempre curiosa doutora. Fez uma pausa para tomar sua bochecha entre as mãos, com a camisa aberta e os dedos deslizando-se dentro dos cachos de seu cabelo que escapavam.

—Deseja perguntar algo, minha alma?

Ela esfregou a bochecha contra sua mão, como um gato, enquanto deslizava os dedos dentro de sua camisa para jogar com o cabelo de seu peito.

—Quando me morder bebe todo o sangue que queira.

O que? Ela, a médica, pedia-lhe isto a um vampiro conhecido? Retrocedeu levemente para contemplar sua expressão.

—Está segura?

—Absolutamente. Não quero que se sinta limitado de nenhuma forma esta noite. Ah, e pelo amor de Deus, recorda não te deter com a masturbação!

—Se insistir. —Soltou uma risada e a beijou. Depois a soltou e lhe tirou o vestido.

Meu Deus era tão formosa com esses olhos azuis cor do mar do Norte, a cor que Fearghus sempre tinha gabado por cima de todos outros. Liberou seus seios do sutiens e os venerou com a boca. Cada veia, cada curva, chupando-os, mordiscando-os e massageando-os. Jogava-lhe fôlego em sua formosa pele para aumentar a sensibilidade. Saboreava cada ofego, cada vez que ela sussurrava seu nome, cada vez que bufava e que se arqueava.

Cada amante era única, e adorável e valiosa; o explorar essas diferenças foi o que o fez sobreviver, e lhe tinha ajudado a permanecer cordato através dos séculos. Entretanto, Grania, de alguma forma, era surpreendentemente familiar, como se a tivesse conhecido antes, como se antes tivesse feito exatamente isto.

Acariciou-lhe a cabeça e os ombros, aproximando-o para ela, gemendo seu nome. Sua respiração se tornou irregular quando a respiração dela arrepiou seu cabelo. Seu tórax se endureceu e o calor corria por suas veias como se estivesse desesperado por encontrá-la. Lutou para controlar-se e manter a disciplina com o propósito de não lhe fazer danifico.

Então se retirou, ficou de pé e se baixou as calças com um gesto algo artístico.

—O preservativo? —sussurrou ela com seus olhos enormes enquanto olhava.

—Não é necessário

—Seriamente? —sussurrou.

— Deve estar tão perto de uma espécie diferente que não pode te contagiar de enfermidades humanas ou fecundar mulheres.

Olhou-a por cima do ombro enquanto arrojava as calças sobre a cadeira.

—Verdadeiramente - Se voltou para olhá-la, exibindo-se, sovando seu pênis, que logo - finalmente!— encontraria a forma relaxada de entrar nela.

Grania o estudou, com olhos brilhantes de luxúria e aprovação, e dente que mordiam o lábio inferior. O gesto era familiar, mas esse não era o momento para pensar.

Seu orgasmo ardia em seu testículo, ansiosos por liberar-se, enquanto seu pênis se ergueu e se inchou ainda mais.

Disciplina voltou-se a dizer. Disciplina. Tiveste milhares de mulheres. Não deixe que esta te distraia.

Levantou seu queixo com um dedo.

—Querida.

Ela se passou a língua pelos lábios e percorreu ansiosa com o olhar seu corpo, enquanto acariciava seus quadris e apertava suas nádegas.

—Rafael, por favor...

Ele perdeu a prudência e, com ela, todo rastro de autocontrole. Grunhiu do mais profundo respondendo imediatamente a seu convite. Atirou-a sobre a cama, movendo-se tão rápido e forte que a deslizou o comprimento de um corpo. Seu pênis explorou a doce e cremosa vagina, e voltou a grunhir quando percebeu que ela estava completamente disposta.

Inclinou-se levemente, deixando cair sobre ela e se introduziu. Ela ofegou lhe rasgando os ombros com as unhas. Rodeou com as pernas os quadris dele.

Ele voltou a empurrar e ela se arqueou enquanto gemia sussurrando seu nome. O orgasmo dele começou a crescer, insistindo. Ele gritou seu nome sobre seu pescoço, rodeando-a e encerrando-a com seus braços. É sua maldita seja, é sua.

Ele empurrou e ela tomou limpamente, seus corpos se uniram como se tivessem feito isto centenas de vezes antes.

O ritmo de ambos aumentou e a paixão crescia nos dois.

Pedia-lhe mais, com a voz e com o corpo. Suas presas descenderam e a pressão cresceu mais e mais forte desde suas costas até seu pênis. Cada centímetro de pele ardia de paixão, sensibilizado e vivo ao tato da pele dela, de seus músculos, de seu suor, dominando-se e deslizando-se pelo corpo.

Algo cintilou algo que não estava à vista, como a fulgurante máquina de moer que tinha sentido durante o laço conjugal. Concentrou-se, e se desvaneceu imediatamente. Resmungou, mas não tinha nada de energia para preocupar-se em buscá-lo novamente, não quando o orgasmo estava por explodir em seu testículo.

Empurrou com mais força dentro dela, escutando sozinho seu instinto de vampiro para quando ela alcançasse o clímax, momento em que ele poderia saboreá-la e assim despertar seu próprio êxtase. Trocou a posição, desesperado por aumentar o êxtase de prazer dela e acelerar seu clímax. Encontrou o lugar dentro dela que a enviaria ao êxtase, e a sentiria ficar rígida. Viu o impacto de a sorte repentina vislumbrar no rosto dela. Sentiu-se tocado pelo triunfo quando a primeira sacudida do orgasmo dela percorria seu corpo.

Perfeito.

Rafael lhe mordeu o pescoço, rápida e profundamente. Ela se voltou a convulsionar quando o elixir do vampiro imediatamente aumentou seu orgasmo. Ela gritou de prazer ao sentir impulso detrás impulso percorrer seu corpo. Ele bebeu intensamente, saciando-se com o sabor do êxtase de Grania, claramente brilhante sobre a ponta de sua língua, rico e forte fluindo em sua boca. Correu por seu interior, explodiu abaixo em suas vértebras, subiu por seu testículo levando-o até o extremo.

Empurrou, em silêncio, uma e outra vez enquanto bebia e cada sorvo de sangue transportava o fresco êxtase através de cada fibra de seu ser. Outro impulso vigoroso e ele também alcançou o clímax, até mantendo esse leve controle de disciplina, para não lhe fazer danifico, algo que um vampiro podia fazer facilmente a um prosaico.

Retirou-se com cuidado quando o orgasmo dela terminou, abraçando-a quando os movimentos reflexos sacudiam seu formoso corpo. A próxima vez, talvez, desataria-lhe a trança e passaria os dedos por entre a glória sedosa de seus cabelos.

Depois se recostou junto a ela sob os lençóis e brandamente lambeu as marcas da espetada em seu pescoço. Até sem cuidado adicional, desapareceria dentro das doze horas. Embora uma vez mais não tivesse havido laço conjugal, ela tinha sido uma amante extraordinária e merecia cuidado especial.

Talvez ele tivesse estado muito pendente de encontrar o laço conjugal, já que inclusive essa mínima tensão poderia havê-lo retirado. Talvez. Grania se moveu levemente enquanto acariciava suas costas. Rafael ficou um pouco rígido, cauteloso dessas cicatrizes e depois roçou brandamente com o nariz seu pescoço.

—Quer algo Grania?

—Só curiosidade.

Rafael suspirou, resignado a receber mais perguntas de sua amante cientista. Trocou de posição de modo que suas cabeças ficassem sobre os travesseiros e pudessem olhar-se.

—O que me quer perguntar?

—Quantos anos têm? Não tem que me responder, é obvio. —Seu olhar era direto e pormenorizado.

Conhecendo Grania se perguntou o que lhe tinha feito tirar esse tema, já que provavelmente não estava relacionado com experiência carnal.

—Por quê?

Sua amante imediatamente se converteu na doutora, como a tinha visto no centro de aves de rapina, uma temível protetora dos feridos.

—Uma vez tratei um lince vermelho que se enredou em um cilindro de arame de espinheiro. Tinha perdido quase toda a pele e quase morre, mas suas cicatrizes não eram tão profundas como as tuas. As tuas devem ter feito em anos, anos de ser açoitado, depois sanado e voltado a açoitar. Quem quer que te fizesse isso... —grunhiu ela e seus punhos se fecharam sobre os lençóis.

O coração do Rafael se comoveu ao ver sua disposição para lutar por ele. Mas o que poderia ter feito ela contra seres como O Sírrio e Beau?

—Não se preocupe. Faz mais de sete séculos - a tranqüilizou, abraçando-a.

Ela ficou rígida apoiada nele.

—Brutos - disse, golpeando-o.

— Abusadores de inocentes. Todos eles deviam ter sido assassinados.

Ele tomou sua mão e lhe beijou a cabeça. Se ela tratava de brigar com o Beau...

—Te relaxe, Grania. Não se preocupe por isso.

—Matá-los a todos —seguir murmurando, mas permitiu que ele a acalmasse. Gradualmente se relaxou, fazendo um novelo e rodeando sua cintura com a mão e entrelaçando suas pernas com as dele. Soube o instante no que a mente ágil de Grania encontrou um fio diferente de conversação, mas não podia ver seu rosto.

—Se tiver vivido durante séculos, quanto tempo faz que vive em Texas?

—Dois séculos, querida - respondeu Rafael perguntando-se aonde levaria isto.

—Naquele tempo, Texas era uma fronteira com menos de uma pessoa por

quilômetro quadrado. Inclusive contando aos anglos, aos hispânicos ou aos indígenas americanos.

Como podia uma mulher que tinha a vagina apoiada em seu pênis parecer tão desapaixonada?

—Sim - por que ela estava perguntando sobre um fato tão bem conhecido?

—Havia muito poucas pessoas então e a maioria delas eram homens, dado o clássico desequilíbrio entre homens e mulheres. Mas você te alimentava da energia sexual - disse ela acariciando sua cintura.

— Então a lógica diz que devia ter tido sexo com homens. Depois de tudo, rechaçaria um tigre a uma cabra porque era de outro gênero?

Rafael ficou boquiaberto. Dadas às exigências de caçar presas, tomava a todos os vampiros como bissexuais, a menos que explicitamente dissessem o contrário, como Gray Wolf. Entretanto, não todos os prosaicas eram tão pragmáticos como tinham que ser os vampiros.

—Essa é uma análise muita cientista, Grania - disse extremamente consciente de seus aromas a almíscar mesclados—. Isso te incomoda?

Ela voltou à cabeça e levantou o olhar para ele.

—Se sua larga vida incluiu encontros com bestas como o que lhe fizeram as cicatrizes nas costas, então roga a Deus que também incluía um pouco de alegria, onde fora que a encontrasse.

Ficou sem palavras. Grania soprou e voltou a apoiar a cabeça em seu coração.

—Ainda penso que se deveria matar aos outros bastardos.

CAPÍTULO 10

Rodrigo bufou, mostrado seus dentes em uma careta de lobo. Sua primeira vez na arena, depois de aprender a converter-se em lobo.

Diego lhe grunhiu também, um ritual que dava começo ao duelo dos convertidos. Ele também tinha forma de lobo, algo que podia fazer desde fazia muitos anos.

O Sírio olhava de acima, com sua mão em alto. Logo sua mão caiu e Diego deu um alarido.

Rodrigo se moveu rápido e lhe mordeu o flanco, ficando com uma mecha de pele na boca. Depois sentiu que uns dentes se fincavam em sua perna com um som de ossos quebrados. Caiu ao piso despejado.

Diego se parou, agora em forma de humano, rindo.

—Yaa ibni l'azziz, esteve perfeito! —O Sírio aplaudiu.

— Enjoar ao infiel e logo levá-lo a uma armadilha. Faz isso freqüentemente com movimentos cada vez mais complexos e o treinará para que seja vencido.

Rodrigo se parou cambaleando, voltando para sua forma humana, a forma em que se curam os vampiros. Sua perna direita não suportava muito peso.

Diego fez uma reverência teatral.

—Poderia fazê-lo novamente e me alimentar dele esta vez?

—É obvio!

O inferno. Rodrigo ficou em guarda.

—Te prepare infiel! —Gritou O Sírío com inteligência.

Levantou a mão e a deixou cair imediatamente. Diego foi à carga.

Um instante mais tarde, Diego lhe deu a volta de um golpe. Logo o mal carater lhe rasgou a perna com a unha e começou a alimentar-se...

Beau caminhou pelo salão do hotel Dallas, realmente depravado pela primeira vez em séculos. Uma vez mais se via entre o luxo e um servente submisso lhe mostrando a saída, depois de um banho de essências, manicura e pedicura. As roupas mais finas lhe roçavam a pele, com sapatos de couro suave protegendo seus pés e o doce sabor do sangue e o terror dessa jovem estudante sobre sua língua. Ela poderia ter morrido sem deixar rastros, mas não importava. As autoridades não teriam decifrado jamais a causa.

Assim era precisamente como se devia viver a vida, como tinha sido nesses dois séculos em seu verdadeiro lar. Quando O Sírío o tinha capturado em Écija e lhe tinha devotado adotá-lo se convertia, tinha aceitado, sabendo-se muito pobre para arriscar-se. Entretanto, tinha ganhado muito mais do que tinha esperado esse dia.

Havia-se sentido, pela primeira vez na vida, seguro sob o cuidado de um pai que o amava; cuidado de uma maneira tão diferente aos sermões sobre os deveres e a honra que lhe dava Rodrigo.

Tinha desfrutado da aprendizagem dos truques do ser um vampiro, como as diferentes formas de animais com as que logo ameaçava ao Rodrigo. Sempre tinha ganhado, é obvio, já que tinha maturado antes como vampiro e o corpo de vampiro do Rodrigo tinha sido treinado, do começo, para ser derrotado por suas mãos.

Olhou seu reflexo e sorriu. Caramba, sim que tinha sido bom! Deu uns passos, os melhores, rápidos, como passos de molho. Como o melhor dos casais de baile, Rodrigo tinha acabado no ponto perfeito ao final. Era sempre tão regozijaste ver o miserável sangrando atirado a seus pés...

Seu rosto se voltou tenso ao recordar tudo o que SharmuuT⁴⁷ tinha feito, logo se relaxou. A vingança seria muito doce quando finalmente chegasse.

Seu sorriso se ampliou um pouco mais. Somente precisava terminar de arrumar esse último baile e logo teria ao Rafael onde ele quisesse. Mas esta vez, ele estaria morto.

O encarregado do hotel golpeou a porta da sala de conferências e a grossa voz do Devol respondeu imediatamente.

O encarregado abriu a porta e se fez a um lado para dar passagem ao Beau.

—Aqui é sua reunião, senhor, com tudo o que você pediu. Se não, por favor, me chame a este número.

Beau o agradeceu com um sorriso suave.

—Recomendou-lhe como o melhor e você provou ser mais que essa referência. Obrigado.

—É nosso prazer servi-lo, senhor. —O encarregado aceitou sua enorme gorjeta com uma reverência e partiu, sem olhar sequer uma vez ao Devol.

⁴⁷ Bastardo

Beau caminhou lentamente e olhou desinteressadamente os refrescos que havia sobre a mesa. Champanha Cristal, como ele tinha pedido. Variedade de cervejas para o Devol, não se poderia esperar de um que recorde as preferências de um bruto. Tirou a garrafa de champanha da cubitera com gelo e começou a abri-la.

A pequena sala de conferências estava decorada intensamente e pensada para promover as conversações entre grupos pequenos. Algumas pinturas de carros cavalos de carreira lhe davam uns toques de cor entre pesadas cortinas verdes. As únicas exceções ao entorno masculino e chapado à antiga eram as telas de alta tecnologia que cobriam um dos muros e seus complicados controles na mesa central.

Na tela se via um recarregado dormitório de seda drapeada, a habitação favorita da Madame Celeste para alimentar-se de prosaicas escolhidos em seu clube noturno. Uma caixa negra, menor que uma caixa de cigarros, era o único indício de que sua habitação tinha alguma conexão com a tecnologia moderna.

—Não vejo por que malcria a esses estúpidos prosaicos.

Devol grunhiu. Merda, ele deveria ter tomado uma cerveja e não estar ali suando. Por que tinha chegado tão tarde?

—Me dê dez segundos e eu o teria aterrorizado para que faça o que nós queremos.

Como tinha sobrevivido setenta anos sem aprender sequer um pouco de precaução?

—Você realmente acredita que os homens de dom Rafael não estão observando cada lugar que tenha o que nós necessitamos? E não poderia dizer quando alguém teve apagada suas lembranças por um vampiro? —Terminou de tirar a cortiça e se serviu de um copo.

—Madame é impaciente.

Ah, agora chegamos ao problema real. Tem-te pego das bolas, meu amigo, e você sozinho pensa no que ela quer.

—Está preparada?

Devol soprou.

—Certainement, e ela retornará em qualquer momento.

—Onde merda esteve? —soou uma voz eletrônica.

Ambos se voltaram a olhar a tela. Beau fez uma reverência tão elegante como os séculos lhe tinham ensinado.

Madame Celeste caminhava pela habitação frente à cama, coberta com um vestido mini slip quase transparente. Eram as onze em ponto e não se alimentou ainda. Caralho!

—Um prazer vê-la novamente, Madame.

—Por que está Rafael vivo ainda? —protestou. Tiveste mais de uma semana para matá-lo.

A conexão da videoconferência entre eles transmitia seu temperamento desprezível bastante bem.

A esta distância, ela não poderia matá-lo imediatamente e Devol era muito jovem para ser uma ameaça. Beau decidiu dizer parte da verdade.

—O único companheiro que pudemos infiltrar foi descoberto e executado. Somente podemos comprar espiões nas cidades, não no Hill Country, perto de seus estados. É o suficientemente inteligente para manter-se onde não possamos alcançá-lo.

—Ou suficientemente covarde - Devol ironizou.

—Não o subestime, Devol, - Madame Celeste replicou.

— Se ele estiver na Compostela, provavelmente seja porque pode controlar seus malditos espiões e sabotadores dali. Devemos detê-lo agora antes que eu perca mais dinheiro.

—Terei que espia-lo pessoalmente para planejar a emboscada - ofereceu Beau. “Me dê a permissão para me aproximar, cadela; ainda dirige o dinheiro. “

Mordeu-se os lábios enquanto pensava em sua proposta, seus seios expostos acentuados pelo profundo decote do vestido.

—Poderia lhe disparar de um esconderijo, como fez com aquele laçao no Kazakhstan. Somente me diga isso antes de fazê-lo, assim eu posso me preparar para entrar e me fazer cargo da situação.

—Não! —Como diabos se supõem que alguém desafie atravessando dez milhas de terreno escarpado, cada polegada vigiada pelos melhores mesnaderos do mundo? Nem sequer o Kazakhstan tinha tido tais defesas poderosas.

Devol começou a desencapar um revólver Smith & Wesson. Furioso por sua estupidez, Beau saltou e o segurou pelo pulso, detendo-o antes que o revólver se elevou cinco milímetros da pistola. Protestou e Devol deu um puxão, logo o olhou com indignação.

Beau apertou sua ligadura, impaciente por terminar com isso. Os lábios do Devol se contraíram teimosamente. Beau lhe fez chiar os ossos enquanto os dobrava, quebrando o pulso do outro. O revólver voltou para seu lugar. Beau soltou ao idiota do Devol que se foi ao bar dolorido.

Beau terminou seu champanha. Devol se curaria em umas horas, mais rápido ainda se matava a alguém antes.

A voz gritã de Madame Celeste penetrou na habitação novamente.

—Não? Por que me evita, preciosura?

Ele se serve mais champanha. Quando começaria a cadela jovem a pensar sobre o que se podia alcançar nesse momento, e não quando ela o quisesse?

—Quer que ele morra tão facilmente? Não quer que sofra antes de morrer? Humilhá-lo?

—No que está pensando?

—Fazer que dom Rafael se arraste.

—C n'est c ps possible, cher⁴⁸ —disse Devol, e abriu a garrafa de cerveja com os dentes.

—Se eu destruir-se algo que ele valorasse sobre algo, quebraria-se. —Beau estava seguro disso, mais seguro que de qualquer outra coisa. Se a esposa e os filhos do Rodrigo tivessem sido atormentados para morrer depois, Rodrigo teria quebrado.

Houve um comprido silêncio de análise. Devol procurou alguma guia em seu amante. Ela estudou ao Beau, fazendo soar uma unha carmesim na pata da cama.

—Dom Rafael é um homem muito sentimental, - disse por fim arrastando a frase—, com alguns ridículos pontos débeis, como esses cavalos deles. Muito bem, tem duas

⁴⁸ Isso não é possível, querido.

semanas mais.

Beau baixou a cabeça em uma reverência baixa.

—Merci beaucoup, Madame.

—Não jogue com sua sorte, preciosura. —E se voltou para seu sicário.

—Devol, começa a recrutar o exército de que falamos.

Exército? Beau se alertou. Não queria complicações extras em seus planos para matar ao Rafael.

—Oui, Madame. Os vampiros mexicanos acordaram deixar que outros vampiros entrem na esfera sob vigilância. Seu exército deveria estar chegando ao Brownsville dentro de uns dias.

—Felicitações, Devol. Obtiveste o que ninguém em dois séculos - disse Beau, fazendo girar o champanha dentro da delicada taça. Manteve seu rosto com a atitude de uma máscara de entendimento angélico. Teria que liquidar ao menos a alguns desses recém chegados, depois de matar ao Rafael, e atrasar o gozo da esfera de Texas.

—O alferes maior de dom Rafael é legendário por sua destruição sem piedade de qualquer bandoleiro que trate de ingressar em Texas.

Devol se limpou. Seu pulso agora estava envolta em guardanapos de tecido. “me dê a oportunidade e mostrarei ao Ethan Templeton quem é o melhor enforce⁴⁹!”

—Cavalheiros, já está bem de tanto falar, —Madame Celeste se entremeteu impacientemente,

— Escondam as armas que conseguimos no Santo Antonio logo que seja possível. Devem ser capaz de mover-se a Austin e Dallas no mesmo minuto em que esse cretino do dom Rafael parta desta terra.

Devol fez uma reverência.

—Como você deseje, Madame.

—Alguma pergunta cavalheiros? Magnifique; finalmente estão aprendendo a obedecer. —Sua língua se tornou azeda.

—Agora, vão-se e sirvam para algo enquanto eu janto.

Apontou a pequena caixa negra para a tela e apagou a videoconferência. Um instante depois Devol terminou seu Coronita.

Beau lhe sorriu docemente a seu conspirador, analisando e descartando formas de matar ao bruto. Precisaria destruir ao Devol e a Madame Celeste muito antes do que tinha planejado. O banditismo em Texas levantaria uma multidão de prosaicas mais rapidamente que aquelas que tinham escutado gritar em Moscou.

Jean Marie seguiu a pista da figura agachada do Hollingsworth em toda a casa com os olhos e o nariz bem alerta em caso de perceber algo fora do comum. Ele o tinha conhecido aqui depois de que o fiscal trabalhasse até tarde como era habitual.

Ninguém mais sabia que Jean Marie estava aqui, típica maneira de ver as coisas e de dirigir as situações.

⁴⁹ Pessoa que ameaça ou usa a violência para fazer a alguém cumprir com um acordo

A mansão do magnata madeireiro do século XIX tinha sido reformada até alcançar sua glória original, cheia de empapelados da época e painéis de madeira esculpida em todas as paredes e teto raso. As pinturas genuínas de seu nascimento, que incluíam um par de retratos do Sargento valorados em muito mais que o salário anual do dono, ocupava posições estratégicas, acentuadas pela escondida iluminação profissional.

Cobriam o piso atapetado antigas da Bokhara e Turkistân. Os móveis eram uma mescla de reproduções modernas e excelentes antiguidades, todas elas extremamente caras.

Entretanto, debaixo do aroma de decorações florais ostentosas e dos freqüentes usos de líquidos para móveis com base de limão, estava o aroma vago e distintivo do perfume da Madame Celeste, exclusivamente feito para ela em Paris.

Jean Marie sorriu amavelmente uma e outra vez, sem lhe importar o que via ou cheirava. Levava-o consigo quando quase se engasgou com a essência de podridão da Madame Celeste. Suas mãos se apertaram convulsivamente e suas facas se moveram levemente em suas capas de couro. Obrigou-se a ter novamente a aparência hospitalar do convidado amável.

Finalmente Hollingsworth se deteve na biblioteca e pôs ao Jean Marie uma cadeira. Aqui havia livros de capas de couro que cobriam as paredes do piso até o teto da habitação de duas plantas, oculta da luz do dia por cortinados pesados. Um excelente humidificador de tabaco Vitoriano se posava no centro da mesa orgulhosamente enquanto que os muros e os tetos mostravam sutis marca de ventilação e amparo de incêndios necessários para que os homens desfrutassem de seus charutos em uma estrutura de madeira.

Todo o entorno cheirava a Madame Celeste.

Jean Marie rondava em seus limites octogonais, observando tudo o que podia. Chère Hélène lhe tinha ensinado isso, com 1,83 metros, ele era muito alto para comportar-se como um gato.

—Um charuto? —perguntou Hollingsworth, com seus olhos cinza cansados sobre o bigode branco. Tinha a imagem de um aristocrata sulino, embora não se sabia quem era seu pai e sua mãe tinha sido uma empregada no Laredo.

—Sim, obrigado - Jean Marie aceitou. Acomodou-se na cadeira de largo respaldo que lhe oferecia e estirou as pernas.

Apresentou-se como um advogado do Santiago Trust, o que era o suficientemente verdadeiro. De todas as formas, qualquer que se dirigisse entre grandes somas de dinheiro em Texas sabia que muito poucos advogados abertamente admitiam ser da Santiago Trust, e os que realmente falavam disso não eram o tipo de pessoas que alguém queria encontrar.

Felizmente, os rituais do aceso do charuto lhe permitiriam saber prontamente o que Ethan queria.

Os olhos do Hollingsworth duvidaram ante a rápida aceitação do Jean Marie, mas se recuperou instantaneamente.

Destravou o humidificador com uma chave que tirou de seu relógio de pulso e extraiu dele uma bandeja com charutos. A ofereceu ceremoniosamente ao Jean Marie, quem friamente considerou os fatores esperados nos distintos charutos - gratidão, firmeza, textura, consistência do papel do pacote - ao mesmo tempo em que esperava que fossem

todos completamente satisfatórios. Logo, escolheu o que tinha querido sempre e esperou a seu anfitrião.

O advogado grisalho escolheu um, devolveu a bandeja a seu lugar e se sentou frente ao convidado. Com os dedos firmes, mas com o pulso levemente acelerado, desembulhou o charuto, sem olhar a seu convidado. Movendo-se como o faz um fumante, aproximou-se da gaveta da mesa.

—O que usa para cortar seu charuto? —Jean Marie perguntou desinteressadamente, tocando uma de suas facas com seus dedos.

Emilio lhe tinha dado uma das facas letais negras dos SEAL, tão tremendamente efetivos e atemorizantes.

A cabeça do Hollingsworth se incorporou e ele se gelou. A noz do Adão lhe movia para cima e para baixo em sua garganta.

—Pessoalmente, prefiro uma faca boa, - continuou Jean Marie mantendo a arma firmemente.

—O que pensa você?

A garganta do outro se moveu, mas não houve som algum.

—As facas têm a vantagem de ser práticos para outros usos, como por exemplo, comer. Ou persuadir aos traidores para que falem.

Os olhos do Hollingsworth se aumentaram. Agarrou o cigarro como se este pudesse protegê-lo.

—Deve estar falando de alguém mais, - começou com seu coração lhe saltando do peito, segundo o excelente ouvido vampiro do Jean Marie.

—Ou matar, especialmente sujeitos que fazem acordos com patrões inimigos de outras esferas. —A mão do Jean Marie se crispou e a faca deu um golpe seco na cadeira, ao lado da cabeça do Hollingsworth.

O homem aspirou e atirou seu charuto. Um aroma exclusivamente prosaico e asqueroso, como de intestinos vazios, encheu a habitação.

Outra faca dos SEAL apareceu na mão do Jean Marie, este sustentado de maneira disposta a ser usado imediatamente.

—Você viu o trabalho dos mesnaderos em outros e creste que foi imune, porque lhe juraram que não lhe tocariam jamais. Eu não te jurei nada e posso fazer o que eu queira.

Hollingsworth tratou de recuperar-se.

—Não tenho nada que confessar, - disse, com a cabeça em alto como se estivesse no estrado da Corte.

Jean Marie lhe olhou.

—Trata de lhe ensinar a sua avó como chupar ovos, estúpido. Qualquer vampiro poderia te dizer que esta casa fede a Madame Celeste. Por ter acordos com ela sem nossa permissão, sabe que merece morrer.

O homem retrocedeu, com a boca apertada, com conscientiza em seus olhos apagados. Jean Marie provou o fio da folha em seu polegar enquanto observava à presa procurar uma maneira de escapar. Sua voz estava quase apagada quando falou novamente.

—Em que categoria quer você este monsieur? Alguém que viveu para falar ou

morto? Não me importa qual escolha. Tem um minuto para decidir-se.

O velho advogado se retraiu com os olhos movendo-se por toda a habitação. Jean Marie esperava pacientemente com a faca preparada.

Cinqüenta segundos depois, Hollingsworth começou a falar.

Rafael moveu o pomo da porta e entrou na pequena sala da casinha. Uma mensagem deixada em sua secretária eletrônica não era o mesmo que falar com sua nova amante. Lhe frustrou.

Escutou ao Emilio e a seu guarda-costas tomar posições fora, crédulo depois de uma semana desta relação incomum, de que ninguém mais poderia observar sua chegada ali.

—Grania?

—Estou no banheiro. Pode entrar; estou vestida - gritou, com sua voz levemente amortecida.

Apenas me penteando.

Rafael entrou na diminuta habitação, movendo a cabeça. Um toque do laço de cônjuge, mas nenhum rastro de outra coisa, inclusive quando ele tivesse passado todas as noites em sua cama. Certamente, ele tinha sonhado com esse momento. E, entretanto, ele poderia lhe negar a sua esfera a ocasião de uma arma tal, inclusive quando ela era uma prosaica e morreria em umas poucas décadas? Não.

Era a única razão para estar aqui, isso, e as sempre surpreendentes idas e vindas de sua mente, e os prazeres de seu corpo perfeito, e...

—Perdão, me fez tarde. —Lhe sorriu no espelho do banho.

—De nada, querida. Um dos prazeres de sair com uma doutora é esperá-la.

Ela sorriu tão carinhosamente como pôde, olhando como suas mãos dirigiam rapidamente sua massa de cabelos, enquanto se apoiava sobre a porta do banho. Algum dia, ela faria uma demonstração de seu aceso cabelo para ele.

Ficou vermelha. Suas mãos duvidaram e se detiveram, esquecendo do penteado. Ai de mim, Grania tinha tão pouca idéia do magnificamente sensual que era.

—Uh, ah, por que não me espera no dormitório?— sugeriu—. Não há espaço no banheiro para ambos.

Rafael pensou na potencialidade do banho para fazer o amor, comparado com sua Mercedes, seu helicóptero, ou seu luxuoso apartamento de cobertura.

Grania seguiu seu olhar e se ruborizou novamente.

—Como não, querida. A antecipação, - acariciou-a com o olhar—, fará que o coração pulse mais rápido.

Ela se engasgou.

Satisfeito com a resposta a seu flerte, retrocedeu. Uma cama estreita, pequena como berço de monge, cruzava a habitação diagonalmente. Um armário verde, enorme, e prateleiras com livros em combinação cobriam a única parede considerável. Rafael caminhou à beira da cama, automaticamente fazendo o sinal da cruz ante o crucifixo da cabeceira e foi para os livros.

Os da sala eram volumes científicos, livros de texto, e grandes obras literárias. Mas

estes volumes usados, freqüentemente puídos, tinham temas completamente diferentes.

Alguns eram novelas de aventuras, e outros livros românticos. Mas muitos destes compunham uma das melhores bibliotecas de sexualidade que ele tinha visto. A ficção e a não ficção se empurravam pelo espaço. O livro “Guide to Getting It On!” jazia comodamente com os livros fantásticos das boas vibrações e uma ampla variedade de tomos científicos, guias de auto ajuda, e referências altamente especializadas. “Clássicos como Safo e Catullus, grande literatura erótica como “A Vênus das Peles” e a trilogia do Beauty” estava ao lado de outras novelas. Tinha um particular grande número de livros de arte, mas, talvez, isso não era surpreendente pensando em quanto ela tinha desfrutado olhando-o dar prazer a Brynda.

Rafael franziu o cenho quando viu o grande espectro de temas representados, assim como o evidente apetite de Grania pela educação carnal. Inclusive quando o laço conjugal com ela fora impossível, ele desfrutaria ao acompanhá-la na mais ampla fila de atividades sensuais.

Isto significava envolver-se grandemente com ela, o que podia pô-la em perigo. Se seus inimigos decidiam tomá-la como refém... Seu sangue bulia. Nunca! Tinha-lhe ordenado ao Ethan que a protegesse cuidadosamente. Fora ela seu cônjuge ou não, era sua amante e ele a cuidaria.

—Um trem chega - informou Emilio.

Ethan confirmou sua suspeita e se moveu levemente, cuidadoso em manter o depósito refrigerado dentro de seu campo visual desde atrás do enorme caminhão. Tão logo o trem da tarde tivesse passado com a última possível testemunha, eles entrariam.

Olharam a ambos os lados e a dom Rafael, quem estava ao lado do estreito caminho com seu visor aberto, calculando a presença de sua vítima no ar.

Sobressaltou-se, desejando enviar o seu criador de volta à segurança, a Compostela, dentro do caminhão. Inclusive se ele pudesse fazer isso ah! Somente um vampiro maior podia lhe seguir a pista a outro vampiro maior, porque somente os sentidos de um vampiro maior eram o suficientemente desenvolvido para perceber os leves indícios do fedor despedido por outro. Então, gostasse ou não, dom Rafael era membro desta jogada a rede.

Ambos, além dos outros vampiros, estavam embainhados em uma armadura negra da cabeça aos pés, escudos negros completos, fortificações, cascos e visores polarizados. Sua capa do Kevlar era suficiente para fazer que os letais raios do sol não tocassem sua pele, protegendo assim suas vidas. Sem rostos e mortais, tinham o aspecto dos cavaleiros medieval mais que homens do século XXI, à exceção de suas metralhadoras e revólveres. Inclusive a pequena alameda e o verde pasto onde esperavam, em algum momento espaço verde de uma empresa, parecia estar mais a tom com os séculos passados que com a atualidade.

—A Companhia Wolf está pronta — informou Gray Wolf. Ele e Jean Marie lideravam os outros dois grupos de vampiros que também esperavam escondidos no

depósito. Caleb seria o único não-vampiro dentro, protegendo as costas do Gray Wolf em nome do laço conjugal e Gray Wolf protegia a sua.

O piso tremeu sob seus pés no momento em que o grande trem de carga começou a rugir e alagou o ar com o rico e pesado aroma do gado.

De qualquer maneira, não havia possibilidade alguma de que as presas fossem alertadas pelo vapor de outros vampiros. Os aromas dos protetores era um disfarce puramente prosaico. Cada parte de suas vestimentas tinha sido usada por um policial prosaico que as tinha trocado por novas roupas de alta qualidade. Os prosaicos de dom Rafael tinham manipulado a armadura após, incluindo o ajuste de cada fivela e tira para este momento.

Franco-atiradores companheiros vigiavam os tetos, muito altos como para que os vampiros inimigos os cheirassem. Prosaicas confiados conduziam os grandes caminhões policiais. Havia helicópteros que voavam em círculos a uma distância apropriada para helicópteros e que se aproximariam rapidamente no momento em que as equipes entrassem.

Felizmente, o depósito estava preparado para ser remodelado e conseqüentemente, vazio. A polícia local tinha informação de que esta seria a filmagem de um filme que incluía disparos.

Os outros vampiros em sua companhia estavam rondando, principalmente vigiando a dom Rafael. Seus melhores homens, todos eles tinham estado em ataques com o Velho pelo menos uma vez. Eles tinham formado um semicírculo letal detrás dele em caso de que teria que ser violentos.

A cabeça de dom Rafael apareceu, com seus olhos esgotando-se. Os homens ficaram paralisados e a mão do Ethan automaticamente foi a seu Ruger. Bom revólver, letalmente preciso, perfeito para o disparo único necessário nos duelos de vampiros.

—Seu relatório é correto - disse lentamente dom Rafael.

—Dois vampiros dentro? —Perguntou Ethan—. Cada um de cinqüenta anos?

—Sim. E, entretanto, pergunto-me... —adicionou de memore a mente.

Ethan tomou seu Ruger, preparado para desencapar.

O chão se movia devagar agora, no padrão distintivo que marca o final de um trem.

Não importa. Dom Rafael se sacudiu de sua abstração momentânea. Preparado? Perguntou ao Ethan, memore a mente.

Preparado. Encontrou essa sensação de alerta tão familiar, fraccionadamente melhor e se sumiu a ela, muito tranqüilo agora. A morte não importava somente lhe servir ao homem e à esfera que o tinham resgatado.

—Sobe, - ordenou, e os homens foram para os caminhões. Momentos depois, estavam escondidos dentro, enquanto esperavam com os motores em um rugir suave.

Os últimos vagões chiaram nas vias. Os grandes veículos saíram da alameda ricocheteando no caminho tão rápida e precisamente como podiam levá-los condutores expoliciais. Cada um dos grupos simultaneamente se lançou a sua porta atribuída, uma quadra mais à frente, enquanto o trem saía da vista depois do leito seco de um rio. Um instante mais tarde, os grupos saltaram dos caminhões sobre as passarelas de carga do depósito, sob os raios vermelhos do sol poente.

As portas estavam destravadas e bem azeitadas, como se tinha prometido. Os vampiros entraram silenciosamente, tiraram as armas, e fecharam as portas atrás deles, deixando aos nervosos companheiros e prosaicas fora.

Uma vez dentro, levantaram seus visores para ver melhor e os tiraram, movendo-o mais encobertamente possível com suas botas e armaduras pesadas. Dom Rafael liderava, com o Ethan cobrindo-o da direita.

O grande depósito refrigerado tinha oitocentos metros de comprimento e duas quadras de largura, desenhado para armazenar carne. Estava solidamente construído, para suportar as baixas temperaturas necessárias com o fim de manter a valiosa carga congelada. As portas em ambos os lados e ao longo dos flancos, eram o suficientemente grandes como para que passassem carregadores, ao mesmo tempo em que uma fita transportadora enorme corria ao longo de um dos lados. Uma só fila de painéis com luzes industriais ardia alta no céu raso dando uma iluminação brilhante ao lugar.

Fora, os caminhões deram marcha atrás nas passarelas de carga, enviando vibrações leves ao piso do depósito, pois seus condutores se cuidavam de não converter-se em reféns ou alimento dos inimigos. Os helicópteros se aproximaram e o som leve de seus rotores alcançou ao Ethan.

Percebiam-se diversos aromas - azeite, um grande camundongo morto, um pouco de carne de vaca.

— Ethan cheirou o ar cansadamente com suas armas prontas enquanto a pele da parte de atrás de seu pescoço lhe picava como lhe tinha picado antes da briga com o Abilene muito tempo atrás.

De repente um cadeado se saltou e dois vampiros rugientes se precipitaram ao centro da habitação, à frente da equipe do Ethan.

Os que ele tinha esperado, cada um de cinqüenta anos e infelizmente, bem armados com escopetas.

Um momento depois, outro, um vampiro muito mais velho saltou detrás deles. Merda, este bruto tinha dois séculos, mais do meio século maior que Ethan.

Instantaneamente, os vampiros se moveram a cobri-los aos três.

Ethan não disparou, esperou o sinal de dom Rafael.

Podia esperar dificilmente dar a volta a esse velho filhote de águia, dada a grande rapidez do bastardo, mas certamente poderia enganá-lo. Detrás dele, podia ver o Gray Wolf e as companhias do Jean Marie que se aproximavam.

O major, um tipo singularmente feio inclusive para ser vampiro, riu sarcásticamente de dom Rafael.

—É grandemente bom moço para ser um homem morto. Cinqüenta milhões de dólares por seu esconderijo, que desfrutarei em gastar.

A boca de dom Rafael se curvou. Ethan tremeu, recordando os tempos em que ele havia sentido o látego dessas décadas passadas e se ocupou dos dois vampiros mais jovens. A briga ficaria feia muito em breve.

—Não o suficiente, - o filhote de águia velho grunhiu—. Não há tanto sangue neles como quantidade de prazer.

Somente décadas de disciplina evitaram que Ethan lhe voasse a cabeça ao bastardo

então.

Dom Rafael levantou uma sobrancelha.

—Minhas condolências por ter ainda que te apodrecer em estábulos sujos como um morcego, Lorenzo — disse.

—Me encarregarei de que suas cinzas sejam pulverizadas na água quando morrer. Sem dúvida será a primeira vez que estejam limpas.

—Limpas? Está dizendo que eu, um devoto de grandes banhos, preciso me banhar? —Cuspiu. Saíram-lhe unhas de suas garras enquanto se convertia em um urso enorme.

Dom Rafael soprou algo em sua garganta. Para o momento em que terminou, um grande lobo saiu da armadura de dom Rafael para a garganta do urso, quase mais rápido do que Ethan podia ver.

A armadura de dom Rafael caiu ao piso dando vários golpes. Logo suas roupas, vazias do homem ao que haviam coberto alguma vez. Uns passos mais à frente, a camisa do Lorenzo, jeans e botas também jaziam no piso do depósito.

Nenhuma vestimenta de vampiro ficava quando se transformavam.

Os vampiros mais jovens gritavam insultos e começaram a disparar, tratando de forma metódica de fazer saltar aos vampiros de Texas ao redor deles.

Ethan disparou rápido e precisamente, com seus instintos de afeição às armas lhe dando vantagem uma vez mais. Um jovem inimigo caiu e o último tiroteio de sua escopeta abriu uma linha de refrigeração. O enfriador se dispersou pelo ar com um assobio. Os disparos dos homens do Ethan se incrustavam nas paredes, faziam um ruído de metal e golpeavam no piso.

O último inimigo se cambaleou, com sua escopeta ainda em guarda, logo se desmoronou no chão. Suas mãos se converteram em cinzas e mais cinza caiu de seus sapatos e roupa. A última coisa em desaparecer foi sua cabeça, mas nenhum texano viu isso.

Todos os vampiros rodeavam agora a briga entre o lobo e o urso, no clássico círculo de duelo de vampiros. Os narizes se moviam assim que percebiam o aroma do sangue. Pedacos de carne cobertos de pele voavam pelo ar.

De repente o urso gritou ao lobo. Os vampiros mais próximos retrocederam rápidos para lhe dar a seu criador espaço para a briga.

Rafael resfolegou, pendurava-lhe a língua e lhe chegavam grandes quantidades de ricos aromas. Tinha o focinho pintado com sangue, em tanto que uma mecha de cabelos pendurava de um extremo de sua boca. Moveu a cabeça ferozmente para limpar-se. Matar. Precisava matar.

Uma vez que cheirou o sangue de outro vampiro decidido a matá-lo, seu próprio sangue tinha entrado em ebulição em resposta, e a ele também o impulsionava a necessidade de matar.

Nada poderia detê-los, até que um ou os dois estivessem mortos. Instinto e ânsias de sangue dominavam agora. Somente através de um vínculo tão profundo como o conjugal qualquer pessoa podia alcançá-lo agora. Suas armas eram os séculos de experiência em haver-se batido a duelo desta forma.

Tinha lutado com tanta frequência como lobo que cada movimento lhe saía sem

problemas, tão facilmente como o fez com sua espada uma vez.

Um grande pedaço de pele pendurava da garganta do urso, meio oculto pelo sangue emaranhado, legado do último ataque do Rafael. Ele cuspiu as últimas partes de pele de sua boca e arremeteu.

Bramou e lhe deu um golpe com as enormes garras. A dor lhe sacudiu até as costelas.

Rafael saltou ao pescoço do urso e arrancou a vida de um homem que tinha atormentado a tantos inocentes.

Ethan finalmente se relaxou. Ele também estava feliz de que nunca tivesse que enfrentar-se a dom Rafael em um duelo.

Um momento depois, dom Rafael ficou no centro do círculo, balançando-se levemente sobre as cinzas de seu assassino em potência. Seu peito estava pintado de carmesim.

Ethan lhe estendeu um vestígio de manta para que lhe servisse como roupa temporalmente e tirou a luva, preparando-se para lhe brindar a seu amo seu próprio sangue.

—Obrigado, Ethan, - murmurou dom Rafael.

— Cheirou o armário de onde saiu esse Lorenzo?

Ethan lhe lançou um olhar duro.

—Não.

—Beau esteve aí, faz menos de um dia.

Grania se sentou no chão, tremendo, tão cansada como se tivesse deslocado uma maratona. Jogou uma olhada à cozinha: era uma ilha de luz em contraste com a escuridão de fora, e lutou para respirar.

Tinha sido um caos de nervos toda à tarde, da mesma forma em que Blanche tinha caminhado antes que a Princesa se enfrentasse a ela. Seu estômago tinha estado atado como se parte dela estivesse a ponto de ir lutar, o qual era uma idéia verdadeiramente ridícula. Quão único a tinha salvado de tomar uma pílula para dormir e assim tirar-se essa sensação, era o trabalho físico duro, esfregando e limpando algo, primeiro em sua casa e depois no centro. Tinha chamado ao Bob e o tinha substituído como veterinária de guarda, depois passou o tempo realizando as tarefas domésticas, até lhe pôs polidor de espelhos ao antigo aço inoxidável.

Mas uns minutos antes, de um nada, tinham-a afligido uma quebra de onda de intensa concentração, que lhe demandava o maior esforço de cada célula de seu corpo. Aos poucos minutos se terminou, deixando-a tão esgotada como quando realizava uma cirurgia séria, e sentada no chão. Bom, ao menos já não estava se desesperada por encontrar algo que limpar.

Grania apoiou o queixo em seus joelhos, ocultou seu rosto com as mãos, tirando-se dela cachos úmidos de cabelo.

Cedo ou tarde precisaria ficar de pé e beber muita água. Mas ainda não.

Tinha atuado muito como Blanche hoje, nada parecido a como ela tinha atuado antes, nem sequer durante suas piores semanas dos finais. Mas tudo era diferente aqui, em Texas.

Seus sonhos, essas fantasias que tinha durante a noite, tinham trocado desde que chegou a Texas. Antes disso, freqüentemente sonhava com o Rodrigo, mas os episódios sempre tinham tido uma bruma prazenteira em torno dos detalhes. Muito agradáveis e muito reconfortantes, mas fáceis de esquecer durante o dia.

Em abril passado, tinha chegado para a entrevista e tinha dormido nesse hotel pequeno, mas extremamente limpo.

Ali tinha tido seu primeiro sonho erótico do Rodrigo, e o tinha experimentado como sua esposa grávida e que era bem amada antes que ele partisse para a guerra. Tinha que ser uma fantasia sexual, entretanto, era muito vivido. Tinha tido muitos detalhes para ser pura fantasia, como os nomes dos jovens príncipes.

Quando começou a trabalhar aí, os sonhos havia tornado a sério e lhe demandavam sua atenção em tanto que lhe contavam vividamente a história do Rodrigo. Tinham incluído tantos elementos, como a batalha em Écija e o castelo do Sírío, que pareciam lembranças. Mas como podia ser? Não podiam ser suas lembranças a menos que ela fosse Rodrigo reencarnado.

Tudo nela se rebelava ante a idéia e sorriu com pesar. Dada à quantidade de fantasias sexuais que tinha tido sobre esse homem, tão acordada como dormida, odiava pensar que era tão narcisista para desejar-se a si mesmo em uma prévia reencarnação. “Não, isso não podia ser. “

Grania chegou com a cabeça ao mostrador e se levantou lentamente. Abriu o grifo e se enxaguou o rosto com água gelada. Cavou as mãos e tragou o precioso líquido. Enquanto isso, sua cabeça seguia preocupando-se com o problema.

Rafael se parecia com o Rodrigo, exceto pela terrível cicatriz em sua frente. E se ela era a reencarnação da esposa falecida fazia muito tempo que um vampiro...

Olhou-se fixamente na janela, refletida pela escuridão de fora. Impossível. Ele nunca tinha dado nenhum sinal de reconhecimento. Sexualmente interessado, sim, e educado, mas quase nada obsessivo como Rodrigo sempre parecia está-lo pela Blanche. Ciência ou não ciência, a reencarnação não encaixava nisto.

Ele era simplesmente um depredador fascinante, que também resultava ser um excelente companheiro e um magnífico amante. Nada mais.

Afastou-se de seu incrédulo reflexo e se dirigiu à caminhonete. Felizmente se ela aparecia com uma lista de perguntas, simularia que a relação entre eles era fundamentalmente científica. Talvez.

CAPÍTULO 11

Grania conduziu com cuidado sua caminhonete pelo caminho cheio de sulcos, tratando de evitar os buracos maiores que deixou a tormenta da noite anterior. Não tinha

problemas em limpar e tirar o barro de sua velha caminhonete, mas sim não queria romper o eixo enquanto ia caminho a uma entrevista, especialmente apenas depois do amanhecer.

Não poderia dizer quando tinha começado a tormenta ou quanto tinha durado, já que tinha estado nos braços do Rafael todo o tempo. Somente soube que tinha havido um fenômeno meteorológico pelo pavimento úmido e todos os ramos de árvores que atravessavam o caminho que conduzia a sua casa.

Agora ela passava parte da maioria das noites com o Rafael e o tinha feito durante mais de duas semanas. Encontravam-se depois de que ela tivesse terminado seu trabalho, trocou-se e tivesse comido. Retornava a casa mais tarde, depois do amanhecer. Falavam, discutiam, escutavam música, e faziam o amor. Nunca pensou que se podia divertir tanto passando o tempo com um homem.

Seus sonhos com o Rodrigo também continuavam, vividos como nunca. Ainda não sabia o que ia fazer se Rafael resultava ser realmente Rodrigo.

Mais adiante estava um dos grandes Suburban do Rafael, carregado com quatro de seus homens, agora seus quase constantes companheiros. Tinha falado com eles porque tinham viajado com ela na cabine de sua caminhonete, mas permitindo que dois deles viajassem na caixa de carga. Um deles era Emilio, o SEAL que tinha conhecido semanas antes. A paranóia do Rafael pela segurança era misturar-se em sua vida. Negou com a cabeça e seguiu conduzindo.

Diminuiu a velocidade para dar um giro à direita e passar uma enorme rocha de granito e saudar a sentinela, totalmente esperado, que estava acima. Respondeu-lhe à saudação com a mão, com um breve brilho de seus dentes brancos.

Mais adiante apareceu um antigo rancho em cujo caminho de entrada se exibia reboques para cavalos muito elegantes, e também mais carros Suburban blindados. Uma dúzia de homens com aspecto devastador circulava ao redor da propriedade bebendo café, e despreocupados atiravam suas jaquetas de vaqueiro por cima das capas. Detrás deles, meia dúzia de cavalos selados esperavam pacientemente em um estábulo. Eram uns muito belos andaluzes, também, e havia alguns elegantes árabes no estábulo vizinho.

No alto, o elegante helicóptero do Rafael voava em círculos como uma libélula preguiçosa no céu da alvorada.

Estacionou sua caminhonete frente a casa e desceu de um salto, agarrando seu velho e maltratado Stetson ao sair. Um dia inteiro livre e para passá-lo com o Rafael. Ela estava enormemente feliz de passar o tempo com ele ao ar livre, ou em hotéis luxuosos. Não acreditava que se sentiria cômoda no tipo de mansões que provavelmente ele freqüentava.

—Olá, Rafael!

O único homem que não levava capa no ombro foi a seu encontro.

—Querida. —Acariciou-lhe o pescoço subindo com um dedo pela garganta, levantou o queixo seguindo-o, e a beijou.

Largos minutos depois, ela murmurou, com os dedos afundados em sua espessa cabeleira, escuros como a noite.

—Pensei que íamos cavalgar.

—A habitação está justo aí. —Fez como se fora a entrar na casa.

—Você tem uma mente suja, senhor. —Lhe pegou um tapa em seu traseiro. Um de

seu guarda-costas deu um grito de assombro. Seus olhos cruzaram os do Rafael compartilhando seu sorriso.

—É melhor que vamos enquanto ainda está fresco.

Ela assentiu com a cabeça. De forma unânime se dirigiram para o estábulo.

—Andaluzes? —perguntou enquanto observava essas belezas.

—Você os criou, é óbvio.

—Sim. Usamos sobre tudo para o gado de trabalho. Dado que são extremamente inteligentes.

—Exceto os que não entram em exposições de salto ou manobras.

—Ou de subida de competições - assentiu ele amavelmente.

—Espero que você goste de Atalanta.

Um cavalo branco puro chamado Atalanta, o nome de um famoso corredor da mitologia grega?

—Você gosta das maçãs Golden Delicious, doce Atalanta? —sussurrou-lhe à égua.

O cavalo relinchou com entusiasmo, levantando o focinho.

—Agora me pergunto quem te terá ensinado isso - disse Grania. Jogou um largo olhar ao Rafael, que devolveu com uma inocência risonha antes de lhe arrojara uma maçã Golden Delicious. Ela a ofereceu à égua, que aceitou com elegância. Logo, Atalanta e ela tinham estabelecido um quente entendimento.

—Pronta? —Perguntou Rafael, montado em um grande garanhão andaluz, cor cinza, junto a ela.

Grania tomou as rédeas e lhe sorriu.

—Vamos.

Começaram descendendo pelo estreito vale além da casa, rodeados de perto pelos guarda-costas montados. As sentinelas, iguais de cautelosos, vigiavam dos topos das colinas, enquanto o helicóptero patrulhava os céus. Escutou-se brevemente o zumbido das vozes pelos rádios e as culatras dos rifles cintilaram das capas das cadeiras. Nem o presidente podia ter estado custodiado tão de perto.

Tudo era completamente diferente aos tranqüilos rodeios com seu padrinho, especialmente quando Tom rastreava a um menino perdido.

Grania os ignorava a todos, como se fossem mosquitos ou moscas negras. Ao menos eram o suficientemente educado para simular que não podiam ouvir o que ela e Rafael falavam. Além disso, eles mantinham ao Rafael vivo do que demônios fosse que o ameaçava.

Era uma gloriosa manhã de verão e ela estava cavalgando pela tranqüila paisagem texana com o Rafael. Subiram pelas escarpadas cristas das colinas de pedra calcária, abriram-se caminho pelos espessos matos, e passaram com cuidado ao redor das figueiras. Ela inclusive divisou um cervo de cauda branca entre as árvores. Sorriu feliz, pensando em quanto teria desfrutado do Tom caçando aí.

—Ontem comecei a trabalhar com Houston, a grande coruja cornuda - disse, enquanto observava um desbotado pôster a respeito de Álamo, ao tempo que se aproximavam de um estranho aviso de civilização.

—Deveria estar preparado para liberá-lo em outras duas semanas.

Rafael a observou de soslaio, obviamente lendo sua emoção. Sorriu-lhe, mais que disposta a mostrar seu entusiasmo pela difícil e bem-sucedida reabilitação da ave.

—Por que está você, uma doutora, trabalhando com coruja? Não deveria fazer esse trabalho um dos técnicos? Exercitar suas asas assegurar-se de que pode caçar...?

Um arroio cantava, rebalsado pela chuva da noite anterior, quando passaram para ir para a ladeira de uma colina.

Era um verdadeiro prazer cavalgar com a Atalanta, que parecia desfrutar do desafio deste terreno tanto como seu cavaleiro. Esperou para lhe responder até chegar a um pequeno atalho.

—Sim, Ryan foi o técnico veterinário de Houston durante os últimos dezoito meses. Mas se deslocou o ombro trabalhando com sua caminhonete.

—Então não pode ter a uma ave pousada em seu punho, por certo ninguém tem um tão grande como a coruja cornudo.

—Exato. Os dois entrarão na jaula de vôo maior, com Houston em meu punho e Ryan de respaldo.

Mas as duas últimas vezes o farei sozinha, para que Houston esteja o menos domesticado possível quando for liberado.

—Sem domar e perigoso. Não é sem razão que os chama tigres do bosque. —A voz do Rafael se fez mais suave quando as colinas se estreitaram sobre eles, bloqueando o céu, e o atalho fez uma curva descendendo precipitadamente entre as escarpadas cristas de pedra calcária. Seus homens se colocaram ao redor deles, como um rio mortífero serpenteando para dentro e para fora, segundo o terreno, com as armas sempre ao alcance de suas mãos.

—Razão pela qual Houston deve ser devolvido ao bosque o mais breve possível - respondeu Grania com serenidade.

—Ele poderia voar para seu rosto e te arrancar o couro cabeludo...

—E isso é sozinho o que suas garras podem fazer. Além disso, está seu pico, que também é amedrontador - assentiu ela.

— A primeira vez que me encontrei com uma coruja cornudo foi quando tinha quatro anos, Rafael. Acredite-me: vou estar bem.

—Grania... — Suspirou ele.

— É obvio que o estará.

Ela pensou como tranquilizá-lo com mais detalhe, como as luvas grossas e a roupa que levaria posta, os anos de experiência que tinha o tamanho da jaula de vôo e assim sucessivamente. Uma chamada a suas emoções poderia sossegá-lo, mas ela sempre tinha sido melhor para a lógica. Pensou na descrição de suas luvas, detendo-se em particular na grossura do couro, justo quando o atalho se abria a um pequeno vale.

Era apenas mais que um lugar amplo no caminho, com um punhado de casas pulverizadas com o passar do asfalto e separadas por imponentes e antigos carvalhos. Mais à frente, a ambos os lados, cabras brancas e negras pastavam contentes nos tranqüilos pastos, sulcadas por delicados arroios. Umas grandes quantidades de cabras, bem esfregadas, inconfundivelmente de leiteira, estavam comodamente sentadas ao outro

extremo do caminho, justo antes que o caminho dobrasse perdendo-se nas colinas.

Rafael diminuiu o passo, enquanto se aproximavam da primeira casa. Grania ficou olhando-o, perplexa, e se conteve de falar a respeito de como evitaria ser machucada pelos corujas. Os guarda-costas se aproximaram mais, rodeando ao Rafael. Deteve-se por completo frente à terceira casa, e se voltou lentamente, enquanto seus olhos registravam tudo o que estava à vista. Era um lugar pequeno, tinha uma planta com um só desvão acima e estava pintado de branco imaculado.

—O que acontece? —Perguntou Grania, seguindo seus movimentos junto com seus homens. Ela não encontrava nada, exceto uma cena notavelmente bucólica.

—Está muito tranquilo.

—É uma leiteria de cabras. Podem-se escutar as cabras e as máquinas da leiteria. E o arroio - assinalou ela, olhando-o. Não mencionou os helicópteros no alto. Depois de todo o tempo que ele passava com essas bestas mecânicas, a estas alturas já tinha que ter deixado de escutar o ruído que produziam.

—Sim, mas deveria haver mais ruído.

—Como o que?

Com seu rosto sério, Rafael olhou ao guarda-costas que tinha mais perto.

—Não há nenhum outro vampiro aqui, Emilio, nem nenhum companheiro inimigo. Mas há algo que está mau, muito mal. Verifica-o.

Emilio assentiu com a cabeça. Ele e outro homem desceram de seus cavalos, ataram as rédeas a um velho poste, e correram a casa. A casa estava em silêncio, as janelas bem fechadas.

—Desmonta - ordenou Rafael imperiosamente.

—O que?

—Poderia ser uma armadilha. Ao menos ao pôr os cavalos entre nós corremos menos perigo. —Ele se dirigiu para onde ela estava.

Grania abriu a boca para protestar, mas obedeceu. As possibilidades de que ele fosse correto era menor a que se tornasse violento se ela desobedecia.

—Ai, mierda, seus cães deveriam estar ladrando - amaldiçoou Rafael em voz baixa.

Emilio fez soar a aldrava da porta sem resultado.

—Senhora Pérez? —chamou e golpeou a porta.

Grania sentiu uma pontada ao escutar o nome.

—É seu parente? —perguntou em voz baixa.

—Não, é a filha de um empregado. Seu marido está emprestando serviços no exterior, no Exército.

—Senhora Pérez?—Voltou a gritar Emilio.

Ainda não houve resposta.

—Atira-a abaixo! —gritou Rafael.

—Talvez se tentasse pela porta de atrás, ou por uma janela - disse Grania.

De uma só patada a porta se abriu e os dois homens desapareceram dentro da casa, com as armas nas mãos.

Bom, ao menos Rafael tinha mais que dinheiro suficiente para pagar pelos danos.

Pareceu uma eternidade enquanto Grania e Rafael esperaram, embora somente

fossem uns minutos. Finalmente, Emilio voltou a aparecer na porta; o via desconcertado.

—Tudo espaçoso. Eles estão dentro, dom Rafael, dormindo tranquilamente na habitação dos meninos, exceto pelos cães que estão na sala. Não pude despertar a nenhum deles. O único estranho é um aquecedor que está aceso.

Rafael arrojou as rédeas a um de seus homens e se dirigiu para o caminho de entrada a casa, entre imponentes rosas do verão, e com Grania a poucos passos detrás dele. Os guarda-costas se reuniram ao redor deles, com suas armas muito evidentes.

—Dom Rafael - começou a dizer Emilio movendo-se como se fosse bloquear a entrada.

—Protege à doutora Ou'Malley com sua vida enquanto eu investigo. Ela querará encarregar-se dos cães.

Grania ficou boquiaberta quando Rafael desapareceu pelo corredor. Rafael, quem sempre tinha aceitado a necessidade de ser custodiado, tinha posto a segurança dela primeiro?

Ela respirou profundamente e começou a atuar como veterinária. Encontrou a sala cheia de móveis bem usados e repletos de brinquedos de meninos. Dois grandes pastores escoceses dormiam imóveis, tendidos entre uma poltrona reclinável coberto com uma capa e o corredor. Fazia muitíssimo calor ali dentro.

Começou a examinar aos cães que ainda dormiam, tratando de lembrar-se dos conceitos básicos sobre caninos, que aprendeu em primeiro ano da universidade. Nenhum dos pastores escoceses despertou. Em realidade, houvesse descrito que ambos estavam em coma.

A pelagem branca e negra normalmente fofa de ambos os cães, estava manchado com vômito. Sua cuidadosa avaliação evidenciou um conjunto de reflexos extremamente estranhos. Levou para trás as pálpebras e estudou seus globos oculares.

Grania se sentou sobre seus talões e pensou.

Para o interior da casa, Rafael soou furioso por quão lento mãe e filhos se estavam despertando.

Emilio observava a Grania muito de perto.

Ela ficou de pé rapidamente.

—Rafael, leva-os fora. Agora! —gritou.

O diagnóstico não era o que usualmente se acostumava na faculdade de veterinária, mas ela tinha suficiente prática para reconhecê-lo.

Um copo se rompeu na habitação.

—Emilio, chama o 911 e faz que lhe façam reanimação cardiopulmonar. E traz oxigênio, se tiver. Não fique aí parado me olhando como um tonto te mova caralho!

—Sim, senhorita! —Saudou e saiu correndo. Grania sacudiu a cabeça e levantou um dos pastores escoceses sobre seus ombros. Tinha que tirar os daí aos dois o mais breve possível, antes que eles também sucumbissem ante a intoxicação com monóxido de carbono.

Uma hora depois, Grania terminava de descrever ao xerife local e ao chefe de bombeiros como tinha feito seu diagnóstico.

Fazia muito que a última ambulância tinha levado a família ao hospital. Mais que

isso, seu prognóstico cedo os tinha salvado, por isso ela tinha tido algo que dizer ao Rafael.

Seus guarda-costas o tinham despachado, o qual lhe causou uma resignada indignação, antes que chegasse a primeira ambulância. Ela tinha lutado por permanecer com seus pacientes, insistindo em que o pessoal médico local podia necessitar um detalhe preciso dos sintomas. A mente e o coração de Grania estavam contentes de que ela insistisse, mas, raios, o resto de seu ser estava exausto.

Jogou uma olhada por cima do ombro quando uns dedos de aço se fecharam brandamente ao redor de seu cotovelo. Detrás dela, dois helicópteros mais chegaram, rápida e fortemente.

Emilio saudou levantando o Stetson.

—Por aqui, senhorita —disse com acento texano.

Grania arqueou uma sobrancelha e o seguiu até subir a um helicóptero pequeno e meramente funcional. Sentou-se em um assento e ficou totalmente surpreendida de ver o Emilio sentar-se no assento ao lado dela. Desde que Rafael lhe tinha ordenado que a custodiasse, o único momento em que se afastou de seu lado foi quando tinha deslocado a trazer o oxigênio.

Um homem de rosto duro, com um colete Kevlar apenas oculto debaixo da jaqueta de vaqueiro, sentou-se ao lado do piloto, tinha uma metralhadora cruzada em seu regaço. Ela abriu os olhos bem grandes um instante antes de repor-se. Deus santo, a ameaça para ela tinha chegado a tanto?

Logo que terminou de colocar o cinturão antes que o helicóptero se lançasse para o céu e voasse a toda velocidade para o oeste. A ave voava realmente rápida, de fato, muito rápida, e baixa.

Jogou uma olhada para fora com desconfiança, verificando a altitude com respeito a suas anteriores experiências de vôo em helicóptero. Definitivamente estavam voando a uma altura muito menor do que ela esperava para um vôo comercial, ainda sobre terra privada. Parecia-se mais a um vôo militar tentando evitar ser derrubados.

É obvio, Emilio estava completamente tranquilo.

Só uns minutos depois, voaram sobre uma colina pequena, cujo topo estava coberta por uma formosa casa de rancho de pedra calcária e edificações anexas. Uma rede de caminhos conectava as edificações, os pastos, os jardins e os campos, inclusive os do vale, abaixo. Havia fontes dançando em um jardim de rosas e vertiam a água em uma piscina. Era uma propriedade enorme, mas surpreendentemente, também era uma casa. Isto devia ser o Rancho da Compostela, a legendária, mas reservado escritório central do Santiago Trust.

O lar do Rafael. Ela já não o veria mais somente em habitações de hotel. Não era sozinha a noiva bem custodiada que mantinha perto para jogar. Agora ela era o suficientemente importante para ser parte de sua vida real.

Uma inesperada umidade apareceu nos olhos de Grania, mas piscou limpando-a com ferocidade.

O helicóptero aterrissou em um heliporto, perto de outros que tinha agrupado sob o olhar vigilante de uma pequena torre de controle. Emilio desceu de um salto e a levou

afanosamente, subiram por um lance de escadas e logo seguiram por um comprido alpendre. Ele entrou na casa principal com escassa cerimônia e a levou atravessando a grande sala central, sem lhe deixar tempo para assimilar os detalhes.

Detiveram-se justo fora de um escritório muito masculino. Suas janelas estavam cobertas por portinhas de aço grosso, que bloqueavam toda a luz do dia, de modo que a luz artificial centrava a atenção nos homens que aí se encontravam. Dentro, a voz zangada e fria do Rafael estava arreganhando a alguém.

Emilio levantou a mão, mas Grania não necessitava a advertência.

—Não importa o que pensou Ethan, ou você, Gray Wolf.

O inimigo penetrou no coração de minhas terras, algo que vocês disseram que era impossível. Ele feriu minha gente, gente inocente, unicamente por sua afinidade comigo.

—Minhas humildes desculpa, patrão. —Uma voz texana, que soou sincera, mas não do tipo que pelo geral se desculpa.

— Não voltará a acontecer.

—Bem. —Rafael quase grunhiu—. E você, Jean Marie, suas redes deveram ter trabalhado melhor.

—Mille pardons⁵⁰, patrão. —Um tenor fluido de um francês.

—Tirem os homens que me custodiam e enviem-nos a procurar a esses demônios.

—Deus santo, não! —Correu gelo pelas veias de Grania enquanto sentia que se asfixiava. Se perdia ao Rafael agora...

—Não! —Os homens exclamaram suas objeções, adicionando maldições a sua lógica.

—Sim! —rugiu Rafael.

Os outros grunhiram e resmungaram, mas se calaram a contra gosto.

—Devemos detê-los, aconteça o que acontecer. A pena por falhar é a morte, filhos. Vocês não gostam de meus castigos, mas odiarão mais os que repartam o inimigo.

—Não! —Grania deu um passo adiante, o salto de sua bota deu com o piso de madeira em lugar do tapete. Fez-se silêncio por um instante antes que Rafael falasse.

—Doutora Ou'Malley? —chamou.

— Entre, por favor.

Os homens voltaram seus rostos para olhar aos recém chegados, com tanta cortesia como se não tivessem estado brigando como lobos um instante antes.

Rafael, escuro e friamente zangado, estava quieto junto às portinhas de aço.

—Doutora - disse.

Ainda poeirenta e suada, cheirando a cão e a cavalo, arrojou seu Stetson ao varal de chapéus, dirigiu-se direta para o Rafael passando a cada um dos homens, e o estreitou entre seus braços. Ele riu a gargalhadas e a aproximou abraçando-a.

Outros começaram a sair da sala em fila e em silêncio. Rafael levantou a cabeça.

—Cavalheiros outro minuto de seu tempo para apresentações.

Em outras circunstâncias ela riria a gargalhadas ao ver como eles emprestaram atenção imediatamente, como cachorrinhos em uma classe de obediência. Mas primeiro tinha que confortar ao Rafael. Isso era mais importante, mais que pensar na semelhança destes homens com os que tinha visto em sua visão na festa de graduação.

⁵⁰ Mil perdões.

—Doutora Ou'Malley, me permita lhe apresentar a meu adiantado maior e herdeiro, Gray Wolf. Você já conhece seu companheiro, Caleb Jones.

Um indígena americano, alto e bom moço a saudou com uma reverência. Ela saudou com a cabeça cortesmente.

—Meu filho maior e arauto, Jean Marie St. Just.

Outro homem alto, somente uma polegada ou dois mais baixo que Rafael, de cabelo castanho claro, brilhantes olhos azuis e um sorriso muito encantado fez-lhe uma reverência.

—Enchanté, mademoiselle⁵¹.

—Meus alferes maiores, Ethan Templeton.

Assim que este era o Ethan que lhe tinha sujeitado pelo pescoço, quase a asfixiando? Era loiro, extraordinariamente arrumado, de olhos frios cor mel. Ela o tinha qualificado como uma pessoa brilhante intelectualmente e completamente capaz de matar em qualquer momento, em qualquer lugar. Ele a saudou com a cabeça educadamente, saudação que ela devolveu da mesma maneira.

—E Luis Álvarez, meu senescal.

Agora bem, este cavalheiro se via como se quase fosse o irmão menor do Rafael, embora fosse um pouco mais baixo e não tinha a cicatriz. Seus olhos duros e sábios procuraram-nos dela, como se estivesse examinando as intenções que tinha para o Rafael. Assombrada, deixou-se observar abertamente, como se estivesse enfrentada a um professor novo. Ele a estudou outro minuto mais antes de saudar com a cabeça. Ela se relaxou, tranqüilizada por sua aceitação.

Luis se voltou para o Rafael.

—Eu mesmo irei a São Leandro em 4 de julho.

Rafael ficou tenso.

Luis se encolheu de ombros, seus olhos se iluminaram com um triunfo compungido.

—Sou o melhor para verificar as preparações já que devem realizar-se à luz do dia, como você já sabe patrão.

O olhar de Grania passava de um a outro. Se Rafael tivesse tido outra opção, estava segura de que ele se negaria.

—Muito bem - disse Rafael cedendo finalmente.

— Não se pode pôr em perigo aos meninos no picnic.

Luis saudou com uma reverência e se foi.

—Mas te juro Luis, que apenas isto termine, receberá o Abraço, por mais desculpa que ponha.

Luis ficou boquiaberto. Um segundo depois, havia tornado a ser o cavalheiro educado e saudou com uma grande reverência.

Rafael moveu sua cabeça e abraçou a Grania, aproximando-a mais para ele.

—Querida - murmurou acariciando sua bochecha.

— Viverão?

—Todos eles estarão bem, até o bebê, sobre tudo ao lhe haver dado a câmara hiperbárica ao hospital. —Ela se beijou a ponta dos dedos e os apoiou nos lábios dele. —O

⁵¹ Encantado, Srta.

departamento de bombeiros enviou seu agradecimento pela equipe completa de máscaras de oxigênio de última geração que lhes deu. Como tinham máscaras de oxigênio para caninos, os cães também se recuperarão.

—Graças a Deus - murmurou sobre o cabelo dela.

—Foi intoxicação com monóxido de carbono - disse ela—. O aquecedor da habitação tinha sido manipulado.

Ethan grunhiu.

—Será um prazer destruir a esses demônios.

Rafael levantou a cabeça.

—Já têm as ordens, cavalheiros. Boa noite.

Os homens do Rafael abandonaram a sala em silêncio e fecharam a porta detrás deles.

Ela acariciou sua bochecha. Os sulcos que demarcavam sua boca parecia haver-se feito mais profundos da manhã.

— Interrompi muito?

—Não, já tínhamos terminado. Nossos inimigos lamentarão ter intensificado a guerra desta forma.

A confirmação foi como se tivesse recebido um golpe no estômago, deixando-a sem ar e pondo em tensão cada um de seus músculos. Ela amaldiçoou entre dentes e rogou ter escutado mal. Inclinou a cabeça para trás para poder olhá-lo bem.

—Guerra? O desta manhã não foi um acidente?

Ele negou com a cabeça. Apertou a boca tão fortemente que a pele de ao redor ficou quase branca.

—Não. Branca Pérez e seus filhos, Fernando, Beatriz e Inés, têm os mesmos nomes e idades que tinha minha família quando me obrigaram a receber o Abraço. Meu inimigo maior, Diego Sánchez, que agora se faz chamar Beau, fez isto como sinal de que está perto e planeja me matar.

Os nomes deram voltas na cabeça de Grania: Branca, Fernando, Beatriz, Inés. Os nomes cristãos eram muito comuns, mas combiná-los em uma família? Sobre tudo com estas idades e nomes dos gêmeos?

Todos os nomes de seus sonhos e o rosto de seu cavalheiro em frente dela. Seu coração palpitou tão forte que quase se para.

—Está seguro? —perguntou quase sem fôlego sem estar segura do que era do que precisava estar segura.

—Verdadeiramente. Pude cheirá-lo no batente da habitação, quando os levei fora. Como deve ter desfrutado desse demônio quando encontrou a essa família com nomes tão próximos a quem eu amei.

—Não, não há nenhuma dúvida absolutamente - sussurrou ela, e seu estômago se fechou como se nunca o tivesse feito durante os exames da universidade. Mas se o assassino tinha estado tão perto...

—E se ele estava nos olhando enquanto atendíamos às vítimas?

Rafael descartou essa possibilidade imediatamente, de modo completamente terminante.

—Em todos os séculos que os conheço, Beau e seu criador sempre permaneceram dentro durante a luz do dia, um hábito que continuou após. Nunca se teria ficado fora, à luz do sol forte.

—É certo?

—É obvio. É um hábito muito fácil para os vampiros que se formam como cachorrinhos, quando a luz do sol significa a morte, e um hábito muito difícil de romper.

Grania assentiu com a cabeça, aceitando seu resumo. Mas se Beau tinha atacado, como aviso da família do Rafael, então isso confirmava que a família do Rafael se chamava Branca, Fernando, Beatriz e Inés. Branca era o nome espanhol de Blanche, um nome francês. Em seus sonhos muitos vividos, a esposa do Rodrigo era normanda (francesa).

Ela tinha que confortar ao Rodrigo.

Mas se isso era verdade, então o que passava com esses sonhos que ela tinha tido, os que tinham muitos detalhes para ser fantasia? Como o da catedral, ou quando a Princesa tinha atacado à esposa do Rafael? Rodrigo não pôde ter sabido que a Princesa tinha atacado a sua esposa, somente Blanche o teria sabido. Tinha que ser uma lembrança, uma lembrança de Blanche sobre esse episódio.

Reencarnação? Era possível que ela fosse à reencarnação do Blanche, a esposa do Rodrigo?

—Como puderam sobreviver tantos séculos se perdeu uma família tão jovem? — disse ela lamentando-o.

Ele suspirou.

—Rezei freqüentemente por eles, por meus filhos e meus netos e meus tataranetos.

—Mas seus inimigos... —deteve-se. Ainda não podia encontrar palavras para falar de seus sonhos, especialmente a ele. Como diz a alguém que alguém poderia ser sua esposa falecida fazia muito tempo? Precisava pensar um pouco mais sobre isto.

— Acaba de dizer que foi forçado a receber o Abraço. Como pôde te manter cordato?

Riu, mas não com felicidade, e moveu sua cabeça. Depois tomou em seus braços e se sentou na grande cadeira de couro atrás do escritório, mimando-a em seu regaço.

—Eu tramei minha vingança e esperei e rezei para me vingar. Fui um escravo sexual, tanto de homens como de mulheres, bons e maus. Nunca matei pelo sangue. Mas não houve nenhum ato sexual no que possa participar um ser humano do qual eu não formasse parte ou ajudasse, tanto se o desfrutava como se não. —Seus olhos estavam resignados e piscaram, com uma leve expressão desafiante.

Ela acariciou sua bochecha.

—Não te julgo. Fez o que teve que fazer para sobreviver.

Beijou-lhe a mão.

—Você perdoa mais do que compreende coração. Não é fácil para eu falar destas coisas. Durante muitos anos estive sozinho sem ninguém em quem confiar, nem ninguém com quem falar.

Grania se mordeu o lábio. Mas ela podia compartilhar isto com ele, como nunca o tinha compartilhado com ninguém mais. Seu cavaleiro tinha que saber que ela também tinha passado largos anos de amarga solidão.

Ela o olhou diretamente aos olhos, deixando cair todas as barreiras, inclusive as mais

defensivas, para que ele pudesse ver que lhe dizia a verdade.

—Sou uma menina enjeitada, Rafael. Encontraram-me abandonada de bebê no túnel de um asqueroso traficante de drogas, gritando por causa de cólicas.

Seus braços a abraçaram mais forte.

—Uma sobrevivência mágica.

Ela sorriu ante sua tolice.

—Não podia dizer isso pelo registro legal. A corte me declarou menor em tutela do estado e me enviou ao lar de um grupo católico no lado incorreto do Tucson. Uma monja irlandesa me deu o nome da rainha pirata irlandesa, Grania Ou'Malley, por minha cor avermelhada e por como tantos homens respeitosos da lei não sabiam o que fazer comigo.

Rafael soltou uma risada; sua respiração alvoroçava seus cabelos. Ela sorriu com ele, depois juntou coragem e continuou.

—Não me podiam adotar ao não ter pais que reconhecessem meu nascimento para poder assinar os formulários de adoção. Sempre havia tantos órfãos ali, que chamá-lo linha de montagem o descrevia melhor que chamá-lo vida familiar.

Ele amaldiçoou entre dentes, mas nem em inglês nem em espanhol.

—Ninguém? Não tinha nenhuma família? Nem amor, nem abraços?

Ela negou com a cabeça.

—Muito pouco. Quando fui um pouco major, a igreja estava tão orgulhosa de ter uma menina com boas notas que me enviavam de internado em internado, cada eleito sozinho pela necessidade de ter um estudante para luzir-se. Assisti a distintas escolas por ano.

Os olhos do Rafael brilharam com desconfiança.

—E nenhum amigo?

—Só meu padrinho, Tom McLean, o ajudante do xerife que me encontrou. Era viúvo, por isso nem sequer podia ser meu adotivo. Mas me via nas férias, porque eu sempre voltava para o lar. Seu pai aprendeu a rastrear de um dos últimos bravos sobreviventes do Chochise - adicionou furtivamente.

—E ele ensinou a ti, assim foi como pôde me surpreender àquela noite!

Ela sorriu triunfante de orelha a orelha e voltou a apoiar a cabeça em seu ombro

—Seguro - disse arrastando as palavras.

Beijou-lhe o cabelo.

—Tem alguma idéia de quem é sua verdadeira família?

—Além de você? —Voltou para a realidade.

— Não há evidências, só especulações.

Ele se encolheu de ombros com impaciência.

—A polícia acredita que minha mãe é uma corista a quem sua família jogou quando começou a sair com um o filho maior de um chefe narcotraficante colombiano. Ele desapareceu quando ficou grávida. A última vez que a viram foi ao sul do Arizona com outra corista, quem também estava grávida, poucos meses antes que me encontrassem.

—Por que crê a polícia que estas pessoas estão relacionadas contigo? Ai, querida, me perdoe se estou escavando em um terreno doloroso!

—Já não é tão difícil para eu falar disso - lhe assegurou sinceramente.

— Acreditam que estamos vinculados porque minha altura e minha cor se correspondem com os dela. E diz que minha inteligência é muito similar a de meu pai, como se a mim ele importasse um nada!

—Poderia fazer que o matassem por ti - sugeriu Rafael.

Ela ficou olhando-o francamente desconcertada. Seus olhos encontraram os dela com equanimidade, e ela se viu forçada a tomá-lo a sério.

—Hoje não, obrigado - ela declinou a oferta, mantendo sua voz suave.

—Se insistir. —Rafael lhe beijou a mão e lhe sorriu um pouco ironicamente, antes de seguir.

—Minha mãe e a outra mulher estavam com uma conhecida máfia do narcotráfico mexicano, proprietária do túnel onde a polícia me encontrou. Durante a jogada a rede, a polícia se encontrou com que os traficantes tinham fugido uns minutos antes, para um lance de deserto particularmente mortal. Alguns corpos foram encontrados dias depois, mas nunca mulheres, nem nenhum outro bebê.

—Sua mãe salvou sua vida - disse Rafael devagar.

Grania sempre o tinha desejado, mas ninguém mais tinha estado de acordo jamais.

—Por que diz isso?

—Um bebê com cólicas faz muito ruído. Um traficante de mau gênio tivesse matado rapidamente a qualquer pessoa que pusesse em perigo seu escapamento. Sua mãe devia ter sabido que a única possibilidade de te manter com vida era te entregar à polícia.

Seus braços a rodearam mais forte.

—Desfruta dos pequenos prazeres de sua vida, querida, em sua honra. Se sua inteligência vier de seu pai, então sua ânsia pela vida é dela.

Ela o olhou desconcertada.

—O que quer dizer?

—Só por uma vez, quando estiver em algo intenso seus olhos profundos insinuavam prazeres carnavais—, não pense, somente desfruta.

—Está dizendo que eu analiso muito?

—De maneira nenhuma. Cada enfoque tem seus benefícios, é algo que tive a oportunidade de aprender. —Por um instante, seus olhos olharam para seu interior e ela tremeu levemente ante sua frieza.

— Mas às vezes, também é bom provar algo totalmente diferente.

—Simplesmente deleitar-se nas coisas simples?—Grania lhe deu voltas ao conceito dubitativamente.

— Não sei se posso. Sonha muito passivo, quase aborrecido.

—Isso é um desafio?

Ela levantou a cabeça.

—OH, querido.

—Precisamente.

Ela o observou suspeitosamente.

—No que está pensando?

—Já tivemos um dia de emoções, Grania - disse.

— Talvez um banho nos fará sentir mais relaxados, e uma massagem também.

Ela não podia negar que precisava banhar-se, mas seu tom soou como que estava tramando algo.

—Uma ducha seria muito mais eficaz.

—É claro que sim - assentiu ele, parando-se com ela nos braços. Ela se moveu impaciente e o apertou.

— Vais exigir que te baixe?

—Serviria de algo se o fizesse?

Ele simulou considerar sua pergunta enquanto abria a porta.

—Parece-me que quase nada. Meu coração está preparado para ver te relaxada e com aroma doce quando emergir de muitas borbulhas.

A imagem deixou a Grania sem palavras. Ela em uma banheira como uma deusa de Hollywood dos cinqüenta? Abriu e fechou a boca enquanto ele a levou pela grande sala com amplas vistas e maciças vigas no teto e depois pelo corredor para uma habitação. Esta habitação era tão simples e espaçosa como as outras que tinha visto, com uma cama antiga de madeira, uma cômoda e mesa de noite, mais roupa de cama branca, recém engomada, debaixo de um edredom Lone Star.

Fechou a porta detrás deles, sentou-a com cuidado em uma antiga cadeira de balanço e entrou no banho. A água começou a correr abundantemente. A cabeça de Grania girava assimilando todos os detalhes da habitação.

A porta do banho se abriu ruidosamente e Ihe fez gestos para que entrasse.

Seguiu-o e sussurrou contente. Igual à habitação, esta sala tinha a comodidade e simplicidade rural clássica, embora a uma escala do tamanho de Texas. Dois ou três adultos poderia haver-se banhado na banheira ou na ducha. Tapetes suaves e azuis cobriam o piso de ladrilhos brancos, em tanto que ladrilhos azuis acentuavam as paredes brancas.

Mas ele era atrativo, seus olhos mais que qualquer dessas atrações feitas pelo homem. Ronronando como um felino em sua roupa singela, até suas botas texanas quase silenciosas, jogou saís de banho e depois tirou as toalhas de um armário oculto. Seu coração se crispou. Apoiou-se no vão da porta, tratando de dissimular sua reação a seu homem. Este não era o momento para falar, mesmo que sabia o que dizer.

—Quer te tirar o pior na ducha ou prefere te mergulhar diretamente na banheira? — perguntou em voz baixa.

Grania se endireitou, observando a banheira. Era um monstro, que demoraria uma eternidade em encher-se. Ela caminhou para ele e Ihe desabotoou a camisa.

—Primeiro a ducha. E você?

—Já me banhei. Mas preciso dar algumas ordens, primeiro.

Beijou-Ihe a boca brandamente, uma saudação depravada do amante seguro de suas bem-vinda. Respondeu-Ihe com gosto, deslizando a mão até sua bochecha para aproximá-lo para ela.

—Desata suas tranças, querida - Ihe sussurrou ao ouvido.

Instintivamente ela começou a opor-se, pensando nas horas que demoraria seu cabelo em secar-se.

Ele pôs um dedo sobre sua boca.

—Só recolhe os solto com estes palitos chineses. Faria-o para mim, por favor?

Como podia negar-se? Beijou-lhe sua mão.

—Se insistir...

Seus olhos cintilaram com luxúria, lhe enviando o fogo da paixão. Ela se ruborizou, olhando-o fixamente. Beijou-lhe a mão e se deslizou pela porta sem deixar de olhá-la.

Ela tragou saliva, muito consciente de seu pulso rápido, e depois voltou para a realidade. Precisava tirar as botas, primeiro, para poder estar fora da ducha e dentro da banheira antes que ele retornasse. Ainda ficavam nela costumes da menina criada em um orfanato que não lhe permitiam ficar nua diante dele, mesmo que dormia com ele.

Quase o obteve justo ao abrir a porta, deslizou-se dentro da banheira salpicando água no chão. Ele levantou uma sobancelha enquanto apoiava seu punho no pomo da porta.

—Algo te perturbou, coração? —perguntou.

— Acaso algum terremoto que eu deveria saber açoitou Texas?

Grania cruzou seus olhos com os dele, a salvo com as borbulhas até seus ombros e seu cabelo recolhido.

—Um terremoto, por certo. Um enorme e dogmático cavalheiro entrou em meu banho, alterando minhas delicadas sensibilidades.

—Era esse o termo apropriado?— Ele deve banhar-se imediatamente. —Ela soprou em tom desdenhoso.

Rafael estalou a língua.

—Péssimo. Esse assunto será atendido imediatamente. —Começou a despir-se, desabotoando primeiro a camisa.

A boca de Grania se secou ao ver os fortes músculos, a escura cabeleira e seu magnífico torso, o qual se estreitava para desaparecer detrás da fivela de prata do cinto, como uma flecha apontando para outros prazeres. A quente cor dourada de sua pele, corado pelos escuros botões de seus mamilos, no peito. Esses formosos e sensíveis indícios e disparadores de sua sensualidade... Semanas de ser seu amante pareciam sozinho ter aberto seu apetite por ele. Suspirou, comendo-o com os olhos.

Suas calças se incharam detrás da braguilha quando lentamente se desabotoou o cinto. Agora estava descalço, depois de haver-se tirado as botas e as meias três-quartos em outra habitação.

—Calor de minha vida, quer que entre a banheira contigo?

—Agora mesmo - suspirou, memorizando cada movimento de seus fortes dedos enquanto se desabotoava os jeans.

—Farei-o para ir banhar-te - advertiu. — Terá que te entregar por completo a mim e às necessidades de seu corpo.

Entregar-me por completo? Mas se era a ele...

—Estará na banheira comigo?

—Sim. —A risada soou por debaixo do monossílabo junto com uma profunda certeza masculina.

—Muito bem. Date pressa, por favor.

Fez-lhe uma reverência, seus olhos eram tão ricos e doces como o chocolate negro.

Com um só movimento se desfez dos jeans e os jogou em um lado. Seu pênis estava erguido, mas não rampante quando entrou na banheira. Sentou-se junto a ela e a aproximou dele.

Ela ficou tensa, sobressaltada. Acariciou-lhe brandamente seu braço, cantarolando uma antiga canção tradicional.

Depois de uns momentos, ela começou a deslizar os dedos por seu peito, descendendo até o estômago, debaixo da água. Deteve-a imediatamente agarrando-a forte pelos pulsos.

—Não, querida. Somente de molho.

Ela ficou desconcertada.

—De molho? Sem te tocar?

—Te relaxe e escuta seu coração e seu corpo. O som das ondas ao se chocar contra as paredes da banheira. O que sente nossa pele úmida roçando-se entre si. O aroma das ervas e a calidez da água.

Mordeu-se o lábio inferior preocupada, terrivelmente desiludida e muito consciente do perto que estava ele.

Os do Rafael se abriram grandes por um instante, observando seu rosto como se nunca antes a tivesse visto. Rapidamente se repôs e lhe beijou a bochecha.

—O resto virá sozinho, querida. Confia em mim; estará mais que satisfeita.

—Se insistir... —soprou incrédula e começou a recitar em silêncio as tabuadas de multiplicar para relaxar-se. Ele seguiu mimando-a brandamente, enquanto cantarolava a canção pelo baixo.

A paz da habitação lentamente se filtrava sob sua pele e dentro de seus ossos. Começou a demorar mais e mais tempo para multiplicar. Fecharam-lhe os olhos. Sua recitação das tabuadas diminuiu e finalmente se deteve quando sua respiração seguia o ritmo dos suaves cheiros na banheira.

Apenas se moveu quando Rafael começou a lhe lavar as mãos, seu tato era tão suave como o perfume das ervas.

Ele lavou os pés e as pernas, depois o rosto. Ela murmurou quando a acomodou para continuar por seu torso. Quando lhe lavou entre as pernas, torceu a sobrancelha com muita preguiça. Mas suas carícias eram tão suaves e mãos direitas, embora notavelmente cuidadosas, que ela fechou os olhos sem falar.

Ela gemeu apoiada em seu ombro quando a levantou e a tirou da banheira.

—Está-te luzindo outra vez? Mostrando quão forte e grande é como Hei-Amendoim? Envolveu-a em várias capas de cálidas, suaves e esponjosas toalhas.

—Precisamente.

—Bem. —Ela voltou para não pensar em nada.

Apoiou-a sobre um tapete grosso, de barriga para baixo, ainda envolta em toalhas. Um minuto mais tarde, retirou uma toalha de seus ombros. Imediatamente um calor se esparramou sobre ela, provinha da luz do sol ou de um abajur, e suas fortes mãos esfregaram com suavidade um azeite ligeiro sobre sua pele. Instintivamente, Grania ronronou como um gatinho.

Mais toalhas foi substituído por luz e mais calor e o azeite penetravam em sua pele

baixo essas mãos grandes. Seus calos e cicatrizes eram tão somente um contraste delicioso com a suavidade do azeite, lhe permitindo fazer que a umidade penetrasse mais profundamente. Ela era flexível sob suas mãos, pertencia a ele por completo, sentindo-se viva no momento.

Seu tato trocou. Agora ele aplicou um azeite com essências, procurando e incitando cada ponto de prazer. Fazia movimentos ondulantes e dava pequenos puxões, inclusive usou seus dentes com suavidade enquanto descidia por suas costas. O fogo começou a acender-se nela, cintilando em suas veias e palpitando por seus nervos. Sua flor se fechou, provocando um calor líquido muito profundo em seu interior. Ela se arqueou debaixo dele, seu corpo se retorcia para seguir seus movimentos.

Ele acariciou e lhe mordiscou nádegas e coxas; as carícias mais intensas a excitaram de uma forma que nunca imaginou fosse possível. Intensos agulhões de prazer lançados por seus dentes para seus peitos e seus clitóris. Retorceu-se e se esfregou no tapete, gemendo. Seus sucos emergiram buscando-o a ele. Gemeu e tratou de apertar suas coxas ao redor da mão dele.

Deslizou lentamente os dedos por suas dobras, recolhendo seu suco. Esfregou-o em sua pele junto com o azeite, lhe dizendo com voz grave, em espanhol, quão luxuosamente a fazia brilhar, como se fosse uma deusa na habitação. Gemeu excitada por essa imagem mais do que podia haver-se imaginado.

Quando ela soube que morreria se ele não a fazia chegar ao êxtase, ele deixou de procurar seu suco e continuou lhe aplicando só azeite nos largos músculos de suas coxas e pernas. Beijou-lhe a parte de atrás dos joelhos, o qual despertou cada ponto delicado e sensível, enquanto sustentava suas pernas, até que ela, soluçando, rogou-lhe mais.

Deu-lhe a volta tão brandamente que ela apenas se deu conta do movimento. Depois lhe esfregou os pés e aplicou azeite neles, até que suas pernas se abriram e ela logo que pôde respirar de sorte quando ele massageou sua acne.

Quando lhe passou azeite nos ombros, sua cabeça se tornou para trás, apoiando-se no tapete. A primeira carícia em seus peitos foi inocente, com mínima atenção nos mamilos. Depois, esfregou o azeite em círculos, atirando deles e retorcendo-os até que ela gemeu, tremendo ao unísono com cada movimento de sua mão.

Outra enorme mão se voltou a deslizar por suas dobras e começou a excitar delicadamente seus clitóris. Ofegou arqueando-se contra ele.

—Ai, querida, agora sim te está deixando levar. Somente te entregue ao prazer - sussurrou ele. As palavras se absorveram em seu ser, transpassando a mente. Suspirou apertando mais as pernas ao redor de sua mão e seus quadris começaram a balançar-se.

Um minuto depois, ele voltou a esfregar azeite em seus peitos, massageando os da mesma maneira em que ela sentia chegar às ondas de prazer na flor de sua vagina. Voltou a gemer, uma e outra vez, à medida que o fogo ia crescendo dentro dela, até que sua pele logo que parecia capaz de contê-lo, retorcendo-se, seu corpo ainda flexível sob suas carícias, à medida que ele massageava primeiro um peito e depois o outro.

O primeiro orgasmo, suave, alcançou-lhe quando ele esfregou seus clitóris com sua carícia favorita. Percorreu seu corpo relaxando-a como um vinho fino.

—Grania, coração - sussurrou.

Continuou massageando com destreza seus peitos e seu estômago com uma mão, enquanto que a outra jogava primeiro com seus clitóris e depois com um dedo e logo com outro dentro dela. Orgasmo detrás orgasmo percorreu seu corpo, sacudindo-a, excitando-a até que já não soube onde estavam as fronteiras entre a normal e a cúpula do prazer. Quão único sabia era que seu amado cavalheiro a tinha levado aí.

Um momento depois, Rafael ajoelhado, levantou seus quadris e deslizou o pênis suave e profundamente dentro dela. Até a enorme cabeça de seu pênis agora somente provocou nela um grunhido contido. Suas grandes mãos lhe acariciaram as pernas as colocando sobre seus ombros. Depois tomou com cuidado pelos tornozelos e começou a empurrar.

Ela sussurrou de felicidade, imensamente agradada por quão saciada estava. Seu corpo agora era uma larga e lustrosa capa para ele, quente e úmida, enquanto o agarrava apaixonadamente. Ela estava quente para ele e tão cheia dele que cada movimento excitava seus nervos muito sensíveis. O fogo percorreu cintilou por seus nervos enquanto ele empurrava com força. O calor dos líquidos, o maravilhoso som de seus corpos golpeando-se, os grunhidos de esforço dele, punham em tensão o corpo dela novamente até que a loucura e o êxtase eram a única solução.

Agarrou-lhe seus antebraços, arranhando-o quando alcançou o clímax.

—Por Deus, Rafael!

Ainda ajoelhado, ele baixou suas pernas dos ombros e as pôs ao redor dos quadris. Atraiu-a para seu pênis novamente, sustentando-a pelos quadris, voltando-a para encher por completo. Ela se estremeceu, os tremores correram desde seus clitóris até as costas como se nunca tivesse estado satisfeita.

Fazia momento tinha perdido os palitos chineses e seu cabelo era uma massa alvoroçada ao redor de sua cabeça e ombros.

Pronunciou seu nome e começou a empurrar a sério, a paciência se foi quando viu seu rosto. Acariciou-lhe as cicatrizes de seu peito e excitou seus mamilos, sentiu nos dedos e palma das mãos o contato de seus formosos mamilos erguidos de excitação. Seus olhos se fecharam ao deixar-se levar pelas deliciosas sensações que a alagavam e pelo enorme pênis dentro de sua vagina e seu homem lhe fazendo o amor. Ela era um ser de puras sensações, pronta para voar.

Só sentindo os braços dele sob suas mãos a mantinha conectada a terra.

Moveu-se apenas dentro dela procurando um novo ponto. Ela se arqueou, seu cabelo se movia grosseiramente; sussurrou seu nome quando alcançou novamente o orgasmo e se viu invadida pelas sacudidas.

Depois Rafael se ajoelhou por cima dela, ainda unido a ela, apoiando os braços a ambos os lados de sua cabeça.

Beijou-a em um encontro apaixonado de lábios e línguas, antes que seus quadris comessem a balançar-se. Logo ele estava empurrando vigorosamente dentro dela, como se acabassem de começar. Ela enroscou as pernas ao redor dele, entrelaçando os tornozelos na parte de atrás de sua cintura, para atrai-lo para si.

Os dois peitos se tocaram, os seios dela se estreitavam contra ele como se estivessem desesperados por agarrá-lo e abraçá-lo. Cravou suas unhas nos ombros dele sussurrando

seu nome, respirava com dificuldade, como agonizando, igual a ele. Ele ficou tenso, mordeu-a e alcançou o clímax, derramando-se dentro dela.

Grania gritou arqueando-se quando o último golpe do clímax percorreu seu corpo com o dele, fazendo-a tremer até a medula.

Depois do orgasmo ficou tendida, saciada e sem forças debaixo dele. Por um instante, sentiu os batimentos do coração do Rafael como se fossem seus batimentos do coração e o sangue que fluía pelas veias do Rafael como se fluía por suas próprias veias. Sentiu o brilho do calor fluindo, através do qual ele tinha saboreado o orgasmo dela. Sentiu as últimas gotas de sêmen surgindo de seu pênis. A satisfação masculina do prazer sexual alcançada, para ele e sua amante.

Seu homem, seu amante, seu cavalheiro. Nesta vida e em qualquer outra.

Blanche dormitava ligeiramente à luz do sol da meia tarde enquanto escutava a sua filha Inés relatar a história familiar. Detrás dela se erguia a formosa capela dedicada a são Rafael Arcanjo, que Fernando tinha construído em honra a seu pai. Estava emoldurada nas preciosas montanhas da Galicia, com seus altos bosques verdes.

—E assim foi como seu avô Rodrigo...

A voz de um menino a interrompeu com ferocidade.

—Não, mamãe, assim não foi! O avô Rodrigo primeiro rechaçou o golpe à esquerda, depois arremeteu à direita para derrotar ao campeão francês. Não é assim, avó?

Blanche abriu os olhos e sorriu ao Rodrigo, o filho menor de Inés. Igual ao resto de seus oito filhos, ele estava no jardim, no lado sul da capela, esperando a chegada da tia Beatriz e sua família. Fernando e sua família chegariam ao dia seguinte, a tempo para celebrar o dia de são Rafael Arcanjo, em 29 de setembro. Eles sempre tratavam de estar juntos nesta época do ano, como o fizeram quando dedicaram a capela para rezar por que Rodrigo tivesse uma viagem segura de retorno a casa e se sanassem todas suas feridas.

Agora era uma grande família, todos os bebês tinham nascido sãos e todos cresciam fortes e altos. Trinta e um netos estariam sob o brilho da luz que entrava pela rosa da capela, enquanto Beatriz de Violem estava esperando o quinto bisneto a princípios do próximo ano. Verdadeiramente um anjo guardião cuidava de todos os meninos. Suas próprias dores não eram importantes, unidos como sempre estiveram aos pensamentos de seu marido.

Blanche se endireitou, trocando os travesseiros que eles insistiam em lhe dar. Ela não era mais débil que a capela detrás dela, a qual permaneceria por séculos aí, nas terras do Rodrigo na Galicia. Foi construída segundo o último estilo arquitetônico, um milagre de trabalho sobre pedra como de encaixe e arcos ogivais que pareciam voar. O interior era ainda mais impressionante e tinha sido provido pelos primos do Rodrigo, quem havia dito que terei que orar em seu nome para que retornasse a salvo. Quando fosse sua hora de deixar esta terra, ela descansaria na cripta, debaixo do alto altar.

—Esta bem, avó? —perguntou o pequeno Rodrigo.

Sua irmã o fez calar e Blanche se deu conta de que tinha estado sonhando outra vez, seduzida pelo perfume das rosas do final do verão, a flor favorita de seu marido.

Ela juntou as mãos sobre seu hábito negro, a marca de uma irmã casada da Ordem

do Santiago, e sorriu ao pequeno fantasia de diabo.

—Sim, neto, está no certo. Lembro esse dia como se fosse ontem. Meu primeiro Rodrigo rechaçou o golpe à esquerda, depois arremeteu à direita para derrotar ao campeão francês no torneio.

Ele ficou de pé de um salto, rugindo triunfantemente, tropeçou e caiu de costas no leito de mantas. Seus irmãos riram com grandes gargalhadas e se jogaram sobre ele. Ela sorriu por suas travessuras e compartilhou um olhar orgulhoso com a Inés.

Vinte anos mais, e estes meninos contariam a seus filhos esta história e outras, para que seu Rodrigo fosse recordado.

Como também manteriam sua memória viva seus primos e seus netos, aqui, nestas terras, quando ela já não estivesse. Para sempre, rezou.

Até para sempre não parecia suficiente tempo para amá-lo...

Amar-te para sempre, não seria suficiente.

CAPÍTULO 12

Rodrigo arremeteu duro, movendo-se rapidamente à velocidade dos vampiros, levantou seu escudo de braço, e lutou para não gritar quando se rasgou quão ferida estavam sanando. Brotou sangue de sua axila, debilidade grave que não podia permitir-se especialmente quando não se alimentou em três dias. Apertando os dentes deixou imediatamente sua espada de madeira para práticas e sujeitou a imunda vendagem com a mão. Apoiou-se em um pilar de pedra e obrigou a seu coração a diminuir os batimentos do coração, um velho truque do domínio da espada que parecia ajudar, até neste lugar de má morte.

Sua pele estava fria e pegajosa quando o sangue finalmente deixou de emanar. Rodrigo fechou os olhos e começou a rezar um Padre Nosso. Agora rezava cada amanhecer, cada entardecer e cada meia-noite, encomendando sua alma ao Senhor, o mais aparecido que tinha a comungar sem um padre.

Era 28 de setembro do ano do Senhor 1487, a véspera do dia de São Rafael Arcanjo. Fazia mais de um século, uma espada de gelo atravessava seu coração e ele soube imediatamente que sua amada esposa tinha morrido. Chorou então e depois, quando morreu seu primeiro filho. Mas para o momento em que seu terceiro filho deixou este mundo, seu coração se gelou muito para derramar lágrimas. Seus netos e inclusive seus bisnetos deviam estar mortos a estas alturas. Ele ainda rezava por seus descendentes e suas terras, mas com apenas um pouco mais de ardor que as bênçãos que pedia para toda a Cristandade.

Era mais importante contar os dias e anos desde que tinha visto o Hassan. Tinham passado dois séculos e meses, mas ainda não tinha sinal de que os descendentes do Hassan devessem cumprir a promessa de seu pai.

Fazia pouco ao Sírio tinha dado de montar duelos com armaduras ocidentais, o que era um pouco mais que uma desculpa do Diego para desmembrar ao Rodrigo, com o

mínimo tempo entre um duelo e outro para que suas extremidades sanassem. O dano máximo que Rodrigo tinha infligido ao Diego foi lhe fazer um corte no tornozelo. Mas os intervalos entre os eventos eram menores, à medida que o humor do Sírío piorava. Rodrigo temia que fosse sozinho uma questão de tempo até que Diego o matasse.

Durante o último combate, Diego tinha fatiado o braço esquerdo do Rodrigo e grande parte de seu ombro esquerdo também, até que somente a ordem do Sírío lhe tinha salvado a vida. Depois Diego se foi para assassinar a um general turco, mas esta pausa não duraria muito, uns dias no máximo.

Provavelmente ele não se alimentaria, mas ao menos poderia cair brigando.

Seu pulso finalmente se estabilizou. Jogou uma olhada à cela imunda da masmorra, procurando um trapo limpo para usar como atadura.

—Né! Rodrigo - sussurrou a suave voz de uma menina.

Um ferro se moveu na fechadura, tão forte como a forja de um ferreiro para seus ouvidos de vampiro, e a porta se abriu.

Embora não tinha sentido tratar de escapar do castelo. O Sírío tinha consigo as chaves de todas as portas externas, incluindo as dos passadiços secretos.

Tratou de fazer uma reverência, amaldiçoando sua debilidade.

—Senhorita Sara você não deveria estar aqui. Enojará-se neste lugar.

Ela fechou a porta brandamente, pondo a chave no bolso de sua capa e rapidamente foi para ele. Involuntariamente Rodrigo soprou e amaldiçoou em silêncio, amargamente.

Ela era de estatura e compleição normais, embora um pouco mais magra do que deveria ser. Entretanto, rodeou com o braço a cintura do Rodrigo e carregou seu peso com toda a força de um vampiro.

—Te apóie em mim, Rodrigo. Tem que te sentar em sua cama de armar.

Ainda amaldiçoando, mas indefeso em sua debilidade, apoiou-se nela. Ela o deixou com cuidado no camastro, sentando-se junto a ele.

—Não deveria estar aqui - repetiu, e lhe revolveram as vísceras de somente pensar no que ela devia ter feito.

Voltou-se a pôr o capuz e o olhou com esses enormes e escuros olhos de menina, e envolta em um halo que cintilava à luz da tocha do corredor, detrás dela.

—Como não ia vir a ajudar meu único amigo? —O abuso recebido tinha congelado sua mente nessa idade. Mas seu rosto era o de uma mulher de quarenta anos, que tinha lutado contra o Abraço com dentes e unhas.

Sua expressão trocou, mostrando de repente o século de sofrimentos que ela também tinha padecido ali.

—Se morrer, quanto tempo mais caminharei nesta terra? Somente me deixam com vida para que eles possam me torturar, com a esperança de quebrar a ti.

Ele não tinha resposta. Sabe Deus, O Sírío e Diego o haviam dito a suficiente quantidade de vezes. E era a pura verdade de Deus.

Suas vísceras se retorciam pela culpa ainda outra vez e prometeu protegê-la tudo o que pudesse. Tivesse-a salvado disso se tivesse podido fazê-lo sem dar sua palavra de que cometeria pecados mortais por ordem do Sírío.

Entretanto, o que foi o que devia ter feito esta noite para estar tão repleta de sangue?

Ele moveu negativamente a cabeça.

—Quantos... ? —deteve-se aí.

—Quantos companheiros procurei? —perguntou ela. Sua boca se torceu em uma careta zombadora.

—Cinco mulheres e dois homens. Ainda não posso me persuadir para confiar muito no macho das espécies, exceto em ti. Mas você é meu irmão.

Rodrigo tomou sua mão entre as suas, roçando-a brandamente.

—Há amor no mundo para todos, senhorita Sara. Tenha paciência e o encontrará em alguma parte.

A luz da tocha se transformou em auréola ao redor de seu cabelo escuro. Seu rosto se tornou indistinto. Detrás de seu rosto, ele viu a formosa cara de um homem, com brilhantes olhos azuis, cabelo castanho claro ondulado que caía sobre seus ombros, e uma boca expressiva. Levava um chapéu de asa larga com uma grande pluma e um traje de veludo com pescoço largo e punhos de encaixe; primeiro estava rindo quando olhou à senhorita Sara.

Mas depois, sua expressão trocou como trocou seu traje a uma vestimenta negra Lisa, a jaqueta curta diante, mas larga por detrás, sobre uma camisa branca com um fio ao redor de sua garganta. Uma enorme tristeza alagou seus olhos, enquanto sua boca se esticou até que somente conteve agonia.

—Tiveste uma visão! De alguém para mim, um homem? Posso-o ver agora, como você o vê. O homem mais arrumado do mundo com os olhos azuis mais formosos!

Impetuosamente, ela lançou os braços ao redor do Rodrigo e o beijou na bochecha, como uma menina a que lhe prometeram um presente de natal.

Rodrigo amaldiçoou com veemência a conexão entre todos os filhos do Sírío, o qual lhe impossibilitava mantê-la fora de sua mente, especialmente quando ele estava tão débil e eles estavam fisicamente perto. Devia praticar o uso de seus escudos mentais mais encarnizadamente.

—Por favor, senhorita Sara, não assuma que este homem pertence a ti. Ele poderia ser simplesmente alguém que você conhecerá, ou um bom amigo.

Ela deu saltos na cama de armar. Ele apertou os dentes ao sentir a dor em seu ombro.

—OH, não, isso é impossível - murmurou ela.

— Ele será o homem para mim, eu sei, e nos divertiremos tão juntos... Um cavalheiro para me escoltar às melhores festas, onde poderei me alimentar de tantas pessoas formosas antes de ir a dormir, sã e salva, em meu adorável e estreito ataúde.

Ele sentiu arcadas. A esta idade tão jovem, o uso do desejo carnal insaciável que O Sírío e Diego faziam dela parecia lhe haver ensinado que as únicas técnicas de sobrevivência eram as carnavais. Como adulta e como vampiro, dessa maneira ela insistia em alimentar-se de todos os companheiros que o fora possível. Mais ainda, ao Sírío lhe tinha prometido não incomodá-la nunca se ela dormia em um ataúde. Inclusive agora, um século depois, o único lugar no que ela podia dormir era nessa caixa de mau agouro.

—Ai, me desculpe querido Rodrigo. Seu pobre ombro deve estar te matando - sussurrou com uma expressão de preocupação em seus olhos escuros.

—Aqui estou pensando sozinho em mim, quando vim a te ajudar. —Ela acariciou

sua bochecha sorrindo.

— Estou repleta de sangue, toda para ti. Se necessitar mais a posso obter rapidamente, para que possa te curar para amanhã de noite, quando possivelmente Jamil retorne.

Amanhã de noite? Apesar de sua preocupação por ela sua mente reagiu com rapidez. A luz do dia era um inimigo tão mortal para um cachorrinho, que evitá-la geralmente se voltava um hábito, até sendo um vampiro adulto. O Sírio tinha retido essa debilidade e a tinha passado ao Diego, quem nunca saía fora à luz do dia ou inclusive no crepúsculo.

Se conseguia curar-se para a noite seguinte, poderia voltar a lutar contra Diego. Não era que honestamente pensasse em que iria muito melhor à próxima vez, depois de que Diego aprendesse durante dois séculos como derrotar cada um de seus movimentos. Mas sim, se se curava, ao menos poderia fazer que ao covarde lhe resultasse mais difícil vencê-lo.

Rodrigo mostrou os dentes em uma expressão de predador provocando a briga. Se quiser me ver morto, besta traidora, terá que te esforçar.

.

Grania olhou o relógio que se achava sobre a grande pia, no laboratório do centro de aves de rapina. Dois minutos ou cinco no máximo antes que um ou mais dos homens do Rafael aparecessem de repente pela porta procurando-a.

Com sorte podia ser Caleb, quem poderia entender por que ela ainda estava ali. Por outro lado, se era Emilio... Estremeceu-se e continuou falando.

Ao menos todos outros tinham deixado o trabalho para ir a festas familiares para festejar em 4 de julho ou para ir ao picnic em São Leandro. Junto com o famoso festival mensal Primeiro Sábado, celebrado por músicos amateurs, o picnic deste ano prometia ser toda uma festividade.

—Lhe estou dizendo isso Bob. Houston está preparado agora, não dentro de duas semanas. Conhece os sinais tanto como eu, incluindo a recuperação de seu comportamento selvagem. Sinto-o muito se você quer atrasar tudo até que o senador possa voar até aqui para liberá-lo. Mas Houston não esperará, com ou sem a publicação da grande foto.

Explodiu dentro de seu ouvido um ruído de obstinação com sabor a Texas. Maldita seja ele não era freqüentemente tão estupidamente obstinado.

Sentiu uma cólera temperamental.

—Sei exatamente quão selvagem se supõe que deve ser uma grande coruja cornudo macho. Este é mais duro que a maioria ou nunca teria sobrevivido a um encontro próximo com a barra luminosa de um carro de polícia! Você o entende você foi quem o chamou Houston pelo vencedor do Goliat. Já sabe: o homem que gritou “Recorda o Álamo!” e logo esmagou a armada da Santa Ana fazendo-a pedaços.

Um silêncio piedoso no outro extremo da linha. Ela arriscou um olhar ao relógio. Ai! Hora de provar com um pouco de doçura.

—Sinto muito, está em Dallas hoje, para essa festa de 4 de julho, e perdeste a avaliação de Houston. Como retorna amanhã, que tal se nos juntamos aqui no centro e

assim posso te mostrar rapidamente quão preparado está Houston? —Adoçou o trato um poquinho mais.

— Também trarei meus livros sobre os fósseis da América do Norte, assim seu filho poderá escrever esse relatório sobre os tigres dente de sabre para seu curso do verão.

Ruídos de grunhidos, não necessariamente inteligíveis.

Não se animou a olhar a hora. Fortes ruídos de tacos de botas, muito para um homem, retumbaram nos degraus.

Fechou os olhos e tratou de terminar a conversação de uma maneira profissional antes de ser interrompidos.

—Sim, Bob, realmente acredito que é importante. —Mais protesta seguida de um acordo reticente.

— Obrigado Bob, vejo-te amanhã às sete da tarde.

As portas duplas do laboratório se abriram de repente, emoldurando a um Rafael muito irritado, custodiado por dois homens de aspecto furioso carregando MP5. Grania fez uma careta deixando cair o receptor do telefone em sua base, e correu para ele.

Ele a recebeu em um abraço apertado.

—Tem sorte de que não te torça o pescoço, coração! —desafiou-a.

Ela o beijou na bochecha, emocionada de ser o consorte de seu coração.

—Mais tarde. Depois de que te faça algumas perguntas.

—Sempre a doutora com as perguntas. —Ele fingiu franzir o cenho, mas seus olhos estavam mais tranquilos agora.

—Verdadeiramente está a salvo?

—Claro que sim.

Ela deu um suspiro quando Emilio tomou sua mochila. A vida seria muito mais normal se ela pudesse ocupar-se de suas pequenas coisas. Mas se a vida fosse normal, não estaria Rafael nela.

Ainda não tinha encontrado a forma de como mencionar o tema da reencarnação com ele, algo que teria que fazer logo. Mas não ainda, não com o grande baile aproximando-se. Nunca tinha saído com alguém a dançar antes. Embora ela confiasse bastante no Rafael, não sabia como reagiria ele ante sua crença de que ela era sua esposa reencarnada. Se ele se desgostava - ao menos ao princípio - ela poderia perder sua oportunidade de sair a dançar, algo que sua feminilidade recém descoberta não queria arriscar. É obvio que a conversação poderia esperar até manhã, depois de dançar, quando ele tivesse visto sua roupa nova e seu novo penteado.

Acomodou-se contente a seu lado no Mercedes, admirando o sol da tarde que marcava o contraste entre seu suave e grosso cabelo escuro e as linhas bem marcadas de seu perfil. Se ela não começava a pensar em algo mais, baixaria até seu sexo aqui e agora. Era um comprido caminho de volta a Compostela, já que ela estava vivendo agora na habitação de hóspedes ali.

—Rafael?

Ele levantou uma sobrancelha inquisidora.

—Quer começar a inquisição agora, querida, em vez de esperar a que tomemos algo fresco no rancho?

—Não terei tempo então. Levará-me um momento me vestir.

Ele não pôde esconder sua surpresa completamente. Grania lançou um sorriso para si, mas adotou uma expressão serena, como se não passasse nada.

Para sua surpresa, seus olhos marrons escuro ficaram sonolentos e sua voz mais profunda, como se estivessem na habitação.

—Ai querida, tem aberto meu apetite incrivelmente com suas insinuações! Discutamos suas perguntas rapidamente assim teremos bastante tempo para nos preparar para a festa de esta noite. Beijou-lhe a mão e ela se ruborizou. Algum dia, possivelmente, conheceria o Rafael bastante bem para flertar com ele. Por agora, era melhor falar de temas nos que ela se sentisse segura, como as ciências.

—Eu, ah, estava pensando na noite em que nos conhecemos.

Ele a comeu com seus olhos.

—Como eu, querida, com bastante assiduidade.

Era surpreendente por que nenhum marido não o tinha matado antes, a conta de como ele podia transtornar os batimentos do coração de uma mulher com um simples olhar.

—Quando você te transformou em uma coruja e escapou de mim.

Ele franziu o cenho. Seu batimento do coração se estabilizou levemente. Muito melhor; agora ela poderia lhe falar de igual a igual.

Respirada, ela continuou.

—Como aprendeu a te converter em coruja? —Não estava disposta a discutir sua transformação em lobo, já que ela não podia lhe dizer que ela sabia que ele se transformava em um. Mas sim podia lhe perguntar sem temor sobre sua transformação em coruja.

Rafael trocou sua expressão, indo de um amante sedutor a um colega profissional. Uma das coisas que ela mais desfrutava dele era que podia conversar com ele como com um intelectual. Havia tão pouca gente neste mundo com quem ela podia falar sobre algo e de cada coisa.

—Eu sabia como se comportava uma coruja, como se lançavam e voavam, tinha-os observado. Sabe que passamos a maior parte do tempo acordados durante a noite os primeiros séculos?

Ela assentiu entusiasta, memorizando cada palavra. Tinha passado muito tempo desde que ela tinha queimado e atirado ao lixo todas suas notas, opondo-se a correr algum risco pondo-o em perigo a ele ou sua gente ao expô-los a escrutínio público.

—Transformar-se em animal significa conhecer a besta tão bem que os entendemos instintivamente, a um nível de pensamento subconsciente. Habitualmente isto se faz observando muitas horas até que cada movimento da besta é gravado em nosso cérebro e cada célula de nosso corpo. Logo, quando deseja te comportar como o fez o animal, simplesmente traz uma imagem dela e te transforma em um deles.

Grania procurou em sua memória exemplos similares.

—Isso soa a como os irmãos Wright aprenderam a voar. Passaram meses observando filhotes de águias voarem antes de ir ao Kitty Hawk.

—Até que os homens aprenderam como elevar-se e puderam fazer que suas asas

mecânicas fizessem o mesmo. Precisamente. Tenho uma habilidade similar para lhe dar nova forma a partes de meu corpo individualmente, assim é como tenho presas. Mas trocar meu corpo inteiro implica uma grande quantidade de conhecimento, o que leva tempo e grandes quantidades de alimento.

—Poucos vampiros podem fazer isto - disse lentamente, pensando nos benefícios e custos de um depredador.

Ele a estudou, movendo-se sem esforço ante o movimento do Sedan em uma curva muito fechada.

—Todos os cachorrinhos aprendem algo disto tempranamente, ou não terão presas e morrerão. Também se um vampiro ou inclusive um cachorrinho, tem um forte laço com outro vampiro, o outro pode lhe mostrar um animal com os suficientes detalhes para trocar de forma. Logo ele também pode trocar seu corpo.

—Quantas diferentes formas de animal conhecem um típico vampiro?

—Nenhuma. Um duelista perito que sobreviveu cinqüenta anos ou mais, provavelmente tem uma ou dois. Eu pessoalmente conheço mais de uma dúzia, mas trabalhei duro para conhecer tantas. Leva décadas aperfeiçoarem a forma de um animal.

—Para que se usam as formas?

—Usualmente para brigar em duelos, o que é uma briga a morte mão a mão, presa a garra.

Grania moveu a cabeça, e comparou sua resposta com a que ela tinha aprendido em seus anos de estudo.

—Brigar por território?

Rafael torceu a boca.

—Quase sempre. Ocasionalmente, pode-se emitir um desafio para entrar em um combate judicial.

Ela o olhou.

—Para cercar uma disputa legal?

—Se os dois vampiros vierem de diferentes esferas, a única forma de apontar suas diferenças pode ser um duelo, inclusive se não houver terra envolta. Então um vampiro apresentará um desafio formal, fazendo uma lista de seus queixa. O outro quase sempre a responde.

—Assim não o considerará um covarde.

—Tal reputação faria que qualquer outro vampiro o atacasse ante a menor ou nenhuma provocação. Recusar a um duelo é essencialmente suicida.

Ela assobiou brandamente.

—Soa a leões brigando por uma presa. Muito sangrento.

—Nós somos depredadores, Grania.

—É verdade. —Entrelaçou os dedos com ele. Seu depredador e seu cavalheiro.

Grania se olhou uma última vez no comprido espelho de três ângulos, enquanto o último de seus pratos se esfriava detrás dela.

Tinha miserável seu quadro de guarda-costas de Austin para encontrar uma vestimenta que lhe gostasse por um preço que pudesse pagar, rechaçando qualquer

menção sobre o dinheiro do Rafael. Era a primeira vez em sua vida que ela tinha comprado roupa sexy.

Agora vestia uma blusa de seda azul sem manga, de corte baixo, que mostrava seus peitos e ombros, com uma saia até os joelhos fazendo jogo. Sandálias de salto alto - bem, Brynda provavelmente não os consideraria altos, mas ela sim.

— Pendentos, azuis, compridos, e braceletes fazendo jogo. Tinha sido muito cuidadosa para assegurar-se de que Rafael pudesse morder em qualquer lugar. Inclusive ela tinha ido sem sutiens, tremeu novamente ante as sensações que isto lhe provocava, e levava somente uma tanga debaixo da saia.

O mais surpreendente de tudo é que levava seu cabelo em uma cauda alta, sujeita na nuca, que caía sobre seus quadris. Trancou-se o cabelo toda sua vida. De fato, sempre se fazia a trança enquanto ainda estava úmido. Esta era a primeira vez que recordava vê-lo solto e seco, desde aquele dia quando tinha seis anos e se banhou depois de uma tormenta inesperada enquanto caminhava com o Tom.

Moveu a cabeça de um lado a outro, deixando que seu comprido cabelo roçasse seus ombros e braços. Sua roupa era tão fina, que podia sentir cada cabelo nas costas e em seus cotovelos. Levantou a cabeça, deixando sua expressão depois do véu, e riu de seu mistério inesperado.

Trouxe algumas mechas para frente, de maneira que os extremos se ondularam sobre seus peitos, incitando sua pele sensível através da delicada trama. Um brilho repentino brilhou nela, que lhe chegou até o centro de seu ser e dali até suas pernas e dedos. Tremeu, e levou sua outra mão até seu monte.

Seus olhos brilharam peraltas. Se se excitava antes de juntar-se com o Rafael poderia fazer que se descontrolasse. Uma das poucas coisas conhecidas que o desconcentrava era o aroma de uma mulher excitada.

A mão de Grania rapidamente se meteu sob a saia e dentro da tanga. Sentiu chispadas sob seus dedos, que se transformaram em uma chama e esta em um calor úmido que cobriu a tanga. A sensação lhe esticou o ventre enquanto respirava e lhe enchiam seus peitos, erguendo seus mamilos. “Excelente”, suspirou. “Mas quero mais, acredito.”

Jogou com sua entreperna um pouco mais, cruzando a tanga pelos lábios até que gemeu, afundando seu dedo dentro de si. Adicionou um segundo dedo e roçou o clitóris levemente, satisfeita de como seus sucos fluíram por suas coxas. Fechou os olhos e empurrou os dedos com força, cada vez mais rapidamente, movendo-se para trás e para diante, enquanto esse prazer conhecido se fazia presente.

—Rafael, ai, sim - gemeu enquanto alcançava o clímax, um doce orgasmo que enviou impulsos de sucos para suas coxas. Apoiou a cabeça na parede até que recuperou seu autocontrole. Depois, enquanto sustentava cuidadosamente levantada sua saia, com um lenço de papel, com esmero, limpou o suco de suas coxas.

Rafael esta noite teria que falar com políticos no picnic de 4 de julho em São Leandro, mas ao menos ela teria algo de sua atenção.

Com a cabeça em alto, saiu da habitação pavoneando-se e se dirigiu a grande sala, onde Rafael falava tranqüila e intensamente com alguns de seus homens mais perigosos.

—Boa noite, cavalheiros - disse ela docemente.

— Preparado para ir, Rafael?

Sua recepção era tudo o que uma garota poderia ter querido. Rafael imediatamente se rendeu a seus pés, seus olhos escuros a absorveram como ao vinho. Os olhos mel do Ethan cintilaram com avidez antes que se contivera e logo revertera sua atitude ante a propriedade de um impassível cavalheiro.

Emilio olhou fixamente antes de sorrir e fazer uma marcada reverência em uma de suas imitações da Raposa. Outros olharam boquiabertos antes que o cotovelo do Ethan lhes recordasse as boas maneiras.

—Grania, coração, as estrelas vão estar ciúmas de mim esta noite. —Rafael lhe beijou a mão, aproximando-a para si.

Sua mão se apoiou na bochecha e as gemas de seus dedos passaram no cabelo.

— Te deixaste o cabelo solto...

—Para lhe provocar - lhe sussurrou.

—Mais que seu aroma? Impossível - lhe disse respirando em sua boca e beijando-a brandamente. Ela respondeu; suas línguas dançaram enquanto seus dedos se deslizavam pelas costas de Grania.

Sua enorme mão descendeu até suas nádegas e se deteve.

Grania esperou, de repente ficou nervosa ante sua reação. Ofenderia-se porque ela não levava calcinhas?

Seus dedos acariciaram, exploraram, encontraram o fio da tanga; paralisou-se. Ela pressionou contra ele procurando mais.

Ele afastou a cabeça da dela, com um apenas perceptível estremecimento.

—Ai, querida! —sussurrou.

— Vai voltar-me louco esta noite.

—Excelente - respondeu ela e acariciou sua bochecha, outra vez cheia de confiança.

São Leandro se fundou fazia mais de um século, justo depois de que os comanches partiram, e foi construído ao verdadeiro estilo do longínquo oeste junto ao rio São Leandro. A pequena cidade se levantava ao redor de uma praça central, onde um soldado da Segunda guerra mundial ainda ameaçava aos inimigos do alto de um pedestal de granito. Suas edificações de dois pisos estavam construídas com pedra calcária e granito, com passeios de soalhos bordeando a grama do palácio de justiça.

Esta noite bandeiras vermelhas, brancas e azuis penduravam sobre os passeios cercados, e bandeiras dos Estados Unidos e de Texas ondulavam orgulhosas em cada poste. Fotos de heróis nos cubriam, tão contemporâneos como históricos empapelavam cada janela. Luzes cintilantes decoravam o teto do palácio de justiça nesse momento, embora tivessem apagado durante a grande exibição de foguetes.

Normalmente sonolento com apenas os suficientes veículos para o único semáforo, agora São Leandro estava repleto de gente que caminhava entre barracas de comida e devorava as delícias que descobriam. Dado que este era um picnic familiar, tinha bebidas não alcoólicas disponíveis para todos. Somente se vendia cerveja em um caminhão no extremo da praça, situado convenientemente perto da prisão.

Como corresponde a um povo das imediações de Austin, o festival de música de São Leandro era mundialmente famoso. O primeiro sábado celebrava os músicos amateurs e

cada mês era um tipo de música diferente. Muitos músicos profissionais famosos se iniciaram no festival do primeiro sábado de São Leandro e ainda retornavam para participar da sessão de jazz. Para as datas de férias largas, especialmente durante o verão, o festival se estendia durante dois fins de semana, o que permitia tempo extra para que tocassem os profissionais.

Essa noite o ritmo da essência musical era música ao vivo e não música selecionada por um DJ de rádio. Os músicos do bluegrass mantinham a todos dando golpes com seus pés ao ritmo de banjos e violinos, enquanto as bandas texanas animavam o festejo no quiosque de música que dava ao parque.

Rafael e Grania passeavam tranquilos entre a gente, agarrados de mão. Ou, mais provavelmente, ele lhe rodeando a cintura com o braço e ela com a cabeça apoiada em seu ombro, muito consciente da nitidez com que seu torso seguia a forma da mandíbula apoiada. Ou do ligeiro contato das gemas dos dedos sobre os quadris dela através da magra seda de sua saia.

Seus guarda-costas tinham montado uma dupla defesa essa noite, nas ruas perto deles e nos telhados. Trocavam posições entre si e tratavam de não ser tão evidentes, especialmente antes que caísse a noite. O certo é que eles eram partes do cenário em torno de Rafael para ela.

Ela sorria e dizia as palavras precisas às pessoas que reconhecia. Rafael sempre sabia os nomes de todos os meninos.

Terminaram no parque, junto ao rio, justo quando a primeira banda texana começava a tocar. Gritos eufóricos e de felicidade se escutaram em qualquer parte, e os casais saíram da grama, jovens apaixonados e matrimônios com filhos. Grania sorriu ao ver o entusiasmo da gente, que coincidia tanto com o seu. Rafael a abraçou e ela se apoiou nele enquanto observava as danças. A maioria eram country-western, que incluíam algumas puramente texanas, como polca, Cotton Eyed Joe, Cobre Two-Step, cumbia e outras.

Rafael jogava com o cabelo de Grania e acariciava seu ombro.

—Parece que reconhece alguns dos bailes - disse ele.

—Fizemos muitos bailes de música folclórica no lar para órfãos - comentou Grania vagamente desejando estar na Compostela, onde poderia acariciá-lo sem ter que preocupar-se com o público,

— As monjas encontraram uma boa forma de queimar nossa excessiva energia quando tínhamos que ficar dentro.

A música trocou a um ritmo muito latino, contagioso e levemente irregular. Similar à polca, era obviamente a seção de ritmos para o próximo baile. O cantor principal da banda texana animou às pessoas a aproximar-se de dançar.

—Você gostaria de tentar dançar cumbia? Depois da cumbia vem outra polca, depois o concerto patriótico e os foguetes.

Dançar com o Rafael?

—É obvio que eu gostaria. Pode me guiar para dançar?

—Com todo gosto, querida.

Ele a levou a pista de baile e se situou atrás dela, a mão esquerda sustentava sua mão

esquerda, à direita, à direita, à altura do ombro. Seus largos dedos sujeitaram ligeiramente os dela, logo que deixaram notar seus ásperos calos.

Ela levantou a cabeça, endireitou os ombros enquanto seu corpo começava a estremecer-se. Seu aroma a envolveu, com seu calor e sua força, enquanto esperava que começasse o baile.

Então a música começou a soar, o ritmo transpassava sua pele e chegava até seus ossos. O cantor entoou as primeiras notas da melodia.

—Adiante. —Rafael deu um passo e suas coxas de cavaleiro musculoso roçaram a pele de Grania. Quanto tempo passaria até que pudesse ter suas pernas entre as suas sem a calça jeans por meio?

Grania instintivamente se moveu ao mesmo ritmo seguindo-o a ele.

—Gira. —A voz grave do Rafael ressonou em seu corpo e a fez tremer.

Fez-a girar em um círculo e lhe murmurou algo brandamente quando seu comprido cabelo o roçou. Mas ele se recuperou rapidamente e terminou com graça o movimento, deixando a Grania detrás dele, ainda arranca-rabo a suas mãos. Ela se viu tão tentadoramente perto de suas firmes costas sobre seus fortes e estreitos quadris. Se deixava suas mãos ir, poderia-o acariciar aí...

—Vêem a frente - lhe sussurrou, e as palavras alagaram seus ossos como um convite ao pecado.

Fez-a dar voltas e ficou diante dele, contra seus quadris como ao começo. Agora ela pôde sentir claramente a dura protuberância detrás da braguilha e sentiu uma aguda sensação lhe impregnar o corpo, que lhe afrouxou os joelhos.

Levantou o olhar para ver seus olhos escuros fixos nos seus. Ela quase podia saborear sua sensual boca quando finalmente cobrisse a sua. Tremeu ante essa imagem por mais calor que fizesse nessa noite texana.

—Gira.

Uma vez mais a fez girar, proclamando ao mundo seu atrativo. O corpo dela ardia sob seu olhar, mesmo que não podia segui-lo com seus olhos.

O cantor voltou a cantar, respirando a todos a dançar a cumbia.

Um fio de suor correu por entre os ávidos peitos de Grania quando roçou seu maciço peito. Sentiu cócegas na pele quando Rafael a olhou, enquanto girava e dançava com ela como se fosse à mulher mais formosa do mundo.

—Gira. Retrocede.

Seguiu um padrão de giros repetidos, primeiro em uma direção e depois em outra, sempre perto de seu coração. Deliberadamente ela moveu a cabeça para lhe roçar com seus cabelos, e seus olhos se fecharam, como ocultando sua paixão.

Com o desejo de sentir mais dele, percorreu seu ombro com os dedos enquanto se deslizava detrás dele, e deixou que sua força fluísse dentro dela. Apoiou-se um pouco nele deixando que o cabelo roçasse seu braço. Seus mamilos ficaram eretos contra suas costas, protegidos sozinhos pelo magro objeto.

Ele sentiu um comprido tremor percorrer seu corpo. Seus olhos se moveram rapidamente para encontrar os dela, cujo corpo se fundiu diante de sua avidez.

—Podemo-nos ir agora, por favor? —rogou-lhe ela brandamente, enquanto voltava a

girar ao redor dele para ficar na posição inicial e se escapulia o mais perto possível de sua entreperna. Cada botão da braguilha de seu jeans se esfregou nas nádegas de Grania.

—Ainda não, querida. —Sua voz soou muito rouca.

— Três circuitos mais na pista.

Ele deu um passo adiante, seu pênis tão quente e duro contra ela como se estivesse nua. Ela se moveu com ele obedientemente, suas coxas se roçavam entre si e ele respirava com dificuldade.

—E os foguetes.

—Que bem que é de noite e ninguém nos olhe - comentou Grania antes de deslizar-se detrás de suas costas. Não tinha nenhuma intenção de ser cautelosa esta noite, absolutamente.

Beau fechou os binoculos lentamente, desfrutando de cada sutil clique à medida que os elementos mecânicos e seus planos concebidos fazia muito encaixavam simultaneamente em seu lugar.

Rafael tinha sorrido à cadela ruiva ainda mais carinhosamente que a sua esposa. Tinha que destruí-la e ele finalmente se arrastaria.

—Yaa 'abi l'aziiz, seu sangue correrá como água para ti - sussurrou Beau.

Amaldiçoando as formigas de fogo que comiam cada centímetro de sua pele, começou a retornar arrastando-se à ravina aonde poderia trocar de forma e liberar-se de suas picadas. Se os mesnaderos itinerantes do Rafael não o tivessem obrigado a permanecer tão longe que teve que usar binoculos para ver algo, não tivesse tido que ser torturado por estes insetos.

Seria um prazer finalmente pôr em movimento a queda do Rafael.

CAPÍTULO 13

Um ruído quase imperceptível, apenas mais forte que o ruído que faz um camundongo limpando-os bigodes, mas incomum.

Rodrigo despertou imediatamente, agudizando seus ouvidos para escutar. Faltava menos de uma hora para o entardecer do dia de são Rafael Arcanjo, no ano do Senhor de 1487.

Graças à senhorita Sara estava completamente curado e podia voltar a brigar.

Aí está! Voltou a escutar o ruído como de um chiado justo fora da porta. Um homem sussurrou no mais puro castelhano:

—Tio Rodrigo?

Tio Rodrigo?

Seu coração saltou de alegria Vieram, vieram, mantiveram sua palavra depois de todos estes séculos!

Muito santo Virgem, começarei cada dia do resto de minha vida te agradecendo a ti e a seu Filho por responder a minhas preces.

—Aqui! —Rodrigo golpeou muito devagar na porta para responder.

—Hassan?

—Seu descendente, yaa 'ammo⁵², também chamado Hassan. Deixa que lute a fechadura para que possa ficar livre finalmente.

Querido tio. Rodrigo sorriu ao feito de que lhe tivessem dado um título afetuoso em árabe outra vez, depois de todos estes anos, e esperou observando pôr-do-sol pela janela. Se não matava ao Sírio antes do anoitecer quando esse demônio despertasse, tudo estaria perdido.

Hassan engordurou fechadura, passadores e dobradiças por completo antes de começar a trabalhar. O metal soou contra o metal delicadamente enquanto trabalhava, quase tão silenciosamente como quando chegou. De repente fez uma pausa, voltou a arranhar e a fechadura girou.

Um instante depois a porta se abriu sem emitir o mais leve ruído e Rodrigo contemplou o sorriso de um congênere.

—Tio Rodrigo. Bendito seja Alá porque ainda estas vivo.

Ele fez uma reverência e lhe tendeu a espada do Rodrigo em sua vagem e seu pacote de seda retirado. Detrás dele, outros dois homens que por seu aroma tinham um parentesco próximo, mantinham guarda no corredor.

—Sobrinho. —Rodrigo lhe abraçou com força sem sentir vergonha por suas lágrimas. Solto-o e começou a colocar a espada.

Os olhos do Hassan também brilharam.

—Meus irmãos, Achmed e Hamza.

Recebeu as breves saudações com a cabeça de ambos, seus olhos permaneceram no corredor e não no Rodrigo, com suas armas prontas para o combate.

—Por ser o mais rápido de nós para forçar fechaduras tenho a honra de ser o primeiro em avançar pelo corredor, embora seja o mais jovem. Viemos em 29 de setembro, o dia em que tia Branca sempre mantinha vigília por ti. Meu ancestral disse que seria o momento mais seguro.

Os dedos do Rodrigo se paralisaram por um segundo.

Blanche tinha mantido vigília por ele o dia de são Rafael Arcanjo, guardião dos viajantes e curador dos doentes? Refletiria sobre isso mais adiante.

—Ficou na cama durante o dia? —Desencapou sua espada e cortou o ar com ela, fazendo um sorriso zombador, como um idiota com o equilíbrio ainda perfeito.

O rosto do Hassan mostrava o mesmo prazer.

—Sim, tio Rodrigo. Há uma pequena cisterna meio destruída justo debaixo do aqueduto.

—Retorna ali que eu te encontrarei aí; levarei comigo a uma delicada senhorita, quem está perturbada mentalmente. Mas é possível que nos persigam. Se não estiver aí para a hora passado o entardecer ou se os guardas lhes encontrarem antes, então vos

⁵² Senhor - Uma expressão de respeito para um homem maior que não merece um título mais alto como professor, doutor, rei. (Árabe)

salve.

Hassan fez uma careta de guerreiro que prometia a morte a todos os inimigos.

—Deixa-os que venham. Temos mais homens que nos esperam abaixo e os senhores feudais turcos desejam que este demônio desapareça.

Rodrigo moveu negativamente a cabeça, bem consciente de que nem Hassan nem nenhum suserano turco tinham nenhuma possibilidade de destruir ao Sírío.

—Então vai e permanece em silêncio. Devem estar ocultos antes que escureça.

O castelo conservava sua habitual melancolia enquanto se arrastava para os quartéis do Sírío. Dado que seus amos viviam de noite, os serventes também tendiam a fazê-lo mesmo e, portanto ele sozinho teria que esquivar a uns poucos nos corredores. Mesmo assim, ficavam muito poucos minutos antes do entardecer quando chegou a essas grandes leva dupla.

Fez o sinal da cruz e disse uma oração, encomendando sua alma a Deus uma última vez. Calculou uma vez mais, como o tinha feito cada noite durante dois séculos, todas as mulheres às que não tinha podido salvar e em suas mães, que deviam ter chorado por suas filhas perdidas.

Seus dedos se flexionaram sobre o punho de sua espada. E agora foi à luta como o campeão de todos os pais e irmãos dessas meninas que não puderam destruir ao Sírío.

—Fearghus - sussurrou, recordando o seu amigo—, isto é para ti.

Levantou a grande folha brilhante e apoiou seus lábios sobre ela, selando assim sua dedicação à luta.

Depois pôs a palma da mão na porta e pressionou ligeiramente. Abriu-se silenciosamente e ele se deslizou dentro, fechando a porta detrás de si.

Toda a habitação estava disposta e decorada com reminiscências de uma loja árabe, com abajures pendurando e tapetes. Os tapetes tinham várias capas de grossura, condensadas de sangue e coisas piores. Ao final seriam jogadas fora e queimadas, mais que limpas, como também as que estavam na parede.

Os orifícios nasais do Rodrigo se contraíram e lhe revolveu o estômago. A habitação cheirava a sujeira, a sangue e morte e agonia além do imaginável. Cada aroma era desgarradoramente familiar para ele.

A característica mais proeminente da habitação era o balcão que dava ao jardim e ao céu do oeste. O sol vermelho sangue caía justo sobre o horizonte como o olho sinistro, projetando sua forte e intensa luz sobre a cama e seu ocupante, tal como estava na visão do Rodrigo dois séculos atrás. A visão que Rodrigo quase nunca se permitiu recordar, por medo de que O Sírío ou Diego a arrebatassem de sua mente e o matassem por isso.

Rodrigo deu um passo adiante, com sua espada em alto, a primeira que lhe tinha sido dada na catedral baixo sagrados juramentos.

De repente. O Sírío despertou e rodou para enfrentar-se ao Rodrigo. Seus olhos cintilaram de irritação.

—Yaa ibn sharmuut⁵³! —gritou—. Retorna a sua cela imediatamente! Diego se encarregará de ti amanhã.

Um brilho de fúria se acendeu muito dentro dele quando escutou que chamou puta a

⁵³ Filho da Puta. (Árabe)

sua mãe. Rodrigo se preparou para confrontar a arraigada necessidade de obedecer a seu criador e lutou para completar o golpe descendente de sua espada.

—Não o farei - disse.

Profiriendo insultos desumanos, O Sírio saltou da cama e desencapou seu sabre do expositor.

—Yaa Himaar⁵⁴, já não escutarei mais suas insolências, por muito que me tenha divertido com suas torturas.

A luz cintilou com o passar do fio da folha quando a levantou, e iluminou seus rasgos. O Sírio entrecerrou os olhos ante o brilho, que de repente se fez tão brilhante como a luz do dia, e provavelmente era algo que não tinha experiente em séculos. Rugindo, deu várias voltas ao sabre ao redor de sua cabeça e arremeteu.

Rodrigo se agachou instintivamente, seu cabelo se arrepiou quando o bordo afiado passou justo por cima de sua cabeça.

Arremeteu rigidamente, mas era o primeiro movimento que tinha feito alguma vez contra seu captor. Ele mostrou os dentes com determinação e deu um salto atrás, seus membros tinham recuperado a agilidade.

O Sírio o olhou fixamente, perplexo, e em seus lábios ficou pendendo uma maldição logo que emitida. Depois, agarrou seu sabre com ambas as mãos e foi detrás do Rodrigo; o vínculo de vampiro entre eles estava em silêncio.

—Assassinarei-te eu mesmo, yaa sharmuut, como o estúpido que é. Esmagar-te não é digno dos talentos de um vampiro.

Ele arremeteu duro, arrogantemente, e só um pouco muito lento comparado com alguém que se treinou lutando contra outro vampiro durante cinqüenta anos.

Rodrigo esquivou o golpe, sua espada soou como um sino quando as duas folhas se juntaram, mas o magnífico aço do Toledo resistiu. Ah, sim, finalmente estava lutando!

Separou-se e levantou sua espada para começar o verdadeiro duelo. O Sírio deu uma facada lateral e a batalha começou. Lutaram silenciosa e ferozmente pela habitação e retrocederam até o balcão. Rodrigo tinha a vantagem de ter energia e resistência porque se alimentou fazia pouco, mas O Sírio tinha maior velocidade.

Então O Sírio tropeçou com um pedaço de imundície de um tapete podre que ainda não tinha sido retirada. A ponta de sua espada se baixou levemente, lhe dando ao Rodrigo a oportunidade pela que tinha rezado.

Rodrigo viu esta brecha e tomou. Deu uma investida tal que arrebatou a cimitarra das mãos de seu captor e a enviou voando pela habitação.

O Sírio o olhou aos olhos um comprido momento, com os olhos alagados de fúria ante a realidade.

Então Rodrigo se equilibrou. Fatiou o pescoço do Sírio de um só golpe que enviou a cabeça rodando para o balcão.

Imediatamente, o semblante áspero com seu grosso cabelo se prendeu em chamas e se desvaneceu, transformando-se em uma baforada de cinzas. Um momento depois, o corpo do Sírio era sozinho um montão de pó sujo, apenas maior, que uma errante corrente de ar disperso.

⁵⁴ Burro! Diz a alguém ao que lhe falta perspicácia ou faculdades mentais. (Árabe)

Os foguetes explodiram sobre o rio e caíram transformados em baforadas de cinzas pelo céu. Os projéteis saíam lançados com frenesi para o céu, somente para estalar em flores de luzes brilhantes. Estrelas douradas e brancas escureceram a Via Láctea, seguidas rapidamente de nuvens vermelhas, brancas e azuis.

O helicóptero do Rafael aterrissou brandamente no heliporto do rancho da Compostela, enviando redemoinhos de pó para os jardins próximos. Grania retirou a vista do último dos foguetes de São Leandro e rapidamente subiu, enquanto suas mãos e braços ainda se estremeciam por como Rafael tinha jogado com eles durante todo o vôo. O homem poderia ter seduzido a uma monja na última fila de um cinema sem tocá-la mais acima do cotovelo.

Rodeou sua cintura com o braço, protegendo-a garbosamente, a ela e a seu cabelo, da pior esteira do rotor do helicóptero enquanto se afastavam. Minutos depois, detiveram-se para olhar uma das formosas fontes do jardim de rosas, aonde um só jorro de água se lançava ao ar para depois cair em uma pileta menor, de onde uns chorritos voltavam para água. O ar úmido estava densamente perfumado com rosas e ervas, enquanto o único som que se escutava era o suave som da água e do vento.

—Encantador, verdadeiramente encantado - suspirou Grania.

—É verdade - assentiu Rafael.

Apanhada pelo tom de voz lhe jogou uma olhada.

—Eu estava falando da beleza do jardim.

—Sorriso de meu coração - murmurou ele, com seus olhos escuros como veludo à luz da lua enquanto a acariciavam—, você brilha mais que os foguetes e muitíssimo mais que a lua.

Jogou-lhe brandamente o cabelo da frente para trás, e ficou um momento olhando-o.

—Adulador - lhe sussurrou com um nó na garganta.

—Querida, é a mais adorável de todas as mulheres, a luz de minha vida - lhe sussurrou. E ficou de joelhos, sobre uma só perna, junto a ela.

—Rafael - lhe disse Grania e se inclinou para agarrá-lo—.

—O que está fazendo?

—Oxala pudéssemos passar o resto de nossas vidas juntos, mas é muito perigoso para ti. —Uma lágrima brilhou em seus olhos escuros como a noite.

— Se compartilhasse o Abraço contigo, haveria muitas possibilidades de que enlouquecesse e morresse.

—Talvez, mas com segurança o tentaria endemoniadamente, somente para ter a oportunidade de estar contigo para sempre. —Ela acariciou sua cabeça—. Sim, sei, disse-me isso aquela primeira noite, quando me falou sobre a reprodução de um vampiro. Vêem, nos sentemos nesse banco, carinho, assim poderemos estar mais cômodos. E em privado.

Depois de sentar-se sob a aromática reclusão da ramagem, tomou as mãos.

—Se permanecer como prosaica, então somente temos cinqüenta anos, talvez setenta. Não muito mais conforme acredito.

Ela se estremeceu e moveu sua cabeça negativamente, incapaz de dizer nada.

—Existe outra forma, mas é difícil, especialmente para as mulheres. Poderia te converter em minha companheira.

Seus batimentos do coração saltaram ao saber que havia outra opção, e ela fez um esforço por tranquilizar-se. Se tinha uma alternativa, então com toda segurança queria saber mais.

—Não tinha mencionado isto antes. Diga-me do que se trata.

—Se uma prosaica beber o sangue de um vampiro regularmente, mas não muito de uma vez, obterá muito dos benefícios do elixir do vampiro. Isto implica mais anos de vida, mais sentidos poderosos e mais força. Poderia viver facilmente durante um século e possivelmente até dois séculos.

Dizia tudo isto muito cuidadosamente.

—E qual é o truque? —perguntou Grania sem rodeios.

Rafael a olhou aos olhos diretamente. —Uma companheira não pode ter filhos. Depois de um século, aproximadamente, ela de repente se desmoronará e morrerá geralmente em questão de dias, a menos que receba o Abraço. Para os homens converter-se em companheiro aparentemente lhes facilita receber o Abraço.

Sem filhos, mas com o Rafael muitos anos mais? Grania soltou um bufo silencioso ante a eleição óbvia.

—Prefiro te ter a ti em lugar de filhos. Podemos começar esta noite?

Um tímido sorriso começou a crescer em seu rosto.

—Está segura? Renunciar à possibilidade de dar a luz um filho?

—Completamente. Você é a única família que quero ou necessito.

—Minha alma! —Beijou-a apaixonadamente.

—Pode levar meses em converter-se em companheira - murmurou ele uns minutos depois.

—E o que? Enquanto começemos esta noite, o que importa?

—É obvio. —Ele roçou brandamente com os dentes o lóbulo de sua orelha, sem extrair sangue.

—Isto trocará minha capacidade de saber o que sente quando terminamos de fazer o amor? Ou quando está lutando?

—O que?! Quando estou lutando? —Ele se separou olhando-a fixamente.

—Por favor, te explique.

Estava pálido, até tendo em conta a luz da lua.

Grania tomou coragem. Dizer-lhe toda a verdade era a única forma de dirigir uma investigação científica levada a um tema mais amplo, especialmente quando não se formulou nenhuma teoria que cobrisse os fatos observados.

—A primeira vez que aconteceu foi à noite em que te mostrou como é no centro de aves de rapina. Quando mordeu meu pulso, justo depois de que alcançasse o orgasmo, soube quais eram seus pensamentos, e você soube os meus também.

Seu rosto estava tão rígido como uma pedra.

—Continua.

—Uma tarde, pude-te ver. Não, senti-te até a medula! Registrando um edifício,

levava um colete antibalas de alta tecnologia, e depois te vi lutando como lobo. —Ela levantou o queixo tenazmente—. Não sei como passou do colete antibalas a te converter em lobo, mas sei que aconteceu. Senti suas garras cortarem o focinho de um urso e seus dentes morder sua garganta.

—Que mais? —disse apertando os dentes.

Ela o observou com cautela. Tinha-lhe pedido que passasse séculos com ele, portanto ela sabia que ele a queria. Ela continuou.

—Em outra ocasião, depois de que fizéssemos o amor e você bebesse meu sangue, senti a energia de meu sangue fluindo através de seu corpo, enquanto suas contrações orgásmicas continuavam.

—Não pode ser certo - murmurou ele, era óbvio que seus pensamentos se amontoavam na cabeça—. Embora, Por Deus, queria que assim fora. Mas é impossível que haja um vínculo conjugal entre nós quando faz sozinho um mês que nos amamos.

Ele sabia como explicar isto?

—O que é um vínculo conjugal?

Ele voltou sua atenção a ela.

—É uma conexão muito profunda da alma, de completa confiança entre cônjuges, que somente pode dar-se e nunca pode forçar-se. Leva anos para que esse vínculo cresça entre duas pessoas, querida, não dias ou semanas, porque rege o instinto e os reflexos, como também o intelecto.

—Por que você gostaria de ter vínculo dito?

—Amo-te de verdade. Faria-me enormemente feliz compartilhar tal comunhão de coração e alma com minha amada.

Ela arqueou uma sobrancelha de modo inquisitivo.

—E?

Ele se encolheu de ombros.

—Estou lutando pela existência de minha esfera, coração. Não vou negar que recebesse com gosto qualquer arma que viesse a minhas mãos. Um duelista respaldado por um vínculo conjugal é virtualmente indestrutível.

—Seu cônjuge atua como seu segundo par de olhos e ouvidos de tal modo que não pode ser surpreendido em um duelo?

Rafael afirmou com a cabeça.

—O cônjuge também pode lhe proporcionar ao duelista estilos extras de luta ou formas nas que pode transformar-se.

Grania o estudou, via-se tão sério, até sentado ali à luz da lua rodeado de rosas.

—Um cônjuge poderia ser a reencarnação de alguém a quem amou profundamente - sugeriu, e escolheu suas palavras com muito cuidado.

— Isso explicaria por que a confiança se deu tão rapidamente.

Seus olhos cintilaram de esperança uns momentos, depois voltaram a ter a expressão fixa de seus olhos escuros e penetrantes.

—Só tive a minha esposa, mas ela está no céu, longe deste mundo de agonias. Não posso pedir que seu alegre espírito volte para esta terra, nem sequer posso pedir ter sua sabedoria em minha vida, ela, em quem confiava como nunca confiei em ninguém mais até

que te conheci. Seu amor é um presente do céu, e não necessita maior explicação.

Beijou fortemente cada uma de suas mãos e depois as sustentou entre suas grandes mãos marcadas com cicatrizes.

—Eu também senti muito do mesmo vínculo conjugal. Mas para que verdadeiramente sejamos cônjuges, deveriam fluir tuas mensagens para mim por meio do vínculo quando não estamos em contato físico. Seus escudos mentais são incrivelmente fortes, querida, e até agora somente diminuíram durante os momentos de paixão.

Ela quase amaldiçoou. O homem era teimoso sobremaneira, mas teriam tempo para falar disso mais adiante.

Ela sorriu, depois inclinou a cabeça e lhe beijou as mãos.

—Vou dedicar minha vida a te fazer feliz, Rafael.

—Adoro-te, Grania. —Atraiu-a para si e a beijou, sua língua se entrelaçou com a dela. Ela se deleitou com seu beijo e gemeu avidamente, lhe rodeando o pescoço com os braços e esfregando-se contra ele.

Ele roçou brandamente com o nariz seu cabelo, descendeu até sua têmpora lhe dando beijinhos, e desatou seu acréscimo com um uivo de prazer. Tremeu ao sentir sua carícia e seus braços se deslizaram ao redor dele, e pôde sentir que seu coração pulsava mais depressa debaixo de sua camisa branca. Seus lábios se deslizaram pelo nariz de Grania, e ela jogou sua cabeça para trás para acoplar-se. Suas bocas se encontraram e se uniram, a respiração de ambos se ia acendendo à medida que suas línguas dançavam e se entrelaçavam.

Ela suspirou, aproximando-se mais, e ele a atraiu para si, com seus fortes dedos lhe massageando o bumbum e ardendo através da magra saia até sua pele. Ela se estirou, uniu-se a seu corpo, abriu as pernas para que o vulto duro detrás de seus ásperos jeans ficasse exatamente onde ela o queria apoiado em seu monte. Ela sentiu uma sacudida ao contato da aspereza do jeans em sua pele. Sua tanga poderia não ter estado ali, tampouco, para o amparo que lhe oferecia.

Suas unhas se cravaram nos ombros do Rafael à medida que aumentava a paixão e seus quadris se esfregaram contra ele quando a atraiu para si. Sua roupa não implicava nenhuma barreira, não com o calor da noite e a paixão que crescia neles. Ela voltou a gemer e tratou de aproximar-se mais.

Ele a levantou em seus braços enquanto a beijava. Ela se adaptou imediatamente à nova posição, feliz de estar tocando-o. Mas se obrigou a recuperar a prudência quando ele a baixou cuidadosamente, pondo-a de pé e estabilizando-a.

—Grania, coração.

Ela tratou de levantar as pálpebras, que haviam se tornado pesados pela sensualidade, e de avaliar o lugar. Um quarto maior que todas as que tinham visto, por isso, definitivamente não era seu quarto. A luz da lua se escorria através de uma larga fileira de portas francesas que davam aos jardins, e exibia uma habitação iluminada com velas mais que eletricidade. Havia uma enorme cama esculpida com quatro colunas, orgulhosa do lugar. Junto com as mesas, cadeiras e cómodas fazendo jogo, a habitação parecia como a de um filme sobre Washington. E cada uma das superfícies que ali havia, estava coberta de pétalas de rosa branca.

Atraiu-a para ele.

—Umas pétalas para a dama que tem meu coração em suas mãos.

Ela deixou escapar uma risada ante sua idéia extravagante e enquanto o fazia, faíscas de felicidade percorreram seu corpo ante o olhar do Rafael.

—Meu amor.

Beijaram-se tão meigamente como se fosse seu primeiro beijo, como se acabassem de conhecer o sabor do outro. Suas mãos subiram e baixaram brandamente pelos braços de Grania, ante o suave tato pôde sentir espetadas de paixão enviados através das veias e dentro de seus peitos. Os peitos se endureceram e se ergueram apoiados nele. Ela gemeu, aproximou-se e esfregou a perna sobre sua pantorrilha.

—Mais, por favor, mais.

Ele sentiu um brilho subir até suas maçãs do rosto quando baixou o olhar para ela.
—Como ordena a dama de meu coração.

Tomou em seus braços e a colocou na cama, de tal modo que sua cabeça e seus ombros ficaram apoiados nos travesseiros, com seu cabelo esparramado sobre estas. As pétalas flutuaram em cima e depois descenderam sobre ela tão leves como plumas. Tirou-lhe devagar uma magra sandália. Depois tomou uma rosa da mesa e brandamente a passou por seu pé, percorreu o flanco, cada um dos dedos e depois debaixo da impigem.

Grania ofegou e o olhou fixamente.

—Rafael.

Ele repetiu a carícia muito, mas que muito delicadamente. Um tremor percorreu o corpo dela até seu centro. Gemeu involuntariamente, seus olhos se fecharam ante o inesperado prazer.

Logo ele fez o mesmo com o outro pé. Até sabendo um pouco o que esperar, não impediu que sua vagina se excitasse e emanasse sucos. Quando lhe passou a rosa pelas coxas sentiu convulsões de prazer que lhe percorriam os ossos, fazendo-a arquear enquanto sentia lanças de desejo golpeando suas costas.

—É tão formosa meu coração, quando te excita — murmurou ele—Sua pele é tão suave como a seda, com o calor correndo debaixo dela e o fogo escuro de seus cabelos. Um homem morreria desejoso por ter uma hora com um tesouro muito valioso como você.

Percorreu a outra coxa com outra rosa, incitando a pele com a mesma delicadeza. Ela ofegou intensamente e os dedos de seus pés se dobravam de prazer, quando a suave e aveludada flor a tocou. Jogou sua cabeça para trás gemendo; sua saia estava amontoada quase na cintura.

Abriu-lhe suas pernas um pouco mais e lhe baixou a tanga. Depois encontrou outra rosa e outra para lhe acariciar os lábios.

O desejo rasgou suas veias com cada suave carícia e seus sucos emanaram rapidamente para ele, incitados por sua adulação. Rogou-lhe para que ejaculasse, mas lhe falou no ouvido apaziguando-a, jurou-lhe que ela era incomparavelmente formosa. E ainda ela se retorceu e se arqueou sob as carícias das flores e de sua voz, cheia de desejo e desespero.

Sua boca a encontrou, abrindo-se passo para o clitóris ao tempo que seu dedo se deslizava dentro dela. Chupou-a com força, pressionando exatamente onde lhe gostava.

Ela alcançou o clímax, sentiu que se desabava do precipício com total satisfação, enquanto seu corpo palpitava em convulsões entre suas mãos peritas.

Começou a recuperar os sentidos, respirando com dificuldade, ainda incapaz de encontrar palavras.

Logo deslizou as mãos subindo por suas costas debaixo de sua blusa.

—Levanta os braços, querida.

Ela o fez rapidamente e ele beijou ávido, com força, primeiro um e depois o outro mamilo, vermelhos como o rubi. Ela atraiu para si a cabeça de cabelos escuros, afundando os dedos em seus cabelos de seda e gemendo ao sentir o percurso de sua língua que despertava mais sede de desejo. Sua roupa rapidamente se desprende de seu corpo sob as mãos e boca perversas e tentadoras do Rafael, em tanto que suas mãos também demandavam similar atenção dele.

Logo estavam tendidos juntos, beijando-se, Rafael acariciava o peito de Grania enquanto sua perna esfregava a dele em uma súplica silenciosa. Seus nervos eram um labirinto de apetite carnal, enquanto um calor líquido percorreu e se derramou sobre suas coxas cada vez que Rafael a tocava com suas mãos ou seus quadris.

—Por favor, Rafael - gemeu balançando os quadris contra seu pênis ardente, de onde sentia a preparação ao clímax deslizar-se através da pele, sentindo a avidez dele.

Ele gemeu, suas grossas pestanas piscavam mostrando em seu rosto que se estava deixando levar.

—Grania, quero que esteja muito segura.

—Tolo. —Lhe jogou um olhar completamente incrédulo e tratou uma vez mais de capturar seu pênis entre as pernas.

De repente, ele rodou até ficar de costas, sentou-a em cima dele, escarranchado em suas coxas. Ela o olhou.

—O que está fazendo?

—Me monte - lhe disse.

— Não é tão diferente que com os cavalos. Justo antes que alcance o clímax abrirei minha jugular e poderá beber de mim, se ainda quer fazê-lo.

Ela duvidou, brincando com o lábio entre os dentes.

—Sempre foste tão dominante. Por que me deixa estar em cima agora?

Ele percorreu sua boca com o olhar antes de voltar para seus olhos.

—Para que sempre saiba que isto é completamente tua decisão. Não haverá nenhum tipo de obrigação.

Ela se relaxou, aceitou sua lógica e se inclinou para frente.

—Honestamente acha que saberei como te tratar bem?

—Ela rodeou com seus dedos o pênis e admirou quão enorme era. Lentamente, percorreu-o com a mão até acima, deu um suave giro e repetiu o movimento com a outra mão.

—Deus, Grania! —Seus quadris deram uma forte sacudida, fazendo mover as pétalas de rosa.

—Estou fazendo algo mal? —Era maravilhoso como sua excitação repercutia em seu corpo. Ela moveu os dedos ligeiramente enquanto o masturbava.

—Não! —Em seu rosto tinha a paixão gravada, quase a ponto de romper-se.

Ela sorriu cheia de felicidade.

—Sempre terá meu coração, Rafael.

Ele descendeu com o olhar até seus seios, rosados e cheios, ávidos dele. Tomou com suas grandes mãos escuras, levantou-os e os excitou irresistivelmente.

Ela sacudiu a cabeça e seus cabelos se pulverizaram como formando uma cortina de luz vivente. Gemeu de prazer e avidez por seu homem, prazer que lhe apertava no ventre e se fazia cada vez mais forte. Ela tomou seu testículo entre as mãos com suavidade, lhe provocando prazer; sua mandíbula se crispou em uma careta.

Mas isso foi sozinho um desvio momentâneo antes de ir ao verdadeiro objetivo, seu formoso pênis encabritada como uma cimitarra apontando para seu coração. Sentou-se sobre ele e se esfregou nele, umedecendo-o com seus sucos. Ele sussurrou seu nome, seus olhos se fecharam quando seus quadris se balançaram debaixo dela exigindo a terminação.

Ela se ajoelhou sobre ele e o beijou na boca. Respondeu-lhe, suas línguas se entrelaçaram em uma silenciosa comunhão que confirmou tudo o que suas palavras haviam dito.

Depois, ela tomou seu pênis com ambas as mãos, e lenta, muito lentamente, enquanto observava a expressão em seu rosto, introduziu-o profundamente em seu interior. Entre gemidos e palpitações prosseguiu sua viagem, os músculos internos apertavam e soltavam seu pênis. Tremeu debaixo dela, com seus olhos cor chocolate olhando-a grosseiramente; suas mãos desfaziam a colcha e as pétalas de rosas por igual. Finalmente ela estava obstinada a ele por completo, suas pernas escarranchadas sobre ele como se fosse o mais fino dos garanhões. Estava tão, mas tão cheia dele que era difícil pensar no clamor de seu corpo por terminar.

Mas conseguiu olhá-lo fixamente aos olhos e falar com lógica.

—Agora me crê que te escolhi?

—Sim, Grania, acredito-te - lhe disse e agarrou seus quadris com as mãos finalmente.

—Agora terminará isto antes que os dois nos voltemos loucos?

—É obvio que sim. —Ela subia e baixava com força livremente, desfrutando-o. Apoiou-se no peito do Rafael, afundando seus dedos nele. Mas não estava bastante bem para o que ela queria. Moveu-se e as fortes mãos do Rafael a ajudaram.

Depois de dois impulsos mais, ela encontrou o ponto perfeito de prazer com cada ascensão e baixada, enquanto os choques úmidos de seus corpos eram um forte contraponto à música das fontes de água. Sua pele estava ruborizada, tensa e ávida, como se fosse explodir a menos que os batimentos do coração palpitantes em seu sangue e em seus ossos ficassem saciados. Tudo o que havia no mundo se reduzia ao homem que estava debaixo dela, unido a ela através de seus enormes olhos escuros, suas mãos de aço e seu ardente pênis.

Os batimentos do coração se fizeram mais e mais fortes em seus ossos até que se deixou cair no clímax. Suas unhas extraíram sangue do peito do Rafael, o qual fez arquear sua cabeça para trás de prazer. Com a velocidade de um raio, ele se abriu a veia grande em sua garganta e atraiu a Grania para a garganta.

Seu sangue lhe encheu a boca justo quando o primeiro impulso orgásmico sacudiu

seu corpo. O rico sabor a ferro era embriagador, incrementou seu orgasmo até que seus sentidos explodiram. Sentiu impulsos de sensações percorrendo seu corpo até a medula, enquanto via estrelas diante de seus olhos e o orgasmo dele a encheu. Não escutou nada, exceto o som do batimento do coração do Rafael alagando o batimento de seu coração. Sentiu-se rasgada pelo êxtase quando se desvaneceu na segurança dos braços do Rafael.

CAPÍTULO 14

Isto levará sozinho um minuto, Emilio. —Grania entrou em seu pequeno bangaló, passou o guarda-costas sempre alerta que o tinha declarado seguro.

— Tenho que agarrar uns quantos livros antes de partir para o centro de aves de rapina.

—Sim, senhorita. Mas desejaria ter mais tempo para me preparar que o que tivemos. Grania suspirou.

—Sim, a chamada do Bob adiantando a hora realmente afetou tudo. Em cima, Houston é um animal noturno, estará particularmente aborrecido por ter sido despertado tão cedo.

—Poderia ser pior. Ao menos podemos imaginar que uma reunião neste mesmo lugar vai espantar aos bons também. —Varreu a habitação com outro de seus olhares, desses que abrangem tudo, dessas que avaliam qualquer lugar possível de ser esconderijo de inimigos.

—Ambos estaremos um pouco assustadiços, especialmente com dom Rafael no rancho. —Grania esteve de acordo com uma careta de arrependimento. Ele teria necessitado chamar o Jean Marie, agora em Nova Orleães, para falar de algo que Rafael, esse machista sobre protetor, não lhe diria. Agora, somente havia companheiros a seu redor para protegê-la, não havia vampiros.

Olhou para a biblioteca e seus olhos se toparam com os do Tom McLean, em sua fotografia como oficial. Os olhos do Tom mantiveram seu olhar, fazendo-o parecer vivo.

Uma corrente de ar fresco passou por sua bochecha, como se ele estivesse lhe falando. Ela tremeu e abria e fechava as mãos.

—O que acontece se Beau decide fazer algo fora do comum e faz algo enquanto o sol ainda está brilhando...?

—Poderia ter sérios problemas, senhorita, - disse Emilio, olhando-a com interesse.

—Sim, pode ser, mas lutaria tão ferozmente como pudesse, para agüentar até que Rafael pudesse vir. —Ela suspirou.

— Desejaria poder ficar dentro hoje. Não é possível, mas pelo menos me posso armar com algo.

Para o momento em que o grande Mercedes dobrou pela rua para o centro de aves de rapina, Grania estava quase desejando não haver-se vestido para uma viagem de caça com o Tom. Uma camisa de vaqueiro, calças jeans, e botas altas estavam bem; era o que usualmente vestia para uma jaula de vôo, dado o barro freqüente. Sua jaqueta de sarja

pesada também era bastante típica nela já que a provia de excelente amparo em caso de encontrar-se com aves de rapina furiosas.

Ajustou-se os punhos de sua jaqueta novamente. Adoraria ter sua escopeta recortada ou seu Colt grande calibre 45, mas sua jaqueta não era o suficientemente larga para esconder os de Houston.

—Gostaria de tirar a jaqueta doutora Ou'Malley? —ofereceu Emilio—. Diz dom Rafael...

Ela levantou uma sobrancelha, como se ele fora um estudante de veterinária de primeiro ano.

—Que nossos inimigos alguma vez saem de dia?

—Inclusive se o ferissem, temos um contingente completo aqui. Deveria estar segura. —Ao menos ele estava sendo direto com ela agora, em vez de formalmente amável e indiferente como sempre tinha sido antes.

Grania se encolheu de ombros, sorrindo.

—Trabalhei na faculdade observando e anotando o comportamento de corujas em ecossistemas onde não se encontraram antes. Muitos desses lugares não são absolutamente cômodos, já seja pelas condições climáticas ou pelos residentes de duas pernas. Levei uma faca em minha manga antes. A jaqueta também é prática, embora calorosa como o inferno, porque me protege das garras dos corujas.

Emilio franziu o senho.

—Como são de grandes?

—Uma coruja cornudo grande tem as garras maiores que qualquer animal na América do Norte, exceto as águias. —Respondeu secamente.

Ele se sobressaltou, claramente avaliando sua jaqueta de um diferente ponto de vista.

—São tão agressivos também, de apelido tigres com asas. Como diz meu chefe, a gente pode dizer como se sente uma coruja cornudo grande pelo entusiasmo com o que trata de te matar.

Ele riu da velha brincadeira da veterinária.

—Se eles forem tão perigosos, então eu deveria estar na jaula de vôo contigo.

Ela soprou.

—E enfurecer mais a Houston? Dificilmente. Você pode ficar fora e vigiar dali. Há somente uma porta; estarei bem.

Estiveram em silêncio um momento, enquanto os carros entravam no caminho para o centro de aves de rapina. Uma pick-up vinha para eles, movendo-se a velocidade de rotas interestaduais no caminho secundário enquanto se enfrentava a uma tormenta que vinha do oeste.

Tirou sua cabeça quando viu o chofer do caminhão.

—Ryan ? Que caralho...?

O Velho Ford passou sem diminuir a marcha. Deu-se a volta para vê-lo e se acomodou em seu assento novamente.

—Merda. Com sorte, meu técnico veterinário partiu do centro de aves de rapina por uma boa razão. Não porque os maus o assustassem.

O velho Suburban do Bob estava estacionado frente ao centro, como uma amostra de

normalidade. Exceto por isso, o centro estava vazio, como ela tinha esperado que ocorresse no domingo posterior aos 4 de julho.

Mas o alarme estava desconectado e o edifício principal não mostrava sinais dele. Procuraram em todos os lados: os escritórios, o salão de conferências, e o laboratório. Inclusive a câmara barométrica de paredes de vidro que se duplicava como habitação de operações.

Ou mas bem, Emilio e seus homens o faziam, enquanto Grania esperava custodiada por outro par de homens.

Todos, exceto ela, tinham as armas desencapadas sem os seguros.

Ao menos não havia nenhum convalescente na UVI, assim não teve que treiná-los em como evitar incomodar aos pássaros.

De qualquer maneira, ela fechou eletronicamente a UVI, o melhor esconderijo ao redor. Seria uma maldição se os maus se houvessem coberto em seu hospital.

A última habitação era a cozinha de preparados, com sua vista das jaulas que cobriam aos pássaros convalescentes e residentes. As jaulas menores estavam sobre patas para evitar as serpentes, enquanto que as maiores eram de até quinze metros de largura. Estavam tão espaçadas que um homem se podia esconder entre elas.

Além dos currais, jazia o prolixo atalho que subia a colina passando pelas justas e largas jaulas de vôo. A mais afastada era também a maior, onde ela tinha planejado alardear com Houston ante o Bob. A área completa estava rodeada de bosques, para prover sombra aos pássaros. É obvio, as mesmas árvores podiam prover um esconderijo aos assaltantes.

—Deveria haver alguém mais além de você e o Dr. Bob? —Perguntou Emilio.

—Não. Todos os pássaros foram alimentados e têm feito exercício já; esses voluntários e técnicos se foram. Somente Bob e Ryan deveriam estar aqui, além de mim.

—Mas Ryan se foi.

—Sim. —Ela somou as aves residentes uma vez mais. Cada uma delas estava ali; e era um fim de semana que incluía um festivo, não estavam viajando para lhe ensinar às pessoas os importantes e maravilhosas que eram as aves de rapina. Como as dos pássaros convalescentes, suas jaulas estavam feitas principalmente de madeira, o que as fazia vulneráveis a um disparo ou a um vampiro furioso.

—Recolherei as luvas, a rede e a gaveta. Logo podemos procurar Houston e ir à jaula de vôo. Deveríamos ver o Bob no caminho, - disse com mais otimismo que o que sentia. Um Bob que falava e caminhava, é obvio.

Uma vez fora, notou-se a intranquilidade dos pássaros; o vento que se levantava lhes voava as plumas enquanto eles se moviam de lado a lado ou saltavam nas redes da jaula.

Uma águia dourada residente bicava a parede de sua jaula e um par de autillos californianos ululava ferozmente. Mas felizmente, não havia maiores transtornos tais como pássaros jogando-se contra as paredes de maneira frenética.

A jaula mais longínqua e grande para convalescentes albergava a Houston. Grania provou os botões de sua jaqueta, assegurando-se de que suas garras não alcançassem sua pele, logo colocou as luvas de couro e óculos de segurança.

—Apanharei a Houston, Emilio. Logo você entra com a gaveta e o mantém aberto

para que eu o ponha dentro.

Houve uma pausa antes de responder.

—Sim, senhorita. —Ela o olhou. —Ambos estaremos bem. Fiz isto centenas de vezes.

—Seguro, espero que esteja bem. Eu não gostaria de ter que me enfrentar a dom Rafael se algo sair mal.

Grania sorriu assentindo.

Ela entrou no lugar, enquanto Emilio e os outros guarda-costas vigiavam tão alerta como coiotes na noite. No alto, o helicóptero do Rafael fazia círculos pacientes, tão alto que seu ruído usual ficava reduzido a um murmúrio.

Houston despertou de um salto e a olhou aborrecidamente do gancho superior, inclinando-se para diante e desdobrando suas asas.

Grania levantou uma sobrancelha para ele.

Houston ululou, deixando em claro seu descontente com a situação, enquanto o grito profundo e comprido ecoaria nas colinas. Inclusive para um grande cornudo, ele era uma grande coruja, com uma abertura de asas de mais de um metro e um peso de dois quilogramas e meio. Seus grandes olhos amarelos a olharam por cima de seu bico enorme.

Depois, lançou-se através da jaula para atacá-la.

—Cuidado Dra. Ou'Malley! —gritou Emilio.

Grania olhou a Houston calculando seus movimentos com precisão. No momento exato, ela levantou a grande rede para pássaros e o apanhou, logo o atirou ao chão.

Ele deu um alarido furioso, sem dúvida nenhuma que se referia aos ancestrais dela em termos pouco elegantes. Movia-se para diante e para trás debaixo da rede. Finalmente, as arrumou para apoiar-se em suas costas e pôr seus esporões letais para onde pudessem atacá-la assim que ela queria aproximar-se. Eram negros e quase tão grandes como suas mãos, afiados e o suficientemente fortes para matar qualquer presa com um só golpe.

Ela se agachou e esperou sua oportunidade. Quando chegou, tomou a pata com a mão enluvada, controlando os esporões - o que fez que ele desse um grito aterrorizado de sangue.

Havendo, dessa maneira, controlado sua arma mais perigosa, as arrumou para colocar sua outra mão e lhe cravar a cabeça para, assim, controlar seu bico.

—Emilio? Pode entrar agora.

Uma pausa. Olhou a porta. Emilio guardava sua arma.

O outrora Navy SEAL de postura robusta destravou a porta lentamente, com um pouco de vergonha.

—Se tivesse visto o olhar de seus olhos quando se equilibrou sobre você, senhorita, com essas garras afiadas apontando para seu rosto...

Ele entrou, olhando a Houston como se fosse uma bomba relógio.

Grania escondeu um sorriso.

—Está bem Emilio. Em realidade, terá que saber como comportar-se em presença deles. Estará bem.

Uns minutos depois, com Houston apressado dentro do veículo, Grania se relaxou. A experiência lhe tinha ensinado que capturar a Houston facilmente não era, de maneira

nenhuma, um indicador de que se comportaria bem depois.

A jaula de vôo maior, de vários metros de comprimento, apostada debaixo do topo da colina e o suficientemente longe de maneira que os disparos realizados ali não impactassem em qualquer outra jaula. Era alta e de construção liviana, assim a brisa podia entrar facilmente. Riparam-se tabuletas nos lados e um teto ligeiro acima, para proteger aos pássaros de distrações. Uma porta se abria do centro para reduzir as oportunidades das aves de escapar.

Um trovão soou ao longe. Ela olhou ao resto dos guarda-costas que se moviam entre as jaulas e as árvores no baixo e tomavam seus postos.

—Bob! Está ali? Bob!

Não houve resposta. Nenhum som, exceto o vento nas árvores e os pássaros intranquilos.

Os olhos de Grania se toparam com os do Emilio. Ele levantou a mão indicando paciência, enquanto os guarda-costas restantes se moviam dentro da jaula de vôo.

—Nada. Nada. Nada.

Demônios, ela desejava que Rafael estivesse aqui. A lógica lhe dizia que os guarda-costas estavam no correto. Mas ela se haveria sentido melhor se ele estivesse ali para confirmá-lo.

Emilio abriu a porta para ela.

—Irei contigo.

—Não seja louco. Houston te abriria a cabeça e seria uma perda.

Ele duvidou.

—Não posso deixar que saia de minha vista.

—Pode-me ver pelas tabuletas e escutar tudo o que está acontecendo - disse ela—. Além disso, Bob estará aqui em um ou dois minutos.

—Espero.

Houston escolheu esse momento para atacar o contêiner, golpeando os barrotes com seu bico. Emilio olhou ao pássaro minuciosamente.

—Fica pior ainda?

Ela assentiu.

—Pode-te despedaçar o rosto sem querer. Honestamente, somente temo se você entrar.

Emilio moveu a cabeça e deteve a porta para que ela passasse.

—OK, faremo-lo a sua maneira. Trate de estar dentro do campo de visão da porta, onde possa vê-la.

Grania o saudou e desejou novamente ter mais que uma faca. Tentou rir dela por essas ocorrências. Por que necessitaria ela as armas do Tom, de noventa anos de idade, se tinha todas estas de última geração a seu alcance?

Entrou na jaula, carregando cuidadosamente a Houston em sua gaveta. Mordeu-se o lábio tão forte que lhe saiu sangue quando olhou e não viu o Bob. Talvez ele estivesse vigiando de acima; havia um espaço plano ali, quase tão grande como para um helicóptero.

Tirou Houston da gaveta, esperançada em que seu chefe aparecesse logo. Depois de

tudo, ele era infelizmente famoso porque nunca chegava tarde. A coruja enorme ululou e sacudiu o bico furiosamente, logo voou à rede mais longínqua em relação à porta. De fato, para um pássaro noturno, tinha elegido o lugar mais ensolarado na jaula de vôo.

Ela franziu o cenho, acariciando suas luvas.

A porta se abriu.

—Grania?

Ela olhou por sobre seu ombro.

—Bob?

Seu chefe lhe sorriu amplamente, o que era uma expressão incomum nele. Que demônios estava fazendo com todas essas mezquites e folhas secas de álamo sobre ele? Tinha estado arrastando-se na colina detrás da jaula de vôo?

Sua pele se arrepiou e deteve seu movimento para ele.

—O que te ocorreu Bob? Não lhe vimos nos escritórios.

Estranho; ele não levava seus óculos de segurança, que sempre levava em uma jaula de vôo. Atacou-a uma tremenda dor de cabeça, igual ao que lhe tinha enviado Rafael naquele parque quando ela o tinha espiado, quando estava com a Brynda.

Bob sorriu ainda mais.

—Decidi me encontrar aqui contigo.

Ela retrocedeu um passo, mais perto de Houston e tentou decidir o que fazer agora. Bob parecia ele mesmo, mas realmente não se estava comportando como ele mesmo.

Logo, Emilio entrou torpemente na jaula de vôo como um soldado de chumbo. Fechou, mas não travou a porta. Seus olhos estavam furiosos e sua boca tensa.

Grania abriu a boca para gritar.

Um instante depois, ela estava estirada de costas sobre as folhas; Bob atirado diagonalmente sobre ela e sua mão lhe apertava a garganta.

Cuspiu-lhe e lutou para tirar-lhe de cima. Mas ele era mais forte do que tinha sido. De fato, forte como um vampiro.

Finalmente, ela ficou rendida e ficou quieta debaixo dele, olhando-o com ódio. Emilio estava ainda de uma peça; seus olhos vivos de ira.

Bob brilhou opacamente e se converteu em um homem jovem de aparência agradável, de olhos azuis e cabelo loiro. Era tão belo e arrogante como devia ter sido Lúcifer. Seu estômago se derrubou a suas botas.

—Não se incomode em chamar a seus homens, Dra. Ou'Malley. Estão morrendo, exceto este.

—Maldito!

Ela lutou novamente. Sua mão se afrouxou levemente, o suficiente para deixá-la murmurar.

—Boa tarde, Beau. Ou deveria dizer Diego?

—Assim que o estúpido te contou tudo? Excelente, isso me economizará tempo.

Economizar-lhe tempo? A graça benfeitora da ira correu por dentro de Grania. Ela ficou naturalmente calma, como quando operava em sua sala de cirurgia, tratando de salvar uma coruja ferida. Agora, somente seus nervos e experiência podiam impedir o

machuco as pobres vítimas que estavam a seu redor, como Emilio e seus homens, ou as aves.

—E você também é o homem da livraria, que me ajudou a encontrar os livros sobre vampiros - disse ela, tratando de ganhar tempo. Certamente os guarda-costas notariam algo logo.

Se Rafael estivesse aqui...

A vinte e cinco quilômetros, em seu escritório bem protegido, Rafael estava falando com o Jean Marie por uma linha codificada. Repentinamente, lhe formou gelo nas veias; seus dedos se dobraram para deslizar uma faca de debaixo de sua manga.

Grania estava sujeita com tiras de couro ao piso em uma jaula. Uma rocha estava afundada em sua omoplata, exatamente como estava ela.

Ativou-se um laço entre eles, levando suas sensações tão claramente como se tivesse estado em seus braços.

O tempo se deteve, enquanto seus pensamentos se derrubavam em novas estruturas.

Mãe de Deus, ela estava no centro de aves de rapina, a quilômetros dali.

Esta vez, ele não podia dizer que sentia essa rocha, a aspereza de seus jeans, o duro amparo de suas botas, já que sua telepatia abria um canal para que seus sentimentos entrassem nos dele. Não havia telepatia vampiro que funcionasse a tal distância; somente o laço conjugal podia fazê-lo, como o tinham demonstrado Gray Wolf e Caleb uma e outra vez.

Mas era tão cedo! Chiou seu cérebro. Ele só a tinha tratado adorável como ela era um mês. Sim, ele se tinha comprometido com ela como sua companheira. Sim, ele desejava que ela pudesse viver mais que um século ou dois, mas não a gastos de sua saúde. Um mês era muito cedo para a confiança da alma e a compreensão que se necessitava para voltarem-se cônjuges.

Inclusive os cinco anos que ele tinha desfrutado com Blanche teriam sido apenas suficientes para converter-se em cônjuges. E ainda...

Blanche e ele tinham compartilhado um laço forte. Ela sabia quando ele estava ferido, embora não lhe falava disso. Ele sabia quando ela estava mau, como quando nasceram os gêmeos. Tinha estado na Cidade Real, a uma grande distancia do Toledo, quando as primeiras pontadas o sobressaltaram, uma agonia como a que não havia sentido jamais. Ele tinha pedido permissão à infante dom Ferdinand para voltar para a corte e tinha chegado sobre a hora para o nascimento de seu filho.

Blanche se tinha mantido leal a ele depois de Écija, tinha construído a capela e rezado constantemente, tinha estabelecido sua lenda e tinha sido enterrado ali, tão perto de seu coração como era possível na Galicia. Uma vida de dedicação a ele; já que ele tinha rezado por ela constantemente, até que a espada de fio gelado o tinha atravessado, lhe falando de sua morte.

Esta história tinha podido formar um laço conjugal entre eles?

Se Grania era a reencarnação da Blanche, então seu coração e sua mente a deviam ter conhecido imediatamente, sem nenhum tipo de necessidade de uma realidade gelada e raciocinada. Que insensibilidade que lhe tivesse feito provar que era ela quando devia ter sabido que era ela imediatamente, no momento em que seus corações se tocaram no hall

do centro.

Grania devia saber isto, já que ela tinha mencionado a reencarnação a noite anterior. Ela devia ter ao menos algumas das lembranças da Blanche - as veias lhe encheram de alegria por um instante ante essa possibilidade— ou sua doutora não estaria tão segura. Mas Grania era diferente da Blanche em alguns aspectos, como sua inacabável curiosidade.

Se o laço conjugal tinha ocorrido sozinho porque Grania era uma doçura e não porque fora a reencarnação da Blanche, ele estaria muito feliz. Mas se Deus o tinha bento e Grania era Blanche reencarnada, então os gozos da vida se apresentavam em uma taça completamente cheia.

“Rafael”, sussurrou seu cônjuge, “Beau está aqui”.

E logo, o terrível: escutou a voz de seu inimigo, claramente viu o homem amarrá-la ao piso para torturá-la.

Grania a mercê desse demônio, desse aniquilador de inocência e virtudes?

Ele saltou e ficou de pé; um grito gutural de negação surgiu das profundidades de sua alma.

Beau assentiu com uma careta.

—Realmente. Estou feliz de te haver deixado viva, em vez de te haver jantado naquele momento. Será tão mais prazenteiro destruir a puta do Rafael.

—Por que trouxe o Emilio aqui? —exigiu Grania.

—Deixa-o ir; isto é entre você e eu.

—Não seja tola sharmuuta⁵⁵. Ele é a testemunha fedidiguina, que dirá ao Rafael exatamente o que ocorreu. —Olhou por cima de seu ombro.

— Vê, sente-se. Não falará nem te moverá até que chegue Rafael, ao menos que eu o diga. Entende?

—Sim. —Emilio arrastou seus pés até o bordo da jaula de vôo, com o olhar furioso no Beau todo o tempo, e se sentou diretamente debaixo de Houston.

A coruja cornudo moveu suas plumas e gritou seu descontento antes de voar a outra rede.

Beau alvoroçou sua língua.

—Realmente, pensaria que os texanos têm melhores maneiras, pela forma em que Rafael os adora.

A brisa se fez mais forte, fazendo redemoinhos com as folhas dentro da jaula. Reuniram-se nuvens sobre o sol, obscurecendo a jaula de vôo até que Houston desapareceu nas sombras.

Beau lhe sorriu novamente, mostrando suas largas presas amarelas, muito diferentes aos brancos e limpos dentes do Rafael.

As arrumou para não ter arcadas.

A porta se golpeou contra o marco e rangeu no vento. Entreabriu-se lentamente.

“Espera Grania, espera!” Era a voz amada do Rafael, através de seu laço conjugal. Não posso alcançar aos guarda-costas, mas vamos aos helicópteros. Recorda Beau não pode ler seus pensamentos.

⁵⁵ Puta

—Você te converterá em minha primeira filha, depois do qual te deixarei para que Rafael te encontre e te chore. O idiota poderá ver morrer à mulher que ama quando despertar à Luxúria. Ou ele pode ver te correr para mim, seu criador, quando eu te chame depois de que ele se torturou te cuidando. Uma maneira perfeita de destruí-lo, não cre?

Ela o olhou com assombro. As objeções do Rafael aos vampiros eram muito profundas para ser negadas pelo sentimento. De outra maneira, lhe terá pedido que fora sua filha em vez de sua companheira.

—Não funcionará. Rafael é muito forte para cair presa de truques emotivos como esse.

—Você nunca o viu com sua esposa e filhos. Perder-te ante seu pior inimigo de séculos, destruirá-o. Logo o matarei a ele, lentamente, é obvio.

—Se o tocar, destruirei-te eu mesma, não importa quanto tempo me leve - lhe disse fríamente Grania. Não lhe importava se isso levava dez mil anos. Se Beau tocava um cabelo da cabeça do Rafael, ela o arruinaria. Completamente.

Beau atirou a cabeça para trás e gorjeou triunfal.

—Perfeito! Você também o ama! Ele ficará angustiado se te perde.

Ela se voltou a arquear furiosamente, mas em vão. Um instante depois, ele tinha arrancado o pescoço da jaqueta de Grania e tinha os dentes em seu jugular.

Um fogo correu por seu corpo quando lhe abriu a veia e começou a chupar. Cada gole era um vórtice que a arrastava longe da prudência e da saúde.

“Grania, por favor, te centre em lutar contra ele”, gritava-lhe Rafael. “Voltará-te louca se permitir que ele controle suas emoções”.

Ela se retorceu amaldiçoando ao Beau. Nublaram-lhe os olhos enquanto suas resistências se foram debilitando.

Ele lhe pôs seu pulso na boca, vertendo seu sangue poluído na garganta de Grania. Ela se afogou e tratou de girar a cara. Sem piedade, tomou sua mandíbula e a forçou a beber. Ela tinha as mãos e os braços livres dado que lhe sujeitava o rosto. Mas os sentia pesados, como se lentamente se convertessem em pedra.

Ela se sentiu enjoada e sentiu câibras no estômago. Começou a alucinar, via passar rapidamente imagens do Beau com chifres e saltando triunfante enquanto Rafael caía em pedaços. O veneno do Beau seguiu vertendo-se em sua boca e ele riu triunfalmente.

Ela lutou fracamente contra ele uma vez mais, e sua faca se deslizou na mão. Instintivamente ela o abriu e o cravou na coxa, a parte que mais perto tinha. Torceu-o, como Tom lhe tinha ensinado antes de seu primeiro encontro, para causar a máxima dor.

Beau gritou e começou a retroceder, lhe agarrando o pulso e a faca.

De repente, alguém ululou à distância. A cabeça e ombros do Beau caíram para trás a centímetros do rosto de Grania. O sangue emãnou a fervuras sobre ela. Ele gritou, soltou-a e se afastou de um salto.

Ela se afogou e desesperadamente cuspiu o sangue imundo do Beau.

Sua cabeleira pendurava na metade de seu rosto o qual lhe tampava sua visão. Compridos, profundas e sangrentas brechas marcavam o lugar onde as garras da grande coruja cornudo lhe tinham aberto a cabeça.

Houston se voltou a lançar enquanto observava ao que tinha irrompido em seu

território. O tigre de asas se equilibrou uma vez mais e derrubou ao Beau, fazendo-o cair de joelhos e lhe abriu a cabeça como com uma faca de barbear. Depois escapou para a liberdade pela porta aberta.

Detrás dele, o vento enviou folhas que formaram redemoinhos pela jaula de vôo.

O sangue emanava sobre a cabeça do vampiro, o qual obstruiu suas capacidades quase por completo, e agitou seus braços grosseiramente.

—Yixrib beetak⁵⁶! —amaldiçoou tratando em vão de voltar a pôr o couro cabeludo em seu lugar.

Grania pressionou sua jugular com os dedos para diminuir perda de sangue. Como doutora, sabia perfeitamente bem que era uma ferida mortal para os padrões normais e era surpreendente que ainda estivesse consciente. Talvez ter bebido o sangue do Rafael a noite anterior a tinha ajudado.

“Rafael”, sussurrou.

“Só uns minutos mais, minha alma”, prometeu-lhe ele.

Os olhos do Emilio estavam angustiados; seus movimentos eram torpes e ineficazes enquanto tratava de ficar de pé. Qualquer recurso dependeria dela, mas como? Ela tratou de levantar-se, mas caiu.

—Me dê sua roupa, sharmuut⁵⁷ - ordenou Beau ao Emilio furiosamente.

Emilio se levantou torpemente e se dirigiu cambaleando-se diretamente para Grania, tirando as armas. Ela voltou a olhar ao Beau, mas ele estava tratando de limpar o sangue dos olhos.

O controle mental era extremamente literal, como o jogo do Simón diz? Talvez Emilio pudesse caminhar em direção a ela porque Beau não o tinha proibido explicitamente.

—Não me importa o que faça com o resto de suas coisas. Somente me traga a roupa rápido! —Gritou Beau com frustração.

Emilio rapidamente arrojou sua escopeta recortada e sua pistola com as balas detrás de Grania. Seus olhos se encontraram um momento, os dele angustiados. Ela assentiu com a cabeça compreensivamente. Depois ele tropeçou dirigindo-se para o Beau, enquanto se desabotoava a camisa.

“Três minutos, Grania...”

Beau se enfaixou a cabeça de maneira eficaz com a camisa do Emilio, seu outrora semblante glamoroso, e sua roupa agora cobertos de sangue coagulado. Ele se deteve cuidadosamente, seus olhos azuis eram um contraste espantoso para sua beleza devastada.

—Ao menos você recebeu o Abraço. —Ele riu, o som foi tão rouco como sanguinariamente frio.

— Se chegar a sobreviver a isso, desfrutarei fodendo-te na cama do Rafael depois de que ele esteja morto.

Ele começou a afastar-se cambaleando-se enquanto cantarolava uma canção alegre

⁵⁶ Que Deus destrua sua linhagem. Na honra da família, nome e linha de sucessão. (Árabe)

⁵⁷ Bastardo

e popular. Houve um relâmpago ao longe, seguido de um trovão baixo.

Ela não ia deixar que o bastardo saísse com a sua tão facilmente.

Grania tirou a escopeta recortada do Emilio agradecida por haver a arrojado. Pressionar a culatra padrão contra seu ombro direito teria sido muito incômodo dado o sangue que ainda brotava de seu jugular.

Tudo o que tinha que fazer era apontar e disparar, como se estivesse apontando com o dedo. Isso era mais fácil de dizer que fazer, especialmente quando sua visão era tão difusa nos extremos. Sim tinha sorte e a escopeta estava carregada com balas, um só disparo na cabeça ou no coração mataria ao bastardo. Um disparo no coração seria melhor, se errava, tinha o resto do torso para feri-lo e para que sangrasse.

De repente sentiu surgir uma força que provinha do Rafael. Seus lábios se retraíram aproximando-se de um amplo sorriso. Obrigado, meu cônjuge.

“Você pode fazê-lo, minha vida”. Ele soava como se estivesse falando com os dentes apertados.

Só aponta e dispara, disse-se novamente. Só aponta e dispara.

BAM! Disparou a escopeta.

Beau caiu de bruço, o sangue emanava de seu flanco esquerdo.

A vibração do disparo repercutiu nela e momentaneamente boqueou a dor lhe rasgando do Abraço. Ensurdeceu-a e a tombou sobre a terra, de maneira tão ágil como uma boneca rota; o sangue brotava mais depressa que antes de sua jugular.

Lutou contra o ruído que retumbava em sua cabeça para abrir um olho, só um, para ver seu inimigo. No alto, os helicópteros começavam a descender rapidamente.

Beau escapava correndo pela porta, seu rosto se contraía de dor e fúria enquanto pressionava a camisa e as calças do Emilio em seu ombro. Os disparos saíram de abaixo, seguidos das vozes dos homens:

—Está escapando!

Esse bastardo agora era o problema de alguém mais.

Um estrondo retumbou do alto.

“Mãe de Deus, Grania, te aferre a um só pensamento. Ajudará-te quando despertar. Outro minuto e estarei contigo, prometo-lhe isso”.

Grania deixou que sua cabeça se recostasse no chão. Emilio estava a salvo agora. Ele poderia voltar a falar e mover-se uma vez que Rafael chegasse. Por favor, Deus, que nenhuma das aves tenha sido ferida.

Com muita lentidão levou sua mão para a jugular e voltou a cobrir. O sangue se filtrava e descidia por sua clavícula para o chão.

Ela somente tinha um pensamento.

Com cuidado, com cada fragmento de vitória temporária contra a loucura, ela começou a imaginar o adorável rosto do Rafael, que lhe tinha feito o amor à noite anterior, quando se comprometia a estar com ela os séculos vindouros.

Rafael subiu a toda velocidade a ladeira deixando longe, atrás, a seu guarda-costas, inclusive ao Luis e Caleb. Tinha saído da Compostela completamente armado, mas tinha quebrado em pedaços sua metralhadora MP5 quando se uniu a Grania. Luis se tinha sentado junto a ele, o único homem com suficiente coragem para chegar a estar à distância

de um braço perto do Rafael como estava agora.

Um relâmpago cintilou e crepitou no céu. O vento bramou em seu rosto, como se lhe reprovasse a demora. “Deus me salve se Grania morre durante o Abraço...”

Na parte superior do atalho a porta da jaula de vôlei ricocheteava para trás e adiante. Rafael a atravessou a toda velocidade e viu a cena que tinha observado desenvolver-se enquanto viajava desesperançado na ave mecânica.

Ficou parado na grande jaula coberta, de vários metros de comprimento, e as sombras da tormenta dançando nela. Emilio estava sentado rigidamente no centro, às lágrimas descendiam por seu rosto paralisado. Grania jazia desabada no lugar onde ela sozinha tinha podido lutar.

Ele caiu de joelhos a seu lado.

—Grania, meu cônjuge - sussurrou enquanto tomou a mão para levá-la a seus lábios. Mãe de Deus, ela estava pálida. Não ia pensar, não agora, em como tudo nessa jaula fedia ao Beau. O batimento do coração de Grania era o sussurro mais fraco que percorria suas veias.

—Rafael - disse, e respirou. Ela pestanejou. Ele a abraçou atraindo-a para si e lhe desejou força com toda sua vontade através do laço conjugal. Ele sabia com amargura que não podia durar, não quando em seu corpo o começo do Abraço estava fazendo estragos.

Depois dele, Luis ajudou a levantar-se seu filho adotivo com umas rápidas palavras de cru fôlego. Depois, ele e Emilio os deixaram sozinhos.

Os olhos azuis de Grania lentamente se centraram nele.

—Rafael, meu amor. Graças a Deus veio. —Seus largos dedos se aferraram forte aos seus.

—Bob?

Ele deveu ter imaginado que ela perguntaria isso.

—Está seguro em casa. Sua esposa chamou, perguntando o que tinha passado. Falarei com eles depois e suavizarei suas lembranças. Mas já era suficiente. Por Deus, Grania, como pode me olhar? Se não tivesse sido por mim e meus inimigos você não teria sido atacada.

—Me perdoe não pude matar ao filho de puta quando tive a oportunidade - murmurou ela.

—Mas o que fez depois foi o melhor. Levará - semanas ao Beau recuperar tudo o sangue que perdeu.

—Deveria deixar morrer. Isso seria melhor que preocupar-se com que eu faça caso às ordens do bastardo, agora que ele é meu criador.

Tudo lhe enojava de tão somente pensá-lo. Ajustava-se à lógica desumana que tinha seguido desde que fundasse sua esfera, a de não arriscar-se para não voltar a converter-se em escravo do Diego. Mas perder a ela...

—Não!

Ela o olhou com cara de inocente.

Ele procurou uma forma rápida de convencê-la porque sabia que já devia ter perdido o conhecimento.

—Você é diferente, Grania. Você é meu cônjuge

—Finalmente o aceitou. —Ela sorriu como um anjo, seus olhos eram suaves e nostálgicos. Por um momento, sua expressão foi exatamente à mesma da efígie do Blanche.

E pela primeira vez, seu coração não sentiu dor quando recordou essa cripta com ecos do passado.

—Sim. —Lhe beijou a mão—. Suas lembranças são minhas e meu teu som, na mente e no corpo. Ajudarão-lhe a te guiar pelo atalho que se aproxima. Além disso, bebeu meu sangue ontem à noite e isso te protege agora. Mas não detém o Abraço. Maldita seja se pudesse fazê-lo! Mas te ajudará a rechaçar as ordens do Beau.

—Certamente, isto se fará realidade.

—Dois laços de sangue diferentes e o meu foi primeiro - concluiu ele.

Ela ficou em silêncio, com sua cabeça apoiada no ombro do Rafael e seu suave tranca lhe fazendo cócegas no queixo.

—Grania?

Ela não se moveu.

CAPITULO 15

As portas do elevador do clube noturno se abriram e revelaram a uma furiosa Madame Celeste. Claramente se podia observar que se pôs depressa seu traje de festa, um esplêndido exemplo dos vestidos de festa de última moda de Melam.

—Idiotas! Estúpidos incompetentes e folgazões que nem sequer sabem como ocultar seus rastros dos prosaicas! Devo ter enviado um par de mulas do French Quarter⁵⁸ em lugar de vocês, elas teriam tido mais sentido comum de que têm vocês.

Observou com desdém aos dois desalinhados vampiros que tinha em frente.

Quando Beau saiu a toda velocidade daquela jaula infernal para aves, Devol era o responsável por pilotar o helicóptero para retornar a Nova Orleães. Entretanto, Rafael e seus homens tinham chegado tão rápido que Devol e o helicóptero tinham sido tiroteados seriamente. Devol tinha perdido tanto sangue que quase morre, o qual teria deixado ao Beau varado em Texas.

Tinham conseguido aterrissar no Galveston o tempo suficiente para alimentar-se e assim poder escapar de Texas; tinham matado à mulher, é obvio. Não ficaram ali o suficiente para limpar-se ou limpar os corpos, simplesmente se equilibraram ao helicóptero e seguiram seu vôo, desesperado-se por chegar a Louisiana e à zona segura.

O ombro do Beau lhe ardia como o fogo do inferno, na parte onde seu braço estava tratando de voltar a crescer, mas não podia por causa do sangue que tinha perdido. Tinha tanta fome que sentiu enjôos repetidas vezes. Um rugido começou a crescer detrás de seus dentes, ao ritmo do tamborilo do sapato da Madame Celeste. Levaria-lhe tão pouco, mas tão pouco, esmagar essa garganta branca com seus dedos e calar para sempre essa injuriosa língua.

Devol se jogou de joelhos com um movimento bem praticado, e caiu prostrado a

⁵⁸ Bairro Francês

poucos centímetros de seu vestido de festa Versace. Com a paciência desgastada a causa do cansaço e a dor, Beau olhou com desdém a descarada adoração do Devol a sua ama. Era honorável para um homem seguir a outro homem, mas receber ordens de uma mulher?

—Madame, por favor, nos perdoe —suplicou Devol com um tom de voz genuinamente. Esta lastimosa viagem a Texas foi um engano, mas o faremos melhor a próxima vez.

—Ora! —disse enquanto afastava dele com um movimento rápido sua saia de cetim. Devol se estremeceu.

—Está-te negando a nos dar amparo? E comida para que possamos nos recuperar de quão feridas sofremos por te emprestar serviço? —Perguntou-lhe Beau com cuidado, tratando de aferrar-se a pouca paciência que lhe esgotava.

Ela se deu a volta para enfrentar-se a ele com seus destellantes olhos negros.

—Vós dois, estúpidos, estão gravemente feridos e necessitarão uma grande quantidade de sangue. Conseguir a suficiente chamará a atenção, inclusive aqui em Nova Orleães. Agora não estamos no Mardi Gras, momento em que as cales estão repletas de prosaicas ávidos de sangrar como ganho em troca de sedução durante uns minutos.

—Está-te negando? —Repetiu Beau acentuando cada sílaba.

—Por que deveria lhes alimentar? Acaso dom Rafael está morto? Não! Então não lhes devo nada.

—Preferiria que dissesse a sua irmã onde vive? —Perguntou Beau com suavidade, mas perfeitamente claro.

Ela empalideceu.

—Eu não tenho nenhuma irmã - afirmou. Mas sua mão a delatou quando a fechou ao redor do pescoço, o gesto instintivamente mais protetor de todo vampiro. Sua inquietação se confirmou mais ainda quando Devol, seu mais crédulo confederado, ficou de pé cambaleando-se para tomar uma posição de guardião a seu lado.

Beau levantou uma sobrancelha olhando-a e ignorando a agonia de seu ombro.

—Realmente acha que não te investigaria a fundo antes de vir aqui?

Ficou tensa e seus dedos se dobraram em forma de garras.

—Sei exatamente quem é - prosseguiu Beau, satisfeito por sua reação—, quem é sua irmã e o que ela acredita que te passou. Quer que lhe diga onde está? Assim vocês duas poderiam desfrutar da reunião familiar que estiveste evitando durante os dois últimos séculos.

Seus seios se moveram acima e abaixo rapidamente sob a delicada seda.

—Bastardo! —disse ela entre dentes.

Ele se encolheu de ombros farejando a vitória. Desejou poder apoiar-se nas paredes da sala de espera, até que passasse a vertigem que sentia nesse momento.

—Ou poderia ocupar o tempo te assegurando de que sanemos rápida e tranqüilamente. Dom Rafael agora está esperando que a mulher que ama desperte à Luxúria. Você cre que sobreviverá se ela morrer?

Sua expressão em seguida se voltou rapaz e triunfante.

—Magnifique! —Não poderá pensar em outra coisa que não seja a pena. Então poderemos destruí-lo e reclamar Texas, e eu dançarei sobre sua tumba.

—E meu pai finalmente será vingado. —As presas do Beau estavam ávidas por afundar-se no pescoço do Rafael.

Ela se endireitou tratando de reafirmar seu domínio sobre ele. Ele baixou o olhar enquanto maquinava exatamente como lhe arrancaria a cabeça depois de que matasse ao Rafael.

—Ambos podem ficar aqui e lhes curar - anunciou ela com uma falsa gentileza.

— É mais fácil te ocultar em uma grande cidade que em uma pequena, pelo menos. Teremos que trabalhar rapidamente para poder nos mover enquanto Rafael ainda esteja afligido.

Beau fez uma reverência e murmurou “obrigado” com uma careta satírica em sua boca. Definitivamente a mataria lentamente e, com tanto dor!, Apenas se desfizera do Rafael...

—Agora, venham aqui, os dois. Vejamos quem está no clube noturno para que lhes sirvam um sanduíche, somente para recuperar suficiente energia para lhes banhar. Ambos estão muito imundos para minha cama.

Rafael entrou em seu escritório dando pernadas, sentia-se sujo apesar de que acabava de lavar-se. Seus vampiros e companheiros foram imediatamente para ele, mantiveram-se de pé, erguidos, e com os olhos ansiosamente fixos em seu rosto. Jean Marie, quem acabava de chegar de Nova Orleães, estava desconhecido com roupa de trabalho. Sua expressão estava friamente controlada, como correspondia a um arauto. Posteriormente Rafael lhe teria que perguntar por essa leve claudicação.

Mais cedo Rafael o tinha escutado invocar o privilégio do major de seus filhos e insistir em que os outros permanecessem em silêncio durante a conexão mente a mente, algo pelo que Rafael lhe esteve enormemente agradecido.

Ethan estava junto às portinhas, com um de seus revólveres preparado na mão, e olhava exatamente como o tinha feito quando limpavam esses ninhos de ladrões de banco depois da Guerra de Secessão, com um olhar fulminante em seus olhos verdes e brilhantes. Até agora só um dos companheiros de Grania tinha morrido, mas outros apenas se aferravam à vida. Ethan não tinha perdido tantos homens em uma batalha da Proibição.

Gray Wolf e Caleb tinham manchada com barro e argila a roupa e a equipe para as cavernas. O braço do Gray Wolf descansava sobre o ombro do Caleb, embora Rafael suspeitasse que em realidade Caleb estivesse acalmando ao Gray Wolf, que estava preparado para ir brigar. Não tinha visto o Gray Wolf tão perto de perder o controle da última das guerras índias.

Emilio agora estava impecável, vestido completamente de negro e mostrando seu rosto de guerreiro, algo que Rafael não estava tão acostumado a ver. Além disso, estava inclusive muito melhor armado que Ethan.

Luis, por outro lado, levava o mesmo traje clássico do oeste que Rafael, embora ele também estivesse tão bem armado como Rafael. Seus olhos cansados procuraram os do Rafael e se relaxou.

Rafael sorriu levemente. Entende-me tão bem, meu velho amigo. A batalha terminou

no momento. Igual a uma velha raposa, aproveitará este tempo para descansar e te rearmar para as próximas batalhas.

Saudou-os com a mão imperiosamente, e por instinto tomou seu posto junto à lareira, ao lado de sua espada.

—Bons amigos. Temos muito que discutir.

Acomodaram-se e se sentaram, logo que relaxados. Jean Marie jogava com um fabuloso estilete, enquanto Ethan o fazia com seu revólver. Emilio emprestava toda a atenção possível, como a de um torpedo programado para destruir um casco de navio. Gray Wolf e Caleb se acomodaram no grande sofá de couro como usualmente o faziam, em forma aparentemente impassível, embora suas mentes fossem sempre as mais agudas ali presente.

Luis alcançou ao Rafael um copo gelado de camomila A Cigana de Fidalgo. O melhor vinho para começar a velada, segundo os bares de tampas de Sevilha. Mas neste momento necessitava a calidez de seu complexo sabor ligeiramente salgado, para lhe recordar o oceano Atlântico e os olhos cor azul intenso de Grania. Bebeu um sorvo do vinho cor amarela palha e deixou que o fresco sabor seco despertasse sua garganta.

Luis o olhou, sem vacilar muito. Sem dúvida havia outro copo esperando no congelador, e sem dúvida Luis avaliaria seu humor com precisão pela rapidez com que bebesse este aperitivo, o mais fino de todos.

Tinha jurado que nunca cuidaria de uma vampiro, entretanto aí estava, planejando como fazer exatamente isso. “O homem propõe e Deus dispõe. “

—Se me permitir o atrevimento, como está dona Grania? —Perguntou Jean Marie em voz baixa. Tinha deixado o estilete momentaneamente quieto na palma de sua mão. Uma formosa arma que tinha vindo de Florência fazia mais de três séculos.

A boca do Rafael se contraiu, mas respondeu amavelmente. Estes homens eram sua família e Jean Marie era seu filho de todas as formas que importavam. Mereciam saber a verdade.

—Ainda está dormida. Não acredito que desperte até manhã de noite.

O rosto do Jean Marie expressou a surpresa ao escutar isso.

—Dormir tanto tempo? Alguma vez viu isto antes?

—Não, - replicou, e esvaziou o copo de xerez.

—Uma vez escutei que se um cachorrinho dormir mais de um dia e uma noite antes de despertá-la primeira vez, a Luxúria será ou muito, muito larga, ou muito, muito curta.

Fez-se um silêncio mortal. Nenhum queria pensar nas probabilidades de uma mulher que sobrevivesse à Luxúria, se é que durava mais do usual.

Gray Wolf cantarolou algo pelo baixo e golpeou sua coxa como se estivesse tamborilando. Caleb, que estava junto a ele, fechou os olhos por um momento, aparentemente para rezar.

Rafael pôs o copo vazio sobre a toalha, atraindo novamente a atenção de todos.

—Precisamos fazer planos. Desafiarei ao Beau a um duelo, direi-lhe que ele é tão covarde que atacou a uma prosaica em lugar de me atacar.

—O assassino da Madame Celeste? —O rosto do Ethan brilhou de entusiasmo.

Rafael sorriu assentindo ante a certeza de seu filho e mostrou suas brilhantes presas.

Tinha trabalhado como condenado para aprender truques de duelos durante os últimos cinco séculos em todas as escolas possíveis, para destruir ao Beau.

Além disso, tinha que fazê-lo, ele era o único duelista vampiro vivente que tinha a oportunidade de derrotar a esse mesquinho de setecentos anos. Era a única forma de proteger a Grania e evitar que Beau a fizesse sua escrava quando seu imundo sangue a reclamasse como sua filha. Por ela Rafael arriscaria tudo, até sua vida e sua esfera.

É obvio ele não a envolveria no duelo. Por um lado, Beau tinha que ser derrotado o mais rápido possível, enquanto ainda estava fraco por suas feridas. Por outro lado, Rafael não podia pôr em risco nem o corpo nem a prudência de Grania ao levá-la tão profundamente ao duelo, sobre tudo agora que ela tinha a possibilidade da eternidade.

—Pode aceitar o desafio, Jean Marie, como arauto de Texas? Ou pensa que notaram sua presença em Nova Orleães durante sua última viagem?

Jean Marie sacudiu a cabeça imediatamente enquanto girava com indiferença seu estilete.

—Não por ninguém que pudesse levar contos a Madame Celeste ou ao Beau. É obvio que posso aceitar o desafio.

—Ao ser o desafiado, Beau pode escolher quando ou o lugar - disse Emilio lentamente enquanto levantava a vista da faca que estava afiando.

—O que pensa que escolherá?

Rafael se encolheu de ombros.

—Se escolher o tempo, será porque Grania o feriu mais profundamente do que acreditam. Se escolher o lugar é porque não pode me permitir que eu especifique Nova Orleães.

—E quer ter a Madame Celeste aqui para que ela possa tomar Texas quando ele ganhe. Ou isso é o que crê! —Disse Ethan lançando uma gargalhada.

Outros se somaram à brincadeira, exceto Gray Wolf. Os olhos negros do herdeiro do Rafael o viram todo muito bem enquanto o estudavam.

—Quanto cre que demorará Beau em curar-se?

Rafael observou de soslaio ao antigo homem da medicina enquanto aceitava outro copo de La Cigana. Ele devia supor que Gray Wolf cortaria e iria ao grão.

—Usualmente um mês para esse tipo de lesões.

Os outros permaneceram em silêncio enquanto escutavam.

—Quando quer que ocorra o duelo? —Gray Wolf seguiu perguntando.

—Uma semana a partir de hoje, no máximo duas semanas.

—Assim forçaria a Madame Celeste a escolher entre curar ao Beau —com a esperança de apoderar-se de Texas se ele te vencer— ou arriscar-se a ser descoberta pelas autoridades prosaicas através da esteira de cadáveres. Excelente.

Rafael fez uma reverência para agradecer a adulação.

—Ethan, como alferes maior estará a cargo do campo de honra, em caso de que seja em Texas.

—É obvio senhor.

—Realizaremos-lo na Escola Militar Santiago.

Ethan assentiu com a cabeça pensativamente. Embainhou seu Súper Redhawk e

tirou seu telefone inteligente.

—Isso funcionará. Agora está fechada para preparar a semana de treinamento quando chegarem os estudantes de primeiro ano. Quer o estádio de futebol americano ou o campo de futebol?

—O estádio de futebol americano. Os assentos fixos que tem restringirão aos subordinados da Madame Celeste aonde nós possamos vê-los.

—Algo mais, senhor? —Perguntou Luis, com uma expressão de confiança firme em seus olhos negros. Era exatamente a mesma pergunta com a que ele sempre terminava as reuniões de planejamentos durante os tempos de paz e outros respondiam ao sinal. Levantaram-se, preparados para começar a trabalhar.

Rafael se encolheu de ombros e voltou para seus hábitos de caça de toda a vida.

—Não por agora. Vou descansar antes de sair.

—Está deixando um pouco de lado - interpôs Gray Wolf secamente.

Rafael levantou uma sobrancelha inquisidora.

—O que é?

—É o único apoio de dona Grania. Precisa estar forte para as provas que nos esperam e para alimentá-la.

—Por isso temos feito preparativos para te manter bem provido —continuou Ethan — durante o tempo que seja necessário.

—Mais que suficiente —disse Jean Marie— para que leve o cachorrinho mais voraz através da Luxúria, como sempre fazemos quando há um novo membro em nossa família.

—Não será necessário que abandone Compostela - terminou Luis, ficando de pé - por nenhuma razão, qualquer que seja.

Rafael começou a falar.

Emilio sorriu o primeiro gesto de brandura que tinha mostrado desde que fora obrigado a ver o Beau atacar a Grania.

—Não tem caso discutir com papai Luis, dom Rafael. Nunca ninguém ganha.

Enfrentado com essa sólida parede de oposição protetora, Rafael elevou as mãos e aceitou. Consomenteu-se ao ver que deixava a outros lhe proverem alimento, somente para permitir que Emilio se sentisse melhor. Era um pensamento mais digno que admitir que tivesse caído em outra das armadilhas do Luis para proteger seu bem-estar.

—Outra sugestão, mon père, - disse brandamente Jean Marie enquanto punha sua mão sobre o braço do Rafael.

— Se rumoreia que Gorshkov manteve a suas cachorrinhas vivas através da Luxúria durante...

—Só uns dias - resmungou Rafael.

—Mais tempo do que ninguém acostuma! —replicou Jean Marie.

A sala ficou em silêncio. Rafael fez um gesto ao Jean Marie para que continuasse.

—Diz-se que ele o consegue lhe falando continuamente de seu amor por ela e só a ela.

Ethan se via extremamente pensativo e suas mãos finalmente ficaram quietas sobre suas armas. Luis o olhou de soslaio.

—Faria isso de todas as formas - afirmou energicamente Rafael—. Ela é a luz de meu

coração.

—Posso sugerir então que o faça com uma frequência extra, mon père?

Rafael estendeu as mãos.

—Com muito prazer, filho.

Rafael passeou por seu quarto negro como um lobo, examinando uma vez mais os preparativos. Nenhum cachorrinho se despertou aqui antes; sempre os tinha levado a uma habitação especialmente preparada. Agora seus quartéis cuidadosamente dispostos estavam reacomodados radicalmente, entretanto, ainda não estava seguro de que tudo era suficientemente seguro para ela.

Portinhas de aço, originalmente instalados para proteger-se contra um ataque, protegiam cada janela da noite de julho. Todos, vampiros, companheiros e prosaicas, tinham desaparecido dessa ala. Três capas de tapetes cobriam o chão. Até as fontes do jardim se calaram, por medo de que sua suave música alarmasse a sua dama.

Grania movia a cabeça inquietamente, esparramando seus cabelos pelos finos lençóis de algodão egípcio. Rafael estava a seu lado continuamente.

Ela tinha terminado de rechaçar os últimos vestígios de seu corpo de prosaica fazia um quarto de hora, quase duas horas depois do entardecer. Seus olhos tinham permanecido fechados todo o tempo, é obvio, enquanto gritava e soluçava. Tudo isso completamente típico de uma cachorrinha a ponto de despertar, e até esse momento nada que predissera se a cachorrinha viveria.

Cada um de seus filhos tinha sobrevivido à Luxúria, um recorde de que podia alardear como criador. Um dos fatores mais importantes era que ele nunca tinha obrigado a ninguém a receber o Abraço. Mas Grania tinha sido brutalmente obrigada, e as probabilidades de sobreviver depois disso eram muito poucas, inclusive para uma mulher que desejava converter-se em vampiro.

Um suor fino cintilou sobre sua frente. Estava a ponto de despertar.

Ele levantou a vista para quão virgem estava na parede e rezou uma última e breve oração. Depois se fez o sinal da cruz, deslizou-se dentro da cama com sua amada uma vez mais, e se mordeu com força o lábio. O sangue emanou imediatamente, descendeu por seu rosto e alagou a habitação com aroma de sangue.

Antes, também a tinha enchido de prazer ao masturbar-se.

Quanto mais destes dois aromas houvesse no ar para que ela os cheirasse, mais fácil lhe resultaria recuperar-se e mais cheio a deixaria seu primeiro alimento, o mais importante. A comida que lhe ensinaria a alimentar o resto de sua vida como vampiro, seriam o sangue e o prazer sexual.

Não a morte e o terror, como queria Beau.

—Grania, minha vida - lhe sussurrou.

— Grania, é minha vida —repetiu chamando-a em inglês, em caso de que a Luxúria tivesse roubado a capacidade que ela tinha de falar espanhol. Deslizou suas pernas entre as dela, e acariciou a pele sedosa com a carícia mais áspera de suas pernas peludas que cravavam. Aproximou seus órgãos masculinos às dobras femininas dela para que tivesse o despertar mais suave possível. Antes, tinha fantasiado com que retornava a casa, a ela, mas

não desta forma.

—Adoro-te, Grania. —Acariciou-lhe o rosto com o nariz, lhe dando beijinhos para que a incitassem com o aroma do sangue. Ela gemeu brandamente. Seu corpo se moveu contra o corpo do Rafael, sua perna se esfregou sobre a do Rafael. Bem.

—Calor de meu coração, Grania.

Seus olhos se abriram e abriu a boca para gritar. O vínculo conjugal rasgou o coração do Rafael, rasgou-o com os mesmos fragmentos de faca que destroçavam a alma de Grania.

—Grania, minha vida!

Ele tomou a cabeça entre as mãos e a aproximou aonde ela pudesse cheirar seu sangue. “Por favor, Grania, encontra o caminho para sair do abismo...”

—Grania, querida.

Sua cabeça girou para seguir a do Rafael enquanto suas mãos o acariciavam inquietas. Sentia que as facas os cortavam a ambos mais lentamente.

Acariciou-a brandamente mantendo-a perto. Sempre cuidadoso com sua frágil pele, mas esfregando cada centímetro de seu corpo com o dela. Os aromas e as carícias eram muito eficazes para despertar a um cachorrinho.

—Estou aqui, Grania. Existe uma forma de sair do caos. Somente te afeire a mim e sairemos juntos.

Ela farejou delicadamente. O coração do Rodrigo saltou esperançado.

—Adoro-te, Grania!

Ela resmungou brandamente em seu pescoço e o beijou corajosa, deleitou-se lhe beijando os lábios. Saboreou cada centímetro de sua boca, suas línguas se entrelaçaram enquanto ela o explorava.

Ela pressionou com força o vínculo, sua consciencia era menos angustiante, embora ainda incoerente. Agora era mais vigorosa, mais demandante e mais agressiva que quando a conheceu.

Ele fiou mais palavras para que as seguisse.

—Levo-te na alma, Grania.

Seus olhos azuis cintilaram de desejo. Passou-lhe a mão por sobre os ombros e se arranhou as costas para tirar sangue. Gemeu, aproximou-se dele enquanto se esfregava contra ele mais intensamente.

Ah, o calor de seus sucos entre as pernas enquanto se vertiam através do laço conjugal! “Meu”, ela perguntou, “meu?”

Para surpresa do Rafael os quadris começaram a balançar-se contra ela. Antes, nunca tinha perdido o controle em momentos como este.

—Rafael - lhe sussurrou, tão brandamente que logo que pôde escutá-la.

Ele se paralisou. Disse seu nome. Ela o tinha reconhecido, apesar da loucura da Luxúria.

—Adoro-te, Grania. —Ele se estremeceu, sentiu pequenos sóis deslocando-se como estrelas debaixo de sua pele em qualquer parte que a tocasse. Seu pulso se acelerou à medida que seu sangue corria para satisfazê-la. Seu peito se endureceu e seus testículos se incharam ávidos por verter seu líquido dentro dela. Sua vida, sua alma, seu cônjuge.

Grania estava mais frenética de desejo, o que fez aumentar a paixão do Rafael junto com a sua. Seus corpos se entrelaçaram e rodaram pelos lençóis; suor, sangue e paixão perfumaram a habitação. Ele saboreou seus peitos e a chupava como um louco. Espetadas de prazer exploravam em seus mamilos até a medula e simultaneamente até os ossos do Rafael. Ela percorreu suas costas com as unhas enquanto lutava por aproximá-lo para ela; ele riu triunfante antes de passar ao outro seio.

A pressão crescia cada vez mais forte e com mais paixão do centro de suas costas. Seu pênis estava pronto para estalar de desespero. Entretanto, lutou para conter-se e excitá-la mais à medida que as sensações se aceleravam entre eles, até que não soube quem começava que prazer. O ar se encheu de aromas de sangue e sexo, paixão que logo se verteria em sua garganta e em seu centro para começar a reconstruí-la.

De um puxão atraiu seu cabelo para cima. Beijou-o intensamente, balançava os quadris contra ele em um primitivo impulso exigindo que terminasse.

—Rafael...

Ele sussurrou em sua boca, tendido sobre ela e rodeando-a com os braços. Suas pernas se fecharam ao redor das costas do Rafael, e suas dobras o acariciaram e verteram sua nata sobre o pênis, lhe produzindo calor com o calor de suas veias. Seus testículos se ergueram contra seu pênis.

—Grania...

Ele se esfregou contra ela e rapidamente se deixou levar por um ritmo constante. Excitou seus clitóris. Arqueou-se contra ele e lhe cravou a unhas profundamente, estimulando-o e aumentando a paixão.

Ele ofegou do mais profundo de seu ser. Levantou-lhe seus quadris e penetrou nela. Ela gritou extasiada, aferrando-se a ele.

Com um rápido e praticado movimento do dedo indicador se abriu a jugular levemente. Empurrou com força, e ofegou ao sentir o desesperado prazer de seu ardente canal que se fechava ao redor dele.

Ela deixou cair a cabeça e seu cabelo se ondulou sobre o ombro e braço do Rafael. Logo com o nariz lhe roçou a garganta seguindo o fio de sangue. Encontrou sua jugular e lambeu. Emitiu um som de prazer com a boca fechada. Começou a beber com avidez, cada vez mais rápido.

Por Deus, seu sabor mesmo nos lábios dela era como o conhaque mais fino! Sua determinação para beber mais afrouxou os joelhos ao Rafael.

O movimento de sua boca chupando-o-se ecoou em um golpe que desceu pelas costas até seu pênis. Ele empurrou ao unísono e o eco retornou até a boca dela e daí até o pescoço do Rafael. Rapidamente se formou um ciclo entre eles que incrementava o êxtase de ambos. Quanto mais forte e mais rápido empurrava, mais forte e mais rápido ela bebia e mais forte e mais rápido o êxtase se movia em espiral em ambos os corpos.

Rafael não podia dizer quem estava imerso na Luxúria, se ele ou Grania. Somente podia dizer que queria mais de seu cônjuge.

E mesmo assim eles lutavam por recuperar a prudência enquanto compartilhavam o sangue.

Grania sussurrou algo. Ela se preocupou com seu pescoço e retrocedeu. Voltou a

provar, com suas pequenas e bicudas presas, e depois bebeu com um grunhido de satisfação enquanto o sangue dele fluía quente e veloz. As palpitações do orgasmo cresceram nela e rodearam seu pênis.

Rafael rugiu de prazer.

Todas as rédeas de seu autocontrole se romperam. O êxtase dela provocou o dele, enviando-o ao limite em uma série de contrações que sacudiram até seus ossos. Sentiu que explodiam estrelas em seu crânio quando ejaculou dentro dela.

Depois a abraçou e saboreou o descanso uns minutos antes que ela precisasse ser alimentada outra vez. Por Deus, ela o tinha obtido. Tinha sobrevivido à Luxúria o suficientemente corda para criar presas e alimentar-se por si mesmo.

Depois do duelo viveriam como cônjuges.

CAPITULO 16

Rodrigo e Diego deram à volta um ao redor do outro na areia, enquanto O Sírio observava em silencio decima. Depois de quase dois séculos, O Sírio não tinha que lhes dizer quando começar a lutar. Mas agora lutavam com o último em armaduras européias, pesados trajes de malha de prata e não com formas de animais. Ambos haviam se tornado tão rápidos e sanguinários que um duelo de transformadores causava muitas feridas e tinham que ocorrer poucas vezes para o gosto do Sírio.

Diego arremeteu e Rodrigo contra-atacou com uma complicada quebra de onda de golpes que inclusive a outros vampiros haveria flanco seguir. Caralho era o mesmo velho padrão: fizesse o que fizesse, Diego estava sempre aí, esperando que ele atacasse, e lhe dando o primeiro golpe! Quando se separaram, os dois vampiros tinham perdido seus escudos e ao Rodrigo doía o braço esquerdo.

Depois de ter feito uma leve pausa Diego voltou a atacar. Rodrigo o esquivou automaticamente e soube imediatamente que tinha feito justo o que seu inimigo queria. Segundos depois, depois de uma série de movimentos cujo desenlace final era preordenado por esse começo, ficou tendido de costas sobre a areia, amaldiçoando sua sorte. A próxima maldita seja a próxima vez. A próxima vez encontraria a forma de romper este treinamento e matar ao sem vergonha.

Cantando triunfante, Diego levantou sua espada sobre a cabeça do Rodrigo, preparado para lhe dar o golpe de graça.

Rodrigo limpou sua mente e rezou suas orações finais. Depois de mais de duzentos anos de tortura se sentia feliz de poder reunir-se com sua esposa finalmente, mas odiava ter que deixar este mundo sem limpar o destes dois demônios.

A voz do Sírio ressonou bruscamente na areia.

—Não mate ao infiel. Ainda não o dobramos.

—O que?! —Diego se voltou para olhar a seu adotivo enquanto se tirava o casco com uma mão.

— Mas que mais podemos lhe fazer? É um oponente aborrecido porque sempre

perde comigo, lutemos da forma que lutemos.

—Ele nunca implorou. —O Sírio rechaçou toda oposição com um enérgico gesto.

— Termina rápido com isto, assim poderemos jantar. Há alguns novos escravos armênios com quem jogar.

A expressão do Diego estava carregada de frustração enquanto voltava para o Rodrigo. Levantou sua espada fazendo-a girar. Um pensamento maléfico cruzou por seus olhos.

Rodrigo começou a levantar-se e se apoiou sobre seu cotovelo direito.

Diego riu bobamente, com uma expressão cruel. Elevou a espada e a baixou apontando com força e rapidez. Fez - pedaços o braço esquerdo ao Rodrigo, na articulação com o ombro.

Rodrigo gritou quando o sangue que lhe dava vida começou a sair a jorros pela areia.

Grania se ergueu na cama do Rafael; seu coração pulsava com força.

Por todos os céus, ela não tinha tido um pesadelo como esse em anos, não desde que era menina. Fez o sinal da cruz lentamente como o tinha feito no orfanato.

Um enorme, forte e quente braço rodearam sua cintura.

—Querida? Está bem? —Ele se recostou para olhá-la, seus olhos escuros estavam preocupados.

Ela sorriu.

—Muito bem querido. Como poderia me sentir de outra maneira quando estou contigo?

Ela se voltou a deitar e ele a aproximou para ele abraçando-a.

Escondeu seu rosto no peito do Rafael e rezou para que o sonho fosse sozinho um desses pesadelos da Luxúria. Porque se se tratava de uma de suas lembranças, então o que seria ao que verdadeiramente se enfrentaria no próximo duelo?

Grania franziu o cenho ao Rafael do outro lado do assento traseiro do Mercedes. Tão agonizante como tinha sido a Luxúria, ao menos tinha passado singularmente rápido para ela. Aparentemente a maldita questão pelo geral demorava de dois a três meses.

Ela se estremeceu. Só duas semanas depois de despertar para encontrar o primeiro ser disponível para foder e de quem beber sangue com a maior frequência possível antes de voltar a cair profundamente dormida. Graças a Deus Rafael tinha estado ali para lhe procurar suas necessidades. Se tivesse deixado que as arrumasse sozinha, não lhe teria importado se alguém os via ou o que faziam, sempre que houvesse sangue e sexo.

Se a Luxúria tivesse levado meses em lugar de semanas, ela teria tido que encontrar suficiente sangue e emoção para sobreviver, embora não se consideraria melhor que um filhote de águia recém saído da casca de ovo. Não era de sentir saudades que tantos cachorrinhos se voltassem loucos ou morreram.

Era sexta-feira de noite, quase duas semanas depois desse terrível domingo, e ela podia formar pensamentos completos, o suficiente para saber que Rafael era um bobo

obstinado.

Eles faziam um bom casal para a entrevista de sexta-feira de noite mais estranha do mundo, se se podia chamar assim. Tinha-lhe proporcionado um vestido de chiffón de seda, feito por uma brilhante costureira chamada Carolina Herrera, que fazia eco a seu traje branco. O vestido tinha mangas largas e parecia quase medieval com seu bordado e sua fina costura à mão.

Levara frágeis sandálias de salto baixo e delicados pendentes de pérolas. Tinha o cabelo recolhido para trás, simples, com cachos de cabelo a ambos os lados da cara.

—Diabos, Rafael, têm que me deixar te ajudar esta noite! —Ela voltou para a mesma discussão que tinham tido toda à tarde desde que descobriu que ele tinha planejado bater-se a duelo com o Beau. Ambos estavam muito furiosos porque o laço conjugal já não existia entre eles.

A lua cheia iluminou a expressão obstinada em seu rosto.

—Não, não arriscarei nosso laço conjugal. É muito apreciada para mim e deve estar protegida a todo custo.

—Há muitas coisas que posso fazer. Por um lado, saciaste-me tanto que posso ser sua reserva de forças.

Jogou-lhe um olhar dominante. Ela se ruborizou, mas prosseguiu com determinação.

—Posso te cobrir as costas e te fazer saber o que ele trama.

—É uma cachorrinha muito jovem Grania. Poderia perder a prudência muito facilmente se estiver dentro de minha mente quando trocar de forma.

Ela o fulminou com o olhar obstinado a seu caráter.

—Também sou veterinária. Posso te dar mais formas de animais dos que pode imaginar. Não só de animais atuais, mas sim de milhões de anos atrás! Que tal um tiranossauro ou um velociraptor? Ou um ave não voadora carnívora que habitou um continente durante vinte e seis milhões de anos? Ou algo simples como um tigre dentes de sabre?

—Tenho minha dúzia de formas. Serão suficientes.

O carro deixou o caminho por onde ia, para entrar em um pavimento diferente. Já quase estavam no estádio.

Ficava tão pouco tempo para eles... As lágrimas brotaram espontaneamente.

—Não significa nada para ti que eu seja a reencarnação da Blanche? Tenho todas suas lembranças de seus filhos e netos. Teríamos uma melhor oportunidade de compartilhá-los juntos se me deixasse te ajudar.

Ele fechou suas mãos sobre as dela e se esforçou para falar.

—Grania, não vê que por isso não posso te pôr em perigo? Eu sei que é Blanche, toquei os limites dessas lembranças durante a Luxúria. Farei tudo o que esteja em meu poder para te proteger, e isso significa te manter fora do campo de duelo, mesmo que somente possa vê-lo através do laço conjugal.

—Rafael, está-me tratando exatamente como o fez com ela, como se eu fosse feita de cristal. Mas não é assim.

—Tive quinhentos anos para aprender como vencer ao Beau. Confia em mim, e reza por mim, minha alma.

Ela se sorveu o nariz e cedeu.

—Com todo meu coração, Rafael.

—Tudo vai estar bem, Grania. Pode-me observar do apartamento, onde Gray Wolf e Caleb lhe protegerão.

O carro diminuiu a velocidade e se deteve em uma ampla esplanada de pedra. A porta se abriu silenciosamente e deixou ver o Ethan e a um par de seus mesnaderos vestidos com coletes antibalas pesados, cor negra. Os olhos mel do Ethan estavam mortalmente tranqüilos, como se estivesse preparado para o inferno.

Detrás deles se erguia uma chaminé de aço cuja altura era duas vezes a do Rafael, que cintilava sob as luzes. O ar úmido chegava carregado do aroma à grama recém cortada.

Grania apertou os lábios antes de colocar sua melhor máscara inexpressiva. Estava condenada se algum dos capangas da Madame Celeste se desse conta de que ela estava assustada.

Rafael lhe deu a mão para ajudá-la a descer do Mercedes e lhe rodeou a cintura com seu braço, carinhosamente. Com suas cabeças erguidas cruzaram rapidamente a esplanada. Ethan ia diante, em tanto seus homens foram detrás deles. Um soldado lhes abriu uma porta estreita e Grania ficou boquiaberta ao ver o edifício que havia mais à frente.

O imenso edifício de tijolo curvo tinha gravado: Santiago Stadium, e um leão desafiava a todos seus inimigos. Cinco arcos sustentavam sua base, que permitia um espaço amplo para as pessoas que passavam por debaixo deles. A seu lado havia dois postes enormemente altos que subiam para o céu e no topo tinham discos de luzes resplandecentes. Vampiros e companheiros, vestidos principalmente com amparo antibalas para todo o corpo, custodiavam a esplanada.

Os visitantes levavam roupa de noite, frágil e gritã, enquanto eles também se apressavam a entrar no complexo. Eram homens e mulheres de todas as raças, todos adultos, em muito bom estado e mentalmente resistente; e todos vampiros. Não eram absolutamente as extraordinariamente formosas pessoas da ficção, de fato alguns tinham cicatrizes ou eram feios. Mas toda sua roupa era muito leve e mínima para esconder a arma menor. Estudaram a Grania com curiosidade, mas a maioria manifestou ao Rafael um sorriso genuíno.

Poucos minutos depois, Rafael e Grania entraram em um pequeno corredor custodiado por mesnaderos de rosto duro. Um luxuoso elevador cheio de telas de televisão de última tecnologia e operado por um ferozmente armado Emilio, subia-os.

Grania se aproximou do Rafael em busca de uma última oportunidade de estar perto dele. Ele lhe beijou a frente e ela permaneceu quieta memorizando cada detalhe dele.

A porta se abriu silenciosamente para uma opulenta sala com uma série de janelas que se estendiam ao longo de uma parede. A luz resplandecia mais à frente do cristal, em tanto que fileiras de cadeiras maciças de couro olhavam para a ampla vista. Junto às cadeiras havia mesas dispostas para que os visitantes tomassem notas sobre o que ocorresse. Filas de monitores que estavam no alto mostravam uma vista pouco clara do magnifico campo de futebol de grama natural. No outro extremo, cômodos e enormes

sofás e poltronas ofereciam centros de conversação delineados por suave luz. Formosos murais mostravam guerreiros no campo de batalha da Guerra de Secessão até a Primeira e Segunda Guerra Mundial, a do Vietnam e até do presente. Um formoso relógio deu à hora, às onze da noite.

Mais reconfortante para ela que essas exposições militares eram seus amigos. Caleb se adiantou seguido do Gray Wolf e a beijou na bochecha.

—Boa noite, dona Grania.

Sorriu-lhe e respondeu à saudação sem deixar o braço protetor do Rafael.

—Luz de meu coração - Rafael se voltou para ela com seus olhos escuros angustiados, sob a tênue iluminação. Os outros se afastaram deles e simularam estudar os murais.

Ele abriu a boca para dizer algo, mas não saiu nenhuma palavra. Voltou-a fechar e tragou saliva.

A angústia invadiu a Grania por completo. Não podia seguir opondo-se a ele. Seus olhos se encheram de lágrimas e com seus dedos tocou os lábios dele.

—Adoro-te, Rafael.

—Adoro-te, Grania. —Ele a levantou e a beijou fortemente deixando-a sem fôlego. Rodeou-lhe o pescoço com os braços enquanto o beijava e lhe deu tudo o que tinha.

Depois a baixou e se dirigiu ao elevador com o Ethan que o seguia de perto. Ela moveu seus dedos saudando-o, o menor dos movimentos que ocultou do Caleb e Gray Wolf.

Seus olhos resplandeceram e lhe devolveu a saudação da mesma maneira enquanto as portas de metal o afastaram dela. Ela ficou olhando a imagem de um soldado de cavalaria em combate.

Rafael olhava fixamente as portas do elevador enquanto encomendava a Grania uma vez mais ao amparo de São Rafael Arcânjo. Ele tivesse preferido deixá-la no rancho Compostela ou na circunscrição de Austin, sua fortaleza mais forte. Mas não tinha suficientes homens para custodiar o estádio e qualquer dos ranchos. Portanto a tinha levado ali, ao apartamento de luxo nesta fortaleza chamada o Santiago Stadium, onde Gray Wolf e Caleb a protegeriam.

Confessou-se com um sacerdote cedo, e assim tinha protegido sua alma. Seus homens protegeriam a paz de Texas até dar seu último fôlego.

Não tinha mais preocupações. Quão único faltava era lutar. Sua antiga tranquilidade prévia à batalha se apoderou dele quando pôs toda sua atenção ao duelo que se aproximava.

—A quem conseguiu finalmente para atuar como juizes do duelo?

Ethan se voltou para olhá-lo e seus brancos dentes cintilaram em uma careta.

—Ou'Malley de São Francisco, Alioto da parte sul de Chicago, e Gorshkov do Trenton. Três patrões, a gente acompanhada por seu cônjuge, com noventa e cinco mesnaderos entre eles.

Rafael lhe deu uma palmada nas costas.

—Adicionando-os aos nossos, está à altura do exército da Madame Celeste. Além disso, são os três patrões com menos probabilidades de aliar-se com ela.

—Ela seria uma idiota se tentasse fazer algo durante o duelo. —Ethan obviamente esperava que o fizesse.

—Embora Alioto e Gorshkov pudessem trocar de bando.

—Não enquanto você viva, - disse cansativamente ao Rafael.

— Então não há nada por que preocupar-se.

O elevador se deteve antes que Rafael pudesse encontrar uma resposta a isso.

Grania se rodeou os joelhos com os braços enquanto se balançava na grande poltrona de couro e tratou de não pensar nas poucas probabilidades do Rafael. Ela desejava que houvesse alguma forma em que pudesse ajudar às escondidas através do laço conjugal com ele. Mas não sabia o suficiente sobre como funcionava a maldita coisa para poder fazer algo com ela.

Estava no último piso de uma torre de cinco pisos, na suíte do apartamento. Abaixo, as tribunas estavam cheias de pessoas vestidas com muito brilho. Perto do campo, um excelente grupo de mariachis tocava música de tourada.

—O lugar está quase cheio - observou Caleb que estava detrás de Grania.

—Vieram vampiros de toda a América do Norte e também da Europa. Não é comum ver dois maiores bater-se a duelo - Gray Wolf deu um murro no ombro do Caleb.

—Será diferente a todo duelo no que brigamos. Em nosso caso temos a vantagem de que não importa a idade dos cônjuges sempre que a gente seja um vampiro amadurecido. O laço conjugal pelo geral os equipasse a qualquer, inclusive a um vampiro maior.

—Vi isso funcionar para nós antes - admitiu Caleb.

Os mesnaderos do Ethan rodearam o ovalóide da pista, vestidos de negro, todos levando carabinas e com aspecto feroz. Alguns carros e caminhões estavam ocultos na escuridão, nos curtos extremos do ovalóide. A lua resplandecia sobre as colinas, mas não havia sinais de gente que vivesse nos arredores.

O relógio começou a marcar a meia-noite.

Imediatamente, com o rugido e o zumbido do grande poder desatado, cobraram vida as impressionantes luz do alto do Santiago Stadium e transformaram a noite em dia abaixo, no campo de futebol. As luzes da sexta-feira de noite em Texas.

Um momento depois soaram as trompetistas, seu toque atravessou o campo e ecoou além das colinas; seu grito militar soava por debaixo dos tambores. Tocaram uma música antiga que soou no sangue, uma canção que um gladiador ou um toureiro teria entendido.

Gray Wolf e Caleb imediatamente ficaram em posição de firme, a cada lado de Grania. A multidão ficou de pé rapidamente a ambos os lados do campo.

Grania se levantou e abriu as duas grandes portas trilhos, desesperada por ver tudo o que pudesse. Cada monitor mostrava a mesma imagem: Ethan com uma expressão mortalmente calma levando um rifle, partiu para o campo e tomou posição no centro da linha de quarenta e cinco metros. Um soldado alto, largo de ombros e com seu rosto escondido depois do casco, parou-se junto a ele, preparado para usar um rifle ainda maior.

Logo que Ethan e seu segundo se estabeleceram, soou uma só trompetista chamando o desafiador a dar batalha.

Rafael entrou em campo do túnel e levantou seu braço direito para saudar a multidão. A multidão que estava debaixo do grande leão, como a bandeira da Castilla sob

a que tinha lutado uma vez, rugiu sua aprovação.

Ele levava uma vestimenta de linho branco da cabeça aos pés, belamente bordada e confeccionada. Um conjunto impactante, também era fácil para trocar de forma para começar um duelo. É obvio estava descalço, pela mesma razão. O insulto final, estranha vez obtido, seria matar ao adversário enquanto estivesse vestido como humano.

—Quem é? —exigiu Ethan logo que Rafael se aproximou, já que era a pergunta tradicional emitida por um supervisor de duelo. As palavras transmitidas pelo sistema de alto-falantes ecoaram no estádio.

—Sou dom Rafael Pérez de Texas quem vem aqui a lutar contra Beau de Nova Orleães, um covarde chorão. —Fez uma reverência formal ao Ethan e se retirou à linha de trinta e seis metros.

Cinco largos minutos depois (seis minutos e o desafiado tinha direito a renunciar ao duelo) soaram a fanfarra de uma trompetista. Beau apareceu no lado oposto do campo, com Madame Celeste arranca-rabo do braço, e Devol que os seguia perto.

Beau vestia camisa e calças de seda, de brilhantes cores, o último em roupa de verão da Europa, que contrastava extraordinariamente com o sutiã e as calças de couro negro da Madame Celeste, adornado com suas brilhantes jóias de diamantes e rubis. A ele o via perfeitamente são, é obvio, como diziam os informe de Nova Orleães. Também tinham falado da inquietação e medo reinantes pelos estranhos assassinatos, enquanto os prosaicas começaram a unir-se e a fazer comentários a respeito dos vampiros.

Quando o trio mortal chegou à linha de quarenta e cinco metros, detiveram-se para intercambiar um abraço apaixonado. Rafael se perguntava se Madame Celeste verdadeiramente queria ao mal carater, ou simplesmente lhe recordava que sabia o que lhe convinha?

Depois ela o soltou e subiu à tribuna de braço do Devol, com a cabeça alta e aceitou um assento fofo.

Beau ficou erguido na linha de banda até que recuperou a completa atenção da multidão. Com o queixo um pouco mais alto e com um sorriso de satisfação em sua boca, partiu para o campo quando a trompetista voltou a soar.

Ao escutar o desafio do supervisor do duelo, elevou-se com altivez aristocrática, como se governasse a todos e a tudo.

—Sou Beau de Nova Orleães quem vem aqui a destruir ao assassino de meu criador.

O círculo da Madame Celeste gritou a aprovação. O outro bando bocejou. Qualquer pessoa chamada covarde pelo geral vinha com o contra-ataque mais horripilante possível, já fora certo ou não. Pelo geral não o era.

Beau apertou os lábios ligeiramente antes de fazer a reverência a Madame Celeste e se retirou à linha oposta de quarenta e cinco metros. Ele se flexionou levemente, enquanto observava o entorno e a seu adversário, depois adotou a postura flexível do duelista preparado.

Seus olhos se encontraram a dezoito metros de grama viva.

“Respira o ar da noite pela última vez, yaa ibn sharmuuT⁵⁹”, grunhiu Beau”. “Você assassinou a meu querido pai e morrerá por isso”.

⁵⁹ Filho da Puta

Rafael fez uma careta. “Você morrerá antes de tocar a Grania ou a Texas, apóstata”.

Um leve ruído surdo soou na garganta do Beau e seus olhos prometiam uma morte lenta.

A clara voz de tenor do Jean Marie ressonou pelos alto-falantes.

—Recorda-se a todos os presente que ninguém, por nenhum motivo, pode entrar em campo de combate sob pena de morte. Em caso de que alguém atravessasse o centro da pista que rodeia o campo e sobreviva, o supervisor determinará o castigo correspondente depois de ter consultado com os juizes.

Ethan e seu segundo ocuparam seus assentos na tribuna, centrada sob o grande leão. Rafael lançou um rápido olhar para o último piso da torre onde Grania esperava. Segura, rogava a Deus, embora não podia vê-la.

—Como é costume, —continuou Jean Marie imperturbável— o duelo continuará até que um vampiro morra ou até meia hora antes do amanhecer. Em caso de que ambos os vampiros ainda estejam vivos há essa hora, o duelo será considerado um empate e começará novamente uma hora depois do entardecer do mesmo dia.

Não era nada provável que ele e Beau estivessem com vida ao amanhecer. Nenhum duelo de vampiros tinha durado nunca seis horas e meia. Uma sim. Três nos últimos duelos conhecidos entre vampiros maiores. Para ir ao ponto, Rafael tinha que ter suficiente energia para trocar a três ou quatro formas diferentes, o que supunha largos combates com cada forma.

Fez o sinal da cruz se e esperou, preparado para lutar.

—Quando soar o gongo começará o duelo. Estão preparados, combatentes?

Rafael levantou sua mão, sem tirar os olhos de cima ao Beau. Preparou sua vontade e pensou com clareza na primeira forma que ia tomar.

Seu inimigo também levantou a mão, em seu olhar brilhava o ódio profundo.

Soou o gongo que sacudiu o ar pesado. Rafael saltou e as moléculas de seu corpo se começaram a transformar logo que escaparam da roupa. A roupa caiu à grama e ficaram imediatamente esquecidas.

Seu rosto se alargou e seus dentes cresceram. Apareceu uma pelagem cor canela com pontas chapeadas. Suas mãos ganharam peso e garras mortais. Adquiriu massa da umidade do ar. Uma corcunda cresceu sobre seus ombros, para adicionar poder a seus golpes.

Rafael, o urso grizzly, rugiu enquanto arremeteu contra seu inimigo, o lobo cinza.

Acima no alto do campo, urso e lobo investiam um contra o outro, de monitor em monitor. Grania ficou tensa e se fez o sinal da cruz.

Beau saltou, com suas mandíbulas abertas para morder e seus grandes dentes ávidos por rasgar a carne.

A pesada garra direita do Rafael lhe atirou um golpe. As garras de seis polegadas se cravaram no ombro e no flanco do Beau, que o derrubou a um lado.

—Gray Wolf... —sussurrou Caleb.

—O que acontece? —Seu cônjuge o olhou enfurecido por havê-lo desconcentrado. Supõe-se que tenho que vigiar a dom Rafael. E se supõe que você vigia a dona Grania.

Caleb moveu a cabeça para a dama de dom Rafael.

Gray Wolf lançou um olhar impaciente de soslaio e ficou boquiaberto.

Com os olhos fixos abaixo no campo, a mão direita de Grania lhe deu a volta à taça de vinho, com exatamente o mesmo arco, à mesma e exata velocidade, no mesmo exato momento em que Rafael afundou sua garra no ombro do Beau. Seu braço vestido de seda tinha coincidido perfeitamente com a garra peluda que uma e outras vezes mostravam os monitores. O champagne se derramou sem ser advertido no tapete.

Seus olhos se cruzaram por sobre a cabeça de Grania.

—Cônjuge? —Balbuciou Caleb.

Gray Wolf se encolheu de ombros.

—Não sei - respondeu igualmente silencioso.

— Ele nunca o disse. Mas ele fecha a boca quando quer proteger a alguém.

Mas sua avaliação sobre Grania era especulativa esta vez.

O sangue saía a jorros, a pelagem estava esmigalhada. Um osso branco cintilou quando o lobo rodou uivando. Um atoleiro escuro floresceu debaixo dele sobre a verde grama.

A multidão sob a torre rugiu sua aprovação.

O urso caminhou em círculos procurando seu próximo ataque.

A respiração de Grania se normalizou, junto com a do Rafael.

Um urso grizzly tinha sido uma boa eleição de seu amante, para começar: rápido, inteligente, forte, bom lutador e inesperado para um europeu. Mas Beau nunca permitiria que Rafael ficasse com uma vantagem tal.

Que mais poderia ser proveitoso? Um leopardo, o depredador que tinha conquistado cada ecossistema da terra? Uma hiena, que depois de tudo tem o seu contrário os leões, por mais reputação ignóbil que tenha? Um glutão, o pequeno urso feroz que tem feito retroceder os depredadores maiores que ele?

Ou uma forma mais antiga? Um velociraptor, inteligente e rápido, com garras como fio de navalha? Ou um ave não voadora carnívora, de três metros de altura e rápida como um cavalo, cujo bico cruel dominou a América do Sul durante vinte e seis milhões de anos? Ou um Smilodon fatalis, esse legendário depredador que emboscava as presas, mais conhecido como tigre dentes de sabre?

Beau se transformou em um azor, “o rei falcão” adorado na antiga Persia, e se lançou para o céu.

Rafael imediatamente se transformou em falcão peregrino e foi detrás do Beau, batendo suas asas rapidamente enquanto lutava por ganhar altura. Merda, onde tinha aprendido Beau essa ave tão grande e excelente guerreira? Derrotá-lo não seria fácil.

A lentidão da mudança na segunda forma o afetou, mas o ignorou com resolução. Beau tinha que ter estado pior, sobre tudo porque tinha necessitado curar sua ferida quando trocou de forma.

Entretanto, trocar a esta forma muito menor era preocupante. O preço que se pagava pela perda de sangue era proporcional ao tamanho geral da forma. Perder a metade do sangue com qualquer forma de animal não importava se se perdia uma gota ou um galão; o mesmo tinha um problema. E o problema era que uma forma muito maior, como a de

um urso grizzly, estaria além de seu poder de controle se queria lutar.

Finalmente alcançou o nível dos padrões de peso, uma térmica o recebeu e o elevou mais alto enquanto observava o seu inimigo.

Pôde ver da extremidade do olho uma sombra escura que se lançava para ele do outro lado, Beau.

Rafael deu um grito estridente desafiante e tratou de esquivá-lo e obter mais espaço para lutar. Mas Beau se adiantou a seu movimento, como tinha aprendido a fazê-lo em todas aquelas lutas durante tantos anos na fortaleza do Sírio.

A ave mais pesada atacou ao Rafael e suas garras lhe perfuraram as costas. Ele se balançou de lado soltando-se das garras. Os músculos das costas gritavam de dor.

Caíram do céu unido, golpeando-as asas, se cravando e golpeando-os bicos e as garras na cabeça e no peito e nas costas do outro. Gritando-se um ao outro quanto podiam.

Os ombros de Grania se retorceram e seus cotovelos se flexionaram. Em ocasiões ela golpeava ao ar, às vezes sua cabeça se tornava para trás em um pranto silencioso. Ela olhou os monitores desesperada, forçando-se muito por ver o Rafael no redemoinho de plumas.

As palavras se esquadriharam em seus ouvidos.

—Se relaxe e fica com ele completamente. Se concentre no que ele sente. Na flexão de seus músculos - suspirou Caleb—. O ar debaixo dele.

—O sabor do sangue de seu inimigo - adicionou Gray Wolf.

— Salgada. Deixa-te satisfeito.

Sua boca começou a atuar. Sangue? Estava quase na ponta de sua língua.

As duas aves se posaram no chão juntas, deram um tombo e se separaram em um movimento rápido. Rafael e Beau caminharam pela grama, acomodaram-se as plumas e se olharam fixamente enquanto avaliavam suas feridas.

Rafael flexionou suas costas e amaldiçoou quando se deu conta de que não podia mover bem seus ombros. Sua asa direita estava adormecendo.

O rugido da multidão era um zumbido distante, em tanto que os mesnaderos do Ethan pareciam um pouco maiores que postes de perto enquanto faziam frente às forças da Madame Celeste. Pela honra de Texas não podiam intervir no duelo.

Ele tinha perdido muito sangue nessa volta. Podia trocar de forma uma vez mais e brigar. Mas duas vezes?

Se tão somente pudesse ver Grania frente a frente. Pensou que a tinha sentido em um momento por meio do laço conjugal durante essa luta selvagem no céu. Certamente tinha sido uma fantasia ocasionada como resultado de que ela estudava as aves de rapina.

Beau se transformou. Novamente em um lobo?

Merda, não podia voltar a converter-se em urso grizzly!

Rafael se transformou em puma. Aproximadamente o mesmo tamanho, peso e capacidade de brigar que o lobo.

Rodearam-se um ao outro procurando uma abertura. Ambos estavam coxos, definitivamente Rafael mais que Beau. Respirou intensamente lutando por tirar ar de seus pulmões. Não tinha podido curar todas as feridas que lhe fizeram em sua forma de falcão peregrino.

—Estará morto dentro de uma hora e meu amado pai será finalmente vingado, - grunhiu Beau.

—Te economize o ar para seu estertor da morte, - respondeu-lhe Rafael.

Voltaram a rodear-se, depois de haver dito os correspondentes insultos. De repente Beau atacou, Rafael deu meia volta e lançou um patada no nariz do outro. Rodaram pelo campo, cuspidando e arranhando-se e rasgando ao outro.

Beau mordeu ao Rafael no ombro. Uma dor forte repercutiu na ferida semicurada. Ele arremeteu e feriu a pata dianteira do Beau.

Punhados de grama e terra e atalhos de sangue marcavam o caminho por onde eles passavam.

No alto, Grania enfocou os binóculos que Caleb lhe tinha dado com precisão, uma habilidade que ela tinha aprendido fazia tanto tempo que era um reflexo puro. Puma e lobo saltaram à vista, o cristal era nítido para os marcadores de linha brancos.

Morderam-se e se cravaram as garras. Ela se retorceu quando os dentes do lobo se afundaram no flanco do Rafael e que rasgaram os enormes músculos. Uma dor atroz lhe percorreu o corpo. Instintivamente ela desejou com toda sua vontade que Rafael tivesse força, inclusive quando se golpeou a coxa com a mão.

Ela viu uma abertura no guarda do lobo, criada por seu ataque ao Rafael. Esforçou-se para dizer-lhe ao Rafael, concentrou-se tanto que quase se levantou.

—Tranqüila, tranqüila, murmurou Gray Wolf, tão brandamente que soou como o manso murmúrio de um rio.

— Ele está concentrado no duelo e não em te escutar . Somente pode escutar a seu cônjuge quando se relaxa.

—Poderia morrer!

—Já sei.

Rafael atacou em um lugar diferente ao que ela tinha visto, e o lobo se torceu em uma cura impossível, mordeu a pata traseira do Rafael e se afastou rapidamente.

Beau rugiu triunfante quando Madame Celeste e seus subordinados gritaram sua aprovação.

Merda, esse bastardo deveria ser esmagado por algo maior e mais peludo que ele, com dentes ainda maiores para lhe rasgar a garganta. Se ele pensava que era muito popular agora, ela teria que havê-lo visto enfrentar-se a alguns dos melhores esforços do passado da mãe natureza!

Grania apertou as mãos tão forte que suas unhas fizeram lhe sangrar as Palmas. “Rafael, querido, estou contigo. “

Rafael se limpou os dentes e arrastou sua pata traseira quando caminhou. Piscou forte para limpar o olho direito, mas ainda estava nublado pelo sangue da briga no céu. Respirava com ruído, ofegante, em tanto que pensava em seu próximo movimento.

Enfrentou-se à verdade a contra gosto. Quinhentos anos de bater-se a duelo tinham ensinado pouquíssimo sobre como derrotar ao Beau. O covarde ainda sabia exatamente qual seria o próximo movimento do Rafael. Depois de tudo era bastante similar a lutar contra seu professor de esgrima.

Talvez ficasse uma ou mais forma para trocar, se tinha sorte (e se durava tanto tempo).

Beau voltou a saltar sobre ele tratando de lhe morder a pata. Maldito! Somente quer me esgotar.

Rafael mediu o ataque cuidadosamente, mais por olfato que pela vista e o atacou com as garras quando Beau se aproximou. Graças a Deus os reflexos do puma eram bons, o suficientemente bons para fazer que Beau retrocedesse um pouco.

Ofegou e cada respiração lhe queimava a garganta, em tanto que rodeava ao Beau para mantê-lo à vista. Onde o atacaria agora o mesquinho? Quanto tempo poderia seguir rechaçando-o?

Grania logo que respirava enquanto olhava. A grama úmida parecia picar e depois parecia render-se sob seus pés, como se ela estivesse caminhando no campo de futebol em lugar de estar quieta na torre. Doía-lhe cada osso de seu corpo, enquanto seus músculos lhe ardiam mais que quando terminava de correr uma maratona. Se ela tivesse tentado correr, suas pernas se teriam afrouxado. E cada centímetro quadrado de sua pele sentia como se se estivesse ficando sem sangue.

Beau atacou, Rafael respondeu como o fez antes. Mas esta vez, Beau bloqueou o movimento do Rafael, e rasgou um pedaço de seu pescoço. O sangue caía a jorros sobre a grama.

Uma dor forte correu pelo pescoço de Grania. Instintivamente ela ficou uma mão na garganta.

Rafael se cambaleou e sacudiu a cabeça, claramente incapaz de contra-atacar efetivamente.

Beau saltava para trás e para frente enquanto lançava insultos. Aproximou-se de poucos metros de seu inimigo.

Rafael se cambaleou e depois se desabou enquanto sua perna ferida cedia sob seu peso. Um puma semimorto não podia competir com um vampiro quase funcional.

A escuridão se estendeu pelos olhos de Grania, em tanto seu coração sofria por ele. Doía-lhe e arrastava sua perna direita.

Beau voltou para a forma de homem e se voltou para a multidão de Nova Orleães levantando seus braços triunfantemente. A multidão gritou de felicidade, enquanto a equipe local ficou sentada em um silêncio, aniquilada.

A garganta de Grania estava tensa e seu corpo estava talhado por dentro com agulhas de gelo. “Rafael, Rafael!”

Então pôde escutá-lo dentro de sua mente, a voz do Rafael era um fio magro. “Grania, meu coração, me perdoe por não ter escutado sua sabedoria. Por favor, me ajude e me dê sua força”.

“Rafael, minha vida e meu amor, faria algo por ti”. Ela se relaxou completamente, recordou seu amor e respirou brandamente até que começou a viver através dele.

Depois o pôde sentir em seu ser, ao princípio muito devagar, como água que flui por um novo lugar, até que o sentiu por completo. A pele do Rafael estava abatida e sangrava. Seus ossos, quebrados. Seu coração pulsava pelas veias dela. Seus pensamentos de arrependimento e perda, por perdê-la. Seu amor, leal para toda a eternidade.

Sua voz era o sussurro mais simples. “Grania, minha alma e minha vida, adoro-te”.

Instintivamente ela trabalhou para curá-lo. Deu-lhe tudo o que tinha, tirado das ricas lojas, presentes que lhe tinha feito. Considerou suas feridas com os olhos de veterinária e as cobriu com energia curadora. A força voltou a alagá-lo. Seu coração começou a pulsar com mais força novamente quando suas feridas deixaram de sangrar. Seus ossos quebrados se curaram e cada uma das patas estava ansiosa por voltar a correr.

A mente do Rafael começou a trabalhar à velocidade de sempre e com crueldade. Ele dançou através da mente de Grania e encontrou a imagem que ela tinha estado albergando a do ancestral felino de Califórnia.

“OH, Grania, que presente é para um guerreiro”, sussurrou ele ao reconhecer imediatamente o potencial. Imediatamente se transformou em um tigre dentes de sabre com um grunhido de satisfação.

Grania fez uma careta. Seu cavalheiro tinha voltado para a vida.

Abaixo no campo, Rafael plantou suas quatro patas sãs sobre a grama e uivou seu desafio aos céus. Era um rugido profundo e rouco, como o que não tinha ressonado nestas colinas fazia milhares de anos.

Comocionada, a multidão fez silêncio e Beau se deu a volta.

Rafael arremeteu contra seu inimigo atravessando o campo de futebol. Grania ficou de pé, gritando, suas extremidades vibravam com força enquanto o faziam avançar.

Devol tirou uma arma, e imediatamente os mesnaderos levantaram seus rifles lhe apontando.

Beau empalideceu e levantou as mãos.

Rafael saltou, e deixou a seu inimigo imobilizado no chão baixo duas vezes o peso de um leão.

Beau levantou o olhar para o Rafael, o destino estava escrito em seu rosto.

O comprido dente de sabre do Rafael lhe arrancou a garganta e decapitou o seu antigo adversário.

O corpo sem vida se desmoronou na grama e lentamente se converteu em cinzas. A cabeça do Beau rodou longe, os olhos azuis abertos e com o olhar fixo, antes de jazer desabado. Seu pó branco se assentou na linha interior do campo, como se fosse um pouco mais que os restos de marcas de uma primeira oportunidade particularmente muito concorridas.

Rafael ficou de pé já como homem, balançando-se levemente. Sua gente e seus amigos rugiram a aprovação enquanto as trompetistas soavam triunfantes.

Grania correu ao elevador. Gray Wolf e Caleb entraram também com ela. Um Emilio com um amplo sorriso os levou até abaixo o mais depressa que pôde tão rápido como falcões lançando-se sobre sua presa.

Eles saíram desde debaixo das tribunas e para a pista. Grania estirou sua perna e correu para o campo de futebol, para o Rafael, sem lhe importar os mesnaderos com cascos e rifles automáticos. Gray Wolf gritou algo a seu lado, mas ficou silenciado pela multidão que fazia coro e pisoteava ritmicamente sobre as tribunas.

—Texas, Texas!

Justo antes de chegar a eles, os mesnaderos deram um passo para os lados e abriram

um atalho para que ela passasse tão brandamente como a guarda do Palácio do Buckingham. Passou a toda velocidade, seu cabelo vermelho e sua saia de seda branca flutuavam detrás dela enquanto corria com o único propósito de chegar a seu homem. Seu ao fim, com as sombras do passado derrotadas.

Rafael se voltou para olhá-la, enquanto ela terminava de atirar de sua saia para baixo. Ele estava pálido sob sua pele dourada, mas estava quieto. Ela se jogou em seus braços e se abraçaram seus corações e suas mentes unidos.

Uma sombra os tocou e eles se moveram procurando de onde provinha. Jean Marie e Ethan se pararam a seu lado e olharam aos visitantes de Nova Orleães partir asperamente.

Madame Celeste os ameaçou com o punho e com uma expressão malévola antes de desaparecer da vista. Jean Marie fez um movimento com ira.

—Essa fêmea deve aprender os limites de seu poder ou morrer.

Grania o olhou, surpreendida de tanta dureza em alguém a quem somente tinha visto ser lisonjeador.

—Devol só quer matar - disse Ethan.

— Como uma cascavel.

—Mas como uma cascavel ele pode matar, filho - disse Rafael brandamente.

Grania suspirou para seus adentros. Eles já estavam planejando sua próxima ronda de lutas. Indubitavelmente era necessário, mas é que ninguém jamais podia deixar ao Rafael alguns minutos livre de toda essa responsabilidade?

A maior parte da volta ao rancho, no carro, Rafael esteve ao telefone planejando a próxima fase da guerra. Um homem atrás de outro o chamava por alguma pergunta urgente. Ao menos o tinham alimentado (e ele a tinha alimentado a ela) antes de empreender a volta.

Grania sussurrou para si e apoiou a cabeça em seu ombro, ignorando totalmente todo regulamento de tráfico que exigia o uso de cinto de segurança no assento traseiro. Rafael passou seu braço ao redor dela e a abraçou, o que ao menos lhe permitiu relaxar-se um pouco.

Na Compostela, os prosaicas e companheiros se alinharam no caminho de entrada a casa gritando: “Texas, Texas!”

Grania sorriu e assentiu com a cabeça e saudou, desejando que alguns de seus companheiros órfãos menos generosos tivessem estado aí para vê-la. Mas ela tivesse trocado a grande casa e o rancho qualquer dia só para ter ao Rafael a seu lado.

Ele a levantou em seus braços e a levou cruzando a porta. Emocionada, passou o braço ao redor de seu pescoço e o beijou com ternura.

Seus olhos se abriram quando ele não a baixou imediatamente. Em lugar disso, levou-a pelo corredor até seu quarto.

Baixou-a perto da cama deixando que se deslizesse por seu corpo. Grania se estremeceu e desfrutou do contraste de forma e textura entre eles, o qual lhe deu uma idéia. Ela acariciou seu adorável rosto com ternura.

—Tem tão boa cor. Alimentaram-lhe no vestuário?

Beijou-lhe os dedos e começou a jogar com eles.

—Sabe que sim, querida.

—Estou tratando de saber como te dar privacidade —disse Grania justificando-se— Não há momentos nos que não deveria te ler através do laço conjugal? Sei que há momentos nos que eu não quero que saiba o que estou fazendo. —Ela se afogou quando um comichão particularmente forte subiu por sua garganta.

Ele arqueou uma sobancelha, ainda mordiscava brandamente sua mão.

—Quando, por exemplo?

—As compras de natal—sugeriu ela um pouco desesperadamente e fechou os olhos ante uma prazenteira quebra de onda.

—O planejamento de seu aniversário.

Ele dobrou para trás a magra manga da blusa e começou a subir começando pelo interior de seu pulso.

—Continua, por favor, coração. Tem toda minha atenção.

Ela suspirou quando lhe afrouxaram os joelhos, mas as obrigou a endurecer-se.

—Pode alcançar um orgasmo sem ejacular?

Seus olhos escuros cintilaram e a olharam.

—Certamente, querida. Por quê?

Ela tinha atraído sua atenção.

—Quantas vezes pode fazê-lo antes de ejacular?

Ele duvidou.

—Grania, minha vida...

—Vê? Não quer que te leia a mente através do laço neste momento! —disse ela triunfante.

Ele se ergueu cada centímetro de sua altiva grandeza espanhola.

—Posso alcançar o orgasmo mais de uma vez, querida, sem ejacular.

—Exatamente quantas vezes? Sete?

Ficou atônito.

—Sete vezes? Vais torturar-me?

Ela sorriu de orelha a orelha, muito agradada por fazer o que queria.

—Te ocorre uma forma melhor?

Ele moveu negativamente a cabeça.

—Nenhuma luz de meu coração.

—Se falha —continuou— você deverá me torturar.

—Grania, nunca, nunca o faria.

—Em sua masmorra no porão. Você sabe o lugar que tem todos os brinquedos, como plumas, consoladores, vibradores...

Ele a levantou e a beijou, saudação que ela devolveu com entusiasmo.

—É uma maravilha, minha vida - murmurou apoiado em sua bochecha.

—Igual a você, querido. Mas você é o que está vestido.

Afastou-se e tirou a camisa pela cabeça. Grania deslizou suas mãos por seu torso explorando a elasticidade e o comichão em seu peito. Ela tomou as pontas de seus mamilos entre dois dedos e se deteve.

—Bonito.

Ele se paralisou. Através do laço conjugal ela sentiu que ele se estremeceu até os

OSSOS.

Com muita delicadeza apertou os dedos ao redor de seus mamilos. A sacudida que sentiu percorrer por seu corpo os fez ofegar.

—Mmm que rico! —suspirou ela.

— Se inclinou para frente e lhe beijou com a boca aberta, pressionando, seu peito, justo debaixo da clavícula. Lenta, muito lentamente ela começou a beijá-lo com os lábios e a língua e os dentes, ao longo da enorme extensão de músculo. Seu peito lhe doía e também doía a ela. A respiração lhe raspou a garganta ao saboreá-lo.

—Por Deus, Grania, tenha piedade! —Sua voz era irregular.

—Mmmmm - Sua resposta se apagou quando se moveu para o outro mamilo.

— Calças? —recordou-lhe ela, de maneira mais inteligível.

De alguma forma ele as arrumou para tirar-lhe sem perder nenhum botão.

—Que homem melhor! —Ela raspou brandamente com os dentes seu mamilo, estremeceu-se quando sentiu a baforada de ar do Rafael retumbar nos pulmões dela e então repetiu o movimento.

Ele inalou sua respiração e depois começou a tirar os passadores do cabelo de Grania, a uma velocidade atroz. Um instante depois, ele a penteou com os dedos, estendeu-lhe o cabelo sobre os ombros e lhe acariciou a cabeça. Seus fortes dedos se sentiam maravilhosamente enquanto lhe massageava o couro cabeludo. Ela ronronou e o roçou com o nariz. Parecia o mais fácil de fazer para lhe abrir a boca mais e para atraí-lo com profundos e fortes puxões.

Ele gemeu, estremecendo-se, e se ergueu sobre os dedos dos pés, apoiado nela. Ela emitiu gemidos, cruzou seus braços ao redor da cintura dele para aproximá-lo e deixou cair sua mão no pênis. Acariciou-o lhe dando compridos e lentos puxões, acariciou a grossa cabeça e o comprido e grosso tronco que tanto prazer lhe tinha dado. Suas mãos se deslizaram mais abaixo e lhe agarrou os testículos. Cada movimento de suas mãos era suave e lento, uma amostra constante de avaliação, enquanto com a boca se ocupava de seu torso; ele sussurrava brandamente respirando-a, em um suave espanhol.

Sua vagina começou a acalorar-se em sinal de aprovação e seu clitóris começou a palpitar. Seus seios pulsaram fortemente com cada puxão de seus lábios sobre o torso do Rafael.

Ele protestou brandamente e o orgasmo percorreu seu corpo, subindo desde seus quadris. Voltou a queixar-se, mas não ejaculou, os dois saborearam as ondas de prazer que se deslocavam por seu corpo como a maré suave.

A mesma suave enjoa levou a Grania a um orgasmo. Ela apoiou a cabeça nele, gemendo agradada.

Rafael ofegou brandamente até que recuperou a respiração. Ele apoiou a bochecha sobre seu suave cabelo e sentiu o triunfo correr pelas veias ante a suave calidez dela apoiada em seu coração. Seu ao fim, em seus braços para sempre, compartilhando cada respiração.

—Grania, minha vida, seduziu-me deliberadamente?

Ela não se moveu.

-O que?!

Ele riu entre dentes brandamente. Ai de mim!, Seus cachos lhe faziam cócegas no braço com a mesma facilidade com que caíam sobre suas costas. Ele deslizou a mão dentro dos cabelos sedosos e jogou com eles. Tinha que ser forte pelos dois. Ela era uma cachorrinha tão jovem que com segurança o seguiria.

Ela soprou.

—Realmente o crê?

Pensei que estava tentando permanecer fora de minha mente, observou ele docemente.

OH, é certo. Sinto muito.

Aproximou-se mais ao Rafael. Seus braços a abraçaram mais forte e a respiração de ambos era compassada.

Se ela se voltava a alimentar dele aumentaria sua emoção, é obvio. Ele esteve a ponto de perder o controle no apartamento de luxo quando ela bebeu dele tão forte e durante tanto tempo depois do duelo. Foi um milagre que não dissesse ao Ethan que ficassem ali outro dia enquanto ele a levava.

Beijou-lhe o ombro e lhe rodeou com as mãos a cintura.

Realmente não devia lhe fazer o amor outra vez. Ela era uma cachorrinha muito jovem e devia estar desesperada por dormir muito, ao menos quinze horas. Talvez dezoito ou vinte, jogo de dados os esforços da noite anterior.

Grania começou a lhe esfregar brandamente as costas.

Ele pessoalmente necessitava duas ou três horas de sono. Tinha muito tempo para falar com seus homens e fazer planos.

Acariciou-lhe seu bumbum.

Ai, merda, poderia esperar um pouco mais para descansar!

—Grania, minha alma. —Beijou-a, seduzindo sua boca com promessas de mais até que ela começou a gemer e a retorcer-se impacientemente contra ele. Deu-lhe pequenos beijos ao longo de sua mandíbula e em sua garganta. Ela tremeu e arqueou o pescoço e silenciosamente lhe rogava mais.

Ele amontoou em suas mãos a frágil e deliciosa saia de seda, lhe acariciando as pernas e quadris. Ela se aproximou mais ainda pressionando seu corpo contra ele. Jogou a cabeça para trás esperando outro beijo e lhe tirou o vestido pela cabeça, depois a beijou brandamente descendo por sua garganta.

Ela gemeu e aproximou sua cabeça para si. Afundou seus dedos no cabelo dele, desgrenhando-o e lhe massageando o couro cabeludo. Ele sentiu um prazenteiro comichão nas costas que descendeu até os dedos do pé. Ele disse seu nome gemendo e roçou seus peitos com o nariz.

Ela soluçou de prazer e o aproximou mais para ela quando lhe beijava os peitos. Estavam tão perfeitamente formados para sua boca, com suas pontas rosadas que se erguiam tão rapidamente sob a língua, e as veias azuis para que ele as percorresse, enquanto ela se estremecia e gemia. Seu pulso começou a pulsar mais rápido e sua boca se secou. Seus testículos ficaram mais pesados e largos.

Por Deus, ele necessitava que ela bebesse dele!

Levantou-a com suas fortes e calosa mão, abraçou-a apoiando-a contra a parede e

Ihe tirou de um puxão a tanga.

Deteve-se, lutando por ir mais devagar. Não podia tomá-la simplesmente como uma besta em zelo. Certamente eles tinham tempo para algumas palavras bonitas, uns beijos e umas largas carícias...

Grania percorreu suas costas com o dedo. Sua respiração se deteve. Seu pênis palpitava grosseiramente contra seu suave ventre.

Seus olhos azuis se abriram brilhantes de luxúria. Ela deslizou uma perna sobre seu quadril, abrindo-se a ele. Seu testículo se ergueram contra seu pênis apertando-o, desesperado por liberar-se.

Ele apertou os dentes. Lentamente e desfrutando ao máximo cada movimento, deslizou-se dentro dela. Ela gemeu de prazer, ondulando sua capa ao redor dele. A prudência os abandonou e ele uivou; sentiram o ardente e prazenteiro movimento adiante e atrás de ambos através do laço conjugal. O pênis profundamente dentro de sua vagina, sua vagina beijava o pênis. Até sua respiração estava em harmonia quando começaram a mover-se.

Rafael gemeu de prazer, incapaz de dizer onde começava ou terminava qualquer dos corpos, somente podia dizer que tudo era êxtase. Ela estava feita perfeitamente para ele, como sempre o tinha sido, mas agora não tinha temor de machucá-la. Era livre para desfrutá-la sem ter que controlar-se, sem ter que fazer a um lado uma parte dele para tentar não lhe fazer danifico.

Suspirou prazenteiramente quando sentiu seu útero aferrar-se a seu pênis, depois trocar de forma quando ele empurrava para dentro e para fora. Quando os músculos internos dela se aferraram a seu pênis e ela gemeu de prazer, ele gritou em galego como não o tinha feito desde que era adolescente. Nada existia exceto o êxtase que ia e vinha entre eles à medida que os batimentos do coração aumentavam em seu sangue e em seus ossos.

Ela se golpeava uma e outra vez contra a parede, quando seus corpos entrelaçados se esforçavam juntos por chegar ao clímax. Cada vez estava mais e mais perto, os batimentos do coração eram mais rápidos e mais fortes, até que Rafael se cortou a jugular com desejo.

Imediatamente, Grania mordeu com força e bebeu.

Ele jogou a cabeça para trás e uivou como um lobo quando o orgasmo o sacudiu até os ossos. Lançou jorro detrás jorro de sua ejaculação dentro dela enquanto simultaneamente tragava seu sangue.

Unidos nos três pontos físicos e através do laço conjugal, eles eram completamente um, tão perfeitamente unidos que o mundo fora deles deixava de existir.

Despertou quando ele se deslizou na cama junto a ela depois, acurrucar-se contra suas costas e rodeando-a com seus braços.

—Algun outro conselho de guerra esta noite? Ou deveria dizer hoje?

—Não, querida, hoje não. Jean Marie retornou a Nova Orleáns e aqui tudo está tranqüilo. Por agora.

Grania lhe beijou a mão, em reconhecimento tácito de sua preocupação. Ela trouxe uma pergunta de sua larga lista, tratando de ficar acordada com ele. Ser uma cachorrinha e

ter que hibernar quinze horas ao dia era um inferno quando se tinha um amante como ele.

—Por que te trocou o nome pelo Rafael? É porque eu rezei a são Rafael Arcanjo por ti?

Ele começou a fazer dobras ao lençol.

—Alguma vez ficará sem perguntas, coração? —Sua voz só expressava uma aceitação que lhe causava graça.

—Não, nenhuma vez - lhe respondeu simplesmente, ocultando um enorme bocejo.

— E como terminou em Texas?

—Essas histórias, querida, terei que contar outro dia. Você, como todos os cachorrinhos precisa dormir.

Beijou-lhe o cabelo.

—Te amar para sempre, não seria suficiente, - disse com a voz tremente.

—Inclusive para sempre não parece suficiente tempo, - assentiu ela acurrucando-se mais perto dele. Mas agora o temos.

Fim



Projeto Revisoras Traduções

Grupo Romances Traduzidos

<http://br.groups.yahoo.com/group/romancestraduzidos/>

Comunidade Romances S.A.

<http://www.orkut.com.br/Main?pli=1#Community.aspx?cmm=80221161>